

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM TEOLOGIA
PUC/SP

REGINALDO MARTINS DA SILVA

JUVENTUDE NUMA IGREJA EM SAÍDA
Evangelização da Juventude a partir da Diocese de Mogi das Cruzes

Mestrado em Teologia Pastoral

São Paulo
2020

REGINALDO MARTINS DA SILVA

JUVENTUDE NUMA IGREJA EM SAÍDA
Evangelização da Juventude a partir da Diocese de Mogi das Cruzes

Mestrado em ____/____/____

Dissertação apresentada à Banca Examinadora da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, como exigência parcial para a obtenção do título de Mestre em Teologia Pastoral, sob a orientação do Prof. Dr. Donizete José Xavier.

São Paulo

2020

Banca Examinadora

Prof. Dr. Donizete José Xavier (Orientador)
Pontifícia Universidade Católica de São Paulo

Prof. Dr. Antonio Manzatto
Pontifícia Universidade Católica de São Paulo

Prof. Dr. Fernando de Oliveira Amorim
Universidade de São Paulo

Agradeço e dedico esta Dissertação de Mestrado:

Aos meus amados pais, Antonia dos Santos da Silva e Ananias Martins da Silva (*in memoriam*), por todo amor, carinho, paciência, incentivo, dedicação e companhia proporcionado a mim, por toda a vida.

Às minhas irmãs, Maria Rosineire Santos da Silva, Renata Santos Silva e Amanda Santos da Silva, pela amizade, atenção, zelo e incentivo que sempre tiveram comigo.

À minha querida Paróquia Nossa Senhora de Lourdes, pelo carinho, cuidado, amor e dedicação que tiveram comigo ao longo de toda minha caminhada sacerdotal.

Aos meus amigos bispos, Dom Pedro Luiz Stringhini, Dom Paulo Mascarenhas Roxo - Opraem, Dom Antonio Emídio Vilar, Dom Milton Kenan Junior, por acreditarem e confiarem no meu trabalho e na minha missão junto à juventude.

Aos meus irmãos, Pe. Luiz Renato de Paula, Pe. José Carlos Ribeiro, Pe. Carmine Mosca DF, Pe. Jorge Boran Cssp, Pe. José Francisco Correa Pacheco (*in memoriam*), Pe. Marco Aurélio da Silva, Pe. Claudio Antonio Delfino, Pe. Francisco Claudio de Oliveira, Pe. Ézio Bellini e tantos outros que contribuíram e me incentivaram nesta caminhada acadêmica.

Aos jovens do Setor Juventude da Diocese de Mogi das Cruzes, em especial Thiago Vieira Santos Velardo, Thiago Cardoso, Jéssica Souza, que se fizeram “encontro” para mim, em suas necessidades e buscas, anseios e vitórias.

Às lideranças juvenis do Regional Sul 1 da CNBB, Luiz Henrique Moraes e João Paulo Galdino, que me acompanham no apostolado com a juventude.

Aos seminaristas da Diocese de Mogi das Cruzes, pela amizade, confiança e partilha de vida.

Aos meus amigos e irmãos Vinícius Jacinto Nogueira e Felipe Modinger, pela caminhada, incentivo e gratuidade.

À querida amiga Alzirinha Rocha de Souza, leiga, teóloga, pela amizade e incentivo, exemplo de fé e dedicação à Igreja.

Aos amigos da CNBB, Pe. Antônio Ramos do Prado e Ir. Valéria Andrade Leal, pela parceria, dedicação à missão evangelizadora na Igreja do Brasil.

E a todos que comigo sonharam um mundo novo para a nossa juventude, minha eterna gratidão.

AGRADECIMENTOS

A Deus, pelo dom da vida e por me desconstruir a cada dia, na possibilidade de me reconstruir em uma vida totalmente nova.

Ao meu estimado orientador Prof. Dr. Donizete José Xavier, pelo direcionamento e estímulo necessários para elaboração desta dissertação, pelo zelo e sobretudo pela troca de conhecimento diante de todo conhecimento adquirido por meio desta pesquisa.

Aos profissionais da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, professores, funcionários, de modo especial, na pessoa da Assistente de Coordenação de Curso do Programa de Pós-graduação em Teologia Patrícia Martins Linhares Bispo, pelo apoio, competência e dedicação.

Aos membros da Banca de Qualificação desta Dissertação de Mestrado, Prof. Dr. Antonio Manzatto e Prof. Dr. Edécio Sefarim Ottaviani, pelas contribuições e observações que deram a esta Dissertação de Mestrado. Com certeza, fizeram a diferença.

Aos colegas da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo e da Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia em Belo Horizonte, que ao longo deste processo do Mestrado Acadêmico compartilharam conhecimentos e vidas.

Aos membros da Banca de Defesa da Dissertação já citados acima e ao Prof. Dr. Fernando Amorim, agradeço pela participação e contribuições.

À coordenação anterior e vigente do Programa de Pós-graduação em Teologia, Prof. Dr. Matthias Grenzer e Prof. Dr. Pe. Gilvan Leite de Araújo, por todo apoio e incentivo à pesquisa.

Pelos revisores Denise, Jhenifer e Carlos Coelho, obrigado pela colaboração.

À Diocese de Mogi das Cruzes, que me permitiu ver mais profundamente sua realidade diocesana por meio dos jovens e propor um olhar mais além daquele a que estávamos habituados. A nós, uma grande missão se abre no campo da evangelização da juventude.

Por fim, agradeço a todos que estiveram comigo e rezaram a Deus pela presente pesquisa. Paz e bem!

RESUMO

Tendo em vista a necessidade de conhecer com mais profundidade a geração juvenil para melhor evangelizá-la, entendemos que ela configura um universo social descontínuo e em constantes transformações. A presente pesquisa se desdobra sobre o tema da juventude numa perspectiva de uma Igreja em saída, refletindo sobre a evangelização da juventude a partir da realidade paulista da Diocese de Mogi das Cruzes, a fim de sublinhar os desafios para o processo de evangelização sinalizado pelo Documento 85 da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil, que trata sobre a pastoralidade dos jovens. Para tanto, é necessário lançar um olhar sobre a realidade atual da juventude no Brasil, com um corte na Diocese de Mogi das Cruzes, iluminando essa mesma realidade por meio da Sagrada Escritura, do Magistério e da Tradição e propondo uma ação frente aos desafios e perspectivas pastorais para a evangelização da juventude. Realiza-se, então, uma pesquisa com o método proposto pela Igreja, ver-julgar-agir, amparada por vários instrumentais teóricos e práticos, partindo dos aspectos antropológicos e psicossociais, para refletirmos a questão atual dos diversos rostos da juventude e analisar a aproximação da Igreja frente a esse universo juvenil. Diante disso, verifica-se que conhecer os jovens hoje é um desafio, uma realidade cada vez mais complexa e misteriosa. Há uma pluralidade de sujeitos que compõem uma diversidade, por isso falamos de juventudes no plural. No tocante à religião, às escolhas religiosas da juventude atual, o que mais caracteriza a juventude é a disponibilidade para novas experiências. Os jovens que transitam entre vários pertencimentos, sobretudo no Cristianismo, estão em busca de vínculos sociais e espirituais. Contata-se que formar e capacitar os jovens parte de uma pastoral inteligente e atualizada que favorece o diálogo geracional, criando espaços e momentos de mútua escuta, como fez o papa Francisco no caminho sinodal em 2018, e impõe a comprovação de que para uma ação pastoral eficaz e eficiente que leve aos jovens uma proposta de seguimento de Jesus é preciso que tenhamos pessoas dispostas, próximas e normais, que se atrevam e ousem a caminhar juntos na missão, nas comunidades e na vida da juventude.

Palavras-chave: Juventudes. Evangelização. Sinodalidade. Papa Francisco. Pastoral.

ABSTRACT

Viewing the need of getting deeply familiar with this new youngsters generation for better evangelise them, we understand that it constitutes a discontinuous universe in constant transformation. The current research unfold itself about the youth issue, within the perspective of a straight-forward church, bethinking about youth evangelisation, based on the Paulista reality of Mogi das Cruzes Diocese, focusing on underlining the challenges on the evangelisation process, signalized by the document 85 from The National Conference of Brazilian Bishops, which talks about youngsters shepherding. For this purpose, it is necessary to throw light on the current reality of youth in Brazil, specifying Mogi das Cruzes Diocese, enlightening this reality through the Holy Scripture, Magisterium and Tradition and proposing an action before the shepherding challenges and perspectives for youngsters evangelisation. A research is, then, done using the method proposed by the Church, See-Judge-Act, supported by several theoretical and practical tools, starting from anthropological and psychosocial aspects for us to bethink about the current issue of diverse faces of youth and analyze the church approach before this young universe. In the face of that, it is noticeable that knowing youngsters is a challenge, a complex and mysterious increasingly reality; there is a multiplicity of subjects who compound a diversity, that is why we talk about youth in plural. Regarding religion and the religious choices of the current youth, what describes this youth best is their availability to new experiences; youngsters who move among several belongings, moreover Christianity, are seeking for social and spiritual relationships. It is seen that shaping and enabling youngsters come from a smart and updated ministry, which provides generating dialogue, creating environments and moments of mutual listening as so did Pope Francisco on synodal path in 2018 and proposes an evidence which shows that to have an efficient ministry action, which delivers to youngsters a proposal of following Jesus, it is necessary to have willing people, close and normal, who dare walking together on the mission within youngsters communities and lives.

Keywords: Youths. Evangelisation. Synodality. Pope Francisco. Ministry.

LISTA DE FIGURAS E TABELAS

Figura 1 – Território geográfico da Diocese de Mogi das Cruzes.....	52
Figura 2 – Jovens na Diocese de Mogi das Cruzes	63
Figura 3 – Transição Religiosa no Brasil	65
Figura 4 – Mapa do Regional Sul 1 da CNBB – São Paulo	149
Tabela 1 – Indicador da população de acordo com o número de habitantes residentes..	54
Tabela 2 – Área territorial e a densidade demográfica segundo o número de habitantes por km²	55
Tabela 3 – População jovem e com menos de 15 anos.....	55
Tabela 4 – Indicador do salário mensal dos trabalhadores formais.....	56
Tabela 5 – Rendimento médio do total de empregos formais	56
Tabela 6 – Produto Interno Bruto (PIB) da Diocese de Mogi das Cruzes.....	56
Tabela 7 – Taxa de analfabetismo	57
Tabela 8 – Nascidos vivos, nascidos mortos, óbitos neonatais precoces e perinatais e taxas de mortalidade	58
Tabela 9 – Indicador Paulista de Responsabilidade Social	58
Tabela 10 – Perfil Cor e Raça.....	64
Tabela 11 – Pesquisa Nacional Sobre Perfil Juvenil.....	65

LISTA DE SIGLAS

ACE	Ação Católica Especializada
AI-5	Ato Institucional Número Cinco
AIDS	Síndrome da Imunodeficiência Adquirida
CCJ	Centro de Capacitação da Juventude
CEBs	Comunidades Eclesiais de Base
CELAM	Conferência Episcopal Latino-americana
CEPJ	Comissão Episcopal Pastoral para Juventude
CNBB	Conferência Nacional dos Bispos do Brasil
DGAE	Diretrizes Gerais da Ação Evangelizadora
DIEESE	Departamento Intersindical de Estatísticas e Estudos Socioeconômicos
DNJ	Dia Nacional da Juventude
DST	Doenças Sexualmente Transmissível
ECA	Estatuto da Criança e do Adolescente
EJC	Encontro de Jovens com Cristo
EUA	Estados Unidos da América
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
JAC	Juventude Agrária Católica
JDJ	Jornada Diocesana da Juventude
JEC	Juventude Estudantil Católica
JIC	Juventude Independente Católica
JMJ	Jornada Mundial da Juventude
JOC	Juventude Operária Católica
JUC	Juventude Universitária Católica
JUFRA	Juventude Franciscana
LDB	Leis de Diretrizes e Bases da Educação Nacional
LGBTI	Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travesti e Intersexuais
MSN	The Microsoft Network
ONG	Organização Não Governamental
PJ	Pastoral da Juventude
RCC	Renovação Carismática Católica
RCN	Referência Curricular Nacional

SDB	Salesiano de Dom Bosco
SEADE	Fundação Sistema de Análise de Dados
TICs	Tecnologias de Informação e Comunicação
TLC	Treinamento de Liderança Cristã
UFMG	Universidade Federal de Minas Gerais
URSS	União das Repúblicas Socialistas Soviéticas

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	13
CAPÍTULO 1 – UM OLHAR SOBRE A REALIDADE JUVENIL	17
1.1 Juventudes: construção sócio-histórico-cultural	19
1.2 Conceituação de adolescência, puberdade e juventude	24
1.3 Abordagens sobre a juventude	28
1.3.1 A juventude como período preparatório	28
1.3.2 A juventude como etapa problemática	29
1.3.3 O jovem como ator estratégico do desenvolvimento	29
1.3.4 A juventude cidadã como sujeitos de direitos	30
1.4 Gerações juvenis	31
1.4.1 Veteranos (1922-1943).....	32
1.4.2 <i>Baby boomers</i> (1943-1960).....	33
1.4.3 Geração X (1960-1980).....	34
1.4.4 Geração Y (1980-2000).....	37
1.4.5 Geração Z (2000 aos dias atuais).....	39
1.4.6 As novas gerações	41
1.5 Considerações antropológicas, sociológicas e psicológicas da juventude	43
1.6 Juventude e a pós-modernidade.....	46
1.7 A cultura juvenil	48
1.8 Contexto geral da Diocese de Mogi das Cruzes	50
1.8.1 Realidade urbana.....	59
1.8.2 Realidade rural	60
1.8.3 Realidade periférica	61
1.9 Mapeando a situação da juventude na Diocese de Mogi das Cruzes.....	62
1.9.1 Juventude e idade	62
1.9.2 Sexo	63
1.9.3 Cor ou Raça.....	63
1.9.4 Religião	64
1.9.5 Vulnerabilidade social.....	67
1.10 Evangelização da juventude na Diocese de Mogi das Cruzes.....	69
CAPÍTULO 2 – JUVENTUDE COMO <i>LOCUS THEOLOGICUS</i>	75

2.1 Juventude como lugar teológico	76
2.1.1 Deus fala nos jovens.....	78
2.1.1.1 Jovialidade	78
2.1.1.2 Protagonismo	80
2.1.1.3 Amizade.....	81
2.1.1.4 Verdade.....	82
2.1.1.5 Felicidade	83
2.1.1.6 Prática da doação	84
2.2 O chamado, o caminho e a escolha.....	85
2.3 Juventude, Igreja e missão.....	91
2.4 A evangelização da juventude	93
2.5 Juventude e a fé cristã.....	97
2.5.1 Ação Católica Geral	98
2.5.2 Ação Católica Especializada	99
2.5.3 Concílio Vaticano II	102
2.6 Civilização do Amor	104
2.6.1 Conferências Latino-Americanas e Caribenhas	109
2.6.1.1 I Conferência do Episcopado Latino-Americano (Rio de Janeiro, 1955)	109
2.6.1.2 II Conferência do Episcopado Latino-Americano (Medellin, 1968).....	109
2.6.1.3 III Conferência do Episcopado Latino-Americano (Puebla, 1979).....	111
2.6.1.4 IV Conferência do Episcopado Latino-Americano (Santo Domingos, 1992).....	113
2.6.1.5 V Conferência do Episcopado Latino-Americano (Aparecida, 2007)	114
2.7 Marcas na história pós-Vaticano II	116
2.7.1 Pastoral da Juventude	119
2.8 Evangelização da Igreja no Brasil.....	120
2.8.1 Pastoral Juvenil	121
2.9 Um Sínodo para a Igreja.....	123
2.9.1 Sinodalidade e a juventude	123
CAPÍTULO 3 – PROPOR A FÉ AOS JOVENS À LUZ DA EXORTAÇÃO	
APOSTÓLICA PÓS-SINODAL <i>CHRISTUS VIVIT</i>.....	129
3.1 Pontificado do papa Francisco como proposta no olhar pastoral para a juventude	130
3.2 Jovens em ação numa Igreja sinodal	135
3.3 Humanismo de Francisco.....	139
3.4 O ambiente digital como espaço real da evangelização.....	143

3.5 Jovens cristãos para uma nova sociedade	147
3.6 Arriscar o anúncio da fé no mundo juvenil.....	154
3.7 Um olhar pastoral: opção preferencial pelos jovens	157
3.8 Jovens na pandemia	159
3.9 Análise SWOT – Diocese de Mogi das Cruzes	161
3.10 Implicações pastorais no trabalho com os jovens	167
3.10.1 Processo de formação integral.....	168
3.10.2 Dimensão psicoafetiva – processo de personalização	169
3.10.3 Dimensão psicossocial – processo de integração	170
3.10.4 Dimensão mística – evangelização	170
3.10.5 Dimensão sócio-político-ecológica – conscientização.....	172
3.10.6 Dimensão de capacitação – processo metodológico	174
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	176
REFERÊNCIAS	180

INTRODUÇÃO

As questões em torno da evangelização da juventude não são recentes. Por muito tempo, a Igreja tem se manifestado no cuidado com a vida dos jovens. Caminhamos como Pastoral Juvenil, “[...] tendo o olhar e o coração voltados para o horizonte e tendo os pés no chão”.¹ Nosso ponto de partida é a própria realidade da juventude, que encaramos como lugar teológico, onde mora Deus. Temos percebido a cada dia que olhar para os jovens nos remete a um olhar no mínimo diverso por meio das realidades já existentes, como biológica, sociológica, jurídica, antropológica e cultural.

No trabalho com as juventudes, existem muitos paradigmas, diversos códigos, estilos e modos de pensar para nos dar conta da realidade que as gerações atuais de jovens estão vivendo. Assim sendo, a Igreja trilha um caminho de mudança e transformação em seu modo de ser e agir referente aos jovens; portanto, nesta mudança, a Igreja se torna em saída quando se aproxima e se deixa envolver por essa realidade juvenil. Nesse sentido, os tempos atuais trazem a necessidade de uma personalização dos trabalhos pastorais, para que se levem em consideração o momento histórico e a dinâmica vivida por cada cidade ou mesmo cada comunidade ou grupo juvenil.

Nesta perspectiva, é preciso falar abertamente de uma opção preferencial pelos jovens. Vale lembrar as palavras que São Francisco de Assis ouviu: “Francisco, vai e restaura minha Igreja”. Acreditamos que essas palavras devem ressoar hoje no ouvido e no coração de cada um de nós. É a tarefa que nos espera: “Vai e restaura a minha Igreja”. Os jovens são peças essenciais nesse projeto de restauração.

Nesta perspectiva temos ainda mais a necessidade de conhecer com mais profundidade a geração juvenil com a qual estamos lidando em nosso contexto e no processo de evangelização em que estamos inseridos; precisamos estar atentos às mudanças culturais que o mundo pós-moderno nos apresenta frente à vivência das juventudes; o entendimento sobre a experiência de fé em cada uma das fases do desenvolvimento humano será fundamental para uma proposta à educação da fé dos jovens; a compreensão da tecnologia e da cultura digital se faz necessário como processo integrador para a evangelização da juventude; e o trabalho orgânico das diversas expressões juvenis levará o trabalho de evangelização da juventude frente ao seu próprio protagonismo.

¹ DICK, Hilário. **Civilização do Amor: Projeto e Missão** – Síntese. Disponível em: <https://www.pj.org.br/civilizacao-do-amor-projeto-e-misso>. Acesso em: 13 nov. 2020.

A temática do nosso trabalho reflete sobre a Juventude numa Igreja em Saída: Evangelização da Juventude a partir da Diocese de Mogi das Cruzes. Nesse sentido, temos a pretensão de arriscar o anúncio da fé em uma realidade específica que são os jovens, tendo como pano de fundo o pensamento e a proposta do papa Francisco, que coloca toda Igreja numa postura missionária.

Portanto, indaga-se se a opção afetiva e efetiva pela juventude acenada pelo Celam em Santo Domingos, concretamente, está sendo vivida e professada pela Igreja. Diante do anúncio querigmático, a educação da fé cristã, o processo de iniciação à vida cristã, a vida litúrgica, o ensino religioso nas escolas e universidades, a educação para fraternidade e solidariedade, a formação na ação e para cidadania tem se tornado um processo integrador para a vida do próprio jovem? A pergunta que fazemos é se de fato estamos convictos de que a formação proposta hoje pela Igreja tem atingido a vida do jovem na sua dignidade e em seus diversos aspectos. Diante da diversidade e da pluralidade que as juventudes apresentam, queremos propor um processo evangelizador que renove nossa atuação como Igreja em novos areópagos juvenis, a ponto de contribuir com o jovem no reconhecimento de seu valor como agente de transformação num mundo marcado por mudanças. Após treze anos da publicação do Documento 85 da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil, que apresenta a temática da evangelização da juventude, pretendemos elucidar os caminhos que ainda precisam ser percorridos para uma ação pastoral para toda a Igreja. Na construção da Civilização do Amor, quais os maiores desafios que a Pastoral Juvenil enfrenta na edificação de uma unidade eclesial, da organicidade processual e do protagonismo juvenil? Contudo, essas e outras inquietações merecem nossa atenção sobretudo na maneira de propor um processo de evangelização para a juventude diante das inquietações hodiernas.

Nesse sentido, este trabalho tem como objetivo geral verificar se o referido documento que reflete a evangelização da juventude já foi implantado na realidade pastoral da Igreja do Brasil, sobretudo no contexto da Diocese de Mogi das Cruzes e o que resta como desafio para o processo de evangelização. Para alcançar esse objetivo, faremos uma fundamentação bíblica, teológica e social acerca das novas gerações na realidade pós-moderna.

Para tanto, foram delineados os seguintes objetivos específicos: ver a realidade atual da juventude no Brasil com um corte na Diocese de Mogi das Cruzes; julgar a realidade juvenil a partir da Sagrada Escritura, do Magistério e da Tradição; agir apontando desafios e perspectivas pastorais para a evangelização da juventude no Brasil e na Diocese de Mogi das Cruzes.

Para este trabalho, utilizaremos o método ver-julgar-agir, proposto pela Igreja, amparados por instrumentais teóricos e práticos, apresentados em livros, subsídios, documentos da Igreja, dentre outros, que oferecerão dados para refletirmos sobre a questão atual dos diversos rostos das juventudes e analisar a aproximação da Igreja frente a esta juventude brasileira; ou seja, uma metodologia básica-estratégica, com objetivo descritivo-exploratório, abordagem qualitativa, método indutivo e procedimento bibliográfico.

No primeiro capítulo iremos lançar um olhar sobre a realidade juvenil em seus aspectos antropológico e psicossocial. A diversidade de expressões juvenis nos colocam em diálogo com a cultura pós-moderna. Deste modo, junto aos jovens, “[...] a Igreja quer ser um meio através do qual eles se percebam como filhos amados de Deus e irmãos de todos, capazes de acolher com alegria a Boa-nova que transforma a partir de dentro de cada um e ao seu redor”.² Por isso a necessidade de conhecê-los. Com isso, pretendemos olhar para a realidade juvenil da Diocese de Mogi das Cruzes e seu projeto frente à evangelização dos jovens.

No segundo capítulo versaremos sobre o jovem como lugar teológico, destacando os principais pronunciamentos da Sagrada Escritura e do Magistério acerca da ação junto à juventude. De fato,

[...] o jovem necessita que falemos para ele não somente de um Deus que vem de fora mas também de um Deus que é real dentro dele em seu modo juvenil de ser alegre, dinâmico, criativo e ousado. A evangelização da Igreja precisa mostrar aos jovens a beleza e a sacralidade da sua juventude, o dinamismo que ela comporta, o compromisso que daqui emana, assim como a ameaça do pecado, da tentação do egoísmo, do ter e do poder e, com isto, auxiliar também na conscientização de tudo aquilo que procura danificar esta obra de Deus. Uma verdadeira espiritualidade possibilita ao jovem encontrar-se com a realidade sublime que há dentro dele, manter um diálogo constante com aquele que o criou.³

O terceiro capítulo apresenta o modelo eclesiológico que o papa Francisco vem imprimindo na vida da Igreja, que é a sinodalidade, apresentando uma síntese textual do pensamento do Sumo Pontífice acerca da direção pastoral para a Igreja do Brasil e do mundo e propondo algumas reflexões a partir da própria Exortação Pós-Sinodal *Christus Vivit* para a transmissão da fé aos jovens diante do contexto atual em que vivemos.

A ação evangelizadora deve também motivar o envolvimento com as grandes questões que dizem respeito a toda a sociedade, como a economia, a política e todos os desafios sociais de nosso tempo. Há necessidade de animar e capacitar o jovem para o exercício da cidadania, como uma dimensão importante do discipulado. A

² CONFERÊNCIA NACIONAL DO BISPOS DO BRASIL. **Evangelização da Juventude**. Brasília, DF: Edições CNBB, 2007. (Documento 85). n. 02.

³ Ibidem, n. 80.

dimensão política e social da fé, contudo, deve ser apresentada aos jovens de maneira que não se reduza a apenas uma ideologia.⁴

Por fim, todas as boas práticas encontradas na criatividade da vida eclesial podem servir de inspiração, especialmente aquelas metodologias e linguagens atraentes para aproximar os jovens de Cristo e da Igreja. Segundo o papa Francisco, o importante “[...] é recolher tudo aquilo que deu bons resultados e seja eficaz para comunicar a alegria do evangelho”.⁵

⁴ CONFERÊNCIA NACIONAL DO BISPOS DO BRASIL, 2007, n. 83.

⁵ FRANCISCO, Papa. **Exortação Apostólica Pós-sinodal Christus Vivit**: para os jovens e para todo o povo de Deus. Brasília, DF: Edições CNBB, 2019. (Documentos Pontifícios 37). n. 205.

CAPÍTULO 1 – UM OLHAR SOBRE A REALIDADE JUVENIL

Conhecer os jovens é a condição prévia para evangelizá-los. Não se pode amar nem evangelizar a quem não se conhece.⁶

A juventude é certamente um fenômeno atual muito significativo, um universo no mínimo diverso e emblemático que não caberia num único conceito. Há diferentes maneiras de ver e analisar a juventude: o psicológico-evolutivo, o social, o histórico, o cultural, o relacional, o religioso etc., tendo como pano de fundo o aspecto de construção que perpassa todos esses conceitos. São modos de abordagem que competem entre si nos diferentes campos que compõem a arena múltipla de ações dirigidas à juventude.

O presente capítulo quer apresentar uma definição de juventude no contexto pós-moderno, ampliando seu entendimento a uma série de pontos de partida: como uma faixa etária, um período da vida, um contingente populacional, uma categoria social, uma geração etc. Nosso desafio frente a essa realidade juvenil é conhecer e compreender suas diversas dimensões: novas produções do ponto de vista da linguagem, novas interações, novos relacionamentos, novas formas de ser humano no tempo contemporâneo; enfim, seguindo o preceito básico da sociologia, “se queremos compreender, é necessário conhecer”.

Estamos acostumados a ouvir: “há necessidade de educadores, de especialistas e de pastoralistas que nos ajudem a compreender o fenômeno da juventude”. Isso se dá justamente por compreender que a realidade juvenil está muito diferente de como era no passado. Não sabemos como lidar com essas realidades nem mesmo reconhecer essas diferenças. O mais importante é que haja um esforço de compreensão dessa juventude, ou melhor dizendo, sobre aquilo que identificamos como diferente, o que não sabemos, as dúvidas sobre comportamentos, suas práticas, novas formas de viver e de se expressar a fé. Tudo isso deve nos entusiasmar a conhecer os sujeitos, tema central de nossa pesquisa, pois muitas das respostas de nossas inquietações estão na própria juventude e aí está a nossa necessidade de aproximação e de diálogo para entender essas realidades que eles vivem.

O mundo pós-moderno nos oferece uma contribuição para a compreensão da conceituação das juventudes, em que os jovens constroem sua própria base de compreensão e entendimento social. Desse modo, não falamos de uma juventude única, padronizada ou solidificada em suas estruturas, mas das diversas correntes existentes que caracterizam as

⁶ CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL, 2007, n. 10.

juventudes e as fazem se comunicar dentro de contextos sociais diferenciados. Segundo Sofiati,

[...] há uma pluralidade de juventudes definidas a partir de grupos sociais que possuem um recorte sociocultural de classe social, estrato, etnia, religião, gênero, região, mundo urbano e rural, sendo que várias juventudes convivem em um mesmo tempo e espaço social, havendo também diferenças entre os jovens que vivem numa mesma sociedade.⁷

Temos uma pluralidade de sujeitos que compõem um universo no mínimo diverso e que, a partir de diferentes recortes, vão se configurando em diferentes modos de ser e de estar no mundo. Desse modo, quando falamos de jovens, sempre temos que fazer um recorte: de que juventude estamos falando? É preciso entender, sobretudo, que não existe esta homogeneidade juvenil que tendemos a perceber.

É bem verdade que conhecer os jovens hoje é um desafio, uma realidade que se mostra cada vez mais complexa e misteriosa. Complexa não no sentido de ser sinônimo de complicada, mas complexa no sentido de que não é fácil de ser abordada. Como temos dito anteriormente, trata-se de uma pluralidade de sujeitos que compõem uma diversidade; por isso falamos, inclusive, de juventudes no plural, designando a diferenciação reconhecida quanto à realidade socioeconômica e cultural, às condições de estudo, às oportunidades de trabalho, ao envolvimento com as novas tecnologias etc.

Nesse sentido, nossa pesquisa se localiza no âmbito da religião, dentro do Cristianismo Católico do Brasil e convém aqui ressaltar os inúmeros rostos juvenis que vão se construindo e se solidificando em nosso tempo. Diante dessa realidade, o teólogo brasileiro João Batista Libânio nos apresenta uma reflexão acerca da juventude religiosa:

[...] não é conservador, nem fundamentalista, mas permanece religioso e pratica sua fé no coração da modernidade e da pós-modernidade. Às vezes, esse jovem surpreende por uma vida espiritual e religiosa serena, sem deixar-se abalar pelos mísseis destrutivos da atualidade. Há de vários coloridos.⁸

Estamos vivendo uma *mudança de época*, e os jovens estão no olho do furacão, sendo atingidos por todos os lados. Certamente, todos os impactos decorrentes dessa mudança terão uma influência enorme na vida deles. Os conflitos geracionais registram em nosso tempo o novo; por conta disso, os jovens não são os mesmos, ou seja, a cultura midiática, a tecnologia, a rapidez da informação e a busca incessante pela experiência do momento presente entraram integralmente em suas mentalidades, bem como na maneira de conceber o mundo. Essa

⁷ SOFIATI, Flávio Munhoz. **Religião e juventude**: os novos carismáticos. São Paulo: Fapesp, 2011, p. 55.

⁸ LIBÂNIO, João Batista. **Jovens em tempos de pós-modernidade**: considerações socioculturais e pastorais. São Paulo: Loyola, 2004. p. 93.

geração pós-moderna busca o que é agradável, estabelece o dogma principal do prazer em torno do qual constrói os cultos, os ritos, os símbolos. E busca prazer a curto prazo, imediato e presente.

Nessa perspectiva, trazemos a temática da juventude, que se apresenta atualmente como produto do pós-moderno, abandonada a seu próprio mundo individualista.

Visando aumentar e clarificar esses elementos de aproximação e divergência, a evangelização será de fundamental importância para a transformação da consciência pessoal e coletiva de todos. Num segundo momento, desdobraremos acerca da evangelização da juventude no contexto eclesial da Diocese de Mogi das Cruzes. Este será o chão da realidade que iremos analisar, para que em seguida possamos traçar um projeto de evangelização pastoral para a juventude, a partir do panorama proposto pelo papa Francisco com a metáfora *Igreja em saída*.

1.1 Juventudes: construção sócio-histórico-cultural

Compreender o fenômeno das juventudes não é uma tarefa muito fácil, pois elas não se apresentam de uma única forma ou linguagem, o que dependerá do contexto em que estas juventudes estão inseridas. Por isso, devemos nos enquadrar numa perspectiva sócio-histórico-cultural. Juventude não é apenas uma questão de faixa etária, mas uma construção que, dependendo do contexto da história e da cultura, terá configurações específicas e diferenciadas. Aqui já podemos denotar que a juventude em questão não é um conceito universal, e sim um fenômeno.

Juarez Dayrell, referência em juventude no Brasil, fundador e integrante do Observatório da Juventude da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) de Belo Horizonte, ressalta essa discussão da juventude, dizendo:

A juventude constitui um momento determinado, mas não se reduz a uma passagem; ela assume uma importância em si mesma. Todo esse processo é influenciado pelo meio social concreto no qual se desenvolve e pela qualidade das trocas que este proporciona. Assim, os jovens pesquisados constroem determinados modos de ser jovem que apresentam especificidades, o que não significa, porém, que haja um único modo de ser jovem nas camadas populares.⁹

É importante ressaltar que esses jovens de quem estamos tratando já são sujeitos que compõem nosso presente, e não meramente o futuro. Eles estão aqui em nosso meio, por isso,

⁹ DAYRELL, Juarez. **O jovem como sujeito social**. 2003. p. 34. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/rbedu/n24/n24a04.pdf>. Acesso em: 8 set. 2018.

o nosso olhar diante de tantos preconceitos acaba reduzindo-os diante da falta de preparação e de formação em detrimento daquilo que eles poderão ser futuramente. Sendo eles sujeitos no presente, a concepção muda, ou seja, as maneiras de conceber os trabalhos educativos ou pastorais com os jovens mudam, porque nossas metodologias e formas de trabalhar com eles vão passar, necessariamente, de considerá-los sujeitos em fase de preparação ou sem maturidade para sujeitos que já têm condições de assumir responsabilidades.

Diante da realidade brasileira, por muito tempo ou pelo menos até meados de 1960, a visibilidade da juventude ficou restrita a jovens escolarizados de classe média, situação que condensava o significado da *condição juvenil*.¹⁰ Depois, a grande preocupação ficou centrada na criança e no adolescente, criando articulações que garantissem a defesa e os direitos dos mesmos.¹¹ Dentro dessa ótica, a condição juvenil diz respeito a uma etapa do ciclo da vida, entre infância composta pelo desenvolvimento corporal: físico-emocional-intelectual, e a adolescência denominada como uma primeira socialização, que diz respeito ao início do desenvolvimento de plena cidadania, capaz de exercer dimensões de produções, reproduções e participação ativa na sociedade. A esse respeito, Abramo¹² ainda salienta que a juventude nasce na sociedade moderna ocidental (tendo maior desenvolvimento no século XX). Por sua vez, nessa construção juvenil, outra categoria importante é a *situação juvenil*, que revela o modo como tal condição é vivida a partir dos diversos recortes referidos às diferenças sociais como: classes, gênero, etnias etc.

A partir desses elementos apresentados, percebemos o grande avanço que o cenário brasileiro adquiriu ao longo dos últimos 30 anos. Se hoje podemos considerar os jovens como sujeitos de direitos e donos de uma cultura com características próprias, isso muito se deve à evolução histórica que tivemos e que contribui muito para a mudança social atual.

Certamente, o caminho que a humanidade foi trilhando ao longo da história lhe deu fundamento para entender o presente e sonhar com o futuro. Mas nem sempre a juventude foi concebida como compreendemos hoje. Seu nascimento e/ou sua diferenciação se deu a partir do século XVII, quando começa a se distinguir a criança do adolescente. Para Libânio, “[...] a juventude se cria socialmente e diferentemente em cada época”.¹³

¹⁰ Condição juvenil caracteriza-se pelos elementos históricos e simbólicos que marcam uma experiência geral ou uma etapa do ciclo da vida.

¹¹ Resultado deste movimento foi o decreto nº 8.069, de 13 de julho de 1990, que aprovou o ECA (Estatuto da Criança e do Adolescente), que se tornou instrumento fundamental para implantar a ideia desses segmentos como sujeitos de direitos.

¹² ABRAMO, Helena Wendel. **A condição juvenil no Brasil contemporâneo**. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2007. p. 40-42.

¹³ LIBÂNIO, João Batista. **Para onde vai a juventude?** São Paulo: Paulus, 2011, p. 73.

Na Antiguidade, segundo Aries, durante os primeiros séculos da reinvenção das escolas infantis no Ocidente, não se fazia a distinção formal entre criança e jovem. Nos séculos subsequentes, as crianças de 10 a 14 anos frequentavam as mesmas salas de aula daqueles que tinham entre 15 e 25 anos. Todos eram considerados *infantes*. Evidentemente que percebiam essas diferenças, porém, no trato estudantil, todos eram colocados juntos nas mesmas salas de aula, variando apenas segundo o avanço ou o atraso no conhecimento adquirido.

Na Idade Média, a juventude se estabeleceu no meio das idades, ou melhor dizendo, na plenitude de suas forças, que se compreendia a partir dos 14 anos e durava até os 45/50 anos. A partir dessa idade, já se era considerada a idade da velhice. Nesse período, a criança era considerada como um adulto em miniatura, mas que logo assumiria um lugar na sociedade. Não há um sentimento de infância, existe uma paparicação dessa criança.

Na era moderna em diante, as idades não correspondiam apenas a uma fase biológica, mas estavam ligadas a uma função social como: idade das brincadeiras, idade da escola, idade do amor, idade da guerra e da cavalaria e idade da velhice. Nesse momento histórico, as idades eram configuradas deste modo: *enfance, jeunesse e vieillesse*. Aqui não se tinha lugar para adolescência, tendo ela sido confundida por muito tempo como infância. Nesse período, a criança recebia uma influência institucionalizada por meio da família e da escola. Recebia maior atenção diante de sua necessidade; ou seja, nessa fase recebia roupas próprias de crianças. No ambiente escolar, o enclausuramento e a disciplina (ensino formal) eram os símbolos. É preciso conhecer melhor a criança para discipliná-la melhor.

A psicologia do desenvolvimento infantil em meados do século XIX, com suas pesquisas, apontou como objeto investigativo a realidade da infância. Já no início do século XX, a fase da adolescência se tornou alvo de estudos. Tais estudos recriaram a forma de concebê-los, partindo das concepções de famílias, instituições, escolas etc. Esse novo modelo designou um novo modelo de homem societário. Com certeza, a legitimação das instituições produziu naquele momento uma nova maneira de conceber a infância e a adolescência.

A família e a escola retiraram juntas a criança da sociedade dos adultos. A escola confinou uma infância outrora livre num regime disciplinar cada vez mais rigoroso que, nos séculos XVIII e XIX, levou ao enclausuramento total no internato. A solicitude da família, da Igreja, dos moralistas e dos administradores privou a criança da liberdade de que ela gozava entre os adultos. Infligiram-se o chicote, a prisão, em suma, correções reservadas aos condenados das condições mais baixas.

Mas esse rigor traduzia um sentimento muito diferente da antiga indiferença: um amor obsessivo que deveria dominar a sociedade a partir do século XVIII.¹⁴

Desse modo, vamos compreendendo que, diante deste processo de divisão de classes no ensino formal escolar, a juventude foi sendo tratada como uma categoria social distinta da infância e da fase adulta. Havia a necessidade de distinguir a segunda infância, considerada dos 12 aos 13 anos, da adolescência ou da então chamada juventude, que ainda era compreendida com o mesmo sentido, sendo posteriormente enquadrada em seu sentido real pela difusão da burguesia e o enquadramento no ensino superior, ou pelo ingresso em grandes escolas.

A partir dos séculos XIX-XX, a criança foi concebida como sujeito de direitos. Nessa fase, é preciso garantir o desenvolvimento integral, o que significa dizer que o Estado assume a educação como dever. Aqui se dá o advento de uma série de regulamentações para garantir e proteger os direitos da criança e do adolescente, como: ECA (Estatuto da Criança e do Adolescente), LDB (Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional) e RCN (Referência Curricular Nacional para Educação Infantil).

Com isso, surge o atual modelo educacional, organizado por etapas etárias, combinadas com as fases do desenvolvimento humano.

No século XX, vemos a difusão dessa ideia, por meio das ciências psicológicas, como a teoria de Erik Erikson, que contribuiu com a psicologia do desenvolvimento humano, inclusive caracterizando a adolescência como uma fase de vida pouco valorizada. A teoria psicanalítica se soma a essa perspectiva, pois concebe a adolescência como resultado do desenvolvimento que ocorre na puberdade e que leva a uma alteração do equilíbrio psíquico, produzindo uma vulnerabilidade da personalidade.

Haveria um acréscimo ou uma intensificação da sexualidade e uma modificação nos laços com a família de origem, o que poderia levar a uma desvinculação da família e a um comportamento de oposição às normas, gestando novas relações sociais importantes à construção de uma identidade e, conseqüentemente, para a crise de identidade.¹⁵

Todo esse processo possibilitou que a própria juventude se entendesse como uma categoria social, capaz de se expressar culturalmente de modo peculiar e distinto.

Caracterizando esta era moderna diante das grandes mudanças do século XX, o mundo do consumismo positivou um ideal de juventude. Durante os anos da década de 1950, com o

¹⁴ SILVA, Carla Regina; LOPES, Roseli Esquerdo. **Adolescência e juventude**: entre conceitos e políticas públicas. 2014. Disponível em: <http://www.cadernosdeto.ufscar.br/index.php/cadernos/article/viewFile/100/65>. Acesso em: 8 maio 2017.

¹⁵ ERIKSON, Erik H. **Identidade, juventude e crise**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1976. p. 13.

advento da cultura do *rock and roll* nos Estados Unidos, depois no Reino Unido e, conseqüentemente, influenciando muitos outros lugares do mundo, percebemos sinais de mudança decorrentes da *rebeldia juvenil*, que se instaurava nos movimentos contra a repressão estabelecida pelos adultos por meio do modelo educacional. Durante esse período, os grupos juvenis adquiriram força, organização, reflexão e politização em diversos países do Ocidente. No Brasil, de acordo com Zuenir Ventura, a geração de 1968 foi uma geração que tinha uma formação altamente literatizada por conta da palavra argumentativa. Da palavra argumentativa ao palavrão, houve uma revolução verbal. Paralelamente a essa característica juvenil havia, por outro lado, o culto das drogas e do modismo psicanalítico: “[...] uma característica dos jovens de classe média e urbana que, ficavam expostos a cultura autoritária. Foi a geração da linguagem indeterminada, unidimensional – do *barato*, *curtir*, *transar* e *pintar*.”¹⁶

Em consequência disso, o maio de 1968 foi um momento significativo de nossa história, que caracterizou uma importante etapa do movimento estudantil no mundo inteiro, tendo sua origem na França, onde estudantes iam para praças e pediam, em forma de protesto, o fim do governo ditatorial, com o slogan *É proibido proibir*. Nesse momento, iniciou-se a imaginação da juventude no poder. Isso serviu de inspiração para toda a corrente juvenil, pois esse movimento se espalhou por toda a França e acabou influenciando também os EUA, onde os estudantes se organizaram para protestar contra a presença dos americanos na guerra do Vietnã e, por meio de passeatas, lutaram por igualdade de direitos, com o crescimento da cultura *hippie* e o lema: *Paz e amor*. No Brasil, vimos a repercussão de todo esse movimento na resistência à ditadura que se instalou no país, sobretudo com as passeatas juvenis, a música e os festivais que surgiram como forma de protesto naquela época. O melhor de seu legado não está nos gestos e ações, mas na ética e na paixão com que aqueles jovens arriscavam a vida defendendo um projeto, enquanto experimentavam os limites de todo horizonte: políticos, existenciais, comportamentais, existenciais, etc.

Segundo Ventura,

[...] é importante destacar as heranças positivas que surgiram ou ganharam consistência naquele ano e cuja vitalidade ainda se faz sentir, como quatro movimentos sociais: o homossexual, o negro, o ambiental e principalmente o feminista que chega em 2018 ostentando alguns significativos exemplos de *empoderamento*, para usar uma palavra que não existia naquela época e que designa a conquista de um direito devido.¹⁷

¹⁶ VENTURA, Zuenir. **1968**: O ano que não terminou. 2. ed. Rio de Janeiro: Objetiva, 2018. p. 62.

¹⁷ Ibidem, p. 15.

No interior da Igreja, as transformações vieram por meio da proposta do Concílio Vaticano II. Esse foi um grande momento de abertura para o mundo moderno, sobretudo na forma de conceber a juventude como esperança da humanidade e construtora de uma sociedade mais justa e humana. A partir de então, tivemos a oportunidade de ver o crescimento dos movimentos juvenis e o surgimento na América Latina de um novo jeito de fazer Teologia, o que corresponde ao período de nascimento de uma Igreja de bases populares, uma Igreja herdeira das experiências da Ação Católica Especializada (ACE) e fruto das reflexões dos teólogos da libertação. A *Teologia da Libertação*, impulsionada pelo Conselho Episcopal Latino-Americano (Celam), resultou em reflexões e em organização das pastorais da juventude, como resposta a este momento vivido pelo contexto brasileiro.

O aparecimento de instituições como família, exército, escola e trabalho foi de fundamental importância para a concretização do conceito de juventude, não como mera fase de transição, mas como categoria social que compôs uma construção no processo sócio-histórico-cultural e religioso.

Assim sendo, entendemos a juventude como um fenômeno social que foi estabelecido por meio da história. O conceito de juventude de que nos apropriamos para esta reflexão é oferecido por Carlos Eduardo Cardozo, especialista em juventude, “[...] corresponde a uma construção histórica, cultural e relacional, que através das diferentes épocas e processos históricos e sociais vieram adquirindo denotações e delimitações diferentes”. Citando Bourdieu, ainda nos diz que “[...] a juventude não está pronta, é uma construção que nasce da luta entre os jovens e adultos”.¹⁸

1.2 Conceituação de adolescência, puberdade e juventude

Para uma melhor apreciação de nossa pesquisa referente ao mundo juvenil e suas peculiaridades, faremos um recorte para que possamos compreender esse universo tão significativo. De acordo com os últimos dados do Censo de 2010, realizado pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) e de outras fontes de pesquisas,

[...] os jovens ocupam, hoje, um quarto da população do país, isso significa 51,3 milhões de jovens de 15 a 29 anos vivendo, atualmente no Brasil, sendo que 84,8% vivem nas cidades e 15,2%, no campo. A pesquisa ainda mostra que 53,5% dos jovens de 15 a 29 anos trabalham, 36% estudam e 22,8% trabalham e estudam.¹⁹

¹⁸ CARDOZO, Carlos Eduardo. **Jovens construindo juventudes**. São Paulo: Delicatta, 2019. p. 33.

¹⁹ CONFEDERAÇÃO NACIONAL DOS TRABALHADORES EM TRANSPORTES E LOGÍSTICA (CNTTL). **Informações do IBGE**. 2018. Disponível em: <https://cnttl.org.br/index.php?tipo=noticia&cod=3138#>. Acesso em: 11 ago. 2018.

Porém, na conceituação dos termos, é preciso saber quem são esses adolescentes ou jovens de que estamos falando. Em nosso caso, estamos tratando de crianças que se encontram num processo vital de mudanças e de transição para o caminho da vida adulta. Desse modo, pensando em cada uma das fases do desenvolvimento humano, vamos percebendo que estas crianças que assumem determinadas transformações vão adquirindo necessidades. Essas necessidades são determinantes, pois marcam a vida da criança em seu desenvolvimento: físicas ou corpóreas, emocionais ou intelectuais, econômicas, sociais e culturais. E para que o crescimento aconteça de uma maneira saudável, é necessário que essas condições estejam integradas à pessoa de maneira perfeita.

A adolescência é o período da transição entre a infância e a idade adulta. O início deste período é marcado por mudanças psíquicas a respeito das relações sociais, da atenção ao próprio corpo, da descoberta de si, da ampliação do campo cognitivo e da afirmação da própria identidade.

Adolescente vem do verbo *adoleo* na sua forma intransitiva incoativa *adolescens*. Na raiz está *ad+olo* ou *ad+alo*. Por sua vez, remonta ao *hiphil* hebraico *heélah*: fez elevar, levou para cima, subiu, ofereceu em sacrifício, holocausto, fazer algo que cresça, brote, se faça grande, engrosse, aumente, se fortifique. O termo se refere a coisas que hão de ser queimadas em sacrifícios aos deuses. *Adolenda*: divindade que presidia a queima das árvores pelo raio. Mais uma vez, a origem é religiosa, cívica, de quem já está em situação de oferecer sacrifícios aos deuses. Deixou a infância dos deuses domésticos, dos lares.²⁰

Ainda convém lembrar que a adolescência é um fenômeno cultural, moderno e ocidental, isso quer dizer que em sociedades tradicionais não existia adolescência, mas sim infância num ambiente social muito coeso, um ritual de passagem que valia para todas as crianças como um batismo (não como sacramento), que o fazia nascer para uma nova identidade de vida adulta e morrer para a infância propriamente dita.

Em consequência disso, vê-se que, em 1944, os americanos começaram a usar a palavra *teenager*, como termo descritivo para designar a categoria de jovens com idade de 13 a 19 anos. Segundo Savage, os *teenagers* eram definidos como um ideal e um mercado. Os adolescentes tinham começado a afirmar publicamente sua independência, uma conquista que havia apanhado o governo e a indústria de surpresa. Ao mesmo tempo, sua cultura otimista

²⁰ LIBÂNIO, 2004, p. 18.

estava começando a se espalhar entre os jovens da Grã-Bretanha e do norte da Europa, dilacerados pela guerra.²¹

No início do século XX, ainda não tínhamos uma definição clara do que era a adolescência. O que existia eram pequenas crianças travestidas de adultos, com toda a indumentária própria do adulto. Não existia uma moda para crianças ou adolescentes; considerava-se que eles eram pequenos adultos. Quando eles atingiam uma idade de 12 a 13 anos, as meninas eram preparadas para o casamento e a maternidade, e a partir de então assumiam todo o encargo do lar; os meninos, por sua vez, iam para o campo ou assumiam os ofícios herdados de seus pais, começando, então, a viver uma vida adulta.

Segundo Contardo Luigi Calligaris, escritor, psicanalista e dramaturgo italiano radicado no Brasil, “[...] o começo da adolescência é facilmente observável, por se tratar da mudança fisiológica produzida pela puberdade. Dito de outra maneira, de uma transformação substancial do corpo jovem, que adquire funções e atributos do corpo adulto”.²²

Nesse sentido, a puberdade, segundo sua etimologia, é aquela que anuncia a saída da infância. Na infância (*in+fari* = não falar), a criança ainda não fala a palavra própria. Assim pensavam os antigos forjadores do termo. Em nosso tempo, as crianças já sabem bem precocemente exprimir seus desejos, suas vontades e seus projetos, a ponto de deixar os adultos atônitos com a rapidez de sua evolução humana e comunicativa. Na puberdade, o púbere (*pubes* = pelo) já sente em si as mudanças do corpo. Não é infante, ou seja, sente-se iniciado na autonomia. A palavra “puberdade” tem a ver com a palavra “república”. República (*res*, coisa + pública – *pubes*, pelo) e puberdade esbarram na mesma etimologia.²³ A pertença à república supunha também a submissão aos ritos e participação nos cultos. Com 16 anos, o jovem romano revestia a toga viril que significa passagem da infância para a adolescência.

Há diferença entre puberdade e adolescência. A puberdade é um fenômeno predominantemente biológico, um amadurecimento secundário do corpo. É o processo pelo qual a criança alcança a maturidade sexual e a capacidade de reprodução; ou seja, é aquela fase da idade do estirão do crescimento. Já a adolescência é a transição no desenvolvimento entre a infância e a idade adulta, que envolve mudanças não só físicas como também mudanças cognitivas e psicossociais.

²¹ SAVAGE, Jon. **A criação da juventude**: Como o conceito de teenager revolucionou o século XX. São Paulo: Rocco, 2009. p. 484.

²² CALLIGARIS, Contardo L. **A adolescência**. São Paulo: Publifolha, 2000. p. 19.

²³ LIBÂNIO, 2004, p. 17.

Nesse período, o adolescente está construindo sua imagem corporal e, com isso, sua autoestima se apresenta insatisfeita. Ele não vive no vácuo, ele vive no meio e interage com esse meio, por isso a importância dos marcos, das necessidades e das condições favoráveis durante esse desenvolvimento.

Para as meninas, a progressão da puberdade se dá dos 10 aos 11 anos de idade. Ela passa pelo fenômeno de telarca ou desenvolvimento mamário; em seguida, a *pubarca* ou desenvolvimento de pelos pubianos; até ela chegar à *menarca* ou à primeira menstruação, que geralmente ocorre em torno dos 12 anos; o estirão puberal, ou pulo de altura, acontece dos 11 aos 12 anos e o término do crescimento por volta dos 15 aos 16 anos. É importante lembrar que a menina ganha mais massa gordurosa (adiposa) do que massa muscular.

Para os meninos, a progressão da puberdade se dá um pouco mais tarde, dos 11,5 aos 12. Ele passa pelo desenvolvimento genital progressivo, também passa pela *pubarca* ou desenvolvimento de pelos pubianos até atingir a *espermarca* ou *semenarca*, que é a primeira ejaculação, que ocorre dos 13 aos 14 anos. O menino ainda passa pela mudança de voz por meio da influência dos hormônios dos androgênios e da testosterona; faz o pulo de altura por volta dos 14 anos e tem o término de seu crescimento por volta dos 19 anos. Os meninos apresentam ainda pelos faciais, que chamamos de barba e bigode, e há o ganho de mais massa muscular que compõe a característica masculina da força.

Desse modo, podemos dizer que a puberdade é variável de indivíduo para indivíduo (inclusive na mesma família). É progressiva e dinâmica, quando saudável; não é imutável e pode ser interrompida ou revertida, por meio de fatores ambientais como: *stress*, aumento de exercícios físicos, deficiências nutricionais.

Em conformidade com Libânio, “[...] o termo jovem remonta a outra etimologia. Jovem faz ecoar o adjetivo *aiutans* do verbo *aiutare*, ajudar. Jovem é aquele que atingiu a idade de poder ajudar. Etimologia simbólica”.²⁴

De acordo com a concepção tradicional de juventude, desenvolvida no campo da Sociologia da Juventude em meados da metade do século XX, os jovens apresentam as seguintes características:

1. A juventude é uma faixa etária (ou uma categoria etária) definida, precisa: deste modo, a juventude, assim como as demais categorias etárias, é imaginada como tendo caráter natural, universal e evidente;
2. A juventude é uma transição à vida adulta: assim, a juventude não interessa tanto pelo que é, mas pelo que será ou que deveria ser quando seus membros se tornarem adultos;

²⁴ LIBÂNIO, 2004, p. 18.

3. A juventude está intrinsecamente ligada ao processo de socialização, processo tratado como ‘a imposição de padrões sociais à conduta individual’, de modo que, a princípio, a juventude está destinada a repetir os padrões e normas sociais estabelecidos;

4. A juventude tem grande potencial de ser levada à ‘anormalidade’ ou ‘desvio’, pois é uma fase muito sensível: deste modo, as experiências de viver a juventude como valor em si mesmo, ou os casos em que os jovens transgridem os padrões e normas esperados pela socialização, tendem a ser vistos pela sociologia da juventude tradicional como ‘anormalidade’ e ‘desvio’, como expressão e/ou sintoma de uma patologia social.²⁵

A juventude configura um universo social descontínuo e em constantes transformações. Na atualidade, a imagem de juventude está marcada pela ambiguidade e pela incerteza. De um lado, a juventude aparece como o maior objeto de desejo da sociedade contemporânea, recuperada pela indústria da moda, dos cosméticos, dos corpos sarados e das cirurgias plásticas. De outro, é um dos períodos mais turbulentos e potencialmente problemáticos, sendo jovens vulgarmente chamados de “aborrescentes” e identificados sempre com problemas de violência, marginalização, indisciplina. Por isso, é importante analisar o fenômeno juvenil de forma contextualizada, procurando entender como os jovens enfrentam alguns desafios, buscando ter como pressuposto a necessidade da compreensão dos fenômenos, para além do discurso moralizante e adultocêntrico.

1.3 Abordagens sobre juventude

No campo das políticas da juventude, existem diferentes formas de abordagens que demonstram a consolidação das concepções sobre juventude. Helena Wendel Abramo²⁶ nos apresenta abordagens que retratam aquelas que ao longo do período histórico competiram entre si nas diferentes maneiras de se compor a arena múltipla de ações dirigidas à juventude.

1.3.1 A juventude como período preparatório

Nesta abordagem, a juventude é apresentada como uma fase de transição da infância à vida adulta, motivando políticas que correspondessem à preparação para esta nova etapa. Esta política é denominada como *educação*, possibilitando ao jovem a inserção ao lazer, ao esporte, ao voluntariado, ao tempo livre e, sobretudo, a uma formação sadia. O serviço militar

²⁵ GROPPPO, Luís Antonio. **Introdução à sociologia da juventude**. Jundiaí: Paco Editorial, 2017. p. 23-24.

²⁶ Bacharel e mestre em Sociologia pela Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da USP (Universidade de São Paulo). Implantou e coordenou a área de juventude da Ação Educativa entre 1995 e 1997.

é aquele que também se assemelha a esta fase, pois garante ao jovem as destrezas específicas para o cumprimento das responsabilidades.

“É o enfoque que mais assume uma perspectiva universalista e é fundamentado na ideia de garantia de um direito universal por parte do Estado. No Brasil, em meados dos anos 50, pode se dizer que a Educação ainda é compreendida como política universal pertinente aos jovens.”²⁷ É por meio da estruturação dessa política que formaremos o jovem como sujeito em preparação, em que o próprio assume o papel de receptor de sua formação.

1.3.2 A juventude como etapa problemática

O jovem neste período, é percebido por um viés de ordem social, pois é aquele que destoa daquilo que é socialmente estabelecido. É visto como problemático, rebelde e transgressor. Nesta abordagem, o conceito é estigmatizado pelos temas relacionados aos jovens e que se desenvolveram como: saúde e justiça, segurança social, gravidez precoce, drogadição, DST (Doença Sexualmente Transmissível) e AIDS (sigla em inglês para Síndrome da Imunodeficiência Adquirida), envolvimento com violência, criminalidade e narcotráfico. Características vulneráveis que geraram políticas satisfatórias para combater os riscos apresentados por esta juventude.

No Brasil, este foi o enfoque que praticamente denominou as ações dos anos 80 e 90, foi uma das principais matrizes por onde o tema da juventude voltou a ser problematizado pela opinião pública, e que tencionou para a criação de ações tanto por parte do Estado como parte da sociedade civil.²⁸

1.3.3 O jovem como ator estratégico do desenvolvimento

Nesta abordagem, a ideia é reverter a opinião de “juventude problema” para a elaboração do “jovem como solução”, ou seja, eles são capazes de se desenvolverem para resolver os problemas, tanto de ordem humana como de ordem social. Esses jovens são excluídos desta ótica do risco e da vulnerabilidade, pois reconhecem que geralmente fornecem a principal fonte renda de suas famílias, trabalham cedo e em condições aleatórias, superam as adversidades, contribuem com entusiasmo e criatividade. São os jovens que enfrentam com flexibilidade o desafio das inovações tecnológicas e transformações produtivas, que migram massivamente para as cidades em busca de melhores condições de vida.

²⁷ ABRAMO, Helena Wendel. **Juventude e adolescência no Brasil: Referências conceituais**. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2007b. p. 20.

²⁸ Ibidem, p. 21.

No Brasil este enfoque tem sido bastante difundido nos últimos anos, principalmente através das agências de cooperação internacional, de organismos multilaterais e de fundações empresariais que vem apoiando ações para jovens; e tem se traduzido, na maior parte das vezes, como a população dos jovens como protagonistas do desenvolvimento local.²⁹

Ainda nesta abordagem, vemos uma outra característica desses jovens como atores, ou seja, com papel especial de transformação, como fonte de crítica, de contestação e com a capacidade de prover utopias e de dedicação generosa para a dimensão social.

1.3.4 A juventude cidadã como sujeito de direitos

Nesta abordagem, “[...] a juventude é compreendida como etapa singular do desenvolvimento pessoal e social, por onde os jovens passam a ser considerados como sujeitos de direitos e deixam de ser definidos por suas incompletudes e desvios”.³⁰

Aqui a juventude é vista como sujeito de direitos, embora no Brasil tenha uma cultura de direitos relativamente nova no tocante à juventude. Nós temos uma legislação que em 1990 apresenta o ECA (Estatuto da Criança e do Adolescente), que incorpora criança e adolescente até os 18 anos. Em 2013, os jovens brasileiros ganham um instrumento legal para a garantia de seus direitos: o Estatuto da Juventude. Entre esses direitos estão: o acesso à educação pública de qualidade, saúde, segurança, justiça e participação política.

O denominador comum de todas essas abordagens é a expressão de uma juventude que não está acomodada com os rumos de suas vidas. A mobilização juvenil existe e vem crescendo tanto em qualidade de jovens insurgentes como na qualidade de seus atos contestatórios. De modo frequente, surgem novos artistas e coletivos que compõem um leque quase sem fim de reivindicações. Por isso, os jovens hoje, no presente cenário, preferem a adesão a movimentos e coletivos em que não há hierarquia, e as decisões são tomadas coletivamente, ou seja, o movimento transmite a ideia de horizontalidade.

A apresentação dessas abordagens é importante porque se trata da participação do jovem na sociedade a que pertence, o que certamente constitui a chave-mestra da dinâmica e das políticas públicas vinculadas a esta realidade. Pode-se dizer que, assim como a palavra-chave nas políticas de infância é *proteção* e nas políticas ligadas à mulher são *igualdade* e o *direito a ser diferente*, já nas políticas da juventude, as palavras-chaves são *participação*, *autonomia* e *identidade*.

²⁹ ABRAMO, 2007b, p. 21.

³⁰ Ibidem, p. 22.

1.4 Gerações juvenis

O enfoque teórico sociocultural procura considerar a natureza das formas de ser jovem num ambiente marcado por um vocábulo próprio, acompanhado de gostos específicos na maneira de se vestir, no relacionamento em grupo, no namoro, na dança, na música, entre outras medidas sempre em modificação. Desse modo, ao longo do século XX, a expectativa de vida aumentou consideravelmente, por isso o conceito de juventude foi se modificando de décadas em décadas. Cada vez mais pessoas de diferentes idades estão convivendo nos ambientes sociais. Isso significa dizer que pessoas que têm um entendimento e uma interpretação, um jeito de ver o mundo diferente das outras, estão tendo que compartilhar mais ou menos as mesmas situações. É óbvio, por conseguinte, que elas têm uma visão diferenciada do mundo, porque vêm de tempos e de criações diferentes. Naturalmente, isso acaba gerando certo conflito entre as pessoas.

Durante muito tempo, o conceito de geração ficou determinado por uma questão meramente temporal. Tinha-se como geração o lapso temporal de 25 anos; ou seja, em média, os jovens se casavam e formavam suas famílias por volta dos 22 aos 24 anos, o que determinou o nascimento, a marcação de uma nova geração a cada 25 anos. Isso era o que se tinha num processo antropológico. Então, tínhamos um pai, esse pai provavelmente teria seu filho, e esse filho constituiria uma nova família a partir dos 25 anos de idade.

O que constatamos aqui é justamente a evolução do mundo em continuidade com a evolução das gerações. Durante muitas décadas, definia-se geração como aquela que sucedeu a geração de seus pais. De 1945 até os dias atuais, começou este “boom” do desenvolvimento no mundo, caracterizando as gerações *baby boomer*, X, Y e Z. Se vamos fazer uma retrospectiva, é importante ter uma percepção de que, nos últimos 50 anos, o mundo evoluiu mais do que em 2 milhões de anos. Essa evolução trouxe muitos conflitos entre as gerações. É a partir desses conflitos que iremos analisar o que segue.

Sendo a juventude um período demarcado como faixa etária e tradicionalmente marcado por ser uma transição para a vida adulta, percebemos que é a juventude aquela mais afetada por qualquer transformação e mudança nas estruturas sociais. Na verdade, é por meio dos(as) jovens que circulam modos de vestuários, músicas, linguagens, cortes de cabelos

predominantes, entre outros. Segundo Pais, “[...] os próprios problemas que se atribuem à juventude, talvez sejam mais problemas da sociedade do que da própria juventude”.³¹

Essa reflexão nos leva a fatores, como diversidade de atividades, objetivos e de critérios de avaliação, que podem estar presentes na mesma cultura. Os autores apresentam as gerações com algumas diferenças nas faixas etárias, mas o que mais interessa para o nosso entendimento é o desencadeamento de valores diversos, e os sintomas dos choques das gerações, quando analisamos as juventudes e as violências: conflitos-confrontos, no interior da família, no ambiente de trabalho, por parte dos professores tanto da escola básica quanto das universidades, principalmente os habilitados para atuar nas licenciaturas. As gerações apresentam conflitos advindos das consequências da tecnologia, como a velocidade das informações. Fica também evidenciado que as diferentes juventudes estão imbricadas, estabelecendo-se um grande e confuso desafio para o estabelecimento das políticas públicas.

As gerações juvenis são denominadas por: *veteranos*, *baby boomers*, *geração X*, *geração Y* e *geração Z*. Aqui queremos abordar os conceitos mais pertinentes à nossa juventude, demonstrando suas características e implicações segundo cada geração.

1.4.1 Veteranos (1922-1943)

Assim são chamados aqueles que nasceram depois da Primeira Guerra e durante a Segunda Guerra Mundial. Segundo Pessini, os veteranos

[...] possuem valores morais rígidos e acreditam e defendem o dinheiro ganho honestamente com o trabalho. As mulheres são dedicadas à família, à educação dos filhos; os homens são dedicados ao trabalho. É uma geração de homens e mulheres que seguem valores como a família, a lealdade, os direitos civis, a lei e a ordem, preservando o respeito pela autoridade, apegados à proteção e à estabilidade.³²

Não conseguem contextualizar os acontecimentos historicamente e se reportam às experiências vividas como ideais: “No meu tempo era melhor” e/ou “Antigamente as coisas eram diferentes”.

Dito de outra maneira, denominada como a geração dos tradicionais, e tendo como base pensamentos e reflexões advindos de autores americanos, essa geração é composta por pessoas que nasceram em meados de 1945, que atualmente têm por volta dos seus 70 anos de idade. Essa geração viu o mundo se transformar de modo gradativo, tiveram como pano de

³¹ PAIS, José Machado. Apresentação. In: _____ (ed.). **Jovens europeus**. Lisboa: ICS/IPJ, 1994. (Estudos de Juventude, n. 8). Disponível em: <http://www.e-revista.unioeste/index.php/travessias/article/view/3359/2650>. Acesso em: 13 ago. 2017. p. 6.

³² PESSINI, Leo; ZACHARIAS, Ronaldo. **Ética teológica e juventudes**. Aparecida: Santuário, 2013. p. 171.

fundo a Primeira e a Segunda Guerra Mundial. Boa parte dessa geração já está fora do mercado de trabalho. Especialistas dizem que essa geração dos veteranos são pessoas formadas num senso de rigidez e responsabilidade, isso por conta da dificuldade passada ao longo de suas vidas.

Segundo Cara,

[...] acrescente-se, ainda, que essa geração sempre se mostrou muito dedicada e fiel ao trabalho, buscando a estabilidade no emprego, respeitando a hierarquia e as regras estabelecidas sem contestações. Seu objetivo era começar a trabalhar e aposentar-se na mesma organização; esperava, pacientemente, por promoções e melhorias salariais e considerava que nada conseguiria sem muito sacrifício. Os líderes dessa geração mostram um perfil autoritário e administravam as organizações pautados nos princípios clássicos da administração, aceitam o trabalho em equipe, mas acreditam que sempre deveria haver alguém para comandar e dar a última palavra. Pode-se afirmar que essa é a geração dos sacrifícios, em que o dever precede o prazer.³³

1.4.2 *Baby boomers* (1943-1960)

Baby boomers é uma geração considerada como aquela que surgiu no pós-guerra; são aquelas crianças que nasceram após uma explosão populacional, por isso o nome explosão de bebês. Traz consigo esse nome por causa das altas taxas de natalidade verificadas no Ocidente durante esse período.

Esses são os filhos dos veteranos, cresceram na era da globalização, dos movimentos feministas, na luta pelos direitos sociais, época das oportunidades e do otimismo. O lema: “Paz e amor” sintetiza bem a postura da política dos *hippies* que surgiram nessa época, que formaram um movimento por igualdade, direitos civis e militarismo, nos moldes da luta pela não violência de Martin Luther King e Gandhi, mesmo não sendo organizados. Alguns grupos mantiveram uma postura mais anárquica do que anarquista propriamente e defenderam o amor livre e o uso de drogas, como maconha, *haxixe*³⁴, alucinógenos e psilocibina, tendendo à liberação da mente.

Os que conseguiam chegar ao ensino superior se tornaram conhecidos também como *workaholics* (pessoas viciadas em trabalho, que colocavam a carreira à frente da família). Começaram a adaptar-se ao divórcio, à separação. Ainda hoje continuam a definir as gerações como os “antes de nós”, “nós” e “depois de nós”. Falamos aqui de uma geração que teve

³³ CARA, Mariane. **Gerações juvenis e a moda: das subculturas à materialização da imagem virtual**. 2008. Disponível em: file:///C:/Users/hospitaldonotebook/Downloads/7620-22821-1-PB%20(3).pdf. Acesso em: 16 mar. 2016.

³⁴ Haxixe, droga de efeito entorpecente preparada com a resina segregada pelas inflorescências femininas do cânhamo (*Cannabis sativa*), cujo componente ativo é o *tetraidrocanabinol*.

contato com a Guerra Fria, a queda do muro de Berlim, o surgimento da AIDS, a chegada do homem à lua, a TV em cores, disseminada em todos os lares, o telefone celular e as mudanças de conceitos. Entraram na era digital, embora uma parte tenha conseguido isso com muito esforço e outra ainda está apartada das TICs.³⁵ Valorizam a ética na vida pessoal e também na profissional. Embora muitas vezes o discurso seja democrático, possuem dificuldades para trabalhar em grupo e muitos são centralizadores. Segundo Pessini,³⁶ na busca de ascensão profissional, muitos se tornaram independentes e autoconfiantes. Essa é a geração que ainda vai liderar o mundo do trabalho, pelo menos por mais alguns anos, e, ao mesmo tempo, é a geração que está deixando o mercado de trabalho, ou porque está se aposentando, ou porque está sendo substituída pelas gerações seguintes.

No tocante à forma de vestir e na aparência, essa geração foi definida pela tribalização, repartindo-se, de modo especial, as culturas juvenis. Segundo Cara, esta geração possuía ideologias particulares que delimitavam sua forma de interagir com o mundo. Estudando especialmente essa geração, teóricos ingleses iniciaram, entre os anos de 1960 e 1970, estudos pioneiros, focalizando principalmente a realidade da Inglaterra. Baseados em Birmingham, o Centre for Contemporary Cultural Studies, comumente chamado de CCCS, começou a orientar suas reflexões aos itens de consumo dos jovens, sua música, suas roupas e tantos outros signos juvenis característicos de cada subcultura juvenil. Alguns exemplos encontrados pelos estudos de Birmingham foram os *mods*, *punks*, *rastafaris*, *teddy boys*, entre outros. Um dos livros de maior repercussão lançado é *Subculture: The Meaning of Style*, de Dick Hebdige (1979).³⁷

1.4.3 Geração X (1960-1980)

A geração X é a geração compreendida entre os anos de 1960 e 1980. Geração formada pelos filhos da geração *baby boomers*, seus ideais não seguiam nenhum padrão da época; tidos como rebeldes, essa geração viveu uma sociedade em que havia a descrença do governo, a falta de confiança na liderança, o aumento dos divórcios. Foi a partir dessa geração que surgiram as preocupações com o meio ambiente e as questões ecológicas.

³⁵ As Tecnologias de Informação e Comunicação (TICs) podem ser entendidas como um conjunto de recursos tecnológicos que proporcionam um novo modo de se comunicar. Surgiram, no decorrer da história, no cenário da Terceira Revolução Industrial e foram gradualmente se desenvolvendo a partir da década de 1960, ganhando atenção, sobretudo, na década de 1990.

³⁶ Cf. PESSINI; ZACHARIAS, 2013, p. 173.

³⁷ Cf. CARA, 2008.

Essa geração é marcada pelo fim da Guerra Fria, o início da internet, tendo como características: busca pela individualidade, embora demonstrassem saber trabalhar em grupo, maturidade em optar por escolhas de produtos de qualidade, maior valor ao sexo oposto, procura pela liberdade, gosto pelo poder, sintonia com os avanços tecnológicos.

Geração X, com referência ao X da matemática, representando ser uma incógnita a ser descoberta. Pronta para fazer a diferença. Deixando marcas profundas na maneira de ser jovem.

É uma geração sofrida, porque é composta por gerentes, pais de família, professores etc. Essa é a geração do meio. Ela tem certa familiaridade com a tecnologia, porque as pessoas nasceram no período tecnológico. Entram em confronto continuamente com as gerações mais novas. São individualistas, em função disso. Sua característica marcante é fazer várias coisas ao mesmo tempo com medo de perder o poder.

As músicas dessa geração X marcam o início da era dos embalos dançantes, das discotecas, das músicas mais embaladas. Essas mudanças de uma geração para outra mostram como as mudanças no mundo foram ocorrendo.

Um outro fator preponderante na construção do estilo da juventude dos anos de 1980 e 1990 é a música. Muitos adolescentes da geração X procuraram imitar as vestimentas de seus ídolos, reproduzindo a atmosfera das historinhas contadas pelos videocliques. As influências advindas da música vinham de diversas fontes, como o *rap*, *hip hop*, *grunge*, *hard rock*, *new wave*, *pop*, *acid house*, *techno*, entre outras.

A sexualidade foi sendo desvelada e revelada. Dado relevante é que, nessa geração, muitos são filhos de pais separados. São muitas as informações pelas mídias, TV, internet. Gostam de tecnologia, procuram formação e optam por negócios próprios ou procuram carreiras que forneçam segurança, como as dos concursos públicos.

O termo X foi usado por Jane Deverson em um estudo de 1964 a respeito da juventude britânica. Deverson foi convidada pela revista *Woman's Own* para entrevistar os adolescentes para quem era normal manter relações sexuais antes do casamento, que não acreditavam muito em Deus, que não gostavam da Rainha Elizabeth II e não respeitavam os pais.³⁸

As mulheres dessa geração foram as primeiras a adotar papéis sociais mais autônomos. A educação de seus membros foi totalmente influenciada pela televisão, que transformou sua rotina familiar: os pais passaram a castigar os filhos, limitando o acesso a seus programas favoritos, como os desenhos animados, o que constituía um grande castigo. Influenciada pela

³⁸ PESSINI; ZACHARIAS, 2013, p. 173.

TV, foi a geração mais atraída por apelos consumistas. Essa geração teve grande contato com as inovações tecnológicas, assistiu ao surgimento do videocassete, do computador pessoal, da internet e de muitas outras novidades tecnológicas, que começaram a prosperar na sua juventude e continuam num ritmo acelerado nos dias atuais.³⁹

Diante desse cenário de mudanças sociais e evolução tecnológica, os jovens dessa geração apresentam características e estilos de vida diferentes: os revolucionários eram aqueles interessados em política e que manifestavam seus ideais em movimentos estudantis ou em movimentos *hippies*, buscando direitos iguais; os musicais expressavam seus valores e posições político-sociais por meio da música.

Conger⁴⁰ afirma que essa geração possui atitudes diferentes com relação ao trabalho; apesar de ser desconfiada em relação a hierarquias, adota e gosta do trabalho em equipe. São indivíduos independentes, irreverentes, seguindo os passos de seus antecessores imediatos. São fáceis de recrutar, porém, difíceis de manter no trabalho. Trabalham para viver, mas não vivem do trabalho; gostam do dinheiro, porém procuram conciliá-lo com a vida pessoal, procurando o equilíbrio. Buscam e deixam seus empregos, regidos pela necessidade da família.

Outras características dessa geração se referem aos seus comportamentos empreendedores, ambiciosos e imediatistas. A realização não se limita ao aspecto profissional, está também presente na vida pessoal, buscando, ainda, qualidade de vida. De acordo com especialistas no assunto, entre as principais características dos indivíduos da geração X, encontram-se:

- a) busca da individualidade sem a perda da convivência em grupo;
- b) maturidade e escolha de produtos de qualidade;
- c) ruptura com as gerações anteriores;
- d) maior valor a indivíduos do sexo oposto;
- e) busca por seus direitos;
- f) respeito à família menor que o de outras gerações;
- g) procura por maior liberdade.

Inconformados e entusiastas, os integrantes dessa geração promoveram grandes mudanças: dentro de casa começaram a ser donos de seus próprios quartos e tomaram conta

³⁹ Cf. OLIVEIRA, Sidnei. **Geração Y: era das conexões, tempo de relacionamentos**. São Paulo: Clube de Autores, 2008. p. 58.

⁴⁰ Cf. CONGER, Jay. Quem é a geração X? **HSM Management**, São Paulo, n. 11, p. 128-138, nov./dez. 1998. Disponível em: <http://ead.bauru.sp.gov.br/efront/www/content/lessons/25/Texto%202%20-%20Gera%C3%A7%C3%A3o%20X.pdf>. Acesso em: 16 mar. 2016.

de suas individualidades. São influenciados pelo avanço do *marketing* e da publicidade, tanto no universo corporativo quanto no entretenimento.

As pessoas da geração X são egoístas e autossuficientes e buscam, por meio do trabalho, a realização dos desejos materiais e pessoais. Conforme Oliveira, “[...] essa geração é marcada pelo pragmatismo e autoconfiança nas escolhas, e busca promover a igualdade de direitos e de justiça em suas decisões”.⁴¹ Seus representantes são responsáveis por inventar as ferramentas dominantes de comunicação do mundo atual. As empresas que revolucionaram a internet, como Google, Amazon e YouTube, ícones da Web 2.0, foram criadas por pessoas dessa geração.

1.4.4 Geração Y (1980-2000)

A geração Y são os jovens nascidos entre as décadas de 1980 e 1990, tendo características muito especiais, pois acompanharam a nascente revolução tecnológica atual quando crianças. Os integrantes dessa geração são flexíveis, individualistas, competitivos, acostumados a fazer escolhas, fazendo questão de produzir conteúdo, não apenas recebê-lo pronto. Adquiriram uma atitude questionadora, que acaba colidindo com o modelo tradicional de hierarquia. Nasceram em tempos de prosperidade, não temem o desemprego, têm autoconfiança, gastam mais tempo com educação integral, o trabalho é-lhes um meio e não um fim.⁴²

Essa geração se conectou desde cedo com o mundo digital e aprendeu na prática cotidiana como incorporar as novas tecnologias, conseguindo, assim, desenvolver competências diferentes das gerações anteriores ainda ativas no mercado de trabalho: os *baby boomers* e a geração X. Os jovens são considerados ambiciosos, confiantes e acreditam que podem mudar o mundo.

Martin-Barbero

[...] discorre sobre o jovem do século XXI como sendo um ator de ritmo acelerado, que convive nos não-lugares midiáticos, habitante de uma nova territorialização espacial. Penetrar nesse território desterritorializado e nesses “lugares não-lugares”, para encontrar pistas do relacionamento dos adolescentes com o mundo, torna-se um desafio instigante.⁴³

A significância das novas mídias e das tecnologias emergentes é imperativa, da internet ao celular, passando pelos MP3 *players* e tantos outros *gadgets*. As formas

⁴¹ OLIVEIRA, 2008, p. 63.

⁴² LOIOLA, Rita. Geração Y. **Revista Galileu**, São Paulo, n. 219, out. 2009. Disponível em: <http://revistagalileu.globo.com/Revista/Galileu/0,,EDG87165-7943-219,00-GERACAO+Y.html>. Acesso em: 8 maio 2017.

⁴³ MARTIN-BARBERO, Jesús. **Dos meios às mediações**: comunicação, cultura e hegemonia. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2002. p. 87.

comunicacionais são totalmente diferentes se comparadas com as gerações anteriores, e a sociabilidade não é somente feita entre os grupos escolares ou na vizinhança, mas também por meio de mensagens instantâneas *on-line*.

O contato social dos adolescentes cresceu de maneira exponencial a partir das novas tecnologias e aumentou a importância das amizades no dia a dia, fazendo com que o conceito de *belonging* e adesão de Bauman⁴⁴ torne-se ainda mais evidente. Todavia, é necessário enfatizar que essa sociabilidade se diferencia das formas tradicionais, pois é pautada prioritariamente pela superexposição da internet, onde é possível, por exemplo, ter 300 amigos e cada um desses amigos estarem conectados com mais 500, que se relacionam com outros 250 e outras tantas conexões sociais infindáveis, que dão a impressão de um grande número de amizades – linkadas umas às outras pelas redes de relacionamento –, mas que, no fim das contas, resumem-se a poucos relacionamentos concretos fora do mundo virtual.

Em relação ao capital cultural e à aquisição de conhecimento, as pessoas da geração Y vivem num planeta onde a informação transita a todo momento, 24 horas por dia e sete dias por semana, por meio dos recursos crescentes de comunicação que estão à disposição.

Os parâmetros entre o novo e o velho são difíceis de definir, sendo que é possível considerar uma novidade do dia anterior como algo obsoleto e sem importância para o momento. O acúmulo de informações, grande parte das vezes, é um excesso de distração para os adolescentes que, como qualquer outro ser humano, não têm a capacidade de armazenar tantos dados na memória, deixando escapar geralmente aquilo que menos interessa.⁴⁵

Com a relevância inegável do ciberespaço, nota-se que as pessoas da geração Y pertencem a dois mundos: o real e o paralelo – neste caso, o virtual. Muitos deles vivem enfiados no som de seus *i-Pods* e resguardados em seus quartos, para conversar via MSN e espalhar para seus amigos as fotos mais produzidas, com seus rostos e corpos em *zooms* diferenciados e em imagens surpreendentes, trabalhadas por meio do *photoshop* e por outros *softwares* de tratamento de imagem.

Enxerga-se uma estima imperativa pelo visual ideal dentro do universo cibernético. As fotos por eles compartilhadas mostram algo a mais em relação à verdadeira aparência; nelas, eles estão geralmente em poses inesperadas, em ângulos que favorecem seus traços e, muitas vezes, com “consertos” e “arranjos” estéticos que sugerem uma imagem saída de um mundo de faz de conta, o que não necessariamente condiz com a realidade.

⁴⁴ Cf. BAUMAN, Zigmunt. **A sociedade individualizada**: vidas contadas e histórias vividas. Tradução de José Gradel. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2008. p. 93.

⁴⁵ OLIVEIRA, Sidnei. **Geração Y**: o nascimento de uma nova versão de líderes. São Paulo: Integrare, 2010. p. 34.

Enquanto no mundo virtual tudo pode ser retocado e reconstruído, seguindo os padrões estéticos desejados, do outro lado do cabo, fora desse universo ilusório, o desemprego é uma possibilidade nada remota, os vestibulares são cada vez mais concorridos, a liberdade é cerceada pelo perigo das ruas e a atenção da família e dos amigos é superficial. No mundo material, diferenciar-se ou tornar-se uma pessoa destacada dos demais é uma tarefa difícil, por isso, eles preferem primeiramente erigir um estilo de vida no conforto da rede, em que é possível criar e manter uma aparência ideal, para depois realizar tentativas de concretizar essa imagem essencialmente artificial fora do ciberespaço.

Com o direcionamento da vida pautado pelos *bits* e *bytes*, constata-se, na observação comportamental dessa geração, que o *self* do adolescente muitas vezes é inicialmente lapidado pela imagem ideal e ilusória, mantida no universo virtual, para a seguir ser constituído na vida material. Somente depois da formação de um simulacro perfeito via *web* e *games* que a imagem material vai aos poucos se estabelecendo, a ponto de as representações virtuais da realidade tornarem-se o real.

São instantâneos, trabalham para viver, não vivem para trabalhar. Mas podem ser motivados para o trabalho por meio de medidas como horários flexíveis, ambiente de trabalho informal e uma dose exata de supervisão. A tecnologia, as redes sociais influenciam e universalizam a moda, os valores e fomentam o intercâmbio para a formação de novas tribos, mais marcadamente a partir de 1990. Há desde os cabelos moicanos, hipertradicionalistas em relação aos valores, visão e estilos de se vestir dos anos de 1950, aos bermudões que parecem cair do corpo, bonés e aqueles que usam óculos escuros à noite. Gostam de tatuagens, brincos e *piercings*. São dependentes de celular e das redes sociais.

1.4.5 Geração Z (2000 aos dias atuais)

Esta geração é considerada a geração que não vive *off-line*; ou seja, o tempo todo está conectada. A internet, para essa geração, é a principal fonte de entretenimento. Segundo Pessini,

[...] esta geração traz características otimistas e mais pragmáticas (querem começar a vida ganhando bem, com um bom cargo), são menos sonhadores e alienados. Não sabem o que acontece no mundo e, embora não tenham participação política ou qualquer outra forma de engajamento, desejam fazer voluntariado e ter voz ativa nas decisões públicas.⁴⁶

⁴⁶ PESSINI; ZACHARIAS, 2013, p. 175.

Vivem em um mundo sem grandes líderes políticos e obcecados por celebridades; acreditam em Deus, mas não são ligados à ideia de religião; sofrem de maneira aguda por não estarem atualizados com as notícias postadas no Facebook ou no Instagram; escolhem ser inativos, pois acham que as gerações mais velhas trabalham muito e não vale todo esforço; amam seus *smartphones*. Não tendem a ter iniciativas, mas são extremamente “bonzinhos” e “dóceis”.

De forma contundente, outra parte dos jovens dessa geração está se revelando de forma surpreendente. Eles chamam atenção de maneira intrageracional, pois se configuram e são percebidos pelo senso comum que se delineia em grupos diferentes dentro de uma mesma sociedade; são as juventudes que formam tribos com o nível social e econômico similar ou diferenciado, possuem dificuldades e valores bem diversos, pois são parte de bolsões sociais peculiares. Estão vivenciando as inúmeras formas de novas famílias, fazendo parte das violências ou cometendo violências. Estão vivenciando questões ecológicas, os problemas de migração por conflitos religiosos, econômicos e étnicos, a corrupção e a má gestão do serviço público.

As redes sociais, decorrentes das TICs e da rapidez com que a informação circula pela internet e pela imprensa, tornaram-se parte dessa geração, ciente de um poder que nenhuma outra viveu. Determinam o que deve ser consumido, isto é, o que as indústrias devem produzir; determinam a economia e, por consequência, as políticas, pois já perceberam que estão vivendo num mundo contraditório e desigual, onde os direitos humanos nem sempre são divulgados, compreendidos e exercidos.

Manifestações são um marco dessa geração, levando todos os segmentos da sociedade a repensar políticas e ações urgentes para atender as inúmeras reivindicações sobre o sistema de ensino e políticas públicas. Enfim, estão influenciando todas as outras gerações de forma inovadora à medida que expõem os problemas sociais, deixando “a céu aberto” as graves dificuldades intrageracionais e de outras gerações.

Por fim, na tentativa de expor de maneira clara e distinta as diversas etapas ou gerações que definem de modo próprio a identidade de nossa juventude, percebemos que nossa juventude é uma combinação da ética e do trabalho de equipe dos *boomers* com a atitude do “eu consigo fazer” dos veteranos e a segurança tecnológica das gerações Y e Z. Portanto, como cita Hall,⁴⁷ a cultura nacional constrói identidades que são colocadas entre o

⁴⁷ Cf. HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A, 2006. p. 56.

passado e o futuro. Ela se equilibra entre a tentação de retornar às glórias passadas e o impulso por avançar ainda mais em direção à modernidade.

1.4.6 As novas gerações

Cada geração possui um modelo de comunicação predominante que define a linguagem, a forma de comunicação e relação, o comportamento e a visão de mundo de uma época. As atuais gerações analógicas, os pais, os avós e bisavós dos *nativos digitais*,⁴⁸ cresceram com esse tipo de mentalidade comunicativa. A Igreja também segue, em diversas práticas, a lógica da comunicação de massa, seja na forma hierárquica, como a instituição está estruturada, seja em grandes eventos e celebrações litúrgicas.

Em 2017, o papa Francisco e toda a Igreja decidiram interrogar-se sobre o modo de acompanhar os jovens, reconhecer e acolher a chamada ao amor e à vida em plenitude, e também pedir aos próprios jovens que a ajudem a identificar as modalidades hoje mais eficazes para anunciar a Boa Notícia. Propôs uma reflexão acerca da realidade juvenil, delineando aspectos sociais e culturais do mundo juvenil. O Sínodo dos bispos, realizado em Roma em 2018, apresentou no documento preparatório uma espécie de mapa, com o levantamento de dados pertinente ao nosso estudo.

Hoje as jovens gerações são caracterizadas pela relação com as modernas tecnologias da comunicação e com aquilo que normalmente é chamado o “mundo virtual”, mas também tem efeitos muito reais. Ele oferece possibilidades de acesso a uma série de oportunidades que as gerações precedentes não tinham, e ao mesmo tempo apresenta riscos. No entanto, é de grande importância que se preste atenção ao modo como a experiência de relações tecnologicamente mediadas estrutura o conceito do mundo, da realidade e das relações interpessoais, e é com isto que é chamada a medir-se a ação pastoral, que tem necessidade de desenvolver uma cultura adequada.⁴⁹

No tocante às novas gerações, ele tocou na condição dos jovens que vivem atualmente uma geração completamente diferente da dos seus pais. O ambiente já não é mais o mesmo; fala-se do ambiente globalizado, multicultural, virtual e em redes. Em muitos lugares do mundo, os jovens vivem e fazem experiências diferenciadas que nos permitem identificar algumas características dos jovens do nosso tempo.

⁴⁸ Em 2001, o termo nativo digital foi utilizado pela primeira vez por Marc Prensky, escritor e palestrante americano especializado em educação. A expressão foi criada no início do século XXI para definir aqueles que nasceram e cresceram a partir de 1980, em uma cultura digital e que, por isso, teriam habilidades diferenciadas, como processar múltiplas vias de informação e usar intuitivamente as ferramentas tecnológicas.

⁴⁹ SÍNODO DOS BISPOS. **Os jovens, a fé e o discernimento vocacional**: Documento Preparatório. Brasília, DF: Edições CNBB, 2017. p. 8.

A tecnologia e os novos meios digitais são realidades concretas na vida do jovem. Como nativos digitais, eles tornaram este ambiente real e habitável, pois os mesmos se fazem presente. Nesse espaço, a juventude vai cunhando sua própria identidade como ser pessoa. Essa nova maneira que vai se configurando por meio da cultura digital estabelece entre os jovens uma nova maneira de se relacionarem consigo, com o outro e com o mundo. O papa Francisco ressalta: “[...] entre uma Igreja acidentada que sai pela estrada e uma Igreja doente de autorreferencialidade, não hesito em preferir a primeira [...]. Entre estas estradas estão também as digitais congestionadas de humanidade, muitas vezes ferida”.⁵⁰

Ainda, Padre Antonio Spadaro, jesuíta italiano, criador da ciberteologia, contribui dizendo que

A cultura digital pretende tornar o ser humano mais aberto para o conhecimento e as relações. A ela não faltam ambiguidade e utopia. De qualquer maneira, a internet e a sociedade baseada nas redes de conexão começam a colocar desafios realmente importantes não só para a pastoral – já aceitos há tempos pela Igreja –, mas também pela própria compreensão da fé cristã a partir de sua linguagem de expressão.⁵¹

Atualmente são inúmeros desafios que os jovens encontram diante do seu universo juvenil. Diante das novas gerações, evidenciamos a necessidade que os jovens têm de ter próximo uma figura de referência, alguém que lhes inspire confiança e honestidade. Estamos diante de uma geração hiper-conectada, caracterizada pela relação com as tecnologias modernas da comunicação, que lhe oferece um mundo de portas abertas através de um *click*. O Sínodo dos bispos ressalta a importância de olhar esse ambiente virtual com um olhar de possibilidades. Segundo ele, “[...] a experiência de relações tecnologicamente mediadas estrutura o conceito do mundo, da realidade e das relações interpessoais, e é com isto que é chamada a medir-se a ação pastoral, que tem necessidade de desenvolver uma cultura adequada.”⁵²

Desse modo, ter a noção daquilo que está acontecendo no âmbito juvenil é de fundamental importância para compreender as dimensões, ter noção das mudanças que estão acontecendo, as novas produções do ponto de vista da linguagem, as novas interações, os novos meios de relacionamentos e as novas formas de ser no tempo contemporâneo.

⁵⁰ FRANCISCO, Papa. **Comunicação ao serviço de uma autêntica cultura do encontro**: Mensagem do papa Francisco por ocasião do 48º Dia Mundial das Comunicações Sociais. 2014. Disponível em: http://www.vatican.va/content/francesco/pt/messages/communications/documents/papa-francesco_20140124_messaggio-comunicazioni-sociali.html. Acesso em: 8 nov. 2020.

⁵¹ SPADARO, Antonio. **Ciberteologia**: pensar o cristianismo nos tempos da rede. São Paulo: Paulinas, 2012. p. 42.

⁵² SÍNODO DOS BISPOS, 2017, p. 9.

1.5 Considerações antropológicas, sociológicas e psicológicas da juventude

Como podemos compreender, os desafios diante da realidade juvenil não são nada simples, mas nos projetam numa situação elevada e de intensa complexidade, deste modo, para que sejam analisadas é preciso de paciência e de prudência, de calma e de profundidade, de coragem e de perspicácia.

Muitas são as definições, abordagens e conceptualizações acerca da temática juventude. Aqui apresentaremos algumas considerações que ao longo da história contribuíram para que chegássemos a um aprofundamento da categoria juvenil. Trata-se, porém, de uma busca que vem se consolidando há séculos e que à margem das ciências modernas encontramos características que nos direcionam para a adolescência ou para a juventude.

De acordo com Adélia Enéas e Adélia Augusta, os diversos termos que são designados para definir esta fase da vida, que permeia da infância à idade adulta, sofrem algumas mudanças, de acordo com a posição dos olhares que são lançados para esta categoria. A expressão *puberdade*, própria das ciências médicas, refere-se às mudanças corporais, tendo a maturidade do aparelho reprodutor como um dos pontos-chave para determinar seu início e seu fim. O termo *adolescência* é mais ligado à Psicologia, e é conceitualmente relacionado com mudanças no comportamento, na personalidade e na mente. O termo *juventude*, mais utilizado pelas Ciências Sociais, especialmente a Sociologia, vincula-se ao processo de socialização e suas decorrências.⁵³

A Psicologia muito contribuiu para o entendimento do ser humano, diante da construção da personalidade, no delineamento de suas fases. Teóricos como Erik Erikson criaram diversos conceitos para definir esta fase da vida que chamamos de adolescência. Esta será por ele chamada de estágio psicossocial, pois é o momento da vida em que é definida a identidade do sujeito e marca o início de uma nova etapa.

A ideia pensada por grandes teóricos é justamente apresentar a pessoa que está numa etapa de formação ou inacabada. Ele pode tornar-se um ser na sua integridade, mas este jovem de quem estamos falando está em seu tempo de aprendizagem para assumir posteriormente uma condição adulta. Por isso, não podemos negar que o jovem tem uma história, que já vem sendo construída desde o período de sua infância, e que o levará a uma personalidade

⁵³ TRANCOSO, Alcimar Enéas Rocha; OLIVEIRA, Adélia Augusta Souto. Juventudes: desafios contemporâneos conceituais. **Estudos Contemporâneos da Subjetividade**, Campos dos Goytacazes, v. 4, n. 2, p. 262-273, 2014. Disponível em: <http://www4.pucsp.br/nexin/artigos/download/juventude-desafios-contemporaneos.pdf>. Acesso em: 27 fev. 2019. p. 264.

singular. Nesse sentido, a psicologia da personalidade pode ser definida como o estudo científico das forças psicológicas que tornam as pessoas exclusivamente únicas.

Para a Sociologia, considerando os fatores sociais que identificam os jovens, a identidade é o que nos diferencia um dos outros, e o que nos caracteriza como pessoa ou como grupo social. Ela é definida pelo conjunto de papéis que desempenhamos e é determinada pelas condições sociais decorrentes da produção da vida material. Quando nos referimos à identidade cultural, estamos nos referindo ao sentimento de pertencimento a uma cultura nacional, aquela na qual nascemos, ou aquela à qual pertencemos ao longo de nossas vidas.

Numa compreensão sociológica, Hall apresenta a identidade como aquela que muda de acordo com a forma como o sujeito é interpelado ou representado; ela é automática e nos apresenta três modos ou concepções do sujeito inserido na transição do mundo moderno:⁵⁴

- a) sujeito do Iluminismo: baseia-se na concepção da pessoa humana como totalmente centrada, unificada, referente a uma concepção individualizada e o centro essencial do eu corresponde a sua identidade;
- b) sujeito sociológico: à medida que o mundo se torna mais complexo, emerge a consciência de que essa essência do interior do sujeito, que determina sua identidade, inexiste. O sujeito não é autônomo ou autossuficiente, mas é formado a partir de outras pessoas que lhe remetem os valores e os símbolos da cultura. Assume que a identidade é formada na interação entre o sujeito e a sociedade, por isso, sociológica;
- c) sujeito pós-moderno: há uma espécie de perda, como diz o autor, denominada como crise de identidade. Esta é vista como parte do processo mais amplo de mudança, que está deslocando as estruturas e os processos centrais das sociedades modernas e abalando os quadros de referência que davam uma ancoragem estável ao mundo social.

Essas concepções são o resultado de transformações nas concepções de gênero, sexualidade, etnias, raça e nacionalidade, que eram sólidas e estáveis, mas foram quebradas a partir do Iluminismo.

Tendo como foco principal o sujeito pós-moderno, este é possuidor de uma identidade estável que está se fragmentando e sendo composta por várias outras identidades. Esse sujeito

⁵⁴ Cf. HALL, 2006, p. 10.

não tem uma identidade fixa, essencial ou permanente, o que o torna diferente dos outros sujeitos elencados acima.

As transformações associadas à modernidade libertaram o indivíduo de seus apoios estáveis nas tradições e nas estruturas. Na modernidade tardia, o sujeito foi sendo deslocado de sua identidade e o indivíduo foi descentrado. Desse modo, o homem racional e científico passou a ser o norteador dessa nova identidade.

Partindo da distinção da modernidade sólida e líquida, reconhecemos todo processo de mudança inerente a essa transformação social. Diante da realidade sólida, a identidade se destacava como parte integrante da nação e do Estado. Com o nascimento da modernidade líquida, o que destacamos como elemento norteador é a descontinuidade. Se por um lado temos uma identidade rígida, estável e fixa, por outro, temos uma identidade que evita todo e qualquer tipo de estabilidade. Esta está inteiramente aberta a novas opções.

Bauman vai dizer que

[...] a modernidade se especializou em transformar as coisas *zuhanden* (a mão) em *vorhanden* (simplesmente dadas). Ao colocar o mundo em movimento, ela expôs a fragilidade e a instabilidade das coisas e abriu a possibilidade (e a necessidade) de remodelá-las.⁵⁵

A ideia trabalhada por ele nos remete à mudança de realidade. Os sólidos podem ser derretidos, mas o são para moldar novos sólidos, com melhores formas e mais bem adaptados à felicidade humana do que os antigos, e também mais sólidos; assim, mais garantidos do que os antigos costumavam ser.

Desse modo, vamos percebendo que a identidade é realmente algo formado, ao longo do tempo, por meio de processos inconscientes, e não algo inato, existente na consciência no momento do nascimento. Não estamos tratando de coisas acabadas, mas algo que está em andamento. A grande preocupação nesse contexto de mudança é justamente o que virá depois, e se realmente irá permanecer. Há a suspeita de que esta nova estrutura, conquistada com tanta dificuldade, seja logo destruída.

Contudo, segundo Hall,⁵⁶ a identidade plenamente unificada, completa, segura e coerente é uma fantasia. Ao invés disso, à medida que os sistemas de significação e representação cultural se multiplicam, somos confrontados por uma multiplicidade desconcertante e cambiante de identidades possíveis, com as quais, em algum momento, poderíamos nos identificar, ao menos temporariamente.

⁵⁵ BAUMAN, 2008, p. 181 (grifo do autor).

⁵⁶ Cf. HALL, 2006, p. 13.

1.6 Juventude e a pós-modernidade

A pós-modernidade é o desencantamento de um futuro certo e garantido promovido pelas leis da história. Ela pode ser descrita quando as grandes narrativas entram em crise, e essas grandes narrativas são as explicações sobre a história, sobre o mundo e sobre o futuro. Dentre elas, temos o Cristianismo e as demais religiões, o marxismo e o iluminismo. Para alguns autores modernos, essas narrativas seriam como explicações totais do mundo; assim, por meio da pós-modernidade, nega-se qualquer fundamentação ou filosofia última que se mostre detentora da verdade, aqui se denominando como uma visão equivocada da realidade.

Nesse sentido, as metanarrativas estão no contexto da teoria crítica e do pós-modernismo, um esquema de cultura global e totalizador que organiza e explica conhecimento e experiência.

Estamos no século XX, momento em que a sociedade está fragmentada. O homem deste período possui várias identidades. As relações passam a ser descartáveis e a literatura é multifacetada diante deste contexto. Neste novo momento da sociedade, queremos destacar um filósofo que muito contribui para a leitura de nossa sociedade, Zigmunt Bauman, que pensou sobre essas relações líquidas e sobre o mundo de tempos líquidos. Ou seja, ele mostra o quanto as relações são fragilizadas. Ninguém quer se apegar a ninguém. Tudo é fluido, líquido e passageiro. E ainda diz:

No mundo líquido moderno, de fato a solidez das coisas, tanto quanto a solidez das relações humanas vem sendo interpretadas como uma ameaça: qualquer juramento de fidelidade, compromissos a longo prazo, prenunciam um futuro sobrecarregado de vínculos que limitam a liberdade de movimento e reduzem a capacidade de agarrar no voo as novas e ainda desconhecidas oportunidades. A perspectiva de assumir uma coisa pelo resto da vida é absurdamente repugnante e assustadora.⁵⁷

Como contraponto, Linda Hutcheon, ao tratar do tema da pós-modernidade, apresenta-o como “[...] um fenômeno cultural internacional, pois é basicamente europeu e (norte e sul-americano)”.⁵⁸ Essa leitura de Hutcheon ressalta a compreensão de um fenômeno local e não globalizante, como vemos atualmente.

Pensando numa trajetória acerca do termo pós-moderno, Jean-François Lyotard será o primeiro a trazer uma definição diante deste conceito no final dos anos de 1970. É ele que anuncia o fim das metanarrativas.

⁵⁷ BAUMAN, Zigmunt. **Tempos Líquidos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2009. p. 662.

⁵⁸ HUTCHEON, Linda. **Poética do Pós-modernismo**. Tradução de Ricardo Cruz. Rio de Janeiro: Imago, 1995. p. 20.

Considera-se pós-moderna a incredulidade em relação aos metarelatos. É sem dúvida, um efeito do progresso da ciência; mas este progresso, por sua vez, a supõe. Ao desuso do dispositivo metanarrativo da legitimação corresponde sobretudo a crise da filosofia metafísica e a da instituição universitária que dela dependia.⁵⁹

A juventude, neste contexto pós-moderno, será interpretada segundo a temática da minoria social, pois, como vimos anteriormente, a noção de juventude diante do campo sociológico sofre inúmeras alterações de interpretação ao longo de todo período histórico. A grande virada para o século XX se dá, sobretudo, a partir dos anos de 1950, quando na Europa temos vários movimentos da juventude, principalmente no que tange à contracultura, envolvendo o movimento *hippie*, o *rock and roll*, os movimentos feministas, o movimento negro.

Deste modo, as categorias da sociologia da juventude, quando trabalha a realidade juvenil, ganham uma importância grandiosa no pós-segunda guerra mundial. Aqui nós destacamos as categorias já abordadas anteriormente, que são: geracional (faixa etária), classista (classe social) e a cultura juvenil (valores).

É importante notar que a leitura sobre a juventude, neste contexto contemporâneo, envolve uma categoria de vários elementos. Quando pensamos juventude, não podemos esquecer que estamos falando de uma categoria social típica da sociedade moderna.

Falar, portanto, de juventude é tratar de várias questões que estão em voga e colocadas em um grande complexo. Por exemplo: a taxa de homicídios no Brasil está muito ligada aos jovens. Nós bem sabemos que a categoria mais vulnerada para ser assassinada no Brasil é a juventude. Podemos ainda fazer um outro recorte que é a juventude negra e periférica. Deste modo, quando pensamos em juventude, estamos falando de uma relação muito restrita e direta na questão das violências.

Assim sendo, diante das grandes instituições (família, escola, igreja, partidos políticos), os jovens e as crianças sempre foram silenciados diante do adultocentrismo, que parte da ideia de que somente adultos têm a possibilidade de dizer o que é certo ou errado. Ou seja, os jovens, neste caso, perderam um espaço de autonomia.

Nos anos de 1960, tivemos jovens vinculados a ideologias. No Brasil, tivemos o movimento tropicalista, que vinculava a música, as produções intelectuais a essa identidade. Na geração a que nos referimos havia algo de muito generoso que caracterizavam os jovens:

[...] a capacidade quase religiosa de comunhão, o impulso irrefreável para a doação. Se houve na história um movimento em que seus componentes não souberam o que

⁵⁹ LYOTARD, Jean-François. **A condição Pós-moderna**. Tradução de Ricardo Correa. Rio de Janeiro: José Olímpio, 2009. p. XVI.

era egoísmo, anulando-se como indivíduos para se encontrar como massa, esse movimento foi a espetacular, pública e gregária geração de 68.⁶⁰

A diversidade cultural que compõe a realidade da juventude é algo muito pertinente à nossa reflexão, pois as juventudes das diversas esferas da sociedade denotam esse pluralismo. Contudo, nosso ponto de partida é pensar a juventude, diante deste contexto, que assume uma nova característica através da mudança social. As novas tecnologias, as redes sociais, o mercado de trabalho, as novas formas de violências etc. são desafios atuais que se apresentam aos jovens pós-modernos. No âmbito religioso também vemos essa diversidade de pertencimentos como: a diminuição dos jovens católicos (dupla pertença), aumento dos evangélicos neopentecostais, aumento dos jovens sem religião. Passamos por um momento dinâmico no mundo religioso; a religião não é a única forma de sentido da vida.

1.7 A cultura juvenil

Para compreender a cultura juvenil, faz-se necessário partir da compreensão do termo cultura, a qual abarca todas as realizações materiais e os aspectos espirituais de um povo. Assim, cultura é tudo aquilo que é produzido pela humanidade, tanto no plano do concreto quanto do imaterial, desde os artefatos, objetos, ideais e crenças. Disso se concebe que a cultura juvenil é o complexo de conhecimentos, habilidades, produções, experiências e contextos que envolvem as diversas juventudes e caracterizam seus modos de ser e estar no mundo, formando tessituras diversas.

O conceito de cultura também traz a junção de vários conceitos e terminologias para a tessitura das diversas condições juvenis. Nossa intenção é apresentar como ambos os conceitos se desenvolvem diante do pano de fundo de um resgate histórico.

Para aprofundar essa compreensão, é necessário fazer um resgate, com alguns acenos históricos, como dito anteriormente, pois pensar uma ideia acerca das juventudes é entender que esse conceito surge no concreto da história. O que temos atualmente não conseguimos denominar, em razão de suas mudanças contemporâneas. Diante dessa reflexão, não podemos naturalizar a ideia de jovem, porque ele foi se modificando ao longo da história. A realidade moderna nos apresenta a pergunta: “O que é o jovem?”. E a realidade pós-moderna nos responde: “Não existe jovem, existem jovens”.

Numa visão sociocultural, o período da juventude pode ser compreendido por meio de sua maturidade, pois é preciso enfatizar que todo jovem, em sua dimensão mais humana, é

⁶⁰ VENTURA, 2018, p. 93.

também portador de características e idiossincrasias peculiares. Segundo Pessini, “[...] a representação da juventude como um período ideal da existência é tão forte e impactante que os indivíduos, independentemente da idade, são levados a uma identificação emocional com a representação do jovem, dando corpo, vazão ao mito da eterna juventude”.⁶¹

Segundo Bungenstab,

[...] o tempo moderno (com suas características e instituições) promulgou e iniciou uma série de classificações e tentativas de conceituar a juventude. Entender esse processo é importante para realizar o exercício de refletir o que vem sendo a juventude na sociedade contemporânea, ao descrever o surgimento da juventude na sociedade ocidental, diz que esse fato ocorreu no século XVIII com a Revolução Industrial.⁶²

Dessa maneira, retrata que o aparecimento de instituições como família, exército, escola e trabalho foi de fundamental importância para a concretização do conceito de juventude, não como mera fase de transição, mas como categoria social que compôs uma construção no processo social, histórico e cultural.

O mundo contemporâneo nos oferece uma contribuição na compreensão da conceituação das juventudes, em que os jovens constroem sua própria base de compreensão e entendimento social. Desse modo, não falamos de uma juventude única, padronizada ou solidificada em suas estruturas, mas das diversas correntes existentes que caracterizam as juventudes e as fazem se comunicar dentro de contextos sociais diferenciados.

Contudo, podemos perceber que existe uma dinamicidade circulante entre as terminologias, entre as correntes abordadas, fazendo-as, muitas vezes, fundirem-se nos infinitos conceitos e teorias que as perpassam. Tais terminologias justificam suas diversidades conforme as necessidades de suas utilizações, bem como nos contextos específicos em que podem ser empregadas, de acordo com as estruturas sociais vigentes.

Para os indivíduos, o impacto é que, na questão dos afetos, os vínculos sociais se fragmentam e o amor que eles expressam como consumo de felicidade também sofre incertezas. As relações construídas, sobretudo no tocante à vida da juventude, passarão a ser, em muitos momentos, descartáveis. Tecendo relações e, ao mesmo tempo, descartando-as; é o que se constata com uma geração que se mostra cada vez mais conectada, estando *on-line* e, em pouco tempo, *off-line*, desconectada, talvez pela falta de referencial e/ou pela dificuldade de os indivíduos construírem relações duradouras e constantes no tempo.

⁶¹ PESSINI; ZACHARIAS, 2013, p. 273.

⁶² BUNGENSTAB, Gabriel Carvalho. **Zygmunt Bauman**: da juventude sólida para juventude líquida. 2014. Disponível em: <http://www.periodicoeletronicos.ufma.br/index.php/bauman/article/view/2758/3029>. Acesso em: 17 jul. 2017.

Esse contexto está associado ao modo como se consome e produz as coisas. Os vínculos são mais frágeis, descartáveis, efêmeros e voláteis. As relações são construídas e desmontadas, adaptadas e transformadas e, com isso, têm-se uma consequência tremenda nas relações afetivas, produzindo o fenômeno cultural do ficar, típico desse momento histórico em que vivemos.

Segundo Libânio, “[...] a cultura impregna-se do reinado do indivíduo na sua dupla valência de positiva autoconsciência e de negligência, descuido do outro e o brilho aos olhos da estrela do eu”.⁶³

1.8 Contexto geral da Diocese de Mogi das Cruzes

A Diocese de Mogi das Cruzes é a Igreja particular e/ou Igreja local que designa a mesma Igreja Católica Apostólica Romana. É também chamada de Universal, pois, em si compreende teologicamente uma porção do povo de Deus. É chamada de Diocese porque apresenta uma unidade geográfica, caracterizada por sua extensão territorial.

Ela está localizada na região do Alto Tietê, a partir do entorno da nascente do rio Tietê até a Zona Leste da Grande São Paulo, e abrange dez municípios: Arujá, Biritiba Mirim, Ferraz de Vasconcelos, Guararema, Itaquaquecetuba, Mogi das Cruzes, Poá, Salesópolis, Santa Isabel e Suzano. No total, tem uma população de 1.609.801 habitantes, numa área correspondente a 2.521 Km².

Quanto à constituição, formação e desenvolvimento, cada município encontra sua peculiaridade. As características específicas de localização geográfica, pessoas naturais e residentes, recursos naturais, políticas públicas, setores de agropecuária, indústria, comércio e turismo dão à Diocese uma fisionomia formada por uma ampla e profunda diversidade de situações, que requerem um olhar crítico e detalhado. A compreensão de movimentos que operam no interior dessa ampla realidade possibilita apreciar ações socioambientais que faz crescer a cidadania, o desenvolvimento humano e a erradicação da pobreza e da marginalização.

A região recebe esse nome por causa da localização geográfica das cidades. O rio Tietê nasce no município de Salesópolis e percorre parte desses municípios antes de chegar à capital. Todos os municípios pertencem à Região Metropolitana de São Paulo. O Alto Tietê possui uma produção variada, desde artigos manufaturados até verduras e legumes, o que

⁶³ LIBÂNEO, 2014, p. 53.

caracteriza o cinturão verde da região, passando pelas flores e pela água que abastece milhares de pessoas na região e na Zona Leste paulistana. Na região, há polos industriais e estâncias turísticas.

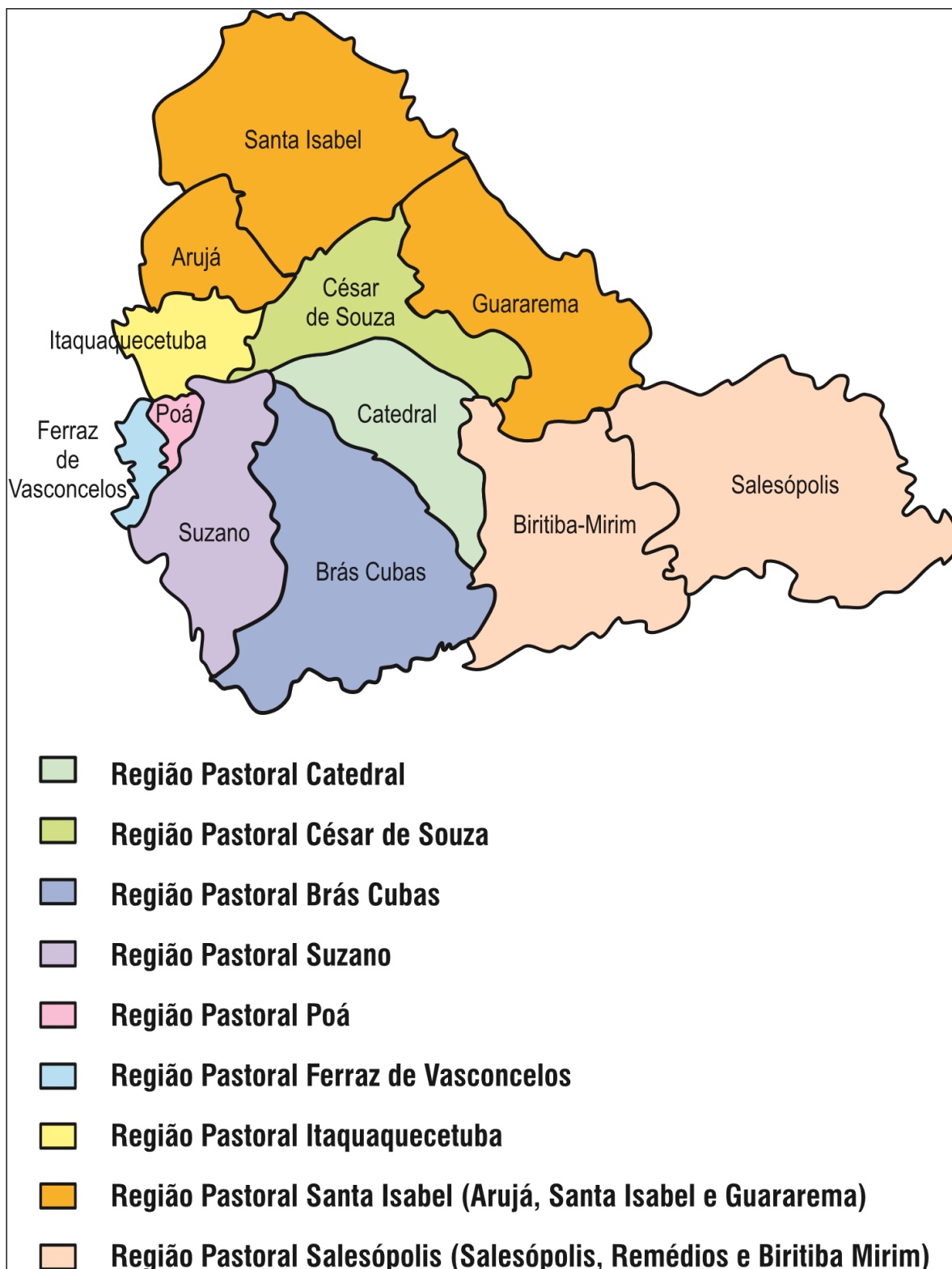
A Diocese de Mogi das Cruzes foi erigida em 09 de junho de 1962, às portas do Concílio Vaticano II, pelo papa São João XXIII, pela bula *Quo Christiana*, sob a predominância da Província Eclesiástica de São Paulo, tendo como primeiro bispo Dom Paulo Rolim Loureiro, de 04 de agosto de 1962 a 02 de agosto de 1975; como segundo bispo, foi eleito Dom Emilio Pignoli, de 04 de julho de 1976 a 09 de junho de 1989; Dom Paulo Mascarenhas Roxo, Opraem, foi eleito terceiro bispo, de 07 de setembro de 1989 a 04 de agosto de 2004; como quarto bispo, foi eleito Dom Airton José dos Santos, de 26 de setembro de 2004 a 15 de abril de 2012; atualmente, o quinto bispo é Dom Pedro Luiz Stringhini, da Diocese de Mogi das Cruzes, desde 19 de setembro de 2012.

A Diocese de Mogi das Cruzes, em sua dimensão pastoral, é subdividida em Regiões Pastorais, as quais reúnem diversas paróquias, favorecendo assim o trabalho pastoral de uma ação em comum.

Segundo o 8º Plano Diocesano de Pastoral, a Diocese de Mogi das Cruzes foi construída por meio de uma forte mobilização popular, social e política. Criou em 1985 o Seminário Diocesano Sagrado Coração de Jesus, casa de formação dos futuros padres, que muito favoreceu para o trabalho da evangelização da Diocese. A casa de formação Tabor, que foi criada em 1989 para a animação e capacitação do movimento leigo presente na diocese, teve grande importância para o protagonismo do leigo na Igreja e na sociedade nos anos 1990 e 2000. O Instituto de Filosofia e Teologia, criado em 1994, hoje faculdade, é visto como marco importante da presença da Igreja em meio a sociedade. Foi criada em 2002 uma escola católica com o nome de Colégio Diocesano Paulo VI, onde se cunhou o compromisso da Diocese com a cultura, a disciplina e a religião.

Desta forma, os marcos da realidade estão caracterizados pelos meios periféricos, urbanos e rurais. No tocante ao desenvolvimento e crescimento da Diocese, tivemos diversas paróquias que enfrentaram os desafios do campo frente ao crescimento populacional e urbano, cidades que cresceram demasiadamente sem nenhuma forma de planejamento e infraestrutura. Tudo isso gerou consequências grandiosas no contexto social, que fez com que as ocupações fossem cada vez mais irregulares, causando transtornos e problemas sociais, como falta de emprego, de saúde, falta de segurança, devastação ambiental, entre tantos outros.

Figura 1 – Território geográfico da Diocese de Mogi das Cruzes



Fonte: Diocese de Mogi das Cruzes. 8º Plano Diocesano de Pastoral 2016-1029. Mogi das Cruzes, 2016. p. 14.

A realidade eclesial presente na Diocese de Mogi das Cruzes compreende, como foi dito, 10 municípios, sendo 9 regiões pastorais, fortalecendo 79 paróquias e assistindo 380 comunidades.

A Diocese de Mogi das Cruzes possui uma extensa caminhada no esforço de levar o anúncio do Evangelho a todas as pessoas. Existente há 58 anos, não podemos deixar de destacar a presença massiva de leigos dotados do ardor missionário e animados pelo dinamismo das paróquias e comunidades. Uma peculiaridade dessa missão evangelizadora é a busca pela formação bíblico-doutrinário-litúrgica, as experiências de fé e espiritualidades. Diante de um olhar crítico, apresentamos aquilo que se revela como desafios a esta missão da Igreja, como: falta de um plano de pastoral que seja efetivo e eficaz à vida da Diocese; surgimento de novas paróquias, sem a preparação das mesmas para sua vida pastoral; falta de identidade num clero indiferente aos problemas diocesanos; migração religiosa; fragilidade e afastamento da vida comunitária; e redução das atividades pastorais para a busca de sacramentos.

A Diocese de Mogi das Cruzes conta com a presença de 143 presbíteros, sendo 91 incardinados trabalhando na Diocese; 9 incardinados residindo fora da Diocese; 15 provindos de outra circunscrição eclesiástica *Fidei Donum*; 28 religiosos. Conta ainda com: 42 diáconos permanentes, 58 irmãos, 60 religiosas e 40 seminaristas no processo formativo nos seminários. No tocante à juventude, conta com um padre responsável pela juventude, com a assessoria conjunta de dois religiosos e uma equipe de núcleo de 12 pessoas.

Não obstante todo esforço de agentes de pastoral e de agentes públicos, desde a criação da Diocese, em 1962, e mudanças profundas e até mesmo radicais na estrutura social, política e ambiental, nesses dez municípios pode-se visualizar e encontrar alguns desafios acerca dessa realidade:

- a) enormes e gritantes desigualdades humanas e socioambientais que provocam um profundo mal-estar nos direitos da dignidade da pessoa humana;
- b) áreas de agropecuária e áreas industrializadas com diferentes graus de crescimento, tecnologia, remuneração salarial e desenvolvimento;
- c) setores de comércio que oferecem de artigos de luxo a produtos mais simples, e aqueles diretamente essenciais e necessários à vida humana;
- d) setor de serviço ainda centralizado nos centros dos municípios;
- e) setor educacional que se expande por quase todos os municípios, do nível básico (implantado e consolidado) ao superior, de forma presencial ou a distância;

- f) municípios com características de alto desenvolvimento de educação, renda, habitação, infraestrutura e acesso a um médio e alto nível de conforto e luxo, e municípios que apresentam indicadores socioambientais de muito baixo nível. Em um mesmo município, é possível encontrar três realidades que convivem: uma pequena classe rica, uma classe média generalizada e um contingente enorme de pessoas em situações precárias;
- g) o crescimento vertiginoso de pequenas denominações religiosas que avançam e se multiplicam em quase toda a periferia e grandes denominações religiosas que crescem em áreas centrais, amparadas pelo uso maciço dos meios de comunicação social.

Mas, ao mesmo tempo em que existem gravíssimos desafios socioambientais, deve-se afirmar que, desde 1962, a ação e o engajamento dos agentes de pastoral da Diocese realizam e encorajam mudanças de valores e atitudes, mesmo em um cenário socioeconômico tão diverso e conflitante.

Tabela 1 – Indicador da população de acordo com o número de habitantes residentes

Municípios	População Censo 2010	População estimada 2020	Crescimento (%)	Grau de urbanização (%)
Arujá	74.905	89.824	19,91	96,31
Biritiba Mirim	28.575	32.406	13,40	87,23
Ferraz de Vasconcelos	168.306	194.276	15,43	95,51
Guararema	25.844	29.798	15,29	86,05
Itaquaquecetuba	321.770	370.821	15,24	100,00
Mogi das Cruzes	387.779	445.842	14,97	92,75
Poá	106.013	117.452	10,79	96,52
Salesópolis	15.635	17.139	9,61	66,36
Santa Isabel	50.453	57.386	13,74	81,17
Suzano	262.480	297. 637	13,39	96,48

Fonte: Elaborado pelo autor com base nos dados do IBGE, 2020.

Aqui, apresentamos os números que apresentam a realidade populacional de cada município, levando em consideração o crescimento equivalente a 10% nesses últimos 10 anos, e o percentual da população urbana em 2020 com relação à população total. Em termos populacionais, podemos identificar vários indicadores que nos ajudam a compor o quadro geral da Diocese de Mogi das Cruzes.

Tabela 2 – Área territorial e a densidade demográfica segundo o número de habitantes por km²

Municípios	Área territorial (km²)	Densidade demográfica Habitantes/km²
Arujá	96,167	933,18
Biritiba Mirim	317,406	101,88
Ferraz de Vasconcelos	29,564	6530,35
Guararema	270,816	108,67
Itaquaquecetuba	82,622	4485,46
Mogi das Cruzes	712,541	607,55
Poá	17,496	6693,97
Salesópolis	424,997	39,62
Santa Isabel	363,332	151,61
Suzano	206,236	1410,99

Fonte: Elaborado pelo autor com base nos dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), 2020.

Nota-se que, em termos territoriais, existem algumas discrepâncias no tocante ao número de habitante por km². Mogi das Cruzes, com a maior área territorial, abriga 607,55 habitantes por km²; já Poá, o menor município dentre os demais, é aquele que acomoda o maior número de habitante por km² (6.693,97). Diferentemente de Itaquaquecetuba, que é um dos municípios mais populosos e que tem comportado 485,46 habitantes/km².

Tabela 3 – População jovem e com menos de 15 anos

Municípios	Jovens 10-29 anos	População com menos de 15 anos (%)
Arujá	27.098	21,53
Biritiba Mirim	10.176	20,75
Ferraz de Vasconcelos	64.336	21,48
Guararema	9.075	20,16
Itaquaquecetuba	124.601	22,35
Mogi das Cruzes	134.652	19,84
Poá	38.386	18,07
Salesópolis	5.279	21,84
Santa Isabel	17.615	20,10
Suzano	95.582	20,75

Fonte: Fundação Sistema de Análises de Dados (SEADE), Perfil dos Municípios Paulistas, 2020.

De acordo com a população de cada município, o IBGE apresenta o número de pessoas entre 10 e 29 anos que ali residem e que correspondem à faixa etária juvenil. Numa perspectiva de pensar a realidade do adolescente, apresentamos também a população que se apresenta com menos de 15 anos de idade, levando em consideração também as crianças neste patamar.

Tabela 4 – Indicador do salário mensal dos trabalhadores formais

Municípios	Média do salário mensal	Rendimento médio dos empregos formais
Arujá	3,0	2 895,72
Biritiba Mirim	2,2	2 031,41
Ferraz de Vasconcelos	2,4	2 702,33
Guararema	3,0	2 876,81
Itaquaquecetuba	2,6	2 584,36
Mogi das Cruzes	2,7	2 608,81
Poá	2,2	2 378,26
Salesópolis	2,0	1 786,93
Santa Isabel	1,6	2 325,88
Suzano	3,0	2 876,83

Fonte: Instituto Brasileiro de Geografia e Estatísticas (IBGE), 2017.

Tabela 5 – Rendimento médio do total de empregos formais

Municípios	Valor Adicionado (em mil reais)			
	Agropecuária	Indústria	Serviços	
			Administração Pública	Total (excluindo Administração Pública)
Arujá	24.931	754.285	352.025	3.360.070
Biritiba-Mirim	293.618	36.811	113.533	235.321
Ferraz de Vasconcelos	1.752	829.615	592.288	1.300.467
Guararema	34.386	241.056	120.746	386.787
Itaquaquecetuba	9.327	1.442.157	1.168.908	3.457.623
Mogi das Cruzes	341.253	3.203.830	1.460.490	7.617.187
Poá	2.156	692.289	503.105	1.280.272
Salesópolis	18.432	10.415	62.429	9932
Santa Isabel	49.599	274.537	208.555	659.455
Suzano	234.421	3.962.427	993.290	4.005.975

Fonte: Instituto Brasileiro de Geografia e Estatísticas (IBGE), 2018.

Tabela 6 – Produto Interno Bruto (PIB) da Diocese de Mogi das Cruzes

Municípios	Valor adicionado (em mil reais)	Impostos (em mil reais)	PIB (em mil reais) (1)	PIB per capita (em reais) (2)
Arujá	4.491.311	820.566	5.311.877	62.283
Biritiba-Mirim	679.283	25.324	704.607	22.587
Ferraz de Vasconcelos	2.724.122	265.738	2.989.860	16.111
continua				

conclusão				
Municípios	Valor adicionado (em mil reais)	Impostos (em mil reais)	PIB (em mil reais) (1)	PIB <i>per capita</i> (em reais) (2)
Guararema	782.975	177.985	960.960	33.920
Itaquaquecetuba	6.078.015	854.283	6.932.298	19.500
Mogi das Cruzes	12.622.760	1.847.863	14.470.623	34.496
Poá	2.477.822	1.738.800	4.216.622	37.375
Salesópolis	190.707	9.914	200.622	12.183
Santa Isabel	1.192.146	161.486	1.353.632	25.185
Suzano	9.196.114	1.564.969	10.761.082	38.102
(1) O PIB do município é estimado somando os impostos ao VA total.				
(2) O PIB <i>per capita</i> foi calculado utilizando a população estimada pela Fundação SEADE (Fundação Sistema Estadual de Análise de Dados).				
Nota: Dados sujeitos à revisão.				

Fonte: Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE); Fundação Seade, 2017.

O PIB apresentado das cidades da Diocese de Mogi das Cruzes representa o desempenho econômico de cada cidade no período de um ano. Aqui apresentamos a soma anual de todas as atividades produtivas (bens e serviços) do município. Por meio desse indicador, podemos ter uma noção clara do mapa econômico da área em questão.

Tabela 7 – Taxa de analfabetismo

Municípios	Taxa de analfabetismo da população de 15 anos e mais (%)	Taxa da população de 18 a 24 anos com pelo menos Ensino Médio completo (%)
Arujá	4,91	60,65
Biritiba Mirim	8,79	53,47
Ferraz de Vasconcelos	4,91	56,57
Guararema	7,17	54,54
Itaquaquecetuba	5,66	47,84
Mogi das Cruzes	3,96	60,40
Poá	3,30	66,66
Salesópolis	9,18	58,24
Santa Isabel	7,49	57
Suzano	4,85	61,88

Fonte: Perfil dos Municípios Paulistas (SEADE), 2020.

No âmbito da educação, um indicativo bastante importante é o percentual de pessoas alfabetizadas. No Brasil, segundo a Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua (PNAD Contínua) de 2018, a taxa de analfabetismo de pessoas de 15 anos ou mais foi

estimada em 6,8%, correspondendo a 11,3 milhões de analfabetos. Na tabela acima, apresentamos as referências acerca da realidade estudada a partir do Censo de 2010 (perfil.seade.gov.br – 2010).

Tabela 8 – Nascidos vivos, nascidos mortos, óbitos neonatais precoces e perinatais e taxas de mortalidade

Municípios	Nascidos		Óbitos		Taxas (1)	
			Neonatais	Perinatais	Natimor-	Perinatal
	Vivos	Mortos	Precoces	(2)	talidade	
Arujá	1.365	14	11	25	10,2	18,1
Biritiba-Mirim	394	1	-	1	2,5	2,5
Ferraz de Vasconcelos	2.748	25	13	38	9,0	13,7
Guararema	424	-	2	2	-	4,7
Itaquaquecetuba	6.035	48	31	79	7,9	13,0
Mogi das Cruzes	6.515	43	38	81	6,6	12,4
Poá	1.680	15	7	22	8,8	13,0
Salesópolis	226	1	1	2	4,4	8,8
Santa Isabel	703	4	5	9	5,7	12,7
Suzano	4.587	32	31	63	6,9	13,6
(1) Por mil nascidos vivos + nascidos mortos.						
(2) Nascidos mortos + óbitos neonatais precoces.						

Fonte: Perfil dos Municípios Paulistas (SEADE), 2018.

Tabela 9 – Indicador Paulista de Responsabilidade Social

Municípios	Grupo	Riqueza	Longevidade	Escolaridade
Arujá	Desiguais	42	65	57
Biritiba-Mirim	Em transição	33	80	48
Ferraz de Vasconcelos	Em transição	31	69	48
Guararema	Dinâmicos	41	69	58
Itaquaquecetuba	Vulneráveis	33	66	43
Mogi das Cruzes	Dinâmicos	39	72	57
Poá	Desiguais	39	68	57
Salesópolis	Equitativos	28	75	54
Santa Isabel	Equitativos	35	69	60
Suzano	Em transição	38	68	54

Fonte: Índice Paulista de Responsabilidade Social de São Paulo (SEADE), 2018.

O Indicador Paulista de Responsabilidade Social (IPRS) é composto por três indicadores: riqueza, longevidade e escolaridade, tendo sido criado para servir como parâmetro de mensuração do grau de desenvolvimento humano dos municípios paulistas.⁶⁴

⁶⁴ Cf. FUNDAÇÃO SISTEMA ESTADUAL DE ANÁLISE DE DADOS (SEADE). **Índice Paulista de Responsabilidade Social – IPRS: Metodologia**. São Paulo, 2020. Disponível em: http://www.iprs.seade.gov.br/downloads/pdf/metodologia_do_iprs_2018.pdf. Acesso em: 28 abr. 2020.

- a) O indicador de riqueza adotado no IPRS é composto por: PIB per capita (25%), remuneração dos empregados formais e benefícios previdenciários (25%), consumo residencial de energia elétrica (25%), consumo de energia elétrica na agricultura, no comércio e nos serviços (25%);
- b) O indicador de longevidade é composto por: mortalidade perinatal (30%), mortalidade infantil (30%), mortalidade de pessoas de 15 a 39 anos (20%), mortalidade de pessoas de 60 a 69 anos (20%);
- c) O indicador de escolaridade é composto por: proporção de alunos da rede pública com nível adequado nas provas de língua portuguesa e matemática – no 5º ano do ensino fundamental (31%), no 9º ano do ensino fundamental (31%) –, taxa de atendimento escolar na faixa de 0 a 3 anos (19%), taxa de distorção idade-série no ensino médio (19%).

Segundo a seleção de grupos apresentados pelo IRPS, podemos dizer que: *desiguais* são os municípios com níveis de riquezas mais elevados, mas indicadores sociais insatisfatórios; *dinâmicos* são os municípios com índice elevado de riqueza e bons níveis de indicadores sociais; *em transição* são os municípios com baixos níveis de riquezas e indicadores intermediários de longevidade e/ou escolaridade; *equitativos* são os municípios com baixos níveis de riqueza, mas bons indicadores sociais; *vulneráveis* são os municípios mais desfalecidos do Estado, tanto em riqueza como nos indicadores sociais.

1.8.1 Realidade urbana

Os indicadores sociais das cidades com características urbanas da região do Alto Tietê são diferentes pelo fato de que nessas cidades há ainda muitas periferias que necessitam de urgentes ações de caráter urbanístico social, tais como: Mogi das Cruzes, Suzano, Poá, Itaquaquecetuba e Ferraz de Vasconcelos.

Os padrões de vida social, econômica e cultural apontam que os municípios da Diocese de Mogi das Cruzes buscam urbanizar-se sempre mais. As cidades, por exemplo, que sofrem com as enchentes vêm recebendo toda a infraestrutura que modifica a recepção das águas pluviais. É ainda notório que encontramos nessa questão o sofrimento populacional acerca dos alagamentos.

Vale a pena destacar a grande importância que tem o âmbito educacional da Diocese, a presença de duas escolas católicas: uma em Mogi das Cruzes, o Instituto Dona Placidina, que

acolhe centenas de crianças e jovens e contribui na sincera utopia de uma cidade culturalmente mais avançada; a outra sediada em Suzano, o Colégio Paulo VI, que tem se tornado referência para a educação da região, frente ao caos que se instalou no sistema educacional do Estado de São Paulo.

A herança católica, implantada pelos jesuítas em Itaquaquecetuba e Mogi das Cruzes, desde 1600, e transmitida de geração em geração, continua a se manter viva, porém, com menos intensidade pelo crescimento das Igrejas neopentecostais.

Com efeito, a Diocese de Mogi das Cruzes cresceu na fé diante de um amadurecimento quando possibilitou a piedade popular, presente em cada cidade, e a formação, como: criação do Seminário Diocesano, com a preocupação da formação de novos padres; ambientes que ajudam na formação de leigos e leigas, como o Espaço de Convivência Tabor, que funcionava como casa de formação, sobretudo, para a juventude; cursos de Teologia, voltados para as comunidades; e inauguração do Instituto, hoje, Faculdade de Filosofia e Teologia Paulo VI.

Além disso, contamos com a presença de colônias que enriquecem o cenário dessa Igreja local: japoneses, italianos, portugueses, chilenos, libaneses e afrodescendentes, que contribuíram para a evolução cultural e religiosa da região. Grande também é o número de nordestinos que saíram de suas terras, na tentativa de melhores condições de vida, e vieram tentar uma nova forma de vida, por meio do polo industrial e comercial que cresce exponencialmente.

1.8.2 Realidade rural

A Diocese de Mogi das Cruzes tem grande parte de seu território, constituído de áreas rurais, como Biritiba Mirim, Guararema, Santa Isabel, Arujá, Salesópolis, locais em que nos deparamos com uma realidade bem interiorana, de roça e rural.

Ao contrário de muitos que migram do campo para a cidade, nestes municípios predomina o trabalho do campo, acompanhado de uma oportuna política agrária. É tão importante que até hoje existe, no território de Mogi das Cruzes, a Fatec Mogi das Cruzes que é a Instituição Superior do Alto Tietê que oferece para a região o curso de agronegócio.

O agronegócio atrai horticultores e madeireiros, e muitos vivem deste trabalho, como também do trabalho da roça, do artesanato e do turismo. Por causa desse trabalho, acreditam

na força da natureza, do tempo e das estações e conservam as tradições religiosas e de família.

Nos municípios com características mais rurais, os problemas sociais da pobreza, violência e drogas existem, mas não levantam um olhar negativo sobre a juventude e a família, como vemos nos grandes centros paulistanos.

Nota-se pouco a problemática da desigualdade social nos municípios acima citados, pois nas últimas décadas cresceu o aparecimento de muitas residências e mansões que destoam o cenário do mundo rural.

1.8.3 Realidade periférica

Toda a Zona Leste da Região Metropolitana de São Paulo tem uma conotação periférica com cidades que cresceram desordenadamente, como Itaquaquecetuba, Ferraz de Vasconcelos, Suzano e Poá.

As migrações internas acontecidas no Brasil se encontram nessa região da Diocese e experimentam um acelerado crescimento demográfico, como vimos anteriormente (Tabela 1), com uma população que supera 1.279.886 habitantes.

O aumento dos habitantes nessas periferias foi mais rápido do que oferecer a essas famílias os serviços básicos de moradia, saúde e educação. É nesse contexto vulnerável que a juventude se encontra, apesar de tantos outros desafios, como a questão da cor, a pobreza e o desemprego.

Faz-se notar que a maioria da população dessa região estuda e trabalha na Grande São Paulo, o que significa dizer que deixam suas casas diariamente, submetendo-se a transportes públicos de péssima qualidade e ganhando a vida num ambiente que não é o deles.

A ação pastoral nessas áreas foi incisiva e eficaz, implementando projetos de cunho religioso, comunitário e social, visando à formação e à promoção humana das famílias e dos trabalhadores, dos jovens e das crianças.

No tocante à juventude, poucos ou inexistentes são os espaços de entretenimento, de esportes, de diversão e de cultura. Isso torna a realidade periférica um modelo de exclusão social e um polo de expansão para a marginalização, a violência, a drogadição, o desemprego e, sobretudo, o sofrimento do povo pobre.

1.9 Mapeando a situação da juventude na Diocese de Mogi das Cruzes

Para olharmos por onde caminha a juventude da Diocese de Mogi das Cruzes, diante da realidade apresentada acima, traçaremos o perfil e a condição juvenil para desenhar um breve relato da juventude diante do contexto inserido. Contamos com inúmeros dados como violência contra a juventude, as diversas fragilidades de jovens, a vulnerabilidade de jovens mulheres, sobretudo as negras, a violência urbana, a permanência na escola, a forma de inserção no mercado de trabalho, a drogadição, os suicídios (cada vez mais frequentes entre os jovens), a depressão, a taxa de mortalidade por homicídios, os acidentes de trânsito etc.

Para esta análise, vamos contar com a última pesquisa nacional sobre o perfil da juventude, intitulada: *Agenda Juventude Brasil*, de 2013, de caráter nacional, em que se busca levantar questões pertinentes à juventude brasileira, indicativos estatísticos cedidos pela Fundação Seade, como também pelo Departamento Intersindical de Estatísticas e Estudos Socioeconômicos (Dieese) e, de modo mais específico, dados levantados pelo processo de elaboração da XV Assembleia Geral Ordinária de 2018, que trouxe como tema: “Os jovens, a fé e o discernimento vocacional”⁶⁵.

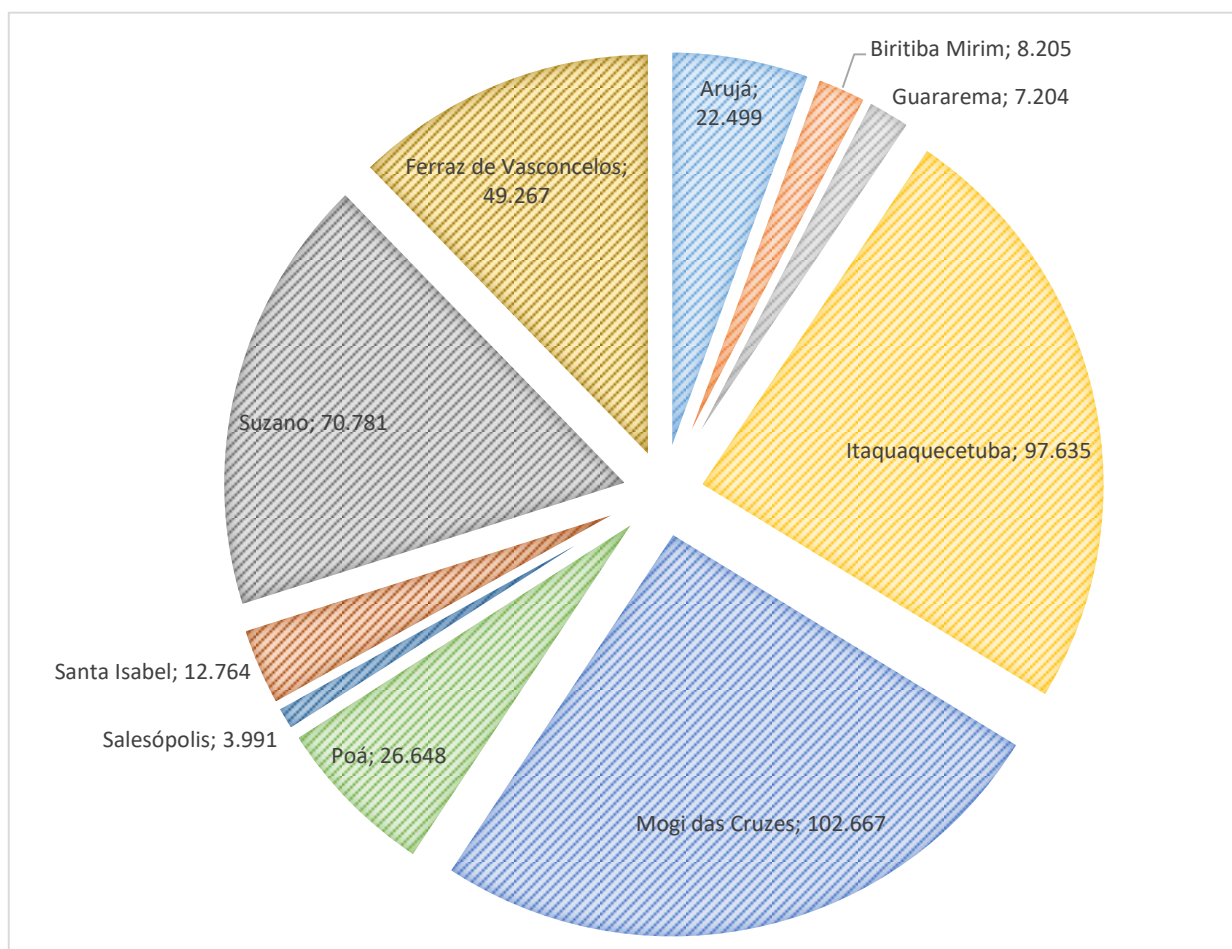
De acordo com a pesquisa *Agenda Juventude Brasil*, a realidade brasileira se apresenta um tanto quanto diversa e em si demonstra uma desigualdade em seu cenário, o que configura em seu contexto diferentes modos de se conceber o universo juvenil.

1.9.1 Juventude e idade

A juventude brasileira nunca esteve tanto em foco como nos últimos anos, sendo ela apresentada como um grupo etário referendado pelo Estatuto da Juventude, no seu artigo 1º, que considera jovem as pessoas com idade entre 15 (quinze) e 29 (vinte e nove) anos de idade.

Segundo o Sistema de Projeções Populacional – Seade 2020, há no território paulista 2.530.154 jovens entre 15 e 29 anos. Destes, a Diocese de Mogi das Cruzes contempla o número de 401.661 jovens, o que equivale a 24,6% da população geral, que compreende 1.626.505. A distribuição, segundo o número de jovens de cada cidade da Diocese, está representada na figura abaixo:

⁶⁵ SÍNODO DOS BISPOS, 2017.

Figura 2 – Jovens na Diocese de Mogi das Cruzes

Fonte: Instituto Brasileiro de Geografia e Estatísticas (IBGE), 2020.

1.9.2 Sexo

Na Diocese de Mogi das Cruzes, a distribuição entre jovens é bem proporcional no segmento juvenil, sendo 202.928 jovens homens e 198.733 jovens mulheres, e a amostra da pesquisa foi elaborada para refletir esses dados: 50,52% jovens homens e 49,47% jovens mulheres.

1.9.3 Cor ou raça

O IBGE, na pesquisa realizada acerca da cor ou raça da população brasileira, apresenta dados com base na autodeclaração de pessoas que foram perguntadas sobre sua cor com as seguintes opções: branca, preta, parda, indígena ou amarela. Desse modo, exhibe-nos uma pesquisa, realizada em 2015, que apresenta os dados nacionais por amostra de domicílios (PNAD). Esse indicativo, embora nos apresente uma visão macro, faz-nos pensar numa

perspectiva regional ou micro, como é a Diocese de Mogi das Cruzes; assim podemos usar como comparativo da realidade brasileira. Segundo a pesquisa sobre as juventudes no Brasil promovida pelo Instituto Brasileiro de Análises Sociais e Econômicas (Ibase), podemos dizer que

[...] as diferenças que se acentuam no estrato juvenil: a porcentagem dos que se declaram brancos cai para 37,5%, e aumenta principalmente o grupo daqueles que se declaram pretos, que chega a 16,2%. Isso pode estar indicando uma tendência de transformação cultural na sociedade brasileira, representada por uma maior potencialidade para a autoafirmação racial diferente da de *branco*.⁶⁶

Tabela 10 – Perfil Cor e Raça

Cor e Raça (%)	Total	Jovens	Adultos
Branca	42,3	37,5	44,05
Parda/Morena	40,3	41,5	39,7
Preta	13,6	16,2	12,4
Asiático/Oriental/Amarela	1,8	2,3	1,6
Indígena	1,7	2,1	1,5

Fonte: Pesquisa Juventudes Sul-americanas: Ibase/Pólis (2008).

1.9.4 Religião

Com relação à religião, a Pesquisa Juventude Brasil 2013 apresenta um indicativo preocupante, em que vemos o número decrescente acerca dos católicos e evangélicos e um aumento considerável dos que se autodenominam sem religião. Cerca de 1 a cada 6 jovens tem se incluído nesse percentual dos sem-religião. Na comparação com a pesquisa Projeto Juventude (2003), os católicos diminuíram em dez pontos percentuais (somavam então 65%), enquanto os evangélicos cresceram (eram 22%), assim como os sem-religião (os que mais têm aumentado, relativamente, indo de 10% para 15%).⁶⁷

⁶⁶ ABRAMO, Helena (coord.). *Pesquisa sobre Juventudes no Brasil: Relatório Nacional Brasil*. Rio de Janeiro: Ibase: Instituto Pólis, 2008. Disponível em: https://ibase.br/userimages/Brasil_ultimarev.pdf. Acesso em: 28 jan. 2020.

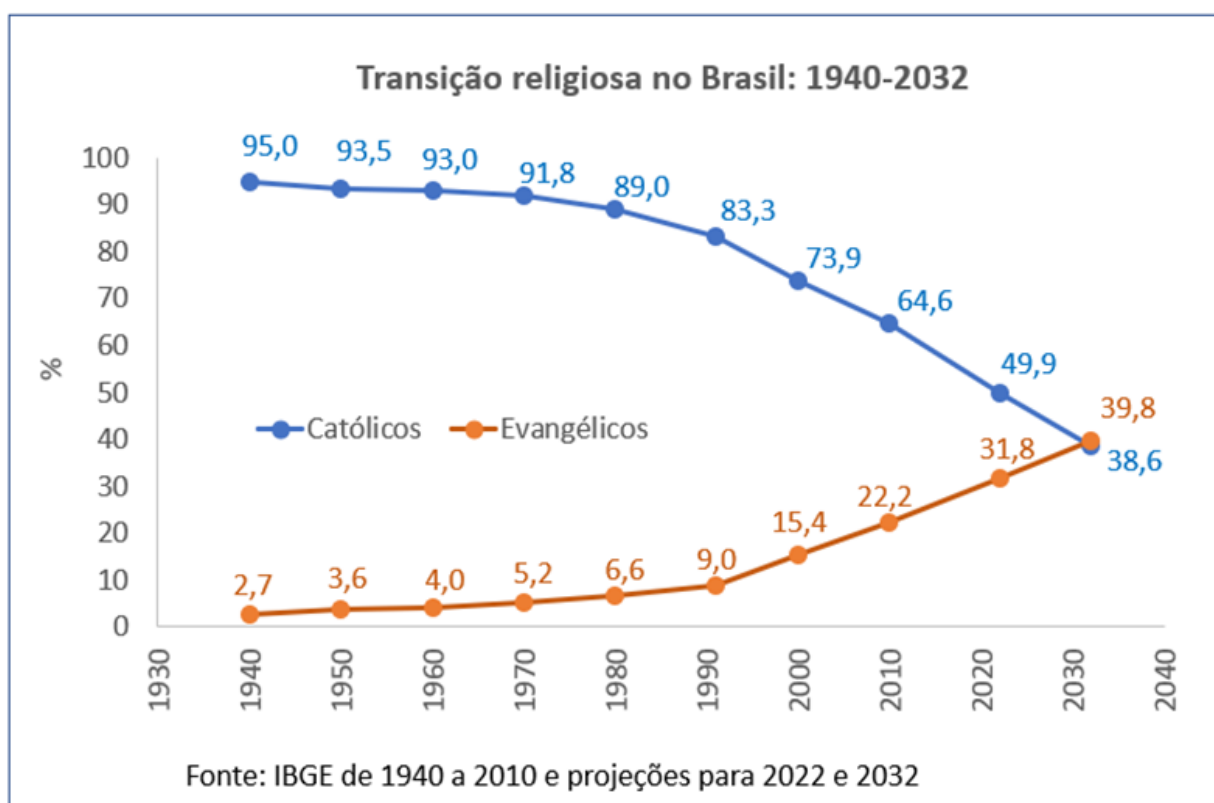
⁶⁷ OBSERVATÓRIO PARTICIPATIVO DA JUVENTUDE. *Pesquisa Nacional Sobre Perfil e opinião dos jovens Brasileiros*. 2013. Disponível em: http://www.crianca.mppr.mp.br/arquivos/File/publi/estatisticas/agenda_juventude_brasil__vs_jan2014.pdf. Acesso em: 12 ago. 2018.

Tabela 11 – Pesquisa Nacional Sobre Perfil Juvenil

Jovens pesquisados	Percentual
Católica	56%
Praticante	29%
Não praticante	26%
Evangélica	27%
Espírita Kardecista	2%
Outras religiões	3%
Não tem religião, mas acredita em Deus	15%
Ateu / Agnóstico	1%

Fonte: SECRETARIA NACIONAL DA JUVENTUDE. Agenda Juventude Brasil (2013).

Figura 3 – Transição religiosa no Brasil



Fonte: IBGE, 2017.⁶⁸

⁶⁸ ALVES, José Eustáquio; CAVENAGHI, Suzana; BARROS, Luiz Felipe; CARVALHO, Angelita A. de. Distribuição espacial da transição religiosa no Brasil. **Tempo Social**, revista de sociologia da USP, v. 29, n. 2, p. 215-242, 2017. Disponível em: <http://www.ihu.unisinos.br/78-noticias/585245-transicao-religiosa-catolicos-abaixo-de-50-ate-2022-e-abaixo-do-percentual-de-evangelicos-ate-2032>. Acesso em: 13 fev. 2019.

Pensando a questão do trânsito religioso, vamos percebendo que as filiações católicas vêm sofrendo um declínio. Já as filiações evangélicas têm crescido relativamente, porém ainda abaixo da católica. Existe também o crescimento do percentual das religiões não cristãs, e um número considerável daqueles que se autodeclaram sem religião (ateu/agnóstico).

Regina Novaes, socióloga da religião, analisa o perfil da juventude brasileira e traz sua contribuição no tocante às escolhas religiosas da juventude atual e diz que

[...] as escolhas religiosas das novas gerações não são feitas tomando como referência apenas a família, nada pode ser visto como muito estável, pois o que mais caracteriza a juventude é a disponibilidade para novas experiências, são jovens que transitam entre os vários pertencimentos em busca de vínculos sociais e espirituais.⁶⁹

No cenário da Diocese de Mogi das Cruzes, o reflexo dessas pesquisas aponta semelhanças no que diz respeito ao crescimento das Igrejas neopentecostais, pois sua causa está intimamente ligada à situação social e cultural que os jovens estão vivendo. Certamente, esses fatores continuarão operando veementemente na vida da juventude não só no segmento evangélico como também nas realidades católicas, denominadas como carismáticos. Esse tipo de religiosidade de cunho mágico tem assumido a frente do processo de evangelização no Brasil, e se apresenta como uma força considerável, no que diz respeito à vivência dos jovens em nossa região diocesana.

Destaco, diante das pesquisas apresentadas, como também nas mais atuais, que embora o catolicismo tenha sofrido algumas perdas em seu percentual, a Igreja católica tentou recatolicizar a sociedade brasileira, “[...] apelando para o fundamentalismo doutrinal, o rigorismo sexual, o emocionalismo carismático, as showmissas e a montagem da artilharia da comunicação.”⁷⁰ Numa perspectiva da evangelização, o papa Paulo VI, na *Evangelii Nuntiandi*, destaca que esse fenômeno ocorrido no interior da Igreja Católica é uma “[...] ruptura entre o Evangelho e a cultura, e isso é sem dúvida o drama da nossa época.”⁷¹

Segundo Sofiati, o processo de urbanização e sua aceleração, a partir dos anos de 1970 e 1980, favoreceu a pluralização religiosa no Brasil como o surgimento de novas religiões ou religiões vindas de fora.⁷²

⁶⁹ NOVAES, Regina Reyes. Juventude, percepções e comportamentos: a religião faz diferença? In: ABRAMO, Helena Wendel; BRANCO, Pedro Paulo Martoni (org.). **Retratos da Juventude Brasileira**: análises de uma pesquisa nacional. São Paulo: Editora da Fundação Perseu Abramo; Instituto Cidadania, 2005. p. 271.

⁷⁰ RIBEIRO, Jorge Claudio. **Religiosidade Jovem**. São Paulo: Loyola: Olho d'água, 2009. p. 104.

⁷¹ PAULO VI, Papa. **Evangelii Nuntiandi**. 1975. Disponível em: http://www.vatican.va/content/paul-vi/pt/apost_exhortations/documents/hf_p-vi_exh_19751208_evangelii-nuntiandi.html. Acesso em: 21 nov. 2020.

⁷² SOFIATI, 2011, p. 113.

1.9.5 Vulnerabilidade social

A questão da vulnerabilidade da juventude, especialmente no contexto da Diocese de Mogi das Cruzes, é algo que nos toca profundamente, pois, quando falamos de fome, de miséria, de pobreza, de falta de condições básicas para sobrevivência, estamos diante da grande humilhação do ser humano, ou melhor dizendo, da diminuição da condição de nossa humanidade.

Segundo a projeção apresentada (Tabela 9 – Indicadores de Responsabilidade), vemos o aumento da desigualdade, sobretudo nas cidades que compõem a Diocese. O crescimento do homicídio de jovens e adolescentes torna-se cada vez mais preocupante diante de sua condição social. Vem crescendo cada vez mais o número de violência no estado de São Paulo, assim como em todo o Brasil.

O Atlas da Violência nos apresenta

[...] que a juventude perdida é considerada um problema de primeira importância para o desenvolvimento social do país e vem aumentando numa velocidade. Ressalta também que: segundo os dados do Atlas da Violência também trazem evidências de outra tendência preocupante: o aumento, nos últimos anos, da violência letal contra públicos específicos, incluindo negros, população LGBTI+ (lésbicas, *gays*, bissexuais, transexuais, e as pessoas intersexuais) e mulheres, nos casos de feminicídio.⁷³

Ao tratar da violência contra os jovens no Brasil, o texto da Campanha da Fraternidade de 2013 lembra que:

Os milhões de jovens vitimados pela violência estrutural de nossa sociedade deixam de ser atores, protagonistas de suas próprias vidas e da história, para se somar aos números desoladores das pesquisas sobre morte de jovens no país. Este cenário repugnante de violência institucionalizada conclama ações e mobilizações para a superação desta situação [...] visando à construção de uma sociedade que ofereça condições de vida a todos.⁷⁴

A última pesquisa realizada em 2017, que retrata o índice de vulnerabilidade juvenil à violência, apresenta-nos que a cor da pele ainda é o fator que leva à vulnerabilidade e à exposição e à violência das pessoas negras no Brasil.

A questão do suicídio é a segunda causa de morte entre os jovens de 15 a 29 anos no mundo. Esse dado nos preocupa, pois os mais atingidos são aqueles que se concentram em regiões de baixa renda.

⁷³ MINISTÉRIO PÚBLICO. **Criança e Adolescente**. Disponível em: <http://www.crianca.mppr.mp.br/2019/06/135/PUBLICACAO-Divulgado-o-Atlas-da-Violencia-2019.html>

⁷⁴ CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL. **Texto Base da Campanha da Fraternidade**. Brasília, DF: Edições CNBB, 2013b. p. 41.

Assim como foi diagnosticado pela fase preparatória do Sínodo dos Bispos, em Roma em 2018, a mulher e a diversidade de gênero se apresentam em grande escala um fator de risco e preconceito gerado pela própria sociedade.

Os jovens estão sendo cada vez mais vitimados diante da violência, da intolerância e da desigualdade social. Esses são os reflexos de uma sociedade que apresenta em seu interior uma educação sem qualidade, assassinatos contínuos de jovens, sobretudo dos negros, falta de oportunidade no que diz respeito à realidade do desemprego e do analfabetismo.

Portanto, os primeiros passos de nossa pesquisa nos levam a considerar:

- a) temos vários tipos de jovens e jovens católicos;
- b) uma juventude alinhada institucionalmente, porém não muito doutrinariamente, ou seja, aqueles que concordam com os valores da instituição, porém, na vivência da fé ou da doutrina se veem enfraquecidos. O que chamamos de “cristão Raimundo”: um pé na Igreja e um pé no mundo;
- c) os jovens autodeclarados pela experiência de fé católica, como número expresso em nossas tabelas, nos acentua a religiosidade e não necessariamente a prática institucional. O que temos presente em nossas Igrejas não chega a 5% da população jovem indicada (como visto no gráfico 1.8.1 de nossa pesquisa);
- d) a diversidade da juventude presente internamente na Comunidade Eclesial se envolve em questões polêmicas ou realidades políticas a partir de seu dogma ou do seu carisma. Dentro do universo juvenil católico, temos várias juventudes: Juventude Carismática, Pastoral da Juventude, Caminho Neocatecumenal, que têm várias maneiras de se sentir e participar como Igreja.

Há ainda uma confiança institucional, sobretudo na área rural, que recai sobre a Igreja e uma descrença na política de governança e mecanismos democráticos.

Nos ambientes de periferia marcados na Diocese de Mogi das Cruzes, percebemos uma evasão da juventude ou um trânsito religioso que sai da realidade católica para o universo pentecostal. As igrejas pentecostais alcançaram e ainda alcançam grande êxito porque priorizam o proselitismo dos estratos pobres da população, nas periferias das nossas cidades. Comparados à média da população brasileira, os pentecostais congregam mais mulheres do que homens, mais crianças e adolescentes do que adultos, mais negros, pardos e indígenas do que brancos, apresentam maior proporção de pessoas com cursos de alfabetização de adultos, antigo 1º e 2º grau (isso podemos ver na Tabela 7, com a taxa de analfabetismo), ocupam mais empregos domésticos e precários e em sua maioria recebem até três salários mínimos (como demonstrado na Tabela 4 de nossa pesquisa).

Na atual conjuntura, portanto, os altos índices de pobreza, desemprego, desigualdade social, criminalidade, violência, precariedade e informalidade no mercado de trabalho se tornam campo fértil para pregações pentecostais, isso até em ambientes católicos, promovendo, por falta de referencialidade, o aparecimento de uma juventude extremamente conservadora em busca de ideais não vividos.

Diante disso, coloca-se aqui, não somente a questão da pastoral e dos movimentos, mas também os jovens que estão sendo arrebanhados pelas tendências fundamentalistas.

A proposta do Setor Juventude, como meio de articulação entre as diversas realidades das juventudes, mostrou-se favorável ao trabalho com a evangelização da juventude a partir do Documento 85 da CNBB, que nos ajuda a compreender e iluminar a necessidade no processo de formação, sobretudo no que diz respeito ao cuidado da orientação socioeclesial.

1.10 Evangelização da juventude na Diocese de Mogi das Cruzes

Na Diocese de Mogi das Cruzes, registramos um movimento acerca da realidade juvenil a partir das décadas de 1980. São muitos fatores que englobam a realidade da juventude: o contexto social marcado pela ditadura militar, uma realidade social que é subdividida em realidades rurais, periféricas, centros urbanos e a presença das universidades; uma Diocese eminentemente jovem que busca se estruturar por meio de seus pastores; a presença das congregações religiosas foi fundamental no processo de evangelização diante de todo trabalho diocesano; a Ação Católica não teve uma atuação marcante na Diocese; o que temos de notícia foi a presença forte da Apostolado da Oração desde 1938, as Conferências Vicentinas, já a partir de 1971 na cidade de Suzano, e o Movimento do Cursilho de Cristandade, o qual abarcou muitos jovens por meio de encontros e retiros.

Inicialmente, não havia uma organização aparente que se expressasse no trabalho com a evangelização da juventude. Tínhamos a PAJU (Pastoral de Juventude) que englobava toda a realidade juvenil da Igreja particular. Com a ascensão da Pastoral da Juventude (PJ), iniciava-se um trabalho de integração pastoral com uma metodologia própria e, paralelamente a isso, pequenos grupos de estudos dos livros do Pe. Jorge Boran.⁷⁵ Assim se deu aquilo que na época era chamado de equipes paroquiais.

⁷⁵ Padre da Congregação dos Padres do Espírito Santo. Naturalizado brasileiro, é fundador e presidente do CCJ (Centro de Capacitação da Juventude). Dedicou sua vida ao acompanhamento da juventude. Foi assessor nacional do Setor Juventude da CNBB de 1983 a 1990.

Almerindo de Jesus Santana, coordenador do grupo de jovens PAJU em 1984 na diocese, diz que “[...] naquele tempo os jovens eram mais maduros e engajados. Se insistia muito que não se podia falar do religioso sem falar do social”.⁷⁶ As temáticas que se discutiam nos grupos permeavam sobre família, namoro, sexualidade, drogas etc. Havia uma percepção do distanciamento dos jovens das comunidades, com as chamadas equipes paroquiais. A partir daí, começou um trabalho intenso de formação de liderança, atingindo todas as cidades da Diocese. A inserção dos jovens na faculdade foi uma realidade que contribuiu bastante para a formação de mentalidade da Pastoral da Juventude. Segundo Altair de Oliveira Gomes, coordenador paroquial do Grupo de Jovem de Suzano, “[...] se tinha muita dificuldade de mostrar aos grupos de jovens o que era Pastoral da Juventude, pois, alguns se denominavam PJ e Renovação Carismática Católica, ou somente RCC”.⁷⁷ Na diocese, em 1994, foi elaborado um estatuto para o trabalho da Pastoral da Juventude, que de modo concreto começou a existir na história da Diocese de Mogi das Cruzes.

A Renovação Carismática Católica, neste momento, já era uma realidade presente na vida da Diocese, porém não havia ainda um trabalho específico com a juventude. Todo início se dá com acampamentos de oração em 1996, promovido pelo seminarista Juviminiano Frade da Silva, atualmente padre da diocese. Em diversas paróquias já se levantavam jovens munidos de carismas para o serviço da evangelização. Edmar Alves foi o primeiro coordenador dos jovens da Renovação Carismática, reunindo os jovens para uma experiência missionária. Nas palavras dele: “[...] ao invés de tornar todo esse movimento em comunidade de vida como era de costume, decidi levar para a RCC, porque acreditava que era melhor para o movimento carismático”.⁷⁸

O movimento começa a ser identificado como Secretaria Marcos (assim se denominava a ação evangelizadora dentro da Renovação Carismática Católica, em 1998); o grupo se chamava JAI (Juventude Ativa na Igreja). A partir de então, houve o surgimento de outros movimentos como: barzinhos de Jesus, acampamentos de oração para jovens, vigílias jovens na catedral, programas de rádio conduzido pelos jovens... etc. Atualmente, todo esse movimento é caracterizado pelo Ministério Jovem da Renovação Carismática Católica.

⁷⁶ SANTANA, Almerindo de Jesus. **Almerindo de Jesus Santana**: depoimento [abril 2017]. Entrevistadores: Pastoral da Juventude da Diocese de Mogi das Cruzes. Entrevista concedida ao Setor Juventude da Diocese de Mogi das Cruzes – SP.

⁷⁷ GOMES, Altair de Oliveira. **Altair de Oliveira Gomes**: depoimento [abril 2017]. Entrevistadores: Pastoral da Juventude da Diocese de Mogi das Cruzes. Entrevista cedida ao Setor Juventude da Diocese de Mogi das Cruzes – SP.

⁷⁸ ALVES, Edmar. **Edmar Alves**: depoimento [julho 2018]. Entrevistadores: Setor Juventude da Diocese de Mogi das Cruzes. Entrevista cedida ao Setor Juventude da Diocese de Mogi das Cruzes – SP.

O Movimento do Caminho Neocatecumenal também se tornou uma grande força no trabalho com a evangelização da juventude. Em 1976, com a vinda de Dom Emilio Pignoli (segundo bispo da diocese), implanta-se na Diocese esse movimento, que cria suas bases nas cidades de Mogi das Cruzes e Itaquaquecetuba. De modo específico, o trabalho com a juventude tem seu êxito em 1993, com a organização dos jovens para a Jornada Mundial da Juventude, que acontece em Denver nos Estados Unidos. Segundo Paulo e Debora, jovens daquela época e atualmente coordenadores do caminho em âmbito diocesano,

[...] é a partir daquele momento que os olhares para a juventude se fortaleciam, muito nos motivava a nos organizar para esse encontro com o papa. Depois, a Jornada Mundial no Rio de Janeiro e a inserção do Caminho Neocatecumenal, no Setor Diocesano da Juventude, em 2011, possibilitou muito esse caminho de protagonismo com os jovens.⁷⁹

Atualmente, o Caminho Neocatecumenal acompanha algumas comunidades somente de jovens.

Na Diocese de Mogi das Cruzes, de forma sistemática, a Pastoral da Juventude começou a se organizar em 1980, com a assessoria do padre Luiz Ceppi, missionário italiano, que acompanhou e formou os jovens, criando a primeira equipe diocesana. Depois, padre Leônidas da Silva assessorou de 1985 a 1988; padre Carmine com a Irmã Gisele, de 1988 a 1996; e Irmã Leonilda, de 1996 a 2002. Do ano 2002 a 2010, com diversas assessorias, como Pe. Nicolau, Seminarista José Sérgio, Pe. Sidnei Amorin, Pe. Daniele Paccini, a Pastoral da Juventude se manteve organizada, contando com a coordenação das lideranças juvenis.⁸⁰

Em 2007, a Conferência Nacional dos Bispos do Brasil apresenta para a Igreja do Brasil o Documento 85: *Evangelização da Juventude*.⁸¹ A proposta era trazer algo que favorecesse toda a juventude, não somente a PJ. Com isso, surge a proposta do Setor Juventude, pois havia a preocupação em evangelizar o plural. A ideia sempre foi criar um espaço para todos, com metodologias e espiritualidades diferentes, uma referência para acompanhamento das bases.

Paralelamente a esse grande ganho que a juventude obteve, tivemos também a V Conferência Episcopal Latino-americana e Caribenha, que colocava a Igreja, sobretudo a do Brasil, numa condição de discípulo-missionário. Com o lançamento do Documento 85 da

⁷⁹ GARCIA, Debora; GARCIA, Paulo. **Debora Garcia e Paulo Garcia:** Depoimento. Entrevistadores: Setor Juventude da Diocese de Mogi das Cruzes. Entrevista cedida ao Setor Juventude da Diocese de Mogi das Cruzes – SP.

⁸⁰ DIOCESE DE MOGI DAS CRUZES. **Arquivo Diocesano.** Mogi das Cruzes, 2008. (Acervo da Pastoral da Juventude).

⁸¹ Contemplando a realidade juvenil atual e desejando oferecer luzes para o trabalho junto aos jovens, este documento é referência para todos que, na Igreja, têm se colocado na evangelização desta parcela tão importante da sociedade.

CNBB, a Igreja apresentou de modo concreto a preocupação com a evangelização da juventude em construir um processo de formação que favorecesse aos jovens um caminho de discipulado. Diante disso, na 49ª Assembleia dos Bispos do Brasil em 2011, o Setor Juventude da CNBB, que compunha a comissão do Laicato, passa a ser um organismo próprio denominado Comissão Episcopal Pastoral para Juventude. “[...] a proposta da Comissão Episcopal Pastoral para Juventude foi votada pela Assembleia e foi aprovada com maioria absoluta de votos, com sete votos contrários e duas abstenções”.⁸²

Na Diocese de Mogi de Mogi das Cruzes, em 2011, criou-se o Setor Diocesano da Juventude com a assessoria do padre Reginaldo Martins, com a tarefa de continuar acompanhando não somente a PJ, mas também as diversas expressões juvenis já existentes.

Para a Diocese de Mogi das Cruzes, a criação do Setor Juventude possibilitou um novo ardor para o trabalho com a juventude, sobretudo com a própria Pastoral da Juventude. Todos precisaram dar um passo atrás para se igualar a essa nova proposta feita pela Igreja. Assumimos esse novo espaço juntos, contando evidentemente com a ideia de caminhar juntos.

A realidade juvenil da Diocese de Mogi das Cruzes tem uma marca expressiva pela articulação e presença da Pastoral da Juventude. Ela possui uma história de luta pelos pobres e oprimidos, pela democracia e por direitos, colocando-se ao lado dos que promovem o círculo de vida e contrários a tudo que gera o círculo de morte, em especial de nossa juventude. Essas iniciativas podem ser observadas em campanhas: *contra a violência e o extermínio de jovens* e no *enfrentamento aos ciclos de violência contra a mulher*, além da participação na construção da Constituição Federal e em diversos movimentos favoráveis aos direitos de nosso povo. A missão da Pastoral da Juventude sempre teve como princípio o seguimento a Jesus no seu projeto de construir o Reino de Deus: a Civilização do Amor. Isso sempre requereu muita coragem para lutar. Afinal, a fé viva e transformadora requer ações concretas e apaixonadas.

Diante de um trabalho já suscitado pela Igreja, em 2007, o Documento 85 da CNBB apresenta para a Igreja do Brasil uma nova perspectiva no trabalho com a juventude. Essa nova maneira de organização se pautava na criação do Setor Diocesano da Juventude nas dioceses.

Em nossa realidade juvenil, o trabalho com a juventude não estava bem, não tínhamos assessores capacitados e disponíveis para o trabalho de assessoria para a juventude. Em contrapartida, os grupos de PJ já não davam conta da demanda das juventudes em todo

⁸² CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL. **Comunicado Mensal, Assembleia Geral**, Brasília, DF, ano 60, n. 636, n. 25, 2011. n. 41.

território diocesano. Pensar algo que dinamizasse e organizasse toda a expressão de juventudes foi de fundamental importância para propor um trabalho de evangelização. A partir de 2011, iniciamos um trabalho de evangelização com a capacitação de lideranças juvenis, o que favoreceu a unidade e a formação das diversas expressões de juventudes.

Atualmente, a Comissão Diocesana para Juventude, denominada como instância de coordenação do Setor Juventude, é formada por diferentes representantes de diferentes pastorais e movimentos juvenis da diocese, que com seus carismas fazem acontecer a evangelização da juventude, em âmbito paroquial e diocesano. São eles: Pastoral da Juventude, Juventude Vicentina, Legião de Maria Jovem, Ministério Jovem (RCC), Juventude Missionária, Caminho Neocatecumenal, Catequese Crismal, Novas Comunidades, Congregações e Encontro de Jovens com Cristo.

Contudo, ao tratarmos a temática da juventude, nossa intenção primeira era traçar, em grandes linhas, a situação juvenil que incide na forma como se percebe sua atuação na sociedade e nos ambientes eclesiais, além de reconhecer nos jovens a força de seu protagonismo como sujeitos ativos da missão evangelizadora. O Sínodo dos Bispos expressou em seu bojo as proposições do Concílio Vaticano II ao apostar na ideia de sinodalidade. Certamente, o pontificado do papa Francisco, desde seu primeiro momento, apresenta sinais de esperança, não só para a Igreja, mas sobretudo para o mundo.

Desse modo, o processo de olhar a realidade da juventude nos permitirá caminhar com eles e transformar esse anúncio em gestos e palavras. O anúncio da Boa-Nova de Jesus Cristo deverá despertar nos jovens cada vez mais o repensar em novas estruturas para evangelizar mais. O processo de *metanoia* deverá conter em nossas estruturas de evangelização um estilo metodológico de sair, de ver e de chamar, de modo que levem os jovens ao encontro verdadeiro e pessoal com a pessoa do Cristo. Não deixar de olhar para aqueles que estão fora do redil, mas procurar uma forma de atraí-los com a Palavra e o testemunho. Compreender os diversos ambientes que se abrem para a evangelização em nossos dias, como o mundo digital, que se apresenta atualmente como novos campos de missão. A linguagem, sem dúvida alguma, será aquela que irá identificar o jovem ao projeto apresentado, como diz o Documento preparatório para o Sínodo: “[...] sonhamos com uma Igreja que saiba deixar espaços ao mundo juvenil e as suas linguagens, apreciando e valorizando a sua criatividade e talentos”.⁸³ Por fim, diante de todo planejamento estratégico para a evangelização da juventude, nada será eficaz se não nos colocarmos ao lado da juventude como aqueles que

⁸³ SÍNODO DOS BISPOS, 2017, p. 45.

verdadeiramente a acompanham. Sem a capacidade de discernimento será impossível para nós enfrentarmos os desafios que os novos paradigmas socioculturais nos apresentam; sem a recuperação da ideia e da realidade da vocação, não será possível ajudar os jovens a encontrar a própria identidade profunda e autêntica; sem um adequado acompanhamento será difícil para eles chegar sozinhos a uma maturidade que só se pode buscar juntos. Trabalhem, pois, por eles e com eles, para que todos nós possamos chegar à plenitude da alegria do amor. Isso nós aprofundaremos no capítulo que segue.

CAPÍTULO 2 – JUVENTUDE COMO *LOCUS THEOLOGICUS*

O jovem é uma realidade teológica que é preciso aprender ler e desvelar. Não se trata de sacralizar o jovem, imaginando-o como alguém que não erra; trata-se de ver o sagrado que se manifesta de muitas formas, também na realidade juvenil.⁸⁴

Entender a juventude como *locus theologicus* é também compreendê-la. Assim como temos a antropologia da juventude, a sociologia da juventude, a psicologia da juventude etc., existe também a teologia da juventude, que se apresenta como esse discurso de Deus por meio da própria juventude. Nesse sentido, a realidade juvenil e/ou o próprio jovem é uma realidade teológica, que é preciso, como citamos acima, ler e desvelar, para que possamos compreender o que Deus revela e como Ele fala no jovem e na sua cultura.

Nesse sentido, queremos propor um caminho que nos leve a reconhecer o sagrado no jovem, para isto somos convidados a “[...] tirar as sandálias dos pés, porque o lugar que nos encontramos é uma terra santa” (Ex 3,5). A vida e o coração da juventude são o lugar sagrado onde Deus continua se revelando continuamente; outrossim, é preciso que nos aproximemos e escutemos o que Deus ainda fala por meio dos jovens, assim como Deus se manifestou ao longo da história, em sua ação contínua até os nossos dias.

Com efeito, diante do processo de evangelização que toca a temática do nosso projeto, a cultura juvenil se mostra como pano de fundo, para que a mensagem divina possa converter, ao mesmo tempo, a consciência pessoal e coletiva dos jovens. Paulo VI salienta que “[...] não se trata tanto de pregar o Evangelho a espaços geográficos cada vez mais vastos ou populações maiores em dimensão de massa, mas de chegar a atingir e como que a modificar pela força do Evangelho”.⁸⁵ Quando tocamos nessa realidade, estamos pensando na transmissão de valores, de respeitar e construir, no mais íntimo das pessoas e instituições, proposta de cosmovisão assumida em sua raiz. Ainda afirma que “[...] importa evangelizar – não de maneira decorativa, como que aplicando um verniz superficial, mas de maneira vital, em profundidade e isto até suas raízes”.⁸⁶

Em vista disso, o reconhecimento deste fenômeno que chamamos de juventude alcança em nossa sociedade pós-moderna uma influência significativa, como demonstra o Concílio Vaticano II, quando diz que amadurecendo a consciência da própria personalidade,

⁸⁴ DICK, Hilário. **O Divino no jovem**. São Paulo: CCJ (Centro de Capacitação da Juventude), 2009. p. 15.

⁸⁵ PAULO VI, 1975, n. 19.

⁸⁶ Ibidem, n. 20.

impulsionados pelo ardor da vida e pela atividade exuberante, (os jovens) assumem responsabilidades próprias e desejam participar da vida social e cultural.

Se este zelo é penetrado pelo espírito de Cristo e animado pela obediência e pelo amor para com os pastores da Igreja, podemos esperar dele frutos muito abundantes. Eles mesmos devem ser os primeiros e imediatos apóstolos da juventude e exercer por si mesmos o apostolado entre eles, tendo em conta o meio social em que vivem.⁸⁷

Falar de juventude é, também, falar de Deus, que é semente dentro dela. Nessa perspectiva, o aprofundamento que fizemos no primeiro capítulo, no que diz respeito à própria realidade juvenil, nos dá base para que possamos reconhecer nos jovens as sementes ocultas do Verbo. Desse modo, quando compreendemos a juventude em sua totalidade, isso no tocante à sua dimensão humana, entramos em contato com alguém que é real e verdadeiro dentro do jovem que é o próprio Deus, um Deus que tem o rosto da juventude, com tudo o que isso significa.

Nossa intenção é apresentar uma teologia da juventude que se dá pelo discurso divino proferido pelo jovem; aqui tentaremos elucidar pistas da realidade teológica que nos insere em um conhecimento mais profundo da realidade divina na maneira de ser jovem no mundo e no cenário eclesial.

2.1 Juventude como lugar teológico

O objeto do fazer teológico não é algo superior, absoluto ou abstrato. É alguém que existe concretamente e que se revela por sua palavra e por meio de sua obra. Deus é aquele que se inclina à sua obra criadora e estabelece uma aliança de amor. O Deus da fé judaico-cristã vem em auxílio desse empenho de organizar a esperança: ele não é o concorrente do homem, mas seu salvador e a sua garantia última. Visto que foi doado a si mesmo por Deus, o homem é chamado a respeitar a estrutura original da qual foi dotado, e que se exprime na vocação à solidariedade, à responsabilidade pelos outros e pela criação, e finalmente ao amor.

Segundo Bruno Forte,

Na proteção à criação está em jogo a defesa ao ser humano e à sua dignidade: o desafio que esta proteção exige é mais em geral aquela lançada à coletividade e a cada um, de reconhecer-se e de querer ser plenamente humano, não na solidão de um espírito saciado e prisioneiro de si, mas na comunhão de um pacto de solidariedade e de aliança entre os habitantes do tempo, a grande casa do mundo e o Mistério santo, que tudo envolve e de tudo é medida plena e definitiva. É um desafio

⁸⁷ CONCÍLIO VATICANO II. **Decreto Apostolicam Actuositatem**: sobre o apostolado dos leigos. 18 nov. 1965d. n. 12. Disponível em: www.vatican.va. Acesso em: 13 ago. 2020.

do qual, particularmente os jovens, alvorecer do futuro de todos, não poderão declinar...⁸⁸

A revelação divina se constitui não só de palavras, mas também dos eventos. Por isso, a Teologia, que tem na revelação seu princípio determinante, encontra a fonte de seu conhecimento não só nas palavras da fé, mas também, enquanto iluminadas por elas, na prática da fé que atualiza e encarna sua palavra no hoje de nossa história.

Libânio também nos ajuda a compreender, no tocante à revelação bíblica, que a história da Palavra de Deus aos homens é sempre mediada pelos próprios homens e esta é compreendida cada vez mais tendo como pano de fundo a matriz humana da palavra, como um “falar categorial de Deus”.⁸⁹ Em suma, caminhamos acerca da afirmação do Concílio Vaticano II que diz: “Deus falou na Sagrada Escritura por meio de homens e de maneira humana”⁹⁰ e, da mesma maneira, continua a nos falar por meio da sua Igreja nos Ensinos dos apóstolos, na Tradição e no Magistério Eclesial.

A juventude é a vida que está começando a ser, com autonomia, assim como Deus a fez. Podemos dizer que a juventude é o presente e também o futuro. Ela não está feita: ela está se fazendo. Carrega em si a dimensão da criatividade e de uma criação que não está pronta. Ela é a encarnação da criação acontecendo na humanidade.

Nosso horizonte é encarar as juventudes que são entendidas como lugar teológico, lugar onde Deus faz sua morada. Além de ser uma realidade biológica, antropológica e psicossociológica, é também uma realidade teológica.

Assumindo a juventude como uma realidade teológica, uma dimensão divina ainda por ser descoberta e levando em consideração os fundamentos teológicos e doutrinários da Pastoral Juvenil, podemos dizer que, de modo especial, o Deus da juventude é o Espírito Santo, força animadora do caminhar. Essa força é comunicada por Jesus Cristo. Ele, no começo de sua vida pública, depois de seu batismo, foi conduzido pelo Espírito Santo ao deserto para se preparar para sua missão (cf. Mc 1,12-13) e, com a oração e o jejum, discerniu a vontade do Pai e venceu as tentações de seguir outros caminhos. Esse mesmo Espírito acompanhou Jesus durante toda a sua vida (cf. At 10,38). Uma vez ressuscitado, comunicou seu Espírito vivificador aos seus (cf. At 2,33).⁹¹

Desse modo, compreender o *lugar* de que se fala ou *de onde fala* é clarificar uma metáfora espacial, física que está completamente unida à ideia de olhar. Dito de outro modo, o lugar produz um conhecimento que nos dá possibilidade de ver as dimensões de uma

⁸⁸ FORTE, Bruno. **A transmissão da fé**. São Paulo: Loyola, 2018. p. 165.

⁸⁹ LIBÂNIO, João Batista. **Teologia da Revelação a partir da Modernidade**. São Paulo: Loyola, 1992. p. 313.

⁹⁰ CONCÍLIO VATICANO II. **Constituição Dogmática Dei Verbum**: sobre a revelação divina. 18 de novembro de 1965a. n. 2. Disponível em: www.vatican.va. Acesso em: 04 nov. 2020.

⁹¹ CONSELHO EPISCOPAL LATINO-AMERICANO. **Civilização do Amor**: Projeto e Missão. Brasília, DF: Edições CNBB, 2013. p. 162.

realidade sob um ponto de vista específico; no caso da juventude, trata-se do olhar de Deus sobre a realidade juvenil.

De acordo com o pastoralista Mario França de Miranda, tratar de lugar teológico consiste em considerar não só as fontes adequadas à compreensão da fé, mas também o sujeito que acolhe o gesto divino e se autocomunica com a humanidade; nesse caso, esse sujeito é a própria Igreja, que professa sua fé. Na medida em que a revelação salvífica de Deus se volta de modo privilegiado para o jovem, é este, enquanto acolhe o gesto divino, um lugar teológico peculiar no interior da Igreja.⁹²

Ao identificarmos o lugar como essa manifestação de Deus na humanidade, a fé dos jovens será importante, pois eles são sensíveis ao anúncio que Deus quer, no presente e no futuro, para a felicidade de todos. Nesse sentido, em 1960, Melchior Cano publicou um livro intitulado *De locis theologicis*, que se tornou o primeiro tratado metodológico da teologia católica moderna. Ele nos ofereceu, com seu tratado, a apresentação dos lugares como áreas de documentação em que o teólogo descobre, quer a evidência, como apoio do que está expondo, quer argumentos para demonstrar o erro e as doutrinas. É apoiado nesse método que apresentamos a lógica da juventude como um lugar teológico, seguindo os passos para possível autoridade canônica daquilo que estamos expondo. Ele propõe a Sagrada Escritura, em primeiro lugar, e por conseguinte ele propõe o complexo das tradições apostólicas provenientes de Cristo. Essas são tidas como fundamentais, depois nos apropriamos das verdades de Deus na vida da Igreja, na fé do corpo universal dos fiéis, nos sínodos e nos concílios; a Igreja romana e seu bispo, os Padres, os teólogos escolásticos são os que dão testemunho da revelação de Deus. Todos podem dar um testemunho adequado e autorizado do conteúdo da doutrina cristã.

Por isso, a fé é definida como acolhimento, na graça, daquilo que Deus revelou. Os jovens, por sua vez, submetem-se a Deus aceitando como verdade o que Ele comunica sobre si mesmo e sobre o projeto salvífico, e assumem por meio da fé o que Deus estabeleceu para a humanidade.

2.1.1 Deus fala nos jovens

2.1.1.1 Jovialidade

A **jovialidade** é uma marca expressiva e entendida como uma referência na vida do jovem, não como algo superficial e aparente, mas algo que traz qualidade no seu modo de ser.

⁹² MIRANDA, Mario de França. **A Igreja numa sociedade fragmentada**. São Paulo: Loyola, 2006. p. 152.

A palavra jovialidade tem sua origem do latim *Jovis*, associada à figura do deus romano Júpiter, o pai dos deuses na mitologia romana. Embora o termo traga o seu significado como alegre, contente e folgazão, encontramos na figura divina a plenitude desta qualidade, o vigor de Deus. Nesse sentido, pode-se entender a afirmação de que Deus é aquele que alegra a nossa juventude, isto é, vitalidade de nosso ser. Jovialidade vem da palavra jovial + idade. Idade significa a força, o núcleo, a essência, o vigor de algo. Jovialidade é, pois, o vigor, a essência do ser jovem.

A revelação da jovialidade de Deus está no mistério da cruz, em que Deus emana todo seu amor na entrega de si mesmo. Esse modo de amar é a humildade de Deus, a servidão, a submissão do Deus-amor que exerce sua entrega total no alto da cruz. Nas palavras de Jesus na cruz: “Meu Deus, meu Deus, por que me abandonaste?” (Mt 27,46), Jesus anuncia o dom de sua vida, revela a verdade de sua obediência em fazer a vontade do Pai e, com isso, revela o amor de Deus que leva à fé, e quando o crucificado aceita o projeto do Pai leva os homens a uma relação com Deus que significa vida verdadeira.

Nesta atitude de entrega total, Jesus se entrega inteiramente nas mãos do Pai: “Em tuas mãos entrego meu espírito” (Lc 23,46). Nisto se encontra a jovialidade de Jesus Crucificado. Segundo Leonardo Boff, a vinda de Deus significa a completa hominização e a realização do desejo utópico do ser humano, assim sua busca insaciável por Deus descansou. Descansou porque encontrou Deus não fora de si mesmo e de seu mundo, mas em si mesmo, em sua carne e no coração de seu mundo.⁹³ Deste modo, falar de jovialidade é falar de categorias eternas, que dão profundas características à alma e que adentra dentro das realidades humanas. Desse modo, “[...] a pessoa humana existe na medida em que sai de si; é na medida em que dá; possui na medida que se entrega”.⁹⁴

Nesse sentido, a jovialidade de Deus se dá, em seu vigor, na vida e na capacidade produzida a partir de si mesmo. O ato de amor na cruz expressa bem a adesão à vontade divina.

Quando o ser humano, por vontade graciosa de Deus, se abre de tal maneira e acolhe o supremo amor como a plenitude de seu vazio infinito, quando o ser humano se une de tal maneira com Deus, por força e graça de si, de sorte que se torna um com Ele, então podemos dizer que o ser humano chegou à sua exaustiva hominização e alcançou também a divinização.⁹⁵

⁹³ BOFF, Leonardo. **A humanidade e a jovialidade de nosso Deus**. Petrópolis: Vozes, 2009. p. 60.

⁹⁴ Ibidem, p. 64.

⁹⁵ Ibidem, p. 76.

Segundo Dom Jaime Spengler, jovialidade “[...] é o aceno da gratuidade, a referência da essência do mistério que perfaz a presença de Deus: a vontade do Pai. Nisto está tudo. É o modo de ser de Deus: amor!”.⁹⁶ Em outras palavras, é jovial porque existe amor, que conserva e sustenta, torna livre e gratuito, paciente e benigno; tudo se torna graça. É na graça dessa jovialidade que a dor do coração dos homens é acolhida como encarnação, como ósculo de reconciliação do céu e da terra, na cruz de Jesus Cristo. A plenitude verdadeira, contudo, não é estática, assim como o amor. Ela é vida. Em vista disso, a juventude é um sacramento que anuncia novidades. Ela não é somente um segmento da sociedade que recebe a realidade feita. Tem em si um potencial transformador; sua missão é fazer da realidade a sua vida. Uma vida que não foi vivida. A juventude é o sinal do novo e do imprevisto que não se pode amarrar. Ela irrompe com poder e autoridade, por isso nela se torna tudo novo.

Papa Francisco nos ajuda a compreender quando diz que “Deus é Aquele que sempre renova, porque Ele é sempre novo: Deus é jovem! Deus é eterno que não tem tempo, mas é capaz de renovar, rejuvenescer-se continuamente e rejuvenescer tudo”.⁹⁷

2.1.1.2 Protagonismo

O **protagonismo** nos jovens não os faz narrar o óbvio, o previsível, mas aquilo que na vida os faz sonhar. O próprio Deus é aquele que, ouvindo o clamor de seu povo, desce para libertá-los das mãos dos egípcios (Ex 3,8). É a partir desta experiência de libertação que queremos apresentar o modo como Deus fala na vida do jovem Moisés e o coloca numa atitude de saída.

Primeiramente, a iniciativa sempre é de Deus. Ele envia Moisés para libertar o seu povo. Os jovens, por sua vez, são, por sua própria natureza, os exploradores e libertadores enviados para descobrir o futuro de todos. Nesse sentido, os jovens são aqueles que antecipam o futuro e nos fazem saboreá-lo. Moisés é chamado não só a um processo de libertação, mas também a um projeto de êxodo e de sonho. É preciso coragem! Deus escolhe a juventude porque traz consigo características tão próprias como coragem, força, esperança: “Jovens, eu escrevi a vocês, porque são fortes, e em vocês a Palavra de Deus permanece, e vocês venceram o Maligno” (1Jo 1,14). Os sonhos dos jovens são realizados de olhos abertos, a

⁹⁶ SPENGLER, Jaime. O jovem e a jovialidade do crucificado. In: DOMINGUES, Filipe Alves (org.). **Caminhar Juntos: reflexão e ação após o Sínodo dos Bispos sobre os jovens**. São Paulo: Paulus, 2020. p. 84.

⁹⁷ FRANCISCO, Papa. **Deus é jovem: uma conversa com Thomas Leoncini**. São Paulo: Planeta do Brasil, 2018. p. 67.

ponto de torná-los intérpretes claros da realidade. Assim como Deus, é preciso apostar nas suas capacidades.

A promessa de Deus a Moisés é vida nova (Ex 3,21), um caminho que se fez por meio da adesão do povo de Israel, Deus respalda a missão de Moisés com o seu nome, o “Senhor”. Com isso foi preciso olhar para os outros não com indiferença, mas com atenção e amor, com desejo de alcançar a todos com o sonho comum: a conquista.

Na vivência do protagonismo juvenil está a Teologia do Êxodo. A Teologia da saída, tão sublinhada pelo papa Francisco em nossos dias. A saída de um mundo de dependência para um mundo de liberdade, de um mundo fechado em si mesmo para se abrir às relações, sem perder a identidade. Segundo Hilário Dick: “O tempo da juventude é uma epopeia da busca e da conquista. O jovem que não sai de si (não sai do Egito) e não busca mover-se nas relações, está fadado a não se encontrar no protagonismo para o qual foi feito”.⁹⁸

A vivência da Palavra de Deus como dom e tarefa de transformação do mundo qualifica os jovens para a missão de anunciar o centro da fé na pessoa de Jesus Cristo, sobretudo com outros jovens. Em 2007, o papa Bento XVI disse aos jovens: “Saibam ser protagonistas de uma sociedade mais justa e mais fraterna inspirada no Evangelho, promotora de vida, eliminando discriminações existentes nas sociedades latino-americanas”.⁹⁹ O jovem tem a possibilidade de realizar grandes coisas, sobretudo é capaz de testemunhar pela atitude, pela fé e pela vida.

2.1.1.3 Amizade

Segundo o dicionário Aurélio, **amizade** é um sentimento fiel de afeição, estima ou ternura entre as pessoas que em geral não são parentes nem amantes. É a vivência mais terna que brota de nossas entranhas; é por meio dela que saímos de nós mesmos e deixamos que outros adentrem em nossos porões interiores. É também por meio dela que temos a possibilidade de estar unidos uns com os outros.

Jesus é o amigo por excelência e, por meio de seus ensinamentos, mostra-nos a maneira concreta de ser amigo, de querer bem ao outro. Isso percebemos quando nos fala: “Não existe maior amor do que este: de alguém dar a própria vida por causa dos seus...”.¹⁰⁰

⁹⁸ DICK, Hilário. **O divino no jovem**. São Paulo: CCJ – Centro de Capacitação da Juventude, 2009. p. 38.

⁹⁹ BENTO XVI, Papa. **Discurso aos jovens brasileiros**. São Paulo, 10 de maio de 2007. Disponível em: http://www.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/speeches/2007/may/documents/hf_ben-xvi_spe_20070510_youth-brazil.html. Acesso em: 13 maio 2019.

¹⁰⁰ Cf. Jo 15,13.

Diante da gratuidade, seu amor transborda para que o outro encontre nele o sentido mais profundo de seu coração. Diante disso, Jesus se torna para os seus e para o mundo o modelo concreto do verdadeiro amigo e convida a todos a fazerem a experiência dessa união. Esse amor comunicado por ele traz a capacidade de transformação no tocante à nova vida estabelecida por Ele. “Já não vos chamo servos, porque o servo não sabe o que faz seu senhor; mas Eu vos tenho chamado amigos, pois tudo o que ouvi de meu Pai Eu compartilhei convosco.”¹⁰¹

O relacionamento estabelecido por Deus com os jovens contribui para uma amizade nos moldes da Aliança. Não faltam, por assim dizer, manifestações divinas, revelando o convite para a amizade dos jovens com Deus. Na Sagrada Escritura, vemos um exemplo de amizade apresentado por Rute, uma história que nos ensina como os jovens são capazes de nos fazer aprender a ter uma amizade segundo o coração de Deus. Tendo como base o relacionamento de Rute e Noemi, vemos o sentimento que prevalece em meio às dificuldades, a tomada de decisão de estar com o outro, tornando a companhia um diferencial na relação, quando a fidelidade em estar com o outro se torna um compromisso para a vida e o testemunho do outro se torna um exemplo de vida espiritual para os mais jovens, desejando servir, como o exemplo de Rute, o mesmo Deus de sua sogra Noemi. Assim vemos, “Rute, porém, disse: Não insistas comigo para eu te abandonar e deixar a tua companhia. Para onde fores eu irei, e onde quer que passes a noite pernoitarei contigo. O teu povo é o meu povo, o teu Deus é o meu Deus” (Rt 1,16).

Essa amizade expressada por Rute manifesta a capacidade do jovem de apontar a Deus a todo instante em suas atitudes e comportamentos. Nesse sentido, no campo da evangelização, podemos dizer que os jovens muito contribuem para o plano divino da salvação, com sua maneira de ser e estar no mundo.

2.1.1.4 Verdade

Os jovens são impelidos à busca da **verdade**. “É próprio da condição humana e particularmente da juventude buscar o Absoluto, o sentido e a plenitude da existência.”¹⁰² O jovem, em sua inquietude, não tem uma preocupação única em alcançar suas metas estabelecidas, mas tem um anseio de encontrar a Verdade, “[...] que é a exigência mais

¹⁰¹ Cf. Jo 15,15.

¹⁰² JOÃO PAULO II, Papa. **XVII Jornada mundial da Juventude**. Toronto, 2002. Disponível em: http://www.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/messages/youth/documents/hf_jp-ii_mes_20010731_xvii-world-youth-day.html. Acesso em: 4 out. 2020.

profunda do ser humano”.¹⁰³ O dom de acreditar passa por uma experiência profunda de encontro consigo mesmo e de alguém que o atrai. A verdade é revelada por Deus para maior clareza de todos. À medida que o jovem amadurece, vemos nele esta procura de diversas formas, modos e lugares, no desejo último de alcançar a plena verdade. São Paulo nos apresenta o agir de Deus em nós quando nos colocamos à disposição de sermos conduzidos por Ele em suas palavras: “Agora nós vemos num espelho confusamente, mas, então, veremos face a face. Agora, conheço apenas em parte, mas, então, conhecerei completamente, como sou conhecido” (1Cor 13,12). A proposta do caminho em Deus leva ao amadurecimento. Quando o jovem se abre para essa realidade ele se depara com a própria presença de Deus, encarnada em sua própria realidade, que o convida a um encontro pessoal. “Eu sou o caminho, a verdade e a vida” (Jo 14,6). Diante disso, o jovem encontra na pessoa de Jesus Cristo sua identidade, origem e destino, levando-o a assumir um novo rosto: o de Jesus Cristo, que é a Verdade. Sem a Verdade é impossível encontrar a verdadeira felicidade.

Diante dessa realidade teológica do jovem, o salmista expressa bem essa espera do jovem: “Abre-me os olhos para eu contemplar as maravilhas de tua Lei” (Sl 119,18). Assim também na oração de Jesus: “Eu te louvo, Pai, Senhor do céu e da terra, porque escondeste estas coisas aos sábios e entendidos e as revelastes aos pequeninos” (Mt 11,25).

2.1.1.5 Felicidade

Nos jovens se encontra a verdadeira **felicidade**, uma felicidade que enche o coração. Jesus nos propõe uma vida abundante. É nessa perspectiva que encontramos na vida dos jovens um período em que a felicidade é uma marca própria deles. Encontramos nos jovens o rosto de Deus, que em sua maneira de ser se expressa na alegria de ser jovem. Na juventude, encontramos o ápice da vida. Segundo o papa Francisco, “Os jovens podem conferir à Igreja a beleza da juventude, quando estimulam a capacidade de se alegrar com o que começa, de se dar sem nada exigir, de se renovar e de partir para novas conquistas”.¹⁰⁴ Exemplo disso é a figura de Maria, que, como uma jovem da pequena cidade de Nazaré, torna possível os planos de Deus diante de sua juventude. A disponibilidade de Maria em acolher o projeto do Pai a torna cheia de graça, ou seja, preenchida do Espírito Santo. Aquele que faz novas todas as coisas se realiza na feliz entrega de uma jovem que se coloca em fazer plenamente a sua vontade. A alegria que toma o coração de Maria reúne em suas palavras a capacidade de se

¹⁰³ JOÃO PAULO II, 2002.

¹⁰⁴ FRANCISCO, 2019, n. 39.

dispor inteiramente ao serviço de Deus não somente para si, mas para toda a humanidade: “Eis aqui a serva do Senhor! Faça-se em mim segundo a tua palavra” (Lc 1,38).

Precisamos ler, nos corpos juvenis que crescem e anseiam por aparecer e nos sentimentos fortes que vão nascendo na perspectiva juvenil do outro e da outra, o divino procurando mostrar-se em seu espírito de doação e criatividade. A graça de Deus sempre tem cheiro de alegria [...]. A juventude é um momento de graça em que Deus cria a vida, fazendo surgir o novo – a realidade verdadeira. O jovem é, por assim dizer, a novidade personificada naquilo que vai sendo. A forma de dizê-lo manifesta-se na vontade doida de fazer da vida uma festa.¹⁰⁵

Os jovens têm o chamado para a alegria do amor e para a vida em plenitude. Eles são gestados diante do mundo, para que no mundo se tornem o rosto humano de Deus e se tornem capazes de edificar o Reino de Deus nesta terra. Numa entrevista com o papa Francisco, ele salienta que as características que nunca devem faltar nos jovens são a alegria e o entusiasmo e, a partir dessas, o senso de humor e a coerência, pois nelas revelam a credibilidade que os tornam amados da maneira que são, sem máscaras.

2.1.1.6 Prática da doação

A prática da **doação** na vida dos jovens se mostra como um hábito do coração. Ele é motivado pelos valores de participação e solidariedade e é capaz de doar seu tempo, seu trabalho, seu talento e sua criatividade, de maneira a se inserir em realidades comunitárias e sociais. Desse modo, essa característica manifesta a vivacidade e o entusiasmo no serviço ao outro. Aqui não estamos resumindo somente a realização de um determinado serviço, mas sim um meio de exercitar o amor humano de uma forma mais consciente a ponto de colocar em prática na própria vida, como um meio de crescimento.

No tocante à doação, relacionamos com a questão do voluntariado jovem. De acordo com Adair Sberga, o voluntariado jovem é uma experiência que se abre a muitos jovens e se “[...] torna insubstituível, porque lhes restitui o sentido da existência, fazendo-os descobrir as próprias qualidades e dignidade, além de despertá-los para a prioridade das grandes questões sociais e da participação cidadã responsável”.¹⁰⁶

Os jovens vivem uma fase particular da vida que exige concentrar-se na própria busca de identidade dentro do mundo complexo em que vivem. Nesse sentido, a doação e o próprio caminho para o voluntariado propiciam ao jovem o amadurecimento por meio da experiência

¹⁰⁵ DICK, 2009, p. 53.

¹⁰⁶ SBERGA, Adair Aparecida. **Voluntariado Jovem**. São Paulo: Editora Salesiana, 2001. p. 159.

de solidariedade e de compromisso. Vemos claramente essa proposta na boca de Jesus quando apresenta ao jovem rico do Evangelho o como que se alcança a vida eterna:

E eis que, aproximando-se dele um jovem, disse-lhe: Bom Mestre, que bem farei para conseguir a vida eterna? E ele disse-lhe: Por que me chamas bom? Não há bom senão um só, que é Deus. Se queres, porém, entrar na vida, guarda os mandamentos. Disse-lhe ele: Quais? E Jesus disse: Não matarás, não cometerás adultério, não furtarás, não dirás falso testemunho; Honra teu pai e tua mãe, e amarás o teu próximo como a ti mesmo. Disse-lhe o jovem: Tudo isso tenho guardado desde a minha mocidade; que me falta ainda? Disse-lhe Jesus: Se queres ser perfeito, vai, vende tudo o que tens e dá-o aos pobres, e terás um tesouro no céu; e vem, e segue-me. E o jovem, ouvindo esta palavra, retirou-se triste, porque possuía muitas propriedades. Disse então Jesus aos seus discípulos: Em verdade vos digo que é difícil entrar um rico no reino dos céus. (Mt 19,16-23).

O convite de Jesus é a entrega de si mesmo, o deixar tudo para segui-Lo. Sua capacidade última está na pobreza, na vivência plena dos mandamentos e no verdadeiro amor a Deus. A sua exigência está no Evangelho, na generosidade e na radicalidade. Ricos são aqueles que assumem a sua própria pobreza sendo capazes de viver diante da riqueza em Cristo, não como aquele que tem muito, mas aquele que precisa de muito pouco para ser feliz. Contudo, para que os jovens possam ser perfeitos e bons devem seguir o modelo do mestre Jesus, que se entregou inteiramente na cruz para dar vida aos outros.

2.2 O chamado, o caminho e a escolha

Como vimos no primeiro capítulo, a juventude não é meramente uma fase de desenvolvimento da vida, ou então uma fase de transição para a idade adulta. Podemos dizer que, além de tudo que já foi abordado, a juventude também é uma etapa de descoberta, em que são chamados a encontrar sua vocação e missão tanto na Igreja como também na sociedade. “Deus fala à Igreja e ao mundo através dos jovens, da sua criatividade e do seu compromisso, bem como mediante os seus sofrimentos e os seus pedidos de ajuda”.¹⁰⁷

Desse modo, reconhecemos que, ao longo da história e, sobretudo, em nossos dias, os jovens têm sido sinais da própria presença de Deus para a humanidade. Eles têm olhado para si e buscado viver cada vez mais segundo a graça de Deus. Assim sendo, “[...] muitos jovens santos fizeram resplandecer os delineamentos da idade juvenil em toda sua beleza e foram, no seu tempo, verdadeiros profetas de mudança; o seu exemplo mostra que os jovens são capazes, quando se abrem ao encontro com Cristo”.¹⁰⁸

¹⁰⁷ SÍNODO DOS BISPOS. **XV Assembleia Geral Ordinária**. Os Jovens, a fé e o discernimento vocacional: Documento final. São Paulo: Paulinas, 2019. n. 64.

¹⁰⁸ Ibidem, n. 65.

Nesse sentido, a Igreja acolhe com alegria, com experiência, a contribuição que os jovens dão para o processo renovador da própria Igreja. Papa Francisco diz que “[...] os jovens são a grande causa do rejuvenescer da Igreja”¹⁰⁹. A energia renovadora, o dinamismo juvenil, aponta-nos para uma experiência pascal. A maneira como eles acreditam os fazem correr à frente no grande impulso de desvelar a riqueza do próprio Deus. A imagem do discípulo amado na manhã da Páscoa (Jo 20,1-10) faz-nos perceber o quanto o olhar do jovem é importante. O texto nos diz que, diante do anúncio da ressurreição proclamado por Maria Madalena, Pedro e o discípulo amado saíram e foram ao túmulo. Assim o autor bíblico nos descreve:

[...] os dois corriam juntos, e o outro discípulo correu mais depressa, chegando primeiro ao túmulo. Inclinando-se, viu as faixas de linho no chão, mas não entrou. Simão Pedro, que vinha seguindo, chegou também e entrou no túmulo [...]. O outro discípulo que tinha chegado primeiro ao túmulo, entrou também, viu e creu.

Aqui fica evidente o vigor que a realidade juvenil nos causa. Eles correm juntos. É importante notar que a inquietação dos jovens será sempre para além deles mesmos. Porém, chamados a uma fé, lançam-se inteiramente a uma corrida. Reconhecem o papel dos mais velhos, de seus líderes, e, por mais que sejam retrógrados e antiquados, eles não avançam no caminho sozinhos. A realidade é a mesma para todos, o que muda é o olhar. O discípulo amado não tem medo de arriscar ou ousar a sua fé no ressuscitado. Ele, ao olhar, logo acredita e ajuda a comunidade descrente a ter um olhar mais aberto para a realidade.

Diante do mistério da vocação, vemos nos jovens esta busca de sentido para a própria vida. Eles têm esse desejo ardente do encontro, têm um coração que grita por um real motivo que lhes dê sentido à sua caminhada. Dom Joaquim Mol, bispo auxiliar de Belo Horizonte, diz-nos que uma das características do cristão de hoje é a coragem, que provém da fé, porque ele sabe que Deus conduz. E ressalta: “[...] precisamos de tirar as cinzas de cima das brasas, precisamos de juntar pessoas que soprem as brasas, para que as brasas da Igreja ardam”.¹¹⁰

Desse modo, o chamado à alegria do amor é o apelo fundamental de Deus inscrito no coração do jovem. A fé, por sua vez, é o dom que vem de Deus e a resposta se dá quando o jovem se sente escolhido e amado. O espaço de diálogo, ou o lugar do encontro, dá-se na própria consciência daquele que é chamado. O exercício de sua liberdade o faz responder pessoalmente diante das escolhas de sua vida.

¹⁰⁹ SÍNODO DOS BISPOS. **Reunião Pré-sinodal**. Discurso do Papa Francisco por ocasião da Reunião Pré-sinodal com os jovens no Pontifício Colégio Internacional “Maria Mater Ecclesie”. 19 de março de 2018. Disponível em: www.vatican.va. Acesso em: 25 out. 2019.

¹¹⁰ MOL, Dom Joaquim. **Amar a Igreja é fazê-la arder**. Disponível em: <https://www.cnlb.org.br/?p=5273>. Acesso em: 04 set. 2020.

Nessa perspectiva, assumir o que Deus quer para nós é construir um valoroso caminho de identidade e autenticidade, pois sem mascarar colocamos a verdade de nosso coração diante da verdade do coração de Deus, de onde emana a nossa própria essência. Jesus propõe este caminho para quem o busca, na pessoa do jovem apresentado pelo evangelista João:

Vendo Jesus caminhando, disse: “Eis o cordeiro de Deus!” Os dois discípulos ouviram esta declaração de João (o Batista) e passaram a seguir Jesus. Jesus voltou-se para trás e, vendo que eles o seguiam, perguntou-lhes: “Que procurais?” Eles responderam: “Rabi (que quer dizer mestre), onde moras”. Ele respondeu: “Vinde e vede!” Foram, viram onde morava e permaneceram com ele aquele dia. (Jo 1,36-39).

O primeiro indicativo que apontamos como uma característica do chamado de Jesus é a alegria do encontro. Os dois jovens do Evangelho se encontram inquietos, insatisfeitos em busca de sentidos. O papa Francisco, numa de suas catequeses acerca da vocação, diz-nos que os jovens que não buscam nada não são jovens, são aposentados, envelheceram antes do tempo. Jesus, por meio do seu Evangelho, aparece como incendiário dos corações. Nesse sentido, os dois jovens iniciam em Jesus uma amizade marcada pela fidelidade e pela comunhão de vida.

Deus, ao longo da história da salvação, chamou explicitamente muitos jovens à fé, Nele eles reconheceram e ainda reconhecem, nos seus gestos e palavras, a sua maneira de se relacionar e conduzir a fé. Encanta e ama os jovens a ponto de torná-los fortes e entusiasmados para a missão. Amadeo Cencini, numa ótica estética, coloca-nos a fazer uma opção oblativa, ou seja, “[...] a capacidade de desejar-se atrair por algo que se experimentou como intrinsecamente belo e que dá beleza à própria vida; a descoberta, portanto, de que é belo – e não apenas justo e santo – dar-se a Deus, ser totalmente seu, cantá-lo, celebrá-lo, anunciá-lo, amá-lo e servi-lo”.¹¹¹

Em diversos momentos da história da salvação, narrados pela Sagrada Escritura, muitos foram os jovens que se abriram para essa novidade de Deus, por meio do chamado divino. Em situações concretas assumiram sua vocação para que pudessem cooperar com o projeto divino. Deus nunca deixou de confiar nos jovens e de reconhecê-los como grandes transformadores da realidade.

No Antigo Testamento, muitos são os testemunhos que revelam a voz de Deus na boca e na vida dos jovens:

- a) A jovem **Rebeca**, narrada como uma jovem muito bela, virgem e que nenhum homem a tinha conhecido. Responde sem reservas ao chamado de Deus. Recebe,

¹¹¹ CENCINI, Amadeo. **Os jovens desafiam a vida consagrada**: interrogações e problemáticas. São Paulo: Paulinas, 2009. p. 17.

por meio de Isaac, o convite para se casar, que prontamente responde deixando seus pais, irmãos e família, para unir-se ao seu esposo em terras distantes. Rebeca é protagonista de sua história, tornando-se umas das principais mulheres que a Bíblia apresenta e a primeira matriarca do povo de Israel.¹¹²

- b) O jovem **José** do Egito, o irmão mais novo de uma família numerosa, por conta de ciúmes e inveja é vendido pelos irmãos. Pela ação divina, foi resgatado e educado sob a proteção da filha do faraó, tornando-se governador do Egito. Numa oportunidade de reencontro com seus irmãos, demonstra maturidade e discernimento para interpretar a vontade de Deus, salvando sua família da grande fome que o país vivia. José é exemplo de um jovem capaz de promover reconciliação com seus irmãos, e assumir um importante papel social.¹¹³
- c) A jovem **Miriam**, conhecida como a profetiza, teve a incumbência de anunciar a missão de seu irmão Moisés. Ela não deixou de acreditar na missão que se cumpriria. Ela acompanha a distância seu irmão desde as águas do rio Nilo, salvaguardando o agir de Deus em sua vida.¹¹⁴
- d) O jovem **Samuel**, diante do chamado do Senhor, é acompanhado ao discernimento por um adulto, que o ensina a se colocar à disposição do Senhor. Ele é apresentado pela Sagrada Escritura como um jovem que assume a vocação religiosa. O discernimento e a escuta da voz de Deus o tornam diante de seu povo um grande líder, a ponto de sua atitude ser uma expressão de fidelidade a Deus e ao seu povo.¹¹⁵
- e) O jovem **Davi**, filho de Jessé, foi o escolhido dentre os filhos para ser o ungido, ou seja, para ser rei de Israel. Mesmo diante do descrédito por ser jovem, demonstrou inteligência e coragem na luta contra Golias. Ele representa o povo humilde e oprimido na construção de um reinado marcado pelo crescimento e pela felicidade de sua nação.¹¹⁶
- f) O jovem **Salomão**, filho de Davi, pede a Deus, diante de sua missão, o dom da sabedoria, para ter capacidade de governar seu povo com discernimento e justiça. Sua imagem propõe aos jovens um exemplo de ousadia, de assumir grandes

¹¹² Cf. Gn 24.

¹¹³ Cf. Gn 45,1-28.

¹¹⁴ Cf. Ex 15,20.

¹¹⁵ Cf. 1Sm 3,20.

¹¹⁶ Cf. 1Sm 16,1-13.

responsabilidades e de se lançar aos cuidados de Deus para a edificação do Reino de Deus.¹¹⁷

- g) Os **jovens irmãos**, narrados no segundo livro de Macabeus, que apresentam um belo testemunho de fidelidade e amor à Lei do Senhor. Diante de suas convicções, mantêm-se fiéis a elas mesmo sofrendo torturas, sendo violentados até o martírio. Esses são tidos na tradição bíblica como os sete irmãos mártires que inspiraram Judas Macabeu a liderar uma revolta contra Antíoco. Aqui o testemunho desses jovens expressa o idealismo e a coragem de enfrentar os desafios em defesa daquilo em que se acredita. Eles morrem por uma aliança de Deus e por uma vida eterna.¹¹⁸
- h) A jovem **Ester**, bela e atraente, seduz os olhos do rei Assuero, o qual se encanta com Ester e com ela se casa. Por sua intervenção, Ester salva a vida de seu povo, libertando-o da opressão e da dor. Ela se apresenta como uma jovem fiel ao povo e torna-se para seu povo uma liderança política.¹¹⁹
- i) O jovem **Daniel**, tido como o Sentinela da Manhã por intervir de forma corajosa em favor de Suzana, é chamado a construir o novo, por meio da Civilização do Amor. Suas atitudes demonstram seu empenho em defesa do seu povo.¹²⁰
- j) O jovem **Ezequiel** assume a vocação profética no meio do Povo de Deus e anuncia a Palavra do Senhor com destemor. Nele se revela a fidelidade a Deus e à Aliança, que é mais forte do que a infidelidade do seu povo. O perdão divino faz suscitar o amor de juventude.¹²¹

No Novo Testamento, iluminados com a figura de Jesus que propõe uma novidade em seu Evangelho, no anúncio do Reino de Deus e no transbordamento de seu amor face à comunhão com o Pai, identificamos jovens testemunhas que revelam a grandeza do amor de Deus pela juventude:

- a) A jovem **Maria**, como retratada já anteriormente neste capítulo, a jovem de Nazaré que não hesitou em assumir o projeto salvífico de Deus. Modelo de seguimento de Jesus, revela-se com fé, obediência, coragem e liderança. Discípula fiel que representa a Mãe da Igreja, ela, por meio de sua adesão, expressa a escuta

¹¹⁷ Cf. 1Rs 3, 4-28.

¹¹⁸ Cf. 2Mc 7, 1-42.

¹¹⁹ Cf. Est 2,1-23.

¹²⁰ Cf. Dn 13,45-61.

¹²¹ Cf. Ez 16,1-63.

amorosa e atenta, adesão ao projeto do Pai, atitude profética, fidelidade e participação na missão evangelizadora.

- b) O jovem **João**, discípulo amado, aquele que dá testemunho verdadeiro (Jo 21,24), é o mais jovem dos apóstolos e tido na Tradição como o amigo mais íntimo de Jesus. É modelo de seguimento de Jesus Cristo pelo exemplo de fé e coragem. Testemunhou aos pés da cruz a paixão do Senhor e foi o primeiro que verdadeiramente acreditou na ressurreição.
- c) O jovem **João Marcos**, o jovem que assume a missão de Jesus. É atribuído a ele o Evangelho de São Marcos, por ser mencionado no livro dos Atos dos Apóstolos. Não era apóstolo, mas é o primeiro evangelista que narra em seu livro aquilo que viu e ouviu de Jesus. O que nos garante a sua juventude é justamente a vivacidade de seus relatos. Teve coragem de assumir a fé, mesmo diante da feroz perseguição de seu tempo.¹²²
- d) O jovem **Paulo**, apóstolo dos gentios, perseguidor da Igreja nascente, converte-se radicalmente ao Evangelho, após uma forte experiência com o Senhor ressuscitado no caminho de Damasco. Torna-se apóstolo, por ser testemunha do ressuscitado em grande parte do Império Romano. É exemplo de jovem que é capaz de mudar de vida, abandonando os caminhos da morte e aderindo ao Evangelho em sua grandeza e radicalmente. Homem da Palavra de Deus, exemplo de amor à Igreja, dedicou-se à missão com ousadia, com coragem para abrir caminhos na difusão do Evangelho e gerar muitas comunidades.¹²³

Por fim, de acordo com os exemplos de jovens presentes na Escritura Sagrada, vemos a vivência de um protagonismo autêntico e verdadeiro que contribui diretamente para a evangelização de outros jovens. Diante do encontro pessoal narrado de diversas formas e maneiras, percebemos a predisposição que os jovens têm de se abrir para esse novo anúncio dado na Palavra de Deus. Por meio deles, podemos ler, numa ótica profética, seus sofrimentos e pedidos de ajuda, sobretudo nos dias atuais, em que reconhecemos neles os lugares teológicos em que o Senhor nos permite conhecer algumas de suas expectativas e desafios para construir o amanhã. Desse modo, percebemos o rosto jovem de Deus em cada um desses personagens aqui elucidados, cada um com sua característica, mas que compõem o mesmo rosto de Deus. É na busca e na vivência desta realidade que se encontra a maior força

¹²² Cf. At 12,12.

¹²³ Cf. At 9,1-19.

profética do jovem lutando pela vida. É na fidelidade ao mais profundo de si que vive a felicidade da juventude.

2.3 Juventude, Igreja e Missão

A Igreja Católica sempre teve e ainda tem uma grande experiência no trabalho com a juventude. Por muito tempo, ela atualizou o seu modo de agir e pensar para alcançar essa realidade que por vezes se via tão complexa. Certo é que o próprio Jesus é aquele que em sua juventude “[...] crescia em estatura, idade e graça diante de Deus e dos homens” (Lc 2,52). Em sua humanidade assume uma vida comum como de qualquer jovem judeu de sua época. Embora não tenhamos relatos que trazem elementos concretos da vida de Jesus, nele podemos contemplar o rosto jovem de Deus, que assume nossa humanidade como Filho de Deus encarnado. Por meio dele, assumimos o seu projeto do Reino de Deus, como uma proposta de vida e conversão. Ele lançava o seu olhar para os jovens, propondo um novo caminho como forma de seguimento (Mt 19,20), com a experiência do jovem rico e com a experiência de mulheres como Maria Madalena, Joana e Suzana que o acompanhavam e o serviam com os seus bens (Lc 8,1-3).

Papa Francisco, em sua Exortação *Christus Vivit*, com base nos dados evangélicos, afirma: “Que Jesus, na sua fase juvenil, foi se formando, foi se preparando para realizar o projeto que o Pai tinha. A sua adolescência e juventude orientaram-no para esta missão suprema”.¹²⁴

Muitos também foram os adeptos a esta nova forma de vida na Igreja nascente, dada pela pregação, pelo testemunho ou pelo martírio. O protagonismo de muitos santos e santas ao longo da história nos mostra o quanto a Igreja esteve presente na vida de cada um deles, como: Águeda (251 d.C.), Sebastião (286 d.C.), Luzia (304 d.C.), Bento (547 d.C.), Bruno (1101 d.C.), Bernardo (1153 d.C.), Francisco de Assis (1226 d.C.), Clara de Assis (1253 d.C.), Francisco Xavier (1506 d.C.), Tereza de Jesus (1582 d.C.), Beato André Phû Yên (1644 d.C.), Domingos Sávio (1857 d.C.), Terezinha do Menino Jesus (1873 d.C.), Maria Goretti (1902 d.C.), Laura Vicuña (1904 d.C.), Beato Zeferino Namuncurá (1905 d.C.), Beato Isidoro Bakannja (1909 d.C.), Pier Geogio Frassati (1925 d.C.), Beato Marcelo Callo (1945 d.C.), Chiara Luce (1990 d.C.), Beata Clara Badano (1990 d.C.), Carlo Acutis (2006 d.C.), Guido Schäffer (2009 d.C.) e tantos outros que se tornaram referência no protagonismo juvenil ao

¹²⁴ FRANCISCO, 2019b, n. 27.

longo da história da Igreja, que, com sua vida e testemunho de santidade, rejuvenescem a Igreja renovando seu ardor espiritual e o seu vigor apostólico. “Muitos jovens santos fizeram brilhar em toda a sua beleza as características da idade juvenil e foram verdadeiros profetas da mudança em seu tempo; o exemplo deles mostra o que os jovens são capazes quando se abrem para o encontro com Cristo.”¹²⁵

Segundo Welder Lancieri Marchini,

Ao pensarmos as estratégias de evangelização, devemos ter as Escrituras como nosso principal critério, pois nos Evangelhos, Jesus se apresenta como Boa Notícia, ou seja, um modo de ser, uma atitude que brota de dentro do cristão, como fruto de sua identidade que é construída na vivência e convivência comunitária.¹²⁶

Nesse sentido, todo discípulo, ao ler o Evangelho, é convidado a seguir o caminho e fazer a mesma experiência. “Em Jesus todos os jovens podem encontrar-se com seus medos e esperanças, suas incertezas e seus sonhos, e podem ser confiados a Ele.”¹²⁷

Santo Irineu, quando trata da humanidade de Jesus, diz-nos que o próprio Jesus santificou todas as idades, por aquela semelhança que estava nele. “Jovem com os jovens, tornou-se seu modelo e os santificou para o Senhor”.¹²⁸ Segundo ele, Jesus ainda era jovem quando se entregou ao projeto do Pai sofrendo a paixão. É por meio de seu sofrimento que o próprio Cristo se torna próximo dos outros jovens, diante de seus sofrimentos e lutas.

“Considerar o jovem como lugar teológico é acolher a voz de Deus que fala por ele. A novidade que a cultura juvenil nos apresenta neste momento, portanto, é sua Teologia, isto é, discurso que Deus nos fala pelo jovem.”¹²⁹ Dessa maneira, a juventude, para a Igreja, representa um sinal de revitalização diante da realidade teológica que nos apresenta como mistério inesgotável e de perene novidade.

Contudo, o jovem como sujeito eclesial é aquele que é chamado e motivado a assumir seu compromisso por meio do encontro com a pessoa de Jesus. É a experiência com o próprio Deus que o torna capaz de perceber Jesus como o Cristo. Desse modo, a fé é um movimento pessoal daquele que decide seguir Jesus e seu projeto.

A busca juvenil de modelos e referenciais é uma porta que se abre para o processo de evangelização [...]. A ação evangelizadora deve ajudar o jovem a ter contato pessoal com Jesus Cristo nos Evangelhos, por meio de sua mensagem, suas atitudes, sua maneira de tratar as pessoas, sua coragem profética e a coerência entre seu discurso e sua vida. A Igreja é santa, mas formada por homens e mulheres marcados

¹²⁵ SÍNODO DOS BISPOS, 2019, n. 65.

¹²⁶ MARCHINI, Welder Lancieri. **Escolhendo Jesus: jovens cristãos para uma nova sociedade**. Petrópolis: Vozes. 2018. p. 99.

¹²⁷ SÍNODO DOS BISPOS, 2019, n. 63.

¹²⁸ DE LIÃO, Irineu. **I, II, III, IV, V Livros. Contra as Heresias, II, 22, 04**. São Paulo: Paulus, 1995. p. 195.

¹²⁹ CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL, 2007, n. 81.

pela realidade do pecado. Devido à fraqueza humana, ela sofre continuamente a tentação de ser afastada da mística de seu fundador. A Igreja que evangeliza precisa ser continuamente evangelizada. “Pode se criticar muito a Igreja. Nós o sabemos e o Senhor mesmo nos disse que ela é como rede com peixes bons e ruins, um campo com trigo e joio. O Papa João Paulo II, que nos mostrou o verdadeiro rosto da Igreja nos numerosos beatos e santos que proclamou, também pediu perdão pelo mau causado, no correr da História, pelas palavras ou atos de homens da Igreja”.¹³⁰

Assim, é importante que os jovens entendam que as opções, o estilo de vida e a mensagem de Jesus Cristo respondem aos anseios mais profundos de uma juventude que aspira e luta por liberdade pessoal e social, pela justiça, pelo amor e pela solidariedade com os mais empobrecidos.

2.4 A evangelização da juventude

Como vimos, a juventude, ao longo de todo seu processo histórico, tem se caracterizado por diferentes modos de concepção. Diante do advento das ciências modernas, muitos especialistas da área da sociologia, da antropologia, da psicologia e da religião se debruçaram diante dessa temática, ajudando-nos na reflexão que comporta tal realidade. O conceito de juventude nesse ambiente pós-moderno ou contemporâneo vem perdendo cada vez mais a noção de ser meramente uma faixa etária e vem se abrindo cada vez mais a um conceito amplo. De acordo com o Estatuto da Juventude, “[...] são consideradas jovens as pessoas com idade entre 15 (quinze) e 29 (vinte e nove) anos de idade”.¹³¹ Esse período que intermedeia a infância e a vida adulta está marcado genericamente por meio das transformações físicas, caracterizada pela puberdade, paralelamente ligadas às transformações intelectuais, emocionais e, conseqüentemente, tendo seu grau de excelência na vida adulta. Para a sociologia, essa fase é demarcada pelo término dos estudos, pela experiência do primeiro emprego, pela saída da casa dos pais como sinal de autonomia, pela busca por uma moradia e pela inserção na vida matrimonial.

A juventude também pode ser compreendida como categoria social, pois a mesma se constitui como conjunto de sujeitos sociais capazes de atuar como unidade, mesmo com diferenças de classes entre si. Destacamos também os elementos históricos/simbólicos que marcam as experiências geracionais, que os fazem reconhecidos perante a sociedade. Desse modo, sublinhamos a fase como ciclo vital, diante de mudanças e transformações de âmbito

¹³⁰ CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL, 2007, n. 53, p. 69.

¹³¹ BRASIL. **Lei nº 12.852, de 5 de agosto de 2013**. Institui o Estatuto da Juventude e dispõe sobre os direitos dos jovens, os princípios e diretrizes das políticas públicas de juventude e o Sistema Nacional de Juventude. Brasília, DF, 2013.

psicológico, sociológico e humano. Aqui não se trata de mera fase de transição da infância para a idade adulta, mas um período da vida do ser humano com intensos significados sociais, trajetórias e demandas geracionais concretas. Sua situação define, por sua vez, seus processos de socialização nos quais estão inseridos. Contudo é preciso considerar que são diferentes e desiguais e, por isso, muito se fala de juventudes. Nesse sentido, a relação da vida em grupos, como relação de grupos entre iguais e suas profundas experiências que os levam ao encontro e desencontro de si e do outro, é fundamental para compreendermos a totalidade dessa realidade estudada que é a juventude.

A Igreja tem por missão ser sinal e instrumento de salvação de Deus no mundo, para toda a humanidade. A palavra *Evangelho* vem do grego *eu-aggelion*, que significa no singular o anúncio ou a mensagem da Boa-nova da salvação em Jesus Cristo. É justamente esse conteúdo que encontramos nos Evangelhos: Jesus, o filho de Deus, que veio trazer com sua vida e sua encarnação a proposta de uma nova vida, uma nova notícia. Notícia essa que Jesus anunciou dizendo que o Reino de Deus está próximo. Toda a mensagem de Jesus é centrada neste anúncio que é a presença do Reino em nosso meio.

Segundo o papa Francisco, “[...] evangelizar é tornar o Reino de Deus presente no mundo”.¹³² Para ele, a missão da Igreja responde evidentemente ao mandato do ressuscitado, atestado no final do Evangelho de Mateus, no qual Cristo envia os discípulos para pregarem o Evangelho em todo tempo e lugar (Mt 28,19-20). “A comunidade evangelizadora experimenta que o Senhor tomou a iniciativa, precedeu-a no amor (cf. 1Jo 4,10) e, por isso, ela sabe ir à frente, sabe tomar a iniciativa sem medo.”¹³³

Apresentar um conceito de evangelização para o trabalho com a juventude é pensar os melhores caminhos de ação, compreendendo o universo da juventude. Em contrapartida, compreender o período marcado por mudanças físicas, cognitivas e afetivas é compreender como fase primordial para afirmação de suas escolhas, suas aptidões, suas experiências e, sobretudo, sua experiência com Deus como forma de encontro. Desse modo, a evangelização será condição necessária para que o jovem em questão adquira uma boa identidade cristã e se envolva na edificação do Reino de Deus.¹³⁴

¹³² FRANCISCO, Papa. **Exortação Apostólica do Papa Francisco Evangelii Gaudium – A alegria do Evangelho:** sobre o anúncio do Evangelho no mundo de hoje. Brasília, DF: Edições CNBB, 2013a. n. 176.

¹³³ Ibidem, n. 24.

¹³⁴ CLANDO, Eduardo; LEDO, Jordelio Seles. **Evangelizar a Juventude.** 2013. Disponível em: <https://www.vidapastoral.com.br/artigos/temas-teologicos/evangelizar-a-juventude>. Acesso em: 9 maio 2018. p. 23.

Segundo Enzo Bianchi,¹³⁵ quando se trata destes novos estilos de evangelização que dizem respeito aos jovens de hoje, não professam uma incredulidade intelectual nem mesmo uma indiferença justificada: buscam propostas que tenham sentido, querem tentar um caminho que tenha sentido com os outros, não gostam de pressupostos e soluções pré-fabricadas.

Agenor Brighenti, ao tratar do tema da nova evangelização, diz:

A necessidade de uma *nova evangelização* se impõe antes do desafio de manter sempre viva a atual novidade do Evangelho. A mensagem cristã é por excelência, Boa Notícia de plenitude de vida, uma diferença que necessita diferenciar a vida das pessoas, das culturas e religiões.¹³⁶

No programa apresentado por Paulo VI acerca da evangelização no mundo contemporâneo, destaca-se como pano de fundo que a salvação e o Reino de Deus ocupam o centro de toda mensagem de Jesus. Certamente, o anúncio de ambos suscita no coração de Deus o desejo ardente de se tornar conhecido, e dos homens, de conhecer a Deus, num processo de conversão, libertação e adesão a um projeto que busca sentido por meio dos mistérios da vida, paixão, morte e ressurreição de Jesus. Desse modo, é também missão da Igreja “evangelizar todos os homens”, ou seja, pregar, ensinar, ser o canal do dom da graça, reconciliar os pecadores com Deus e perpetuar o sacrifício de Cristo na santa missa.¹³⁷ Ainda tratando especificamente da realidade juvenil, Paulo VI nos diz:

As circunstâncias de momento convidam-nos a prestar uma atenção muito especial aos jovens. O seu aumento numérico e a sua crescente presença na sociedade e os problemas que os assediam devem despertar em todos o cuidado de lhes apresentar, com zelo e inteligência, o ideal evangélico, a fim de eles o conhecerem e viverem. Mas, por outro lado, é necessário que os jovens, bem formados na fé e na oração, se tornem cada vez mais os apóstolos da juventude. A Igreja põe grandes esperanças na sua generosa contribuição nesse sentido; e nós próprios, em muitas ocasiões, temos manifestado a plena confiança que nutrimos em relação aos mesmos jovens.¹³⁸

Atualmente, estamos vivendo um contexto de mudança cultural, por ocasião do processo de globalização, das múltiplas narrativas do sujeito, da crise das instituições (Estado, Igreja, Família, Escola), da midiaticização, dos ambientes digitais etc. Não nos permite ficar com uma imagem fixa do mundo nem de Deus, menos ainda do Evangelho recebido de Jesus Cristo e testemunhado pelos apóstolos. A crescente mudança de época supõe para a Igreja uma transformação, num abandono de opção autorreferencial, para uma Igreja em saída, ou seja, do perigo de estar em si mesma adoecida, sob uma luz própria e diante de um

¹³⁵ BIANCHI, Enzo. **Novos estilos de evangelização**. São Paulo: Loyola, 2015. p. 28.

¹³⁶ BRIGHENTI, Agenor. **Nueva evangelización e inculturación**. Mexico: Dabar, 2013. p. 11.

¹³⁷ PAULO VI, 1975, n. 14.

¹³⁸ Ibidem. n. 72.

mundanismo espiritual, para uma realidade mais ampla e abrangente, a qual propõe o papa Francisco uma saída às periferias não só geográficas, mas também as existenciais, como as do mistério do pecado, da dor, da injustiça, da ignorância e prescindência religiosa, do pensamento, de toda miséria. Aqui, ele nos faz pensar não numa novidade de fé, pois o conteúdo daquilo que professamos é inalterável, mas sim ter ousadia em responder a realidades que trazem à fé uma crise de confiança.

O *Documento de Aparecida* nos apontou: “Muitas vezes, as linguagens utilizadas parecem não levar em conta a transformação dos códigos existencialmente relevantes nas sociedades influenciadas pela pós-modernidade e marcadas por um amplo pluralismo social e cultural”.¹³⁹ Essa característica no universo juvenil faz uma diferença qualitativa no que se refere à evangelização. Hoje falamos de mudanças de gerações, tecnologias, ambientes digitais etc. Estes, como tantos outros, influenciam diretamente a linguagem efetiva para a transmissão e a vivência da fé. De acordo com o ponto de vista da antropologia, a condição juvenil atual passa por uma considerável transformação social. Desse modo, a sua maneira de estar no mundo, por meio das redes sociais (novas tecnologias), o mercado de trabalho, as novas formas de violência, afetam de modo direto o universo da juventude e apresentam como desafio frente à religiosidade a questão da diversidade.

Diante dos desafios apresentados para a evangelização dos jovens, o papa Francisco apresenta, como programa de seu pontificado, a Exortação Apostólica *Evangelii Gaudium*, sobre o anúncio do Evangelho no mundo atual. Este propõe uma pedagogia do encontro com marcas afetivas de uma amizade concreta e verdadeira, como vemos no Evangelho de João: “Vós sois meus amigos, se fizerdes o que vos mando” (Jo 15,14). A relação de amizade é estabelecida pela adesão a todo projeto apresentado pela pessoa de Jesus, sendo esta realidade meramente humana. Desse modo, a vontade de Deus é a amizade estabelecida por meio de um novo vínculo; a correspondência do homem a Deus é sua aceitação à vida divina.

Na EG, o papa Francisco sublinha que

[...] somente graças a este encontro – ou reencontro – com o amor de Deus, que se converte a uma amizade feliz, é que somos resgatados da nossa consciência isolada e da autorreferencialidade. Chegamos a ser plenamente humanos, quando permitimos a Deus que nos conduza além de nós mesmos, a fim de alcançarmos o nosso ser mais verdadeiro. Aqui está a fonte da ação evangelizadora.¹⁴⁰

¹³⁹ CONSELHO EPISCOPAL LATINO-AMERICANO. **Documento de Aparecida**: texto conclusivo da V Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano e do Caribe. São Paulo: Paulus, 2007. n. 395.

¹⁴⁰ FRANCISCO, 2013a, n. 8.

Contudo, a evangelização nos impele frente ao nosso tempo a uma constante renovação, uma atitude consciente e madura, e de responsabilidade diante dos compromissos implicados a ela. A alegria do anúncio da Boa-nova deve ser também transmitida com fervor e entusiasmo, pois, na evangelização com a juventude, a alegria é o sinal autêntico, que atrai cada vez mais jovens a uma experiência pessoal com a pessoa de Jesus.

Segundo Catelam, nossa dor não é a de uma competição perdida, mas a de um amor ferido. A dor de não termos conseguido evangelizar os sacramentalizados. A Exortação Apostólica “*Evangelli Gaudium*” é uma proposta de espiritualidade. Esta proposta é uma saída para o individualismo que tem como sintoma o gnosticismo e o pelagianismo. A saída está justamente no encontro com Jesus Cristo que desencadeia numa missão: partilhar a experiência do encontro do amor de Deus com os outros. Se antes do Concílio, a missão era salvar as almas das pessoas, agora consiste num outro paradigma: partilhar o amor de Deus com os outros. A partir do encontro que experimentamos já se dá a espiritualidade. O discípulo é aquele que suja os pés para ir, em missão, levar às pessoas o anúncio da alegria do encontro com Jesus Cristo...¹⁴¹

Porém, vale ressaltar que a juventude não é um grupo homogêneo. Essas e tantas outras questões tocam de modo direto a vida de tantos jovens. Essa pluralidade aparece no documento final da reunião pré-sinodal como também no *instrumento laboris*, que expõem o fenômeno diverso da juventude: “Há jovens que gostariam que o posicionamento da Igreja mudasse, há jovens que querem aprender mais sobre o que a Igreja ensina e há muitos jovens que são felizes com o ensinamento da Igreja”.¹⁴² Desse modo, a juventude é uma categoria que está sempre em construção e, seja na Igreja ou na sociedade, está sempre em disputa.

2.5 Juventude e a fé cristã

Para cada época, servimo-nos dos trabalhos da Igreja com a juventude; sua memória nos ajuda a criar raízes profundas de identidade própria na evangelização dos jovens.

Num primeiro momento, as escolas e as universidades católicas ganham um maior destaque, pois inicialmente foi por meio delas que a Igreja influenciou a vida de muitos jovens. A Igreja, em sua história, montou uma grande rede de escolas e universidades católicas. Pensando a juventude como essa classe minoritária, foi diante da necessidade de proporcionar aos pobres um ensino de formação cristã que se torna para a história um instrumento de evangelização que atinge várias gerações cristãs.

¹⁴¹ CATELAN, Monsenhor. **O desafio da Evangelização das Juventudes**. Disponível em: www.observatoriodaevangelizacao.com.br. Acesso em: 28 abr. 2020.

¹⁴² SÍNODO DOS BISPOS, 2017, p. 9.

Num segundo momento, os movimentos marianos, como a *Congregação Mariana*, as *Filhas de Maria*, reuniram em seu interior muitos jovens. Eram movimentos de espiritualidade e ação apostólica que proporcionavam aos jovens uma consciência cristã em seu tempo. Vale a pena ressaltar que neste momento histórico foram muito fortes as iniciativas das ordens religiosas, que motivaram muitas vocações juvenis pelo desejo de fazer participar da espiritualidade de seu carisma.

2.5.1 Ação Católica Geral

Nos anos de 1930-1950, no pontificado de Pio XI, nasce na Igreja a Ação Católica Geral.¹⁴³ Essa foi uma grande inspiração do Sumo Pontífice, que trouxe para o seio da Igreja um movimento leigo que marcaria não só a comunidade eclesial como também o mundo todo. O contexto em que se insere seu pontificado era de um mundo que havia passado pela Primeira Guerra Mundial, que recentemente havia acabado. O mundo estava diante da mobilização do socialismo, do capitalismo liberal e do comunismo.

“A tomada de consciência do fenômeno chamado *descristianização* exigia revitalização e impulso coesivo por parte de todas as forças vivas da Igreja com vistas à recristianização das sociedades, fundamentalmente em suas áreas urbanas.”¹⁴⁴

O objetivo fundamental desta ação era criar uma integração do laicato militante, preservando-o das influências secularizantes das ideologias políticas da época, porém preparando-o para uma participação ativa e consciente nos ambientes da sociedade, onde o clero não conseguia alcançar. O testemunho dos leigos levava a defesa e a promoção dos direitos humanos dentro e fora da Igreja.

Neste período histórico, a Igreja percebe a força transformadora do jovem, e a grande necessidade de se trabalhar com essa classe etária, que se entendia como parte da construção da sociedade. Desse modo, podemos perceber que a Ação Católica teve grande influência na formação de jovens católicos.

Importante ressaltar que essa ação para a Igreja foi uma grande iniciativa para inserir no seu interior a participação ativa dos leigos. Desse movimento surgiram jovens com vocação para transformar a Igreja e a sociedade em muitos países do mundo.

¹⁴³ A Ação Católica Geral foi um movimento de Ação Católica que teve grande influência na formação de jovens católicos, em vários países do mundo.

¹⁴⁴ CONFERÊNCIA GERAL DO EPISCOPADO LATINO-AMERICANO E DO CARIBE (CELAM). **Pastoral da Juventude**: sim à civilização do amor. São Paulo: Paulinas, 1987. p. 57.

Segundo Flavio Sofiati, “[...] a Ação Católica chegou ao Brasil na década de 1930, com o objetivo de envolver os leigos na ação evangelizadora como apóstolos oficiais”.¹⁴⁵ O primeiro grupo recebe o nome de Juventude Feminina Católica e recebe do papa Pio XI as seguintes recomendações:

[...] a Ação Católica é necessária, dada a escassez do clero; antes de tudo, procura-se a formação; que haja uma unidade orgânica, com coordenações em todas as associações; que o objetivo da Ação Católica seja fazer de cada indivíduo um apóstolo de Cristo no ambiente social onde estiver; que sejam organizadas semanas de estudos e orações necessárias para a formação de militantes entre os jovens estudantes e operários; que a Ação Católica seja o exercício pacífico de Cristo, exército de justiça, amor e paz.¹⁴⁶

Com esse pensamento, o leigo, diante da ação da Igreja, torna-se o braço estendido da hierarquia no seio da sociedade, como apóstolo organizado e subordinado ao poder do clero. Nesse contexto, as mulheres e também a juventude conquistam um espaço privilegiado na estrutura da Igreja. Desse modo, para responder ou enfrentar todo esse contexto, a Igreja criava sua própria demonstração de poder, por meio dos leigos que eram abertos a serem agentes de evangelização.

Essa organização fora vista como os primeiros passos para uma abertura na participação mais ativa dos leigos. A mentalidade era incentivar a formação dos leigos passivos e submissos que defendiam e cumpriam seu papel dentro da hierarquia.

2.5.2 Ação Católica Especializada

O segundo momento dessa Ação Católica será chamado de *Especializada*,¹⁴⁷ sob o pontificado de Pio XII, eleito em 1939. Essa segunda fase irá ganhar um avanço, sobretudo no entendimento e na inserção do leigo na Igreja. Importante notar que passa sua concepção de participação do apostolado da hierarquia para cooperação e colaboração do leigo. Nesse sentido, o protagonismo juvenil ganhará um amplo espaço para compreensão e articulação. Eles se tornarão corresponsáveis pela Igreja e pela sua missão no mundo como agentes de transformação.

Movimento nascido na Europa, França e Bélgica, difunde na América Latina a Juventude Agrária Católica (JAC), a Juventude Estudantil Católica (JEC), a Juventude

¹⁴⁵ SOFIATI, Flavio Munhoz. **A juventude no Brasil: história e organização**. 2008. Disponível em: <http://apebfr.org/passagesdeparis/editione2008/pdf/14%20Flavio%20Munhoz%20Sofiati.pdf>. Acesso em: 9 nov. 2019. p. 38.

¹⁴⁶ Ibidem, p. 39.

¹⁴⁷ A Ação Católica é especializada porque, para agir em profundidade, mantém para cada meio específico uma especialização como apóstolo do próprio meio.

Independente Católica (JIC), a Juventude Operária Católica (JOC) e a Juventude Universitária Católica (JUC). O sentido das especificidades é dado pelo fato de os operários evangelizarem os operários, os estudantes evangelizarem os estudantes etc., como haviam recomendado os Sumos Pontífices da Ação Católica.

Segundo a Conferência Episcopal Latino-Americana (Celam), o caminho percorrido pela pastoral juvenil, numa proposta de pastoral orgânica da juventude na América Latina, solidificou o caminhar de conjunto dos jovens unidos à Pastoral Juvenil. A Igreja nesse sentido se encontrou apta nos trabalhos com a juventude para anunciar o Evangelho com convicção, liberdade de espírito e eficiência. Com isso, ao cumprir o seu dever de mensageiros da Boa-nova, converteu-se em programa de vida e de ação, mais ainda quando se trata de estimular jovens em sua tarefa de evangelizadores.

Nos anos de 1960, houve um grande despertar da juventude em âmbito mundial. Os movimentos juvenis propuseram um novo estilo de vida e novos valores. Ora, “[...] a juventude passou a se apresentar para a sociedade com maior ênfase por intermédio do movimento estudantil, com suas variadas tendências político-ideológicas, no âmbito religioso a juventude católica era organizada por meio da Ação Católica especializada”.¹⁴⁸

No ano de 1958, a situação descrita em relatório pela IV Assembleia da CNBB era:

Juventude Agrária Católica (JAC) – penetrou em 20 dioceses e através de suas equipes militantes tem tomado iniciativas como: promoção da Páscoa do agricultor, Natal do agricultor, cursos de preparação para o casamento, serviços de biblioteca, orientação doméstica, formação de líderes rurais e semanas ruralistas.

Juventude Estudantil Católica (JEC) – está atuando em 72 dioceses e realiza: serviços de catequese, trabalho de orientação de leitura e de cinema, atuação nos jornais e grêmios estudantis, trabalho pela valorização do estudo e elevação moral dos estudantes, orientação bibliográfica, orientação vocacional, campanha de reivindicações estudantis.

Juventude Independente Católica (JIC) – atingiu 45 dioceses e aponta as seguintes realizações: grandes assembleias populares para debates públicos do problema da juventude contemporânea, retiros espirituais, dias de estudo, campanhas de Páscoa e Natal.

Juventude Operária Católica (JOC) – não há quem não tenha conhecimento do esforço despendido pela JOC no setor operário brasileiro. Setor minado de comunismo e descristianização. Algumas de tantas realizações: peregrinações, horas santas, serviço de jornal e folhas volantes, defesa do menor nos meios de trabalho, campanhas de reivindicações operárias, contatos com líderes sindicais.

Juventude Universidade Católica (JUC) – com 33 centros em regiões diferentes, a JUC vem executando uma atividade que se traduz no seguinte: divulgação da Doutrina Social da Igreja, missa para os calouros, atuação dos militantes nos diretórios acadêmicos e congressos estudantis, estudo dos valores básicos do cristianismo, divulgação de livros e publicações, conferências e debates.¹⁴⁹

¹⁴⁸ SOFIATI, 2008, p. 2.

¹⁴⁹ Relatório da IV Assembleia Geral dos Bispos do Brasil. In: BETIATO, Mario Antonio. **Da Ação Católica à Pastoral de Juventude**. Petrópolis: Vozes, 1985. p. 38.

Todo esse movimento da Ação Católica Especializada resultou para a Igreja no pontapé inicial do trabalho da evangelização com a juventude. Foi por esse caminho que os jovens católicos no Brasil se fizeram juventude. De acordo com Hilário Dick, “Ela gestou o protagonismo juvenil na Igreja Católica e deu base de sustentação para o desenvolvimento de um método de trabalho com a juventude no catolicismo conhecido como Ver-Julgar e Agir”.¹⁵⁰ Beozzo ainda afirma que “[...] essas juventudes foram as que melhor aproveitaram as definições que viriam do Concílio Vaticano II”¹⁵¹ e que, segundo Michael Lowy, a Ação Católica Especializada “[...] possibilitou a potencialização e a sistematização do Cristianismo da Libertação, pois essas juventudes desenvolveram uma organização nacional que conseguia articular as experiências locais com a conjuntura social e religiosa da época”.¹⁵²

Importante ressaltar que, mesmo diante de tamanha articulação com a juventude, até o Vaticano II não havia nada nos documentos da Igreja do Brasil que fizesse menção às juventudes do país. “Mas sabemos, as juventudes de congregações religiosas e outros movimentos juvenis eram grandes e muito organizados em âmbito nacional e internacional. A JUFRA (Juventude Franciscana), Juventude Marista, Juventude Marial dentre outros.”¹⁵³ Estes tinham uma articulação própria por meio de encontros, ambientes religiosos que favoreciam a expressão da fé e um profundo desejo de unidade nos trabalhos com a juventude em todo o Brasil.

Paulo VI, na conclusão do Concílio Vaticano II, reconhece e não descarta a importância dos jovens, dizendo:

A Igreja, durante quatro anos, tem estado a trabalhar para um rejuvenescimento do seu rosto, para melhor responder à intenção do seu fundador, o grande vivente, o Cristo eternamente jovem. E no termo desta importante revisão de vida, volta-se para vós. É para vós, os jovens, especialmente para vós, que ela acaba de acender, pelo seu Concílio, uma luz: luz que iluminará o futuro, o vosso futuro.¹⁵⁴

Nessa perspectiva, os jovens foram inseridos na comunidade eclesial como categoria de Povo de Deus, sua organização e ação resultou mais tarde no nascimento da Pastoral da Juventude.

¹⁵⁰ DICK, Hilário. **O caminho se faz**: história da Pastoral da Juventude do Brasil. Porto Alegre: IPJ, 1999. p. 21.

¹⁵¹ BEOZZO, Oscar. **A Igreja do Brasil**: de João XXIII a João Paulo II, de Medellín a Santo Domingo. Petrópolis: Vozes, 1994. p. 87.

¹⁵² LOWY, Michael. **A guerra dos deuses**: religião e política na América Latina. Petrópolis: Vozes, 2000. p. 139.

¹⁵³ PRADO, Antônio Ramos do. **Escolhendo Jesus**: Jovens cristãos para uma nova sociedade. Petrópolis: Vozes, 2018. p. 28.

¹⁵⁴ PAULO VI, Papa. **Mensagem do Papa na Conclusão do Concílio – aos jovens em 8 de dezembro de 1965**. Disponível em: http://www.vatican.va/content/paul-vi/pt/speeches/1965/documents/hf_p-vi_spe_19651208_epilogo-concilio-giovani.html. Acesso em: 26 mar. 2018.

2.5.3 Concílio Vaticano II

Nos passos históricos que se seguem, temos presente o Concílio Vaticano II, que ocorreu de 11 de outubro de 1962 a 08 de dezembro de 1965 e se mostrou diferente dos demais. Enquanto os outros concílios traziam uma amplitude em suas discussões num teor doutrinário e disciplinar, o Concílio Vaticano II proporcionou à Igreja uma reflexão mais pastoral, que se propôs apresentar a fé numa nova ótica, algo que fosse eficaz para o homem moderno.

Na linguagem de João XXIII, quando teve a intenção de convocar o concílio, o termo pastoral tem uma característica particular. Nomear um concílio de pastoral não é, de nenhum modo, excluir a sua ação ou especificidade doutrinal, mas é um grau de importância que compromete o dogma com a vida. Dessa forma, torna-se mais completa a mera exposição da doutrina. Pastoral significa mais programático do que dogmático. Um aspecto dialogal em que todos podem colaborar, pois diante de um mundo tão diferente é tarefa de todos o esforço de aproximação.

Segundo Libânio, o Concílio trouxe para a Igreja uma verdadeira atualização, *aggiornamento*, e obrigou a Igreja a mergulhar nas fontes da Escritura e de sua Tradição. Apontou como característica a passagem de uma perspectiva dogmatista, que seria a compreensão do dogma que se preocupa em conhecer-lhe a essência, a substância e a verdade imutável, para uma perspectiva hermenêutica, que concentra a atenção em interpretar esse dogma para a mentalidade de cada época. Desse modo, a grande mudança proporciona um novo olhar da fé para a ação do Espírito Santo.¹⁵⁵

Quando falamos do Concílio Vaticano II, vemos presente duas ecclesiologias que nos fazem vislumbrar a “primavera” que Paulo VI trouxe para dentro da Igreja: a de comunhão e de colegialidade. A de comunhão, pois tudo está ligado à pessoa de Jesus Cristo. Ele é o princípio de todas as coisas, sendo Ele a *Luz das Nações (Lumen Gentium)*, a plenitude de toda a revelação divina. Nele se estabelece a nova configuração de Povo de Deus, quando sublinha, no parágrafo 23 da *Lumen Gentium*, que

Todos os homens são chamados a esta unidade católica do Povo de Deus, a qual anuncia e promove a paz universal; a ela pertencem, de vários modos, ou a ela se ordenam, quer os católicos, quer os outros que acreditam em Cristo quer, finalmente, todos os homens em geral, pela graça de Deus chamados à salvação.¹⁵⁶

¹⁵⁵ LIBÂNIO, João Batista. **Concílio Vaticano II: Em busca de uma primeira compreensão**. São Paulo: Loyola, 2005. p. 75.

¹⁵⁶ CONCÍLIO VATICANO II. **Constituição Dogmática Lumen Gentium**. 21 nov. 1964. n. 23. Disponível em: www.vatican.va. Acesso em: 13 ago. 2020.

Assim, a comunhão entre as Igrejas se apresenta como verdadeiro sinal de uma realidade de graça, pondo-se a serviço da salvação da humanidade.

Na colegialidade, a pastoral prevalece dominante diante do ministério ordenado, porém, em detrimento da presença do leigo. Aqui se percebe o crescimento da consciência da relevância do fiel leigo.

Libânio ressalta que “[...] a colegialidade de dentro para fora e de baixo para cima permite sonhar com uma Igreja totalmente ministerial. O serviço à comunhão constitui-se a vocação primordial do ministério ordenado. A única Igreja de Cristo é a comunhão de Igrejas”.¹⁵⁷

Quanto à maior participação do leigo, teologicamente avançou-se. O Concílio firmou com clareza a verdade da igualdade fundamental de todos os membros do Povo de Deus pelo batismo. O Espírito Santo age em todos. O *sensus fidei* e o *sensus fidelium* garantiram a confiança básica em todos os cristãos. No nível prático, não se criou um “estatuto jurídico” suficientemente consistente que garantisse ao leigo realmente o direito de participação no interior da Igreja até no exercício de ministérios, sem precisar depender da aprovação das autoridades eclesiais. Falta-lhe um reconhecimento externo de que ele é também Igreja.

Diante desse contexto, a juventude ganha um amplo espaço na sua concepção ou importância para a Igreja. Depois do Vaticano II, os jovens recebem uma cidadania eclesial, ou seja, o Concílio assumiu a responsabilidade de dar vez e voz ao jovem dentro da Igreja, de forma oficial e permanente. O Concílio tem uma visão positiva desses novos atores sociais e da sociedade; ou seja, sem um olhar que os torne protagonistas da história não seria possível a presença do jovem na Igreja.

Vale a pena ressaltar que o Concílio não partiu da postura defensiva e desconfiada. Incentivou os jovens a participar e dar sua contribuição para a Igreja. A grande novidade que o Concílio traz para a realidade juvenil é em dizer que o Espírito Santo age em todos os batizados, sobretudo nos jovens, por isso são chamados a ser missionários mesmo antes de amadurecer totalmente como pessoas e como cristãos.

Os jovens exercem na sociedade de hoje um influxo da maior importância. As condições em que vivem, os hábitos mentais e até as relações com a própria família estão profundamente mudadas. É frequente passarem com demasiada rapidez a uma condição social e econômica nova. Por um lado, cresce cada vez mais a sua importância social e até política; por outro, parecem incapazes de assumir convenientemente as novas tarefas.

Este acréscimo de influência na sociedade exige deles uma atividade apostólica correspondente. Aliás, a sua própria índole natural os dispõe para ela. Com o amadurecimento da consciência da própria personalidade, estimulados pelo ardor da

¹⁵⁷ LIBÂNIO, 2005, p. 119.

vida e pela atividade transbordante, assumem a própria responsabilidade e desejam tomar a parte ativa que lhes compete na vida social e cultural. Se este zelo é penetrado pelo espírito de Cristo e animado pela obediência e pelo amor para com os pastores da Igreja, podemos esperar dele frutos muito abundantes. Eles mesmos devem ser os primeiros e imediatos apóstolos da juventude e exercer por si mesmos o apostolado entre eles, tendo em conta o meio social em que vivem.¹⁵⁸

O Vaticano II nos colocou em uma dinâmica nova, soube escutar as vozes dos novos atores sociais, entre eles os jovens, sobretudo no que diz respeito à declaração sobre a educação cristã: “Todos os cristãos, na medida em que foram regenerados pela água e pelo Espírito Santo, foram constituídos novas criaturas e são chamados de filhos de Deus, têm direito à educação cristã”,¹⁵⁹ sobretudo os jovens que são a esperança da Igreja.

A Igreja, nessa perspectiva, faz o exercício de olhar para dentro de si, buscando um *aggiornamento*, e olhar para fora, para o mundo moderno nos seus aspectos negativos e positivos. A renovação da Igreja em uma circularidade que implica rever a Igreja revendo o mundo e vice-versa. Portanto, o horizonte último do olhar é toda a humanidade, como ressalta a *Gaudium et Spes*, segundo a qual “[...] é a pessoa humana que deve ser salva. É a sociedade que deve ser renovada”.¹⁶⁰

2.6 Civilização do Amor

A Civilização do Amor se apresenta como um caminho percorrido pela Igreja da América Latina, marcada pelas suas lutas e conquistas diante da experiência profunda com o outro. A marca dessa caminhada será o olhar da fé como elemento transformador e libertador da realidade humana.

Essa expressão *Civilização do Amor* foi utilizada pela primeira vez no âmbito eclesial pelo papa Paulo VI, na festa de Pentecostes em 17 de maio de 1970. Sua intenção era manifestar a capacidade de toda a humanidade de viver uma profunda evolução, mesmo que passasse por lutas sociais. Disse que: “A Civilização do Amor reinará com o tempo, e com o amor, a humanidade se transfigurará em Cristo Jesus”.¹⁶¹

¹⁵⁸ CONCÍLIO VATICANO II, 1965d, n. 12.

¹⁵⁹ Idem. **Declaração Gravissimum Educationis**: sobre a educação cristã. 28 out. 1965c, n. 2. Disponível em: www.vatican.va. Acesso em: 13 ago. 2020.

¹⁶⁰ Idem. **Constituição Pastoral Gaudium et Spes**: sobre a Igreja no mundo atual. 7 dez. 1965b, n. 3a. Disponível em: www.vatican.va. Acesso em: 13 ago. 2020.

¹⁶¹ CORBELLINI, Vital. **A civilização do amor, expressão do bem-aventurado papa Paulo VI**. 14 mar. 2018. Disponível em: cnbbn2.com.br/a-civilizacao-do-amor-expressao-do-bem-aventurado-papa-paulo-vi/. Acesso em: 2 fev. 2020.

Nesse sentido, o horizonte do nosso olhar está na juventude; nela se encontra o lugar teológico, o lugar onde Deus faz a sua morada.

Papa Bento XVI também utilizou dessa expressão no dia 22 de agosto de 2010, por ocasião da festa de Nossa Senhora Rainha, apresentando a figura de Nossa Senhora como símbolo da nova Civilização do Amor, e disse: “Confiemos à sua intercessão a oração cotidiana pela paz, especialmente onde a lógica da violência está mais desenfreada, para que todas as pessoas se convençam de que, neste mundo, temos de nos ajudar, uns aos outros, como irmãos, a construir a Civilização do Amor”.¹⁶²

Papa Francisco, no contexto da Jornada Mundial da Juventude no Rio de Janeiro, também disse aos jovens: “Façam florescer a Civilização do Amor. Ele reforçava a necessidade de buscar com a vida a realização de grandes ideais; valorizar a dignidade de cada ser humano e apostar em Cristo e no seu Evangelho.”¹⁶³

Para a Igreja da América Latina, a Civilização do Amor será mais do que uma mera expressão, será uma nova maneira de ser no tempo, será um projeto que irá reconhecer e valorizar a presença significativa dos jovens de várias expressões. Nesse âmbito eclesial será uma releitura da visão da Igreja sobre o mundo. Uma Igreja jovem nas mais diferentes formas de organização, reforço de grandes ideais, descobertas de novos horizontes, intensificação do chamado para a missão entre as juventudes, bem como a abertura, sobretudo, em novos ambientes que nos desafiam cotidianamente.

Importante ressaltar que, quando falamos deste projeto – *Civilização do Amor: projeto e missão* –, fazemos um recorte no que restringe a nossa pesquisa no âmbito latino-americano, sobretudo diante dos pronunciamentos da Conferência Latino-Americana e Caribenha.

O desafio da construção da Civilização do Amor, apresentado pelo papa Paulo VI, e acolhido pela Pastoral Juvenil Latino-Americana, é e continua sendo projeto e missão. Foi assumido com coragem por aqueles que começaram este caminho e agora é continuado, com ardor, pelas novas gerações da Pastoral Juvenil Latino-Americana, as quais, por sua vez, transmitem-no às juventudes do Continente; o desafio é construir o Reino de Amor na pátria grande.¹⁶⁴

Temos como objetivo principal entender a condição do jovem no tempo atual, e com isso, despertar a consciência das pessoas, sobretudo a da juventude, de acordo com os novos termos dessa pós-modernidade, permitindo-nos sua compreensão para que possamos operá-la. Ao falar aqui de juventude, devemos entendê-la, sobretudo, na sua rica pluridiversidade e em sua participação numa cultura fragmentada e múltipla. Dessa forma, mais do que universos

¹⁶² CORBELLINI, 2018.

¹⁶³ Ibidem.

¹⁶⁴ CONSELHO EPISCOPAL LATINO-AMERICANO, 2013, p. 10.

juvenis, há pluriversos, e estes incorporam diferentes modos de pensar. A idade juvenil fascina pelo paradoxo de sua constituição: da vulnerabilidade e da potencialidade. Na fragilidade da idade, que deixa para trás a serenidade e a segurança da infância, sem ainda ter atingido a solidez da idade adulta, existe estupenda potencialidade.

Frente a essa realidade, a Igreja foi se posicionando diante da temática da juventude de diferentes modos. As conferências latino-americanas foram importantíssimas para a compreensão e a importância de trabalhar a juventude num contexto de evangelização. Nelas emergiu um esforço da Igreja de escutar e se confrontar com as linguagens e mundos nem sempre conhecidos, como o digital, e com dinâmicas globais que põem em discussão as culturas locais com seus valores. Ao mesmo tempo, emerge a riqueza do que as Igrejas fazem pelos jovens e com os jovens em todas as partes do mundo, acompanhando-os na fé e na vida, nas instituições católicas e, especialmente, nos contextos nos quais os jovens são descartados e postos à margem.

Diante das infinitas mudanças e perspectivas que o mundo pós-moderno apresentou e ainda apresenta, percebemos a necessidade de dialogar, na busca de uma maior compreensão de nossa realidade. A ruptura com a modernidade e o advento das ciências modernas face à experiência do sujeito reduzem a religião a uma convicção privada, caracterizando uma secularização do mundo por meio da emancipação do sujeito e da valorização da historicidade. A conceitualização de Deus, da religião, da Igreja e do cristianismo acaba sendo banida da vida pública e recaída sob uma forte crítica por meio de pensamentos modernos como o de Karl Marx, Friedrich Nietzsche, dentre outros. Segundo Paulo Sérgio Lopes Gonçalves, “A ciência moderna emergiu capaz de superar todos os outros dois estágios já experimentados: o religioso, efetivamente arcaico e ultrapassado porque afirmava a fé no sobrenatural, e o filosófico, denominado também como contemplativo e visto como inadequado aos novos tempos”.¹⁶⁵ Nesse sentido, o homem moderno idealizou a história como lugar dos acontecimentos humanos, vendo-se como sujeito e construtor da história.

Diante desse contexto, a Pastoral Juvenil foi configurada pela modernidade diante de uma juventude que tinha sede de mudança, num ambiente social de importantes transformações. Os jovens daquela época eram mais senhores de si nas suas decisões, nas escolhas de suas vocações, nas opções dentro da sociedade. Com isso, a modernidade teve um grande contributo para a vida da juventude. Neste contexto, Libânio ressalta:

¹⁶⁵ GONÇALVES, Paulo Sérgio Lopes. **Concílio Vaticano II: Análises e perspectivas**. São Paulo: Paulinas, 2005. p. 8.

A grande coordenada, que perpassa por todos os movimentos, é o extremo desejo e aspiração de uma sociedade onde “seja proibido proibir”, conforme o *slogan* de Maio de 1968 na França. Isto é, busca-se construir uma sociedade de liberdade, que não seja privilégio de algumas classes, mas a dimensão fundamental. Cresce cada vez mais nesse lençol subterrâneo, em ânsia de explodir em fontes de água pura, um sentido profundo de solidariedade com as classes mais desfavorecidas.¹⁶⁶

Nesse contexto é que nascem e passam a ganhar reconhecimento, também no Brasil, pensadores como Charles Péguy e, depois dele, Emmanuel Mounier, por sua reflexão anticapitalista cristã progressista. Mais tarde, com Ernst Bloch, influenciando muitos movimentos e organizações de cunho socialista, comunista, revolucionário e cristão, como a Ação Católica Especializada (JAC, JEC, JOC e JUC), a Teologia da Libertação e os movimentos populares.¹⁶⁷

Nos anos de 1960, há um grande despertar da juventude em âmbito mundial. Os movimentos juvenis propuseram um novo estilo de vida e novos valores. Ora, “[...] a juventude passou a se apresentar para a sociedade com maior ênfase por intermédio do movimento estudantil, com suas variadas tendências político-ideológicas, no âmbito religioso a juventude católica era organizada por meio da Ação Católica especializada”.¹⁶⁸

O ano de 1968 foi um marco histórico para a Igreja Católica da América Latina, que significou um ponto de partida para a construção de uma identidade eclesial para o continente. Nesse contexto, a América Latina foi marcada por movimentos sociais, polarização política e um grande protagonismo da juventude. Certamente, um momento crucial para a Igreja Católica, que precisava refletir sobre uma nova teologia que a adequasse ao cenário social da época. Nessa situação, foi realizada a II Conferência de Medellín, um divisor de águas para a Igreja latino-americana.

Desse modo, é preciso pensar que este ano foi completamente emblemático não só para a América Latina, mas para todo o mundo, especialmente a Europa, que também teve como protagonistas estudantes, jovens, operários, mulheres etc. Nós tivemos, depois da Segunda Guerra Mundial (1945), um período de desenvolvimentismo, em que vários países entraram por um caminho de luta por independência. Haja vista o protesto contra a Guerra do Vietnã na cidade de Wichita, no Kansas (EUA), movimentos pela paz insurgem gerando protestos e pressão contra o governo de Lyndon Johnson. Vejamos a seguir alguns exemplos do que ocorreu pelo mundo nesse momento. A Primavera de Praga, na Tchecoslováquia, atual República Tcheca, foi um desses movimentos, por meio do qual se iniciou uma série de reformas políticas, sociais,

¹⁶⁶ LIBÂNIO, João Batista. **O mundo dos jovens**. São Paulo: Loyola, 1983, p. 65.

¹⁶⁷ TOMAZI, Gilberto. **Juventude: protagonismo e religiosidade**. São Paulo: Paulinas, 2013. p. 78.

¹⁶⁸ SOFIATI, 2008, p. 2.

econômicas e culturais. Esse foi um movimento de massa em busca de um “socialismo humanizado”, crítico ao regime stalinista na URSS. No Brasil, em 28 de março, a morte do estudante Edson Luís de Lima Souto, assassinado pela Polícia Militar, gerou uma comoção nacional que se transformou em um dos grandes atos políticos contra a ditadura militar. O assassinato do pastor negro Martin Luther King, um dos líderes mais importantes do movimento dos direitos civis nos EUA, é outro exemplo. Ele sonhava com uma sociedade racialmente igualitária. Nos EUA, os movimentos *hippie* e o *rock n’roll* contestaram veementemente a Guerra do Vietnã. Na França, estudantes franceses ocuparam a Sorbonne, universidade tradicional do país; eles criticavam a política trabalhista e educacional do governo do general Charles de Gaulle. Ainda no Brasil, em 26 de junho, estudantes, religiosos e artistas de diversos setores da sociedade caminharam no centro do Rio de Janeiro como forma de protesto contra o regime militar, culminando no AI-5, Ato Institucional nº 5, o que significou o momento mais duro do regime militar. No México, o protesto de jovens, dez dias antes das Olimpíadas, pediu mais liberdades civis e a punição de casos de repressão policial. Esses e tantos outros fatos marcaram na história movimentos de lutas e buscas de ideais humanitários, sobretudo no cenário juvenil.

Diante dessa revolução juvenil, a Igreja começou a ter uma ação mais expressiva na defesa dos direitos humanos e mudou radicalmente sua postura eclesiológica e pastoral.

[...] pela primeira vez, o Episcopado de um continente reuniu-se para ler um Concílio a partir da própria realidade, reforçou a abertura social de João XXIII e do Concílio Vaticano II, aterrisou o Pacto das Catacumbas e assumiu os apelos da encíclica *Populorum Progressio*.¹⁶⁹

Diante de uma abordagem histórica sobre juventude, houve uma grande evolução na conceitualização e importância da juventude na Igreja. Segundo Paulo Fernando Dalla-Déa, “[...] depois do Concílio Vaticano II, os jovens têm cidadania eclesial, e foi o concílio que assumiu a responsabilidade de dar vez e voz para a juventude na Igreja, de forma oficial e permanente”.¹⁷⁰

Nesse contexto, Medellín apresentou um novo rosto da Igreja: o rosto latino-americano. No tocante à juventude, apresentou um sujeito que contribui e valoriza o sentido comunitário. A proposta do Celam para a juventude veio afirmar a necessidade de formação de assessoria, de modo mais especializado, e a consolidação e organização dos grupos.

¹⁶⁹ BRIGHENTI, Agenor; PASSOS, João Décio. **Compêndio das Conferências dos Bispos da América Latina**. São Paulo: Paulinas: Paulus, 2018. p. 344.

¹⁷⁰ PUNTEL, Joana T. Jovens [verbete]. In: PASSOS, João Décio; SANCHES, Wagner Lopes (coord.). **Dicionário do Vaticano II**. São Paulo: Paulus, 2015. p. 502.

2.6.1 Conferências Latino-Americanas e Caribenhas

2.6.1.1 I Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano (Rio de Janeiro, 1955)

A primeira Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano e Caribenho aconteceu em 1955, no Rio de Janeiro, antes do Concílio Vaticano II. Ali nasceu para a América Latina um novo jeito de ser Igreja, a partir de uma caminhada própria e um método próprio. A temática dessa primeira Conferência foi a escassez do clero e a formação do seminário. Nessa Conferência não houve tanta repercussão social, pois não se tratava de questões sociais.

2.6.1.2 II Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano (Medellín, 1968)

Pensar essa Conferência no contexto latino-americano foi uma tentativa de fazer acontecer o Concílio Vaticano II na América Latina, um modo de recepcioná-lo e aplicá-lo em nosso contexto. Este foi o primeiro documento em que a Igreja se colocou ao lado dos pobres, ou seja, uma Igreja presente junto ao povo mais pobre e mais simples.

O método assumido em Medellín foi a grande novidade, pois para transformar a realidade era preciso partir da realidade – uma chave de leitura que foi herdada nessa Conferência e assumida pela Igreja na América Latina até os dias atuais. Essa Conferência teve sua grande importância pela colegialidade efetiva, em que os bispos se reuniram e decidiram; não foi uma consulta, eles criaram um magistério próprio. Com o papa Francisco, vemos essa retomada, uma sintonia em propor uma descentralização da Igreja, um protagonismo das Igrejas locais.

Segundo Manzatto, Medellín “[...] representou como que o nascimento de uma Igreja autenticamente latino-americana, com uma ação comprometida e uma teologia que a pensava criticamente, de maneira a afirmar sua pertinência e sua importância para a totalidade dos povos latino-americanos”.¹⁷¹

Embora essa Conferência não tenha assumido uma opção preferencial nem efetiva pelos pobres, foi perceptível seu compromisso com a causa dos pobres e marginalizados, em vista de uma pastoral da libertação que garantisse uma transformação social e a dignidade a uma vida mais humana como reflexo do Reino de Deus. Indubitavelmente, foi nessa condição

¹⁷¹ MANZATTO, Antonio. Opção preferencial pelos pobres. In: BRIGHENTI, Agenor; PASSOS, João Décio. **Compêndio das Conferências dos Bispos da América Latina**. São Paulo: Paulinas: Paulus, 2018. p. 304.

que a juventude se viu contemplada, como uma classe minoritária, empobrecida e marginalizada.

Nesse contexto, a virada pragmática eclesial que se deu em relação à juventude foi justamente a compreensão de um novo organismo social com valores próprios. Segundo as Conclusões de Medellín, “[...] a Igreja vê na juventude a constante renovação da vida da humanidade”.¹⁷²

Desse modo, a II Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano veio “[...] reconhecendo na juventude não só sua força numérica, mas ainda seu papel cada vez mais decisivo no processo de transformação do continente, bem como sua importância insubstituível na missão profética da Igreja”.¹⁷³

A juventude na Conferência de Medellín foi parte integrante no que diz respeito à questão dos temas abordados. As reflexões levantadas sobre a temática dos jovens contribuíram não somente para a sociedade como também para o universo transformador que a Igreja estava vivendo. O contexto apresentado neste documento acerca da vida da juventude é uma vida com dificuldades. Embora, como vimos anteriormente, o mundo estivesse passando por grandes transformações sociais, culturais e ideológicas, tudo isso contribuiu para que a Igreja trouxesse para o meio a juventude, dando a ela vez e voz. Nesse sentido, a juventude se apresenta como uma realidade ousada e sonhadora que busca um mundo melhor, mais justo e mais fraterno.

A juventude é um símbolo da Igreja, chamada a uma constante renovação de si mesma, ou seja, a um constante rejuvenescimento como afirma o documento nas recomendações pastorais:

[...] a Igreja, adotando uma atitude francamente acolhedora para com a juventude, saberá distinguir os aspectos positivos e negativos que ela apresenta na atualidade. Por um lado, quer perscrutar atentamente as atitudes dos jovens que são manifestações dos sinais dos tempos: a juventude anuncia valores que renovam as diversas épocas da história: quer aceitar com prazer em seu seio e em suas estruturas a juventude e promovê-las numa ativa participação das tarefas humanas e espirituais.¹⁷⁴

Outra inspiração dessa Conferência foi pensar uma pastoral da juventude autêntica, com a necessidade da elaboração pedagógica orgânica, visando a uma pastoral de conjunto. Apontando, por fim, para a necessidade da Igreja, oferecendo apoio e diálogo à organização de movimentos católicos de juventude e a iniciativas de grupos de caráter ecumênico.

¹⁷² CONSELHO EPISCOPAL LATINO-AMERICANO. **Conclusão da Conferência de Medellín – 1968**. São Paulo: Paulinas, 2010. n. 10.

¹⁷³ Ibidem, n. 13.

¹⁷⁴ Ibidem, p. 103.

Assim, segundo Carlos Eduardo Cardozo, “[...] urge renovar o compromisso de uma pastoral juvenil que esteja atenta ao cuidado da pessoa (identidade), ao sentido da existência (construção do projeto de vida) e a uma experiência profunda de Deus (espiritualidade) que seja integradora e humanizadora”.¹⁷⁵

2.6.1.3 III Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano (Puebla, 1979)

Em 1979, com a III Conferência Episcopal Latino-Americana de Puebla, assumiu-se uma opção preferencial pela juventude, dizendo que “[...] a Igreja confia nos jovens, sendo eles a sua esperança.”¹⁷⁶

O papa João Paulo II na ocasião mencionou a juventude, dizendo: “Quanta esperança a Igreja coloca nela! Quantas energias circundam na juventude da América Latina, de que a Igreja necessita. Como devemos estar próximo dela, nós pastores, para que Cristo e a Igreja, para que o amor do irmão calem profundamente em seu coração”.¹⁷⁷

A Conferência de Puebla, frente à Conferência de Medellín, sofreu uma paralisia que insinuava dar continuidade à tradição iniciada pelo Concílio Vaticano II e em Medellín, porém, não avançou, deixando questões abertas e tarefas inacabadas. A opção preferencial pelos pobres tão acentuada em Medellín, em Puebla foi esvaziada com os excessos de adjetivos colocados nela e estendendo para opção preferencial pelos jovens.

Segundo Emerson Sbardelotti, “[...] as conclusões de Puebla mostram o retrato de uma Igreja puxando o freio de mão da História, deixando cair a profecia, tão presente em Medellín”.¹⁷⁸ Embora fosse apresentada uma Igreja que faz uma opção pelos jovens e pelos pobres, a recíproca não é tão verdadeira como se pensa. O desafio de se evangelizar as juventudes é feito por várias mãos num trabalho de comunhão e participação.

Portanto,

Mostrar a relevância da opção pelos jovens para os dias atuais, manchados com o sangue de milhares de jovens, cotidianamente na Igreja com cores e olhares

¹⁷⁵ CARDOZO, Carlos Eduardo. Juventudes: aproximações, leituras e releituras – 50 anos depois. In: GODOY, Manoel; AQUINO JÚNIOR, Francisco de (org.). **50 anos de Medellín: revisitando os textos, retomando o caminho**. São Paulo: Paulinas, 2017. p. 101.

¹⁷⁶ CONSELHO EPISCOPAL LATINO-AMERICANO. **Conclusão da Conferência de Puebla – 1979**. São Paulo: Paulinas, 2009. n. 336.

¹⁷⁷ JOAO PAULO II, Papa. Discurso inaugural pronunciado no seminário palafoxiano de Puebla de Los Angeles, México, 28 de janeiro de 1979. In: CONSELHO EPISCOPAL LATINO-AMERICANO. **Conclusões da Conferência de Puebla: evangelização no presente e no futuro da América Latina**. São Paulo: Paulinas, 2009. p. 33.

¹⁷⁸ SBARDELOTTI, Emerson. A Teologia da Libertação e a opção pelos jovens. In: SOUZA, Nei de; SBARDELOTTI, Emerson. **Puebla: Igreja na América Latina e no Caribe**. Petrópolis: Vozes, 2019. p. 262.

proféticos, dentro do seguimento da pedagogia e da prática libertadora de Jesus de Nazaré. Não bastam as palavras bonitas de Puebla, elas continuarão a ser apenas palavras se não forem de fato colocadas em prática: o protagonismo da juventude é a única saída para o verdadeiro dinamismo da Igreja neste século XXI.¹⁷⁹

O documento conceituou também a juventude como uma atitude face à vida numa etapa transitória e apresentou os traços característicos que marcam a vida da juventude, como: capacidade criadora, espírito de aventura, desejo de liberdade, sinal de alegria e felicidade, exigindo autenticidade e simplicidade. Nesse sentido, o papel da juventude, no corpo social, é de dinamizar esse corpo.

A Igreja, diante da Conferência de Puebla, manifestou sua confiança nos jovens, sendo eles a sua esperança. Por ser dinamizadora do corpo social e especialmente do corpo eclesial, a Igreja fez uma opção preferencial pelos jovens com vistas à sua missão evangelizadora no continente.

Em vista disso, o episcopado, frente à realidade apresentada, pediu que se desenvolvesse uma Pastoral da Juventude que levasse em conta a realidade social dos jovens; atendesse ao aprofundamento e crescimento da fé para a comunhão com Deus e os homens; orientasse a opção vocacional dos jovens; oferecesse elementos para se converterem em fatores de transformação; e proporcionasse canais eficazes de participação ativa na Igreja e na sociedade para os jovens.

Com isso, a inserção na Igreja foi muito exigente e, por isso, pediu uma Pastoral da Juventude que fosse um verdadeiro processo de educação na fé, cujo fundamento deve ser Jesus Cristo; empenhasse para que o jovem crescesse numa espiritualidade autêntica e apostólica; formasse jovens para a ação sociopolítica e para as mudanças de estruturas, formando neles o senso crítico por meio de uma pedagogia que tenha presente as diferenças psicológicas; estimulasse a capacidade criadora dos jovens, facilitando os meios em que se colocasse em prática o seu compromisso; oferecesse uma boa formação espiritual aos jovens, a fim de proporcionar um amadurecimento na sua opção vocacional; e que formasse com prioridade animadores juvenis qualificados, guias, amigos da juventude, encarando a Pastoral da Juventude como uma pastoral da alegria e da esperança.

A Igreja quis oferecer uma linha pastoral em que se desenvolvia uma Pastoral da Juventude que levasse em conta a realidade social dos jovens. Apelou para que os jovens buscassem o lugar de sua comunhão com Deus e os homens, a fim de construir a Civilização

¹⁷⁹ SBARDELOTTI, 2019.

do Amor e edificar a paz na justiça. Uma ação evangelizadora que não excluísse ninguém, de acordo com a situação em que vivem e tendo predileção pelos mais pobres.

Ao final, Antonio Manzatto explicita a palavra “pobre” que, nesse contexto, é carregada de tanto sentido e significado e que, ao mesmo tempo, coloca-se ao lado dos jovens e salienta que

[...] é opção por ser uma mudança de lugar social, trata-se de uma situação política na qual, em um mundo onde há privilegiados e empobrecidos, a Igreja decide tomar partido destes últimos. [...] e é preferencial por indicar um início, uma predileção, um ponto de partida para se pensar a novidade.¹⁸⁰

Contudo, a Igreja da América Latina com a Conferência de Puebla assumiu ainda mais o rosto profético e libertador em profunda sintonia com os marginalizados e oprimidos. Essa realidade sofrida foi também o DNA de muitos jovens que pautaram suas vidas na luta por uma vida mais digna e justa. Desse modo, em Puebla vimos emergir uma Igreja mais humana e consciente de que a fidelidade ao Reino anunciado por Jesus lhe exige vigilância constante ao longo da história. Pois ela nunca esteve e não estará isenta de ser instrumentalizada por interesses alheios ao Evangelho.

2.6.1.4 IV Conferência Geral do Episcopado Latino-americano (Santo Domingos, 1992)

O Celam convocou a quarta Conferência sob o tema da *Nova Evangelização*, promoção humana, cultura cristã. Jesus Cristo ontem, hoje e sempre (Hb 13,8). Dois impulsos que nortearam esta Conferência foram a questão da enculturação do Evangelho e da nova evangelização. Marcados por 500 anos de evangelização da América, a Conferência quis trazer um enfoque mais teológico, abandonando a metodologia utilizada nas conferências anteriores (ver-julgar-agir). Priorizou a religiosidade popular como expressão privilegiada da enculturação da fé, e esta foi vista como formação da matriz cultural dos povos latino-americanos.

Em 1992, a IV Conferência Episcopal Latino-Americana de Santo Domingo reafirmou a opção preferencial como também uma opção afetiva e efetiva pelos jovens. Desse modo, reafirmar essa opção significa uma opção concreta por uma Pastoral Juvenil orgânica, em que exista um acompanhamento e apoio real com diálogo mútuo entre os jovens, pastores e comunidades.

¹⁸⁰ MANZATTO, Antonio. Opção preferencial pelos pobres. In: BRIGHENTI, Agenor; PASSOS, João Décio. **Compêndio das Conferências dos Bispos da América Latina**. São Paulo: Paulinas: Paulus, 2018. p. 308.

Deste modo, “[...] a Pastoral Juvenil fundamenta-se na eclesiologia de comunhão e participação que faz com que o jovem participe, corresponsável e ativamente em seus processos de evangelização, e assuma um real protagonismo dentro da Igreja.”¹⁸¹ A efetiva opção pelos jovens exige mais recursos por parte das paróquias e das dioceses. E salienta que essa Pastoral Juvenil deveria ter sempre uma dimensão vocacional, pois a ação pastoral deve proporcionar ao jovem uma linha de evangelização que garanta ao jovem um verdadeiro processo de educação da fé que leve à própria conversão e a um compromisso evangelizador.

A importância da presença dos leigos na tarefa da nova evangelização que conduz à promoção humana e chega a informar todo o âmbito da cultura com a força do Ressuscitado nos permite afirmar que uma linha prioritária de nossa pastoral, fruto desta IV conferência, há de ser a de uma Igreja na qual os fiéis cristãos leigos sejam protagonistas. Um laicato, bem estruturado com uma formação permanente, maduro e comprometido, é o sinal de Igrejas particulares que levam muito a sério o compromisso da nova evangelização.¹⁸²

Por fim, em Santo Domingos, a Conferência quis reafirmar no tocante à juventude que sua ação pastoral deve responder às necessidades de amadurecimento afetivo e à necessidade de acompanhamento; capacitar para que os evangelizados conheçam e respondam criticamente os impactos culturais e sociais; dinamizar uma espiritualidade do seguimento de Jesus, propiciando o encontro de fé e vida, a promoção da justiça e a geração de uma nova cultura da vida.

2.6.1.5 V Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano e do Caribe (Aparecida, 2007)

A Conferência em Aparecida aconteceu entre os dias 13 e 31 de maio de 2007, com o tema: *Discípulos-missionários de Jesus Cristo, para que nele tenham vida*, e contou com a participação de dois papas: Bento XVI, que convocou e fez a abertura e a introdução do documento, e a participação relevante do papa Francisco, que à época foi um dos redatores do *Documento Oficial de Aparecida*, como cardeal Jorge Mario Bergoglio.

A palavra-chave dessa Conferência foi *missão* e *evangelização*. As propostas centrais deste documento foram a formação dos discípulos-missionários; repensar a fidelidade da missão, confirmar e revitalizar, ou uma releitura dos Evangelhos a partir da ótica da missão e do discipulado de Jesus Cristo; renovar as estruturas paroquiais para que sejam mais missionárias. Em Aparecida, foi-nos apresentada uma Igreja contemporânea marcada

¹⁸¹ CONSELHO EPISCOPAL LATINO-AMERICANO, 2013, p. 126.

¹⁸² CONSELHO EPISCOPAL LATINO-AMERICANO. **Conclusões da IV Conferência de Santo Domingo**: Nova evangelização, promoção humana, cultura cristã. São Paulo: Paulinas, 2006. p. 100.

fortemente pelos movimentos eclesiais e novas comunidades que tiveram seu florescimento a partir do pontificado do papa João Paulo II.

Diante da perspectiva juvenil, Aparecida dá sequência ao método ver-julgar-agir e torna inerente a opção preferencial pelos pobres. É por meio do rosto sofrido do pobre que se expressa o rosto sofrido de Cristo. Desse modo, somos chamados a reconhecer que a juventude não é uma realidade abandonada ou neutra, mas sim assumida por Jesus Cristo nas profundezas do seu sofrimento e, portanto, é uma realidade desafiadora e esperançosa. Por isso, devemos nos colocar em atitude de escuta de Cristo, presente nos jovens pobres.

Segundo Carlos Castillo Mattasoglio, a Conferência de Aparecida apresentou “[...] um claro objetivo evangelizador, ou seja, uma Igreja que testemunha Jesus Cristo em meio aos povos, contribuindo para todos tenham vida e vida em abundância”.¹⁸³ Ela recolheu um conjunto de critérios teológicos e pedagógicos relativos à questão juvenil que propõe enfrentar a situação atual dos jovens na perspectiva da formação, como discípulos e missionários, colocando o peso dessa formação nas instituições formais que a Igreja tem ao seu dispor, paróquias, centro educativo católico e seminário, pressupondo, embora às vezes explicitamente afirmado, que se trata da pastoral das igrejas, e que os moradores locais que devem cuidar da juventude.

Sob o olhar do papa Francisco está a juventude como esperança da Igreja e do mundo, e essa esperança foi vista também por meio das Jornadas Mundiais da Juventude e por outros Pontífices. Eis o que ele nos diz:

Espero que façam barulho. Aqui farão barulho, sem dúvida. Aqui, no Rio, farão barulho, farão certamente. Mas eu quero que se façam ouvir também nas dioceses, quero que saiam, quero que a Igreja saia pelas estradas, quero que nos defendamos de tudo o que é mundanismo, imobilismo, nos defendamos do que é comodidade, do que é clericalismo, de tudo aquilo que é viver fechados em nós mesmos. As paróquias, as escolas, as instituições são feitas para sair; se não o fizerem, tornam-se uma ONG e a Igreja não pode ser uma ONG. Que me perdoem os bispos e os sacerdotes, se alguns depois lhes criarem confusão. Mas este é o meu conselho. Obrigado pelo que vocês puderem fazer.¹⁸⁴

Com o papa Francisco, a partir do início de seu pontificado, apresenta-se uma opção com os jovens. Por meio do caminho proposto pelo Sínodo dos Bispos de 2018, ele propõe à

¹⁸³ MATTASOGLIO, Carlos Castillo. **La opción por los jóvenes em Aparecida**. Disponível em: https://www.pjlatinoamericana.org/documents/Revista_Medellin_jovenes/La_opcion_por_los_jovenes_en_Aparecida.pdf. Acesso em: 10 set. 2020.

¹⁸⁴ FRANCISCO, Papa. Visita Apostólica do papa Francisco ao Brasil por ocasião da XXVIII JMJ. In: _____. **Encontro com os jovens argentinos**, 25 de julho de 2013, na catedral de São Sebastião. 2013b. Disponível em: http://www.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2013/july/documents/papa-francesco_20130725_gmg-argentini-rio.html. Acesso em: 22 de setembro de 2020.

juventude um caminho junto, para que por meio de sua própria condição juvenil possa apresentar um processo de evangelização que seja verdadeiramente evangelizador.

Os passos dados pela Pastoral Juvenil no Brasil nos fazem refletir: Como pensar uma Pastoral Juvenil numa Igreja em saída? A realidade que encontramos nos faz pensar mais e pensar de outra maneira. Revisitar a Tradição, sobretudo no que toca ao trabalho da juventude é discernir o lugar da juventude na Igreja hoje frente aos desafios atuais. O papa Francisco tem insistido neste processo de sinodalidade: “[...] uma Igreja sinodal é uma Igreja participativa e corresponsável”. Como concretizar esse modo de ser Igreja, promovendo para a juventude estruturas de acompanhamento, diálogo, discernimento vocacional e fé?

Segundo Rosemary Fernandes Costa, os movimentos juvenis atuais “[...] não apenas estão atentos às necessidades básicas e fundamentais para a dignidade da vida humana, mas também para as dimensões de expressão, realização e busca de felicidade a partir das culturas, dos contextos, dos desejos, dos projetos pessoais e coletivos”.¹⁸⁵

Portanto, de forma muito pessoal, entender o processo evangelizador da juventude é, sobretudo, compreendê-la como sujeito na experiência de fé, de participação e de protagonismo no contexto eclesial e social que abrange mudanças e perspectivas em sua realidade de ser. Desse modo, o Sínodo vem apontar caminhos de reflexão, não para uma mudança dogmática ou doutrinária, mas significa a construção pastoral acerca de uma realidade específica que é a juventude.

2.7 Marcas na história pós-Vaticano II

Grandes foram as marcas no trabalho com a evangelização da juventude pós-Vaticano II. Destacamos, sobretudo, as mensagens e os pronunciamentos de João Paulo II direcionados aos jovens durante os seus 27 anos de pontificado. Atualmente, ele é tido como o papa dos jovens diante do grande impulso frente à juventude do mundo inteiro.

O papa João Paulo II muito contribuiu para a causa do jovem. Para ele, o jovem era causa de sua esperança, alguém que era e é capaz de servir a Deus em sua juventude, tornando o mundo mais justo e mais fraterno. Foram muitos os momentos que o saudoso papa esteve com os jovens, desde o início de seu pontificado até o último dia.

¹⁸⁵ COSTA, Rosemary Fernandes da Costa. Opção pelos jovens e o caminho das juventudes no século XXI. In: SOUZA, Ney de; SBARDELOTTI, Emerson (org.). **Medellín**: Memória, profetismo e esperança na América Latina. Petrópolis: Vozes, 2018. p. 203.

No dia 22 de outubro de 1978, o papa se dirigia aos jovens dizendo: “Vocês são a esperança da Igreja e do mundo. Vocês são a minha esperança”.¹⁸⁶ É notável destacar que na missão de “cura de almas”, em que o pastor conduz as suas ovelhas para o redil, João Paulo II exerceu para com os jovens seu mandato de Cristo: “Apascenta as minhas ovelhas”.¹⁸⁷ Por meio de sua vocação e missão, seu cuidado com os jovens transmitia os valores cristãos e sua fidelidade a Deus.

Como vimos anteriormente, em Medellín, foi a primeira vez que se elaborou, em âmbito de América Latina, um documento oficial da Igreja sobre a juventude. Em Puebla, tivemos o fruto da opção preferencial da juventude como decisão da própria Conferência, em que se propôs para a juventude, como meta e como proposta global, o desafio de construir a Civilização do Amor. Em 1976, a Conferência Episcopal Latino-Americana criou a Seção da Juventude como resposta a seu primeiro Plano Global.

Em 1983, foi realizado o primeiro encontro em que foi feito um esboço dos elementos a serem levados em conta na formulação da proposta da Civilização do Amor. Em 1984, tivemos o Ano Internacional da Juventude, encontro que teve como abordagem o tema da Civilização do Amor. Nesse contexto, o papa João Paulo II lançou a Carta Apostólica *Dilecti Amici* a qual resultava que: “A Igreja olha para os jovens; antes a Igreja de um modo especial, vê-se a si mesma nos jovens, em todos vós e, ao mesmo tempo, em cada um de vós.”¹⁸⁸

Momento fecundo foram os encontros do papa com os jovens do mundo inteiro por meio das Jornadas Mundiais da Juventude. A primeira aconteceu em 1986 em Roma. As JMJs são encontros de massa, de mobilização juvenil que expressam em sua identidade a dimensão festiva do encontro, momento celebrativo da caminhada perpassada pelos próprios jovens.

Em preparação ao ano jubilar (2000), na Carta Apostólica *Tertio Millenio Adveniente*, João Paulo II enfatizou a importância de os jovens verem e crerem que a resposta de suas situações, as mais diversas, é Jesus.

O futuro do mundo e da Igreja pertence às gerações jovens, que, nascidas neste século, serão maduras no próximo, o primeiro do novo milênio. Cristo acolhe os jovens, [...] em qualquer situação e região da terra, não cessam de fazer perguntas a Cristo: encontram-No e procuram-No para O interrogarem de novo. Se souberem seguir o caminho que Ele indica, terão a alegria de dar o próprio contributo para a

¹⁸⁶ JOÃO PAULO II, Papa. **Discurso proferido no início do pontificado do papa João Paulo II na praça de São Pedro**. Disponível em: www.vatican.va. Acesso em: 13 ago. 2020.

¹⁸⁷ Cf. Jo 21,17.

¹⁸⁸ JOÃO PAULO II, Papa. **Dilecti Amici**. Carta Apostólica aos jovens do mundo por ocasião do Ano Internacional da Juventude, 31 de março de 1985. n. 15. Disponível em: www.vatican.va. Acesso em: 20 ago. 2020.

presença Dele no próximo século e nos sucessivos, até à conclusão dos tempos. “Jesus é o mesmo ontem, hoje e sempre”.¹⁸⁹

Do Magistério da Igreja sobre os jovens, há o documento *Christifidelis Laici* sobre a vocação e missão dos leigos na Igreja e no mundo, de 1998. O documento faz uma referência aos jovens como esperança da Igreja. “Os jovens constituem uma força excepcional e são um grande desafio para o futuro da Igreja.”¹⁹⁰ Em sua penúltima carta apostólica, ele admoestou os jovens: “Levai ao encontro com Jesus oculto sob os véus eucarísticos todo o entusiasmo da vossa idade, da vossa esperança, da vossa capacidade de amar”.¹⁹¹

O papa Bento XVI seguiu as indicações e solitudes do Concílio Vaticano II e também seguiu a linha e o pensamento de seu antecessor. Ele se dirigiu aos jovens na forma de pronunciamentos de forma mais teológica, sublinhando a necessidade do jovem de nutrir-se da Palavra de Deus. Em suas mensagens, tentava provocar e tocar o coração dos jovens para que pudessem manter acesa em seu coração a chama da esperança.

No contexto da JMJ de Madrid ocorrida em 2011, o papa afirmou em uma de suas homilias: “[...] não deveis ter medo de sonhar de olhos abertos grandes projetos de bem e não vos deveis desencorajar pelas dificuldades. Cristo tem confiança em vós e deseja que possais realizar cada um de vossos projetos mais nobres e altos de felicidade autêntica”.¹⁹²

Com o papa Francisco, vemos um posicionamento “amigo” frente à realidade juvenil. Nele se manifesta uma proximidade, ou seja, o lado humano que sabe se colocar junto. Para ele, o verdadeiro Bom Pastor deve caminhar à frente das ovelhas, para indicar o caminho, mas também misturar-se no meio do rebanho e, por vezes, cuidar da resguarda, para que nenhuma se perca.

Os jovens são lembrados como merecedores de “cuidado particular”, considerando-se sua quantidade e, sobretudo, pelos imensos potenciais que podem oferecer à própria Igreja e sociedade. Sendo a juventude a fase da vida de maior energia, criatividade, generosidade e idealismo, a Igreja, em suas várias instâncias e organizações, olha os jovens como “seu presente e futuro” e chama a atenção para suas vulnerabilidades.

Papa Francisco, ao convocar o Sínodo dos Bispos em 2018, trazendo para discussão a juventude como centralidade do agir pastoral da Igreja, mostra ao nosso tempo que a

¹⁸⁹ JOÃO PAULO II, Papa. **Carta Apostólica Tertio Millennio Adveniente**: sobre a preparação para o Jubileu do ano 2000. 1994. n. 58. Disponível em: www.vatican.va. Acesso em: 20 ago. 2020.

¹⁹⁰ Idem. **Exortação Pós-sinodal Christifidelis Laici**: sobre vocação e missão dos leigos. 1988. n. 46. Disponível em: www.vatican.va. Acesso em: 20 ago. 2020.

¹⁹¹ Idem. **Carta Apostólica Mane Nobiscum Domine**: para o ano da Eucaristia. 2004. n. 30. Disponível em: www.vatican.va. Acesso em: 20 ago. 2020.

¹⁹² BENTO XVI, Papa. **Aos jovens**. São Paulo: Quadrante, 2011. p. 29.

mensagem de Jesus proclamada é atual e sempre jovem. E que o jovem quer e está disposto a abraçar o que Cristo propõe a todo ser humano. Deste processo sinodal, o papa escreve uma exortação denominada *Christus Vivit*. Ela é composta por uma pequena introdução e nove capítulos, tendo como principal foco a missionariedade do jovem e a pastoral vocacional da juventude. O desejo que está no coração do papa Francisco e o que movimenta a juventude hoje é que ele quer que o jovem leve esta Boa Notícia e mova o coração de outros jovens, para que, por meio de seu testemunho, possam levar a fé a tantos outros para o reencontro de uma vida nova. Por isso, a exortação “Ele vive e quer-te vivo!”.

2.7.1 Pastoral da Juventude

A Pastoral da Juventude é herdeira de uma história que tem seu início nos anos de 1930 com a Ação Católica Geral. Nesse tempo, muitos grupos juvenis foram criados para reivindicar os seus direitos e as realidades em que viviam. Esses grupos eram pertencentes à Ação Católica Especializada (JAC, JEC, JIC, JOC, JUC).

Em 1968, diante de todo movimento juvenil que explodiu pelo mundo inteiro, na América Latina, a Comissão Episcopal de Medellín assume a criação da Pastoral da Juventude a partir da própria realidade do jovem.

Em 1970, inicia-se a formação dos grupos compostos e coordenados por jovens, em uma proposta conjunta de pastoral. Com isso, a Pastoral da Juventude ganha uma característica de organicidade que surge a partir de jovens engajados na militância política. A Igreja formava lideranças e despertava nos jovens a consciência crítica. O envolvimento dos grupos da Ação Católica na política incomodou o governo dos militares no Brasil, que com dura repressão começou a perseguir os jovens da Ação Católica que vinham adquirindo espírito de luta e resistência à ditadura.

A Igreja, porém, não abandonou a juventude e, em 1974, os bispos reunidos em assembleia aprovaram o documento que focalizava princípios e diretrizes por uma nova Pastoral Juvenil. De acordo com Flávio Sofiati, “Várias experiências de trabalhos com a juventude, espalhadas pelo Brasil, iniciam um processo de construção nacional das pastorais enquanto mecanismo de evangelização da instituição católica. Este trabalho cria as condições para o surgimento das Pastorais da Juventude do Brasil”.¹⁹³

¹⁹³ SOFIATI, Flávio Munhoz. **Juventude Católica: o novo discurso da Teologia da Libertação**. São Carlos: EduFSCar, 2012. p. 49.

O ano de 1980 foi marcado pelo surgimento dos movimentos sociais no interior da Igreja, ligados à Teologia da Libertação, presentes por intermédio das CEBs, das Pastorais Sociais e da Pastoral da Juventude. Ainda neste ano, houve o 4º Encontro Nacional da Pastoral da Juventude, que se consolidou como importante organização da juventude católica. Esse foi o ápice em todo processo da construção do protagonismo juvenil no trabalho pastoral aqui no Brasil. Foi aqui que a PJ deixou de ser Pastoral “de” juventude para se tornar Pastoral “da” Juventude.

Essa realidade ganha um especial destaque pois, por meio dela, a Igreja desempenhou um papel importante no processo de educação da fé dos jovens. Hilário Dick destaca que para a transição da Ação Católica Especializada para a solidificação da Pastoral da Juventude foram herdados dez elementos fundantes:

O método Ver-Julgar-Agir; a prática a partir da realidade; a formação na ação; a luta pela transformação das estruturas; modelo de revisão de vida e de prática; proposta de uma fé vivida no engajamento social; pedagogia que visa despertar o espírito crítico; a opção pelos pequenos grupos; a espiritualidade encarnada; o protagonismo juvenil.¹⁹⁴

O principal documento em que se referencia a Pastoral da Juventude no Brasil foi o Documento 44 da CNBB, que sistematizou e definiu linhas de ações da Igreja no ambiente Juvenil. Esse documento afirma que “[...] o objetivo principal do trabalho era ajudar o jovem a se transformar em homem novo por meio de uma autêntica vivência do Evangelho, impulsionando o jovem a evangelizar seu meio específico de acordo com os valores cristãos”.¹⁹⁵

2.8 Evangelização da Juventude no Brasil

Como podemos notar, diferentemente dos demais países da América Latina, no Brasil, o trabalho com a juventude, diante de uma pastoral orgânica, ganha uma identidade própria. A Pastoral da Juventude será entendida como uma pastoral dentre tantos outros movimentos que trabalham com a juventude. Por isso, a necessidade de se entender a diferença que temos entre Pastoral da Juventude e Pastoral Juvenil. Num contexto mais amplo diante de outros segmentos e expressões juvenis, denominamos este trabalho como Pastoral Juvenil.

Outros movimentos também ganhavam seus espaços diante desta abertura eclesial. Nasce, por assim dizer, uma maneira de se trabalhar com os jovens. Os Movimentos TLC,

¹⁹⁴ DICK, 1999, p. 71.

¹⁹⁵ CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL. **Pastoral da Juventude no Brasil**. São Paulo: Paulus, 1983, p. 89.

EJC, Emaús, Shalom... reuniam jovens para encontros de fim de semana, usando a metodologia que se inspirava nos Cursilhos de Cristandade. Apresentavam um modelo de Igreja mais atraente, acentuava-se a dimensão comunitária da Igreja em oposição à Igreja clerical.

Um marco importante para a história da evangelização da juventude no Brasil foi o ano de 1992, em que tivemos a primeira Campanha da Fraternidade que trazia como centro de sua reflexão os jovens. O tema dessa campanha foi “Juventude, Caminho aberto” e tinha o objetivo de fazer com que a Igreja e as pessoas de boa vontade se comprometessem com a juventude, como agente de uma nova evangelização, como força transformadora da Igreja e da sociedade.

Em 2007, a Conferência Nacional dos Bispos do Brasil apresenta para a Igreja do Brasil o Documento 85 – Evangelização da Juventude. A proposta era trazer algo que favorecesse toda a juventude, não somente a PJ; com isso, surge a proposta do Setor Juventude, pois havia a preocupação em evangelizar o plural. A ideia sempre foi criar um espaço para todos, com metodologias e espiritualidades diferentes, uma referência para acompanhamento das bases.

Na 49ª Assembleia Geral da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil de 2011, na sessão da tarde do dia 5 de maio, Dom Eduardo Pinheiro da Silva, SDB, bispo referencial para o Setor Juventude, descreveu o desenvolvimento dos trabalhos no acompanhamento da Pastoral Juvenil em âmbito nacional, considerando a extrema diversidade dos grupos e movimentos que agrupam os trabalhos com os jovens. A partir de então, foi criada uma Comissão Episcopal Pastoral para Juventude.

Em 2013, para a Igreja do Brasil, tivemos o Ano da Juventude com a segunda edição da Campanha da Fraternidade com o tema “Fraternidade e Juventude”, em que se propôs a olhar a realidade dos jovens, acolhendo-os com a riqueza de suas diversidades, propostas e potencialidades. Neste mesmo ano, a Igreja do Brasil viveu a JMJ/Rio 2013, a qual ajudou a articulação do Setor Juventude nas dioceses, sendo um espaço de comunhão e participação dos organismos que evangelizam a juventude.

2.8.1 Pastoral Juvenil

A Pastoral Juvenil é a ação organizada da Igreja em vista da evangelização da juventude. Com a centralidade de Jesus Cristo, o Bom Pastor, a Igreja é chamada a exercer de maneira concreta e sistemática o pastoreio entre os jovens e com eles. Este aspecto

organizativo pode estar presente em cada uma das expressões juvenis, na unidade delas e nas instâncias eclesiais.

As diversas expressões (Novas Comunidades, Pastorais da Juventude, Movimentos, Congregações Religiosas etc.), como as instâncias eclesiais (comunidade, paróquia, diocese, regional, nacional, institutos e províncias de congregações religiosas), assumem um trabalho que se configura como Pastoral Juvenil, quando estão atentas ao princípio da unidade eclesial, da organicidade processual, do protagonismo juvenil.

Nas dioceses, a configuração dessa Pastoral Juvenil será manifestada por meio do Setor Diocesano da Juventude, lugar onde deve haver espaços para a comunhão, fruto da unidade e anúncio do Evangelho na vida dos jovens. Os discípulos missionários de Jesus Cristo se abrem a este convite e se empenham nesta busca. O Setor Juventude é um espaço de comunhão e participação para unir e articular todos os segmentos juvenis diocesanos num trabalho conjunto, com alguns objetivos e prioridades comuns em vista da evangelização da juventude.

Para que o Setor Juventude seja um espaço de comunhão e partilha das mais diversas forças da juventude, temos como instância de coordenação a pessoa do *bispo diocesano*, o primeiro responsável pela evangelização da juventude em sua Igreja particular. Ele é chamado a se dedicar aos jovens. Desse modo, a Igreja renova, por meio dele, sua opção afetiva e efetiva pelos jovens. Segundo a Comissão Episcopal Pastoral para Juventude, “O bispo anima os párocos e as comunidades a preocuparem-se com a evangelização dos jovens, destina pessoas e recursos, e com sua palavra e presença, motiva sua ação e compromisso”.¹⁹⁶ De fato, é uma preocupação da Igreja que se tenha pessoas designadas para esse tipo de trabalho. A Pastoral Juvenil Diocesana ou Setor Juventude precisa suscitar, como um todo, um olhar carinhoso para com a juventude.

Para que a evangelização se torne fecunda em seu agir, sobretudo nos trabalhos diocesanos, o bispo nomeia alguém, não necessariamente um padre, mas às vezes religiosos ou um leigo, para que seja representante do bispo na missão de assessoria e acompanhamento do trabalho com a juventude. Este é chamado *assessor* e tem como missão articular todas as expressões de modo neutro na tentativa de propor uma comunhão de vida entre os diversos movimentos e expressões existentes. Assim sua

[...] função é esforçar-se para evangelizar os jovens e incorporá-los organicamente num caminhar comum, buscando critérios, multiplicando esforços, racionalizando

¹⁹⁶ CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL. **Pastoral Juvenil no Brasil**: Identidade e horizontes. Brasília, DF: Edições CNBB, 2013a. p. 77.

recursos e animando a criação de uma mística e de um espírito diocesano. Para isso, empenha-se em construir um Plano Diocesano de Pastoral Juvenil que norteie todos que abraçam a causa da evangelização da juventude na Igreja Particular.¹⁹⁷

Na composição do Setor Juventude, temos as organizações juvenis com sua coordenação própria. As mesmas contam com meios e ocasiões para a sua formação permanente, principalmente no que diz respeito à assessoria adulta. Esta se coloca à disposição da evangelização da juventude.

Assim como o bispo é responsável pela evangelização em sua diocese, o *pároco e/ou administrador paroquial*, como cooperadores do bispo em sua missão, também é responsável pela evangelização dos jovens nas comunidades e paróquia a que é destinado. É bom lembrar que “[...] o pároco não é obrigado a ser um especialista em juventude, dele se espera ao menos acolhida, prioridade juvenil comunitária, atendimento paroquial e espiritual”.¹⁹⁸

2.9 Um Sínodo para a Igreja

Em diversos pronunciamentos do Magistério da Igreja, os jovens são lembrados como merecedores de “cuidado particular”, considerando-se sua quantidade e, sobretudo, pelos imensos potenciais que podem oferecer à própria Igreja e à sociedade. Sendo a juventude a fase da vida de maior energia, criatividade, generosidade e idealismo, a Igreja, em suas várias instâncias e organizações, olha os jovens como “seu presente e futuro” e chama a atenção para suas vulnerabilidades.

2.9.1 Sinodalidade e a juventude

A palavra sinodalidade, em contextos atuais, tem ganhado muita força no pontificado do papa Francisco. Embora não seja uma novidade para a Igreja, ela vem assumindo um protagonismo próprio, tornando-se cada vez mais uma proposta de um novo jeito de ser Igreja para o mundo de hoje.

Diante da realidade juvenil da Igreja e do mundo, gostaríamos de destacar o caminho percorrido pelo papa Francisco nestes últimos anos por meio do Sínodo dos Bispos de 2018. Esse Sínodo é uma reunião de bispos de várias partes do mundo e que se reúnem em tempos determinados para favorecer uma íntima união com o Sumo Pontífice (papa), para estudar e aprofundar os problemas relativos à atividade da Igreja no mundo.

¹⁹⁷ CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL, 2013a, p. 78.

¹⁹⁸ Ibidem. p. 80.

Segundo Dianich, “O papa argentino desenvolve um magistério em movimento centrado no Evangelho e na evangelização, com forte acento querigmático”.¹⁹⁹ A sinodalidade na vida da Igreja ilumina sua missão na história e propõe, contudo, um caminhar que se dá de mãos dadas e designa um percurso participativo que caminha, discerne, celebra e canta, participa e age na comunhão do Espírito.

É importante ressaltar que a experiência sinodal faz parte da compreensão e do governo da Igreja. Essa prática sempre aconteceu desde os primórdios da Igreja nascente e nos faz celebrar a capacidade de avaliar, ponderar e atualizar o mandato de Jesus: “Ide e fazei discípulos meus todos os povos” (Mt 28,19a), num discernimento espiritual, comunitário e apostólico.

O Sínodo dos Bispos que aconteceu dos dias 04 a 28 de outubro, em Roma, propunha para a Igreja inteira e não somente para a juventude uma temática sobre “Os Jovens, a fé e o discernimento vocacional”. Foi um momento de profunda escuta do Espírito Santo para ouvir o que Ele desejaria dizer à Igreja naqueles dias sobre os jovens. E aqui acentuamos: não foi um Sínodo para a juventude, mas sim para a Igreja com a juventude.

Embora a questão da evangelização da juventude fora discutida por muitos e por várias vezes na vida da Igreja, nunca houve um documento que viesse do próprio papa para a juventude. Diante desse processo, os jovens participaram e se animaram de modo muito ativo e atento a todo pedido do papa Francisco.

O Sínodo veio reafirmar aquilo que o Concílio Vaticano II disse: “Que a Igreja rejuvenesce com a presença dos jovens na vida da Igreja”.²⁰⁰ O papa, diante de todo trabalho elaborado, insistiu na sinodalidade, caminhar juntos, como processo metodológico, e ressaltou que os jovens também são lugar onde Deus hoje fala à Igreja. É uma radicalização, por assim dizer, democrática da Igreja. A participação no Sínodo da Família, em 2014 e 2015, envolveu a expansão da discussão às comunidades, com textos-bases, questionários, participações de famílias no encontro com bispos. Entretanto, há nesse pontificado do papa Francisco, desde o seu início, uma Igreja pobre para os pobres e, a partir desse pressuposto, o Sínodo da Juventude foi excepcional.

Como ponto de partida na elaboração deste Sínodo, “[...] a Igreja decidiu interrogar-se sobre o modo de acompanhar os jovens a reconhecer e a acolher o chamado ao amor e à vida em plenitude, e também pedir aos próprios jovens que a ajudem a identificar as modalidades

¹⁹⁹ Cf. DIANICH, S. **Magistero in movimento**. Il caso Papa Francesco. Bolonha: EDB, 2016. p. 15-33.

²⁰⁰ Mensagem do papa Paulo VI aos jovens na conclusão do Concílio Vaticano II, em 8 de dezembro de 1965.

hoje mais eficazes para anunciar a Boa Notícia”.²⁰¹ Aqui se dá a beleza de todo o processo, um trabalho feito por várias mãos.

Portanto, em 13 de janeiro de 2017, tivemos a convocação do Sínodo, pelo papa Francisco, por meio do Documento Preparatório para a XV Assembleia Geral Ordinária, com o tema: “Os jovens, a fé e o discernimento vocacional”. Nesse documento, o papa apontava várias questões acerca da realidade juvenil como: realidades sociais e culturais no mundo moderno; juventude como fase de vida; a pluralidade juvenil; a rapidez das transformações e mudanças; as condições de vulnerabilidade nas juventudes; a globalização econômica; realidades multiculturais e econômicas; os fenômenos geracionais etc. Propôs um caminho que partisse da fé: fé com dom do alto e vocação como resposta ao sentir-se escolhido e amado; o dom do discernimento como opção do diálogo com o Senhor, para que se alcance a clareza das opções fundamentais. Sugeriu três verbos para ajudar no processo deste discernimento: reconhecer-interpretar-escolher. Como ação pastoral, convidava o papa a repensar nossa estrutura para uma ação pastoral no anúncio da Boa-nova. Esse processo se deu na forma de questionário, que foi enviado para os jovens de todo o mundo, para que efetivamente o espaço da escuta ativa pudesse acontecer.

Nos dias 11 a 15 de setembro de 2017, aconteceu um Seminário Internacional sobre a condição juvenil com jovens representantes do mundo inteiro. No período de 19 a 24 de março de 2018, ocorreu uma Reunião Pré-Sinodal, em que o papa reuniu especialistas e jovens representantes de todas as partes do mundo. Os jovens deram suas contribuições dizendo o que era pertinente diante de seus olhares, como: a formação da personalidade, as redes sociais, a família, a religião, a identidade, a participação das jovens mulheres. Pela primeira vez, tocou-se no assunto sobre LGBTI (Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis e Intersexuais). Disseram que se sentiam abandonados pelas comunidades, lideranças e setores eclesiais e pediram mais espaços na Igreja e na sociedade etc.

Aqui podemos destacar um processo de iniciação autêntico, para se evangelizar os jovens; primeiramente, precisamos conhecê-los, como nos diz o papa, “sem medo”, porque justamente esta e tantas são as realidades em que eles estão inseridos. Dessa reunião foi apresentado um documento final que refletiu as realidades, personalidades, crenças e experiências dos jovens.

²⁰¹ SÍNODO DOS BISPOS, 2017, p. 2.

No dia 8 de maio de 2018, o papa apresentou o Instrumento de Trabalho, o qual serviu para a preparação do Sínodo no mês de outubro do mesmo ano. Iniciou dizendo: “De tudo eu derramarei meu Espírito; vossos filhos e vossas filhas vos propiciarão, vossos jovens terão visões e vossos anciãos terão sonhos” (At 2,17). Ele recolheu a contribuição dos jovens do mundo inteiro de maneiras diferenciadas: as Igrejas locais, por meio de um questionário, e um questionário *online*, com a participação de mais de 15 mil jovens, tornando-o disponível para todos que quisessem participar do Sínodo, de modo especial os jovens. A intenção era ouvir a todos, sobretudo aqueles que estavam fora da Igreja. A característica do Sínodo se deu justamente por esta escuta ativa e atenta por parte da Igreja.

O Sínodo dos Bispos aconteceu de 03 a 28 de outubro de 2018 e contou com a participação de uma delegação brasileira:

O cardeal Sérgio da Rocha que foi nomeado pelo papa Francisco como Relator Geral; Dom Vilsom Basso, bispo de Imperatriz (MA) e ex-presidente da Comissão Episcopal Pastoral para a Juventude; Dom Eduardo Pinheiro da Silva, bispo de Jaboticabal (SP), ex-presidente da Comissão Episcopal Pastoral para a Juventude da CNBB; Dom Jaime Spengler, arcebispo de Porto Alegre (RS) e presidente para a Comissão Episcopal para os Ministérios Ordenados e a Vida Consagrada, que coordenou o processo de elaboração do documento sobre a Formação Sacerdotal, aprovado na 56ª Assembleia Geral da CNBB; Dom Gilson Andrade da Silva, bispo auxiliar da arquidiocese de Salvador, que exerce a função de referencial dos Ministérios e Vocações no Nordeste; Dom João Justino de Medeiros, arcebispo coadjutor de Montes Claros (MG) e presidente da Comissão Episcopal Pastoral para a Educação e Cultura, será o primeiro Suplente; Dom Antônio de Assis Ribeiro, bispo auxiliar de Belém (PA), foi o segundo Suplente; Pe. Valdir José de Castro, Superior Geral da Sociedade de São Paulo; Pe. Alexandre Awi Mello, secretário do Dicastério para os Leigos, a Família e a Vida; um dos Colaboradores do Secretário Geral do Sínodo foi o brasileiro Filipe Alves Domingues, doutorando em Ciências Sociais da Pontifícia Universidade Gregoriana de Roma, especialista em Ética e Mídia; entre os Auditores do Sínodo esteve Lucas Barboza Galhardo, representante do Movimento de Schoenstatt Internacional, membro do Comitê de Coordenação Nacional para a Pastoral Juvenil da CNBB e os Assistentes da Secretaria Geral do Sínodo estará o sacerdote brasileiro Padre Alberto Montealegre Vieira Neves.²⁰²

O Sínodo teve a participação de 268 padres, mais os peritos sobre juventude, sobretudo de outras confissões religiosas, e 30 jovens representando todos os jovens do mundo. A intenção do Sínodo não era uma ação inovadora, mas repropôs o caminho nas bases como mensagem forte para que a Igreja encontrasse com a juventude o sinal do amor, de uma Igreja que é afetiva e efetiva pelos jovens a ponto de investir e convocar. Foi uma chamada da Igreja para quem está na base para encontrar novos caminhos. Foi, certamente, um tempo de

²⁰² REPRESENTANTES brasileiros no Sínodo dos Bispos. **Vatican News**, 20 set. 2018. Disponível em: <https://www.vaticannews.va/pt/vaticano/news/2018-09/representantes-brasileiros-sinodo-bispos-jovens.html>. Acesso em: 7 maio 2020.

partilha, em que os jovens puderam falar com coragem, com verdade, com liberdade e com caridade.

Como proposta pedagógica e verdadeira experiência com o Espírito Santo, foi-nos oferecido um texto pragmático para compreender a missão da Igreja com relação aos jovens. Esse episódio retrata os discípulos de Emaús (Lc 24,13-35). A presença do Senhor ajuda os dois discípulos a reconhecerem o que eles estão vivenciando; com carinho, leva-os a interpretar os eventos que viveram à luz das Escrituras. Entra na noite deles, parte com eles o pão e eles mesmos decidem retornar à comunidade, partilhando a experiência com o Ressuscitado.

O Sínodo nos apresenta um caminho de escuta empática, justamente para que a possibilidade do caminhar juntos se torne possível e nos conduza a uma cultura do encontro, como nos propõe o olhar do papa Francisco. Ele traz novamente para a Igreja um profetismo quando lança sua preocupação com a situação juvenil no mundo. Segundo Luís Duarte Vieira, ex-coordenador nacional da Pastoral da Juventude, numa entrevista cedida ao Instituto Humanitas Unisinos,

O Sínodo possa desencadear processos e caminhos para que a Igreja no mundo e no Brasil retome dedicadamente o compromisso com processos de educação na fé atentos à integralidade do jovem, ao acompanhamento, à formação dos sujeitos autônomos, críticos, cuidantes e comprometidos com o bem comum, à espiritualidade libertadora, à organização própria dos jovens e, portanto, geradora do protagonismo, à defesa radical da vida da juventude [...] uma das belezas desse Sínodo foi a possibilidade de uma ampla participação dos/as jovens em seus processos.²⁰³

Caminhar com os jovens não é uma tarefa fácil, não que seja impossível, mas exige da parte daqueles que buscam acompanhá-los um maior afeto e atenção. Portanto, hoje temos que pensar as juventudes em termos de continuidades e rupturas, no sentido de que será necessário articular todas as desigualdades sociais e trajetórias juvenis diferenciadas, pois as trajetórias atuais não seguem mais o padrão social esperado como: estudar, entrar no mercado de trabalho, casar e ter filhos. Esta geração está vivendo questões que nenhuma outra vivenciou: o tráfico de drogas, o desamparo, o medo de morrer de maneira precoce e violenta, o suicídio, o despreparo da polícia no tocante à segurança, a incredibilidade no poder político das autoridades, a falta de igualdade entre homens e mulheres ainda se apresenta como um problema difuso na sociedade, o racismo em

²⁰³ IHU. **Entrevista com Luís Duarte Vieira.** Disponível em: <http://www.ihu.unisinos.br/159-noticias/entrevistas/580842-o-sinodo-dos-jovens-e-uma-novidade-uma-necessidade-e-a-confirmacao-de-que-o-papa-valoriza-a-juventude-entrevista-especial-com-hilario-dick-e-luis-duarte-vieira>. Acesso em: 19 jan. 2020.

diferentes modos é presente nos jovens, o desemprego, a crise generalizada da pornografia, incluindo os abusos de menores na rede, o *ciberbullyng* e os prejuízos que isso traz para a humanidade etc.

Desse modo, ter a noção daquilo que está acontecendo no âmbito juvenil é de fundamental importância para compreender as dimensões, ter noção das mudanças que estão acontecendo, as novas produções do ponto de vista da linguagem, as novas interações, os novos meios de relacionamentos e as novas formas de ser no tempo contemporâneo.

CAPÍTULO 3 – PROPOR A FÉ AOS JOVENS À LUZ DA EXORTAÇÃO APOSTÓLICA PÓS-SINODAL *CHRISTUS VIVIT*

O segredo de ser jovem – mesmo quando os anos passam, deixando marcas no corpo –, o segredo da perene juventude de alma é ter uma causa a dedicar a vida. E temos mil razões para viver... Com 20 anos, sem sombra de ruga ou cabelo branco, é possível ser um vencido da vida, um pessimista, um velho! [...] Abraçar uma grande causa, ser-lhe fiel, sacrificar-se por ela, é importante como acertar a escolha da vocação.²⁰⁴

Papa Francisco, ao convocar o Sínodo, trazendo para discussão a juventude como centralidade do agir pastoral da Igreja, quer mostrar ao nosso tempo que a mensagem de Jesus proclamada é atual e sempre jovem. E que o jovem quer e está disposto a abraçar o que Cristo propõe a todo ser humano. Deste processo sinodal, o papa escreve uma Exortação denominada *Christus Vivit*. Esta será a referência deste terceiro capítulo. É composta por uma pequena introdução e nove capítulos, tendo como principal a missionariedade do jovem e a pastoral vocacional da juventude. O desejo que está no coração do papa Francisco é que cada jovem se sinta “[...] chamado a cumprir uma missão nesta terra, deste modo, o mesmo é convidado a reconhecer dentro de si as mesmas palavras que Deus Pai fizera a Jesus: *Tu és meu filho muito amado*.”²⁰⁵ Ele quer que o jovem leve esta Boa Notícia e mova o coração de outros jovens, para que, através de seu testemunho, possa levar a fé a tantos outros para o reencontro de uma vida nova. Por isso a Exortação *Ele vive e quer-te vivo!*

A *Christus Vivit* evidenciou os jovens em vários aspectos das questões ligadas à juventude no Magistério do papa Francisco. Deste modo, podemos perceber que os mesmos ocupam um lugar central no pensamento e no coração do Sumo Pontífice. O método utilizado foi o ver-julgar-agir, renomeando esse método e expondo-o em três etapas: reconhecer-interpretar-escolher. Reconhecer é olhar e ouvir a realidade e deixar que ela diga por si mesma. No tocante aos jovens, o processo sinodal dá esse ponto de partida, ao ouvir mais de cem mil jovens durante todo o processo sinodal. Interpretar é lançar a luz sobre a realidade abordada, a partir de conceitos e valores fundamentais. Na dimensão juvenil, o papa apresenta as luzes no trabalho com jovens, no caminho percorrido pela Igreja diante de todo o Magistério cristão. Escolher é como eu escolho agir ou qual a minha resposta diante da

²⁰⁴ CAMARA, Helder. **O deserto é fértil**: roteiro para as minorias abraâmicas. 4. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1976. p. 38.

²⁰⁵ FRANCISCO, 2019b, n. 25.

realidade, de modo a transformá-la. Esta última será muito pertinente a nós neste momento, pois por meio dela manifestaremos o fazer teológico.

Nesse sentido, o presente capítulo tem por objetivo trazer algumas reflexões apresentadas pelo papa Francisco e pelas juventudes, que foram elaboradas ao longo de todo o processo sinodal. Para tanto o estruturamos da seguinte maneira. A primeira se refere ao modelo eclesiológico que o papa Francisco vem imprimindo na vida da Igreja, que é a sinodalidade; a segunda apresenta a síntese textual do pensamento do Sumo Pontífice acerca da direção pastoral para a Igreja do Brasil e do mundo. Finalmente, propomos algumas reflexões a partir da própria Exortação para a transmissão da fé aos jovens, diante do contexto atual em que vivemos. Numa postura de síntese, trazemos algumas reflexões e desafios amparados por meio da experiência pastoral da Diocese de Mogi das Cruzes. Entendemos que “[...] os jovens podem oferecer à Igreja a beleza da juventude quando estimulam a capacidade de ‘alegrar-se com o que está começando, de dar-se sem recompensa, de renovar-se a partir do novo para novas conquistas’ [...]”²⁰⁶. Assumir essa atitude é sem dúvida olhar para a juventude como possibilidade; por meio dela, a Igreja, como comunidade de fé, assume o compromisso de acompanhar os jovens na construção de seus projetos de vida e se colocando ao lado para auxiliá-los no discernimento e no modo de vida plena.

Contudo, faz-se urgente renovar o compromisso de uma Pastoral Juvenil que esteja atenta ao cuidado da pessoa (identidade), ao seu sentido da existência (construção do projeto de vida) e à experiência profunda de Deus (espiritualidade), que seja integradora e humanizadora.

3.1 Pontificado do papa Francisco como proposta no olhar pastoral para a juventude

O papa Francisco nos convida em seu pontificado a fazer a experiência de um Deus amoroso e misericordioso e que provoca em nós alegria. Jesus, sendo a plenitude de toda a revelação de Deus, demonstra em sua pessoa o máximo do amor divino. Sua morte expressa seu ato de compaixão por toda a humanidade, uma entrega de si em amor ao outro. Deste modo, provoca em nós essa saída de nós mesmos, porque Deus é saída de si.

Com essa metáfora “Igreja em saída”, o papa convida toda Igreja a viver um despojamento, sobretudo no que toca à questão da autorreferencialidade, revestindo-nos do serviço, assumindo a Cruz de Cristo por meio daqueles que mais sofrem e se encontram nas

²⁰⁶ FRANCISCO, 2019b. n. 37.

diversas situações de periferias. Uma Igreja para os pobres, essa é a Igreja que o papa quer apresentar para o mundo, uma Igreja transbordante de misericórdia. Em seu pontificado, traz para o centro a questão dos pobres que são os destinatários preferenciais da vida de Jesus.

Saiamos, saiamos para oferecer a todos a vida de Jesus Cristo! - Prefiro uma Igreja acidentada, ferida e enlameada por ter saído pelas estradas, a uma Igreja enferma pelo fechamento e a comodidade de se agarrar às próprias seguranças. Não quero uma Igreja preocupada com ser o centro, e que acaba presa no emaranhado de obsessões e procedimentos. Se alguma coisa nos deve santamente inquietar e preocupar a nossa consciência é que haja tantos irmãos nossos que vivem sem força, sem luz e a consolação da amizade com Jesus Cristo, sem uma comunidade de fé que os acolha, sem horizonte e sentido de vida.²⁰⁷

Francisco quer dar um enfoque para uma Igreja aberta ao novo, capaz de transformar as realidades e resgatar a esperança por meio do encontro com o outro. Diante disso, urge a Igreja para que faça do ser humano o seu caminho, devolvendo-lhe sua dignidade. Uma Igreja samaritana, companheira de caminho de toda a humanidade, especialmente dos que mais sofrem. Uma igreja cuidadora, que promove e defende a vida em todas as suas fases e o planeta como sua casa comum.

Deste modo, nossa missão enquanto Igreja é exercer um serviço pastoral onde teremos a possibilidade de mediar este processo de conversão de mentalidade nas pessoas e nos grupos eclesiais e instaurar um processo metodológico de acompanhar-discernir-integrar. Ou seja, ser capaz de gerar no outro, um Outro, uma nova vida. Não podemos esquecer que a obra é de Deus. Ele “primereia” (toma a iniciativa). A nós compete favorecer a dinâmica pascal revelada na Eucaristia. Gerar outro é se dar, partindo-se. Isso forma uma nova comunhão. Ele espera que sejamos capazes de nos doar gratuitamente como Ele. Afinal, Deus não pede nada mais do que Ele já tenha dado.

Assim,

A Igreja “em saída” também será uma Igreja mãe de portas abertas (EG 46). Uma casa paterna/materna, ao modo da casa do filho pródigo (cf. Lc 15, 11-32), que está aberta para acolher a todos e, na abertura, coloca-se em sinal de espera, de atenção a tudo o que circunda o seu existir. Não se trata de uma espera passiva, mas ativa, inquieta, que se antecipa ao encontro e vai em direção dos que mais precisam e estão fadigados pelo cansaço da vida (cf. Mt 11,28). É a igreja mãe que sai e se dispõe a enxugar as lágrimas, a curar as feridas, a dar consolo e abrigo, fazendo de sua casa a casa de todos. A Igreja entendida como mãe não ajudará aqueles que dela se aproximam, pois não é a este fim que ela foi enviada, mas para acolher no mesmo amor que a impulsiona, que regenera e que faz novas todas as coisas (cf. Ap 21,5). A

²⁰⁷ FRANCISCO, 2013a, n. 49.

Igreja não é uma alfândega, mas a casa paterna, onde há lugar para todos com a sua vida fatigosa (EG47).²⁰⁸

Ao tratarmos da pedagogia do papa Francisco, seria interessante pensarmos de onde ele parte para trilhar o processo sinodal que desembocará na Exortação Apostólica. Ele primeiramente convoca o Sínodo como pontapé inicial de todo trabalho, chama os jovens para que juntos possam construir uma caminhada que culminará na elaboração de um documento sinodal. Isso é muito importante porque revela o jovem como sujeito da evangelização e não mero objeto. Muitas vezes se pensa uma evangelização para os jovens e não com os jovens, ou seja, a partir da própria juventude.

Diante dessa realidade, nós nos perguntamos: qual o lugar da juventude neste caminho da Igreja que o papa Francisco tem proposto? E por que ele traz para o centro toda esta reflexão?

O pontificado do papa Francisco tem sido marcado por algumas referências que chamaremos de pilares, que vão apresentando um novo modelo eclesiológico.

1º pilar – Misericórdia. A Misericórdia não é fruto de uma postura moralista e política, mas como fruto de um caminho de unidade onde nos reconhecemos. Somos primeiro misericordizados e então nos convertemos em instrumento de misericórdia. Diante da realidade juvenil, a proposta é nos reconhecermos frágeis, limitados, humanos, como pressuposto para receber a graça divina. É fundamental nos reconhecermos humanos para podermos conhecer a Deus. Nesse sentido, a juventude precisa ser sentida e olhada pela Igreja, comunidade de fiéis, ou seja, a juventude precisa passar no coração da Igreja. Sem a juventude não é possível ser uma comunidade dos seguidores e das seguidoras de Jesus que seja atenta aos sinais dos tempos e dialogue com a humanidade na pós-modernidade.

2º pilar – Uma Igreja pobre para os pobres. A ideia de pobreza não é uma novidade no pontificado do papa. A Igreja sempre teve um olhar privilegiado para os pobres, pois eles se encontram no centro do evangelho de Jesus Cristo. Há o incentivo ao protagonismo dos pobres; ou seja, os pobres assim como os jovens devem ser os sujeitos da evangelização. Sair da sua autorreferencialidade e ir para fora, “[...] para viver a alegria de viver por Deus e para Deus”. Ainda na reunião pré-sinodal, o próprio papa dizia aos jovens: “[...] não tenham medo de falar, falem com coragem, digam aquilo que sentem”. O papa é aquele que se coloca inteiramente à escuta do outro, acolhendo como sagrado aquilo que é dito e partilhado. Deste

²⁰⁸ KUZMA, Cezar. Cantar com Francisco! Provocações eclesiológicas a partir da *Evangelii Gaudium*. In: AMADO, Joel Portela; FERNANDES, Leonardo Agostini (org.). **Evangelii Gaudium em questão: aspectos bíblicos, teológicos e pastorais**. São Paulo: Paulinas: PUC-Rio, 2014. p. 199.

modo, desperta a Igreja a voltar-se para a sua missão primordial de resgatar o pobre, trazer para o centro e torná-lo pertencente ao mesmo corpo de Cristo que é a Igreja. Essa talvez seja a definição mais clara que podemos obter. Francisco quer resgatar a dignidade do jovem, dando a ele um olhar diferenciado.

3º pilar – Uma Igreja atenta aos sinais dos tempos. O papa Francisco reconhece em suas palavras que, muitas vezes, “Deus, a religião e a Igreja não passam de palavras vazias para numerosos jovens”; por isso a proposta é justamente privilegiar a linguagem da proximidade e aproveitar o que os jovens podem proporcionar à Igreja. O desafio é conservar as coisas do passado, mas buscando sempre coisas novas, como afirmava Santo Ambrosio no século IV.

O olhar do papa Francisco ao longo de sua trajetória já nos aponta o caminho.

Aparecida indicava o método, a modalidade de renascimento da fé hoje, dentro de um contexto niilista e secularizado, indo novamente a Ele, a Cristo, vendo-o falar, agir, amar, como uma presença atual. O povo fiel, os pobres, as testemunhas, as comunidades eclesiais, tornam-se lugares teológicos, lugares em que hoje se manifesta o rosto do Cristo.

Desta maneira, podemos considerar que o papa Francisco desperta no jovem o divino que existe dentro dele e por isso manifesta, com suas palavras de saudação na Exortação, que “Ele vive e quer-te vivo”. Deste modo, os jovens são portadores de uma inquietude que lhes caracteriza. É próprio da fase juvenil lançar-se na busca de novos horizontes, conquistas e sonhos. O jovem é por natureza ousado. Ele traz em si um dinamismo e vigor que podem certamente revigorar a Igreja. Neste caminho se faz necessário integrar as próprias fragilidades e possíveis feridas; elas podem se transformar em uma força de superação.

Assim sendo, a sinodalidade se dá por essa escuta. Todas as forças puderam se manifestar. A centralidade é a Palavra de Deus, que nos convida a voltar sempre a esse caminho indicado; só o faz quem está disposto(a) a ser discípulo(a). A experiência do ressuscitado proposta ao longo do caminho se dá quando temos a coragem de tocar a ferida, como fez Francisco neste processo sinodal.

Embora saibamos que o Sínodo é dos bispos, a tônica da temática desperta um novo olhar diante da proposta de Francisco, o da juventude, pois o Sínodo precisou expandir o seu olhar para além do Ocidente, aberto e participativo. Certamente a participação direta dos jovens, seja pelo questionário *online* ou pelas respostas de mais de cem mil jovens ajudaram na construção e no bom êxito do Sínodo.

O Sínodo não veio para dar receitas pastorais, ou responder a todas as dúvidas e necessidades dos jovens, resolver outras questões de fundo, falar de pastoral vocacional ou de

Pastoral Juvenil. Pelo contrário, foi um tempo de partilha, de falar com coragem, na verdade, na caridade e na liberdade sobre a vida dos jovens. Ouvir com humildade as colaborações dos jovens presentes e ausentes num processo de discernimento e abertura da mente e do coração.

Fruto de todo processo sinodal é a Exortação Apostólica *Christus Vivit*, que leva a Igreja à concretude no trabalho pastoral com a evangelização dos jovens. Neste sentido, o que nos toca diante de todo o processo elaborado com o Sínodo é a escuta empática que se dá diante dessa realidade que é a juventude. É interessante porque a própria proposta do papa Francisco é levar a Igreja a ouvir a voz dos jovens, sem preconceitos e se colocando ao lado deles. Pensando num aspecto pastoral, notamos que a juventude é prioridade para esse tempo, por isso precisamos investir tempo, energia e recursos, conforme nos diz o papa em sua Exortação.

A Exortação Apostólica é direcionada aos jovens do mundo inteiro, em seus mais diversos contextos e culturas, mas é também direcionada a todo povo de Deus. Foi um processo construído a partir da própria realidade juvenil, ou seja, uma exortação construída por muitas mãos e pode, com certeza, contribuir para todo universo juvenil. É preciso levar ao entendimento de todos de que os jovens estão no coração de Deus e da Igreja.

A grande proposta que o papa faz questão de deixar claro é o processo na educação da fé que passa pelo querigma, diante do anúncio de que Deus é amor, Cristo te salva e Ele vive. Para ele, é o que nunca se deveria silenciar. É o anúncio que inclui três grandes verdades que todos nós precisamos escutar sempre de novo. Com isso, propõe que exista um processo que garanta a maturação da juventude, que garanta não somente o anúncio, mas que apresente um processo integrador com as demais realidades da vida do jovem. “A Igreja oferece muitos e variados espaços para viver a fé em comunidade, porque, juntos, tudo é mais fácil.”²⁰⁹

Francisco salienta ainda que o Sínodo reconheceu nos jovens de hoje o compromisso social como uma marca da juventude dessa realidade. São jovens disponíveis para se comprometer com iniciativas de voluntariado, cidadania ativa e solidariedade social. Ele nos diz que “[...] o empenho social e o contato direto com os pobres continuam a ser uma oportunidade fundamental para descobrir ou aprofundar a fé e para discernir a própria vocação”.²¹⁰

No tocante à Pastoral Juvenil, o papa reforça o entendimento de uma ação pastoral realizada a partir dos jovens e sobretudo com os jovens. Eles são os principais agentes. Ele nos diz da necessidade de um aprofundamento e implantação de uma pastoral em conjunto

²⁰⁹ FRANCISCO, 2019b, n. 165.

²¹⁰ Ibidem, n. 170.

que some as forças para uma maior participação juvenil. De modo especial, no Brasil, todo trabalho feito pela Comissão Pastoral para Juventude, da CNBB, coloca-nos à frente neste trabalho, pois a experiência do Setor Juventude, embora ainda emblemática em muitos lugares, reforça-nos a necessidade de unirmos forças. Há muitos carismas e dons suscitados pelo Espírito Santo; então é hora de unirmos nossas mãos para a missão. Por meio do Setor Diocesano da Juventude, a Igreja do Brasil procura cada vez mais reunir a diversidade de juventudes.

3.2 Jovem em ação numa Igreja sinodal

“Cristo Vive: é Ele a nova esperança e a mais bela juventude deste mundo! Tudo o que toca se torna jovem, fica novo enche-se de vida.”²¹¹ A primeira mensagem da exortação é “Cristo Vive” e tem como ideia central de que nós não seguimos uma teoria, não seguimos alguém que viveu há dois mil anos atrás, não seguimos alguém que morreu por nós, não seguimos alguém que tem uma mensagem bonita. Nós seguimos a Jesus Cristo que é vivo, seguimos alguém que vive e quer que vivamos com Ele, ou seja, “Ele vive e quer-te vivo!”

Não podemos reduzir o Cristianismo e nem mesmo a Pastoral Juvenil a um conjunto de doutrinas, conjunto de normas ou teoria; ou seja, é muito mais que isso, é uma proposta de vida. Deste modo, o grande desafio da evangelização da juventude é fazer com que a mensagem do Evangelho se transforme em vida na vida da juventude.

Pensar numa Igreja sinodal, na perspectiva da juventude, não seria pensar um movimento para a juventude, mas sim uma ação com a juventude. O processo sinodal, instaurado pelo papa Francisco desde 2016, coloca o jovem numa ação conjunta. Ele é o principal agente. No que toca à realidade da Diocese de Mogi das Cruzes, vemos um exemplo claro de como foi esse processo. Os jovens foram chamados a participar por meio de um questionário *online* para dar sua contribuição. Os jovens que compõem o organismo diocesano chamado de Setor Juventude englobam toda a Pastoral Juvenil, não limitando essa pastoral a um único modo de Pastoral Juvenil, mas entendendo que ela reúne tantos outros movimentos, como o ministério jovem, a juventude legionária, a juventude vicentina, os grupos paroquiais, os grupos juvenis ligados às pastorais sociais, etc. Porém, houve também a preocupação neste Sínodo em contemplar outras realidades juvenis que não são assistidas e nem contempladas pela pastoral paroquial.

²¹¹ FRANCISCO, 2019b, n. 1.

Fruto deste trabalho sinodal é o documento de trabalho que foi o primeiro texto que surgiu. Ele serviu de base para o Sínodo. Vai trazer a imagem do jovem como vocacionado, entendendo a vocação como o despertar no jovem a assumir a sua missão de cristão no mundo em que vive, entender que a vida tem um sentido e não pode ser desperdiçada. A pessoa divina de Jesus nos chama justamente para isso quando nos atrai para uma vida plena e nos faz assumir um projeto que chamamos de vida cristã, isso que nos faz sentir vocacionados. Como isso se realizará em nossa vida será a consequência de nossa missão de batizado. O objetivo do Sínodo é trazer esta compreensão de que, no encontro com Jesus Cristo, o Evangelho se torna muito mais do que uma teoria, é vida concreta.

O trabalho preparatório do Sínodo nos apontava para duas realidades: primeiro, o jovem como vocacionado, evoluindo o conceito de que o jovem é o futuro da Igreja. O jovem é o presente, não pode ser pensado como uma semente que ainda vai germinar, dar fruto; é o agora, é o hoje. O Sínodo faz com que a Igreja se abra a novas possibilidades de Pastoral Juvenil, novas possibilidades de encontro com as juventudes.

O Sínodo apresenta uma Igreja com os jovens e não para os jovens. Eles vão cada vez mais assumindo a ideia de exercer um protagonismo, ou, como vimos, a ideia de serem sujeitos eclesiais e sociais. Deste modo, o Sínodo deve nos ajudar a concretizar nosso agir pastoral, não como uma receita, pois os sujeitos são diversos e diferentes, mas como possibilidades, como por exemplo:

- a) sair do ambiente *ad intra*. A Igreja precisa pensar muito mais em dialogar com as realidades que estão fora do ambiente eclesial;
- b) pensar novas linguagens com as novas gerações. O jovem é o nativo digital. Ele tem por si próprio uma linguagem que é dele, é diferente. A nossa linguagem uniformizada e padronizada não atinge o universo juvenil. Para alcançarmos o seu coração é preciso pensar linguagens diferentes para atingir esse jovem que é diferente;
- c) possibilitar uma espiritualidade juvenil, criando grupos juvenis que cultivem a espiritualidade cristã;
- d) possibilitar o encontro entre as pessoas, não tratar o jovem como mero objeto. Precisa ser uma Igreja que em seu agir tenha pastoral afetiva de encontros e vivências. Somente a partir da experiência cristã se tornará possível concretizar a evangelização.

A sinodalidade marca um estilo de viver a comunhão e participação nas igrejas locais, caracterizado pelo respeito à dignidade e igualdade de todo batizado, pelo complemento do

carisma e ministérios, pelo prazer de se reunir em grupos para discernir juntos a voz do Espírito. Somos chamados neste processo a avançar em uma conversão sinodal que aponte caminhos comuns na evangelização.

O papa Francisco salienta na *Evangelii Gaudium* que, “[...] quando uma comunidade acolhe o anúncio da salvação, o Espírito Santo fecunda a sua cultura com a força transformadora do Evangelho”.²¹² Ainda ressalta que houve um crescimento no tocante à abordagem juvenil, “[...] na consciência de que toda comunidade evangeliza e educa os jovens e na urgência de que eles tenham um protagonismo maior.”²¹³

O documento papal oferece para toda a Igreja uma reflexão que nos ajuda a pensar a evangelização da juventude no contexto atual. Primeiro, ele nos apresenta o jovem como participante da evangelização. Não dá para entender o jovem atual como um receptor passivo de conteúdo, aquele que está acostumado a “esquentar o banco da igreja”, ou a entregar os folhetos na porta, ou ainda quando precisa carregar cadeiras e mesas nas festas da comunidade. O jovem de hoje está imerso na cultura da internet, uma cultura da interatividade. Esse jovem gosta de curtir, de comentar, de compartilhar, de dar *dislike*, de bloquear alguém; ele é nativo digital e traz isso para sua vida, tem o mundo em suas mãos, por meio dos *iphones* e *smartphones*. Ser massa de manobra não cabe mais à realidade juvenil que se apresenta atualmente; precisamos torná-lo participante, fazer com que ele faça parte de todo o processo.

Outra mensagem que a Exortação nos oferece é a imagem de Jesus como um exemplo para os jovens, não uma imagem teologizada como muitas vezes apresentada, mas voltar a Jesus que viveu concretamente, que se relacionou, sorriu, chorou, curou, ensinou, etc. Não que a Teologia não nos ajude no processo de evangelização, muito pelo contrário, é fazer ecoar na vida dos jovens a própria vida de Jesus. Aqui trago uma citação do teólogo José Antonio Pagola, que diz:

Voltar a Jesus – é deixar que Ele seja Ele na Igreja. Deixar o Deus encarnado em Jesus ser o único Deus da Igreja, o Deus amigo da vida do ser humano [...]. É voltar ao Deus encarnado em Jesus como a nossa primeira referência efetiva e vinculante, a força de nosso ser, a única verdade da qual nos é permitido viver e crescer: Jesus Cristo.²¹⁴

O papa Francisco, na Exortação, apresenta aos jovens três verdades sobre o Cristo, e o revela como grande anúncio. Segundo ele, são verdades que todos nós precisamos escutar

²¹² FRANCISCO, 2013a, n. 116.

²¹³ Ibidem, n. 106.

²¹⁴ PAGOLA, José Antonio. **Recuperar o projeto de Jesus**. Petrópolis: Vozes, 2019. p. 40.

sempre de novo. Deus te ama, Cristo te salva e Cristo vive. Estas afirmações nos levam para um Cristianismo muito vivencial, de prática. Afinal o amor é algo vivido. Ele traz para Deus, como algo presente na vida do jovem. A ideia de salvação expressa nesse documento está relacionada ao sentido que damos para a vida concreta, vivendo embasado e inspirado, assumindo a mensagem de Jesus que é “Caminho, Verdade e Vida”. Essa salvação em Deus se plenifica ainda mais depois da morte, como vemos nos tratados teológicos.

Cristo vive porque é prática. É preciso perceber que Cristo é vida concreta e prática. O documento de Aparecida já nos apontava a uma conversão pastoral que fosse pessoal e estrutural. Temos uma estrutura pastoral de manutenção e não uma estrutura pastoral missionária, que vai ao encontro das pessoas, que possibilita o encontro com a pessoa de Jesus Cristo. Nossa estrutura ainda é uma estrutura muito burocratizada.

A Conversão Pastoral requer que as comunidades eclesiais sejam comunidades de discípulos missionários ao redor de Jesus Cristo, Mestre e Pastor. Daí nasce a atitude de abertura, diálogo e disponibilidade para promover a co-responsabilidade e a participação efetiva de todos os fiéis na vida das comunidades cristãs. Hoje, mais do que nunca, o testemunho de comunhão eclesial e de santidade são uma urgência pastoral. A programação pastoral há de se inspirar na mandamento novo do amor.²¹⁵

A recepção desta Exortação Apostólica nos leva à ideia do jovem como protagonista, ou seja, ele é parte integrante. O jovem, nesse sentido, precisa se sentir Igreja. Deste modo, precisamos adotar algumas posturas, segundo o documento, que nos ajudem a nos relacionar com o universo juvenil. A empatia, por exemplo, é esta capacidade de nos colocarmos no lugar do outro. O papa Francisco faz esse movimento quando se coloca na escuta empática dos jovens do mundo inteiro. Somos chamados a perceber quais são suas esperanças, suas angústias, seus sonhos, etc.

Uma segunda postura que o papa nos leva à reflexão é a postura do encontro. Encontro esse sem a demanda de entendê-lo com data e hora marcada, não de maneira formal. Mas encontro no sentido das relações, do estar junto e que nos leva a estar intimamente ligado a uma outra postura que é a interação. Sem essa capacidade de interagir com o jovem e com sua realidade não conseguimos, no campo da evangelização, apontar caminhos.

Deste modo, a Pastoral Juvenil, na perspectiva da *Christus Vivit*, é uma pastoral vivencial e precisa encontrar caminhos de diálogo com sua própria realidade. Por exemplo, o caminho que é feito na Arquidiocese de São Paulo, embora esteja muito próximo da realidade de Mogi das Cruzes, não será o mesmo caminho que a Diocese de Mogi das Cruzes adotará, pois a realidade juvenil muda diante de cada contexto e de cada juventude. A juventude não é

²¹⁵ CONSELHO EPISCOPAL LATINO-AMERICANO, 2007, p. 368.

a mesma. Deste modo, a maneira de caminhar será própria de cada lugar. O que servirá para ambas as realidades será a interação, pois essa será a estratégia de ouvir a realidade, transformando o jovem em seu próprio sujeito de sua história e da sua própria evangelização – jovem evangelizando jovem.

Por fim, o olhar pastoral para a juventude nesta Igreja sinodal se dará a partir da proximidade, superando o desafio da massa, que é importante evidentemente, pois o movimento de massa no contexto juvenil ajuda a criar identidade. Em nosso contexto cristão, ajuda as juventudes a carregarem suas próprias cruzes, além daquelas que enfrentam, na paixão pela vida, diariamente. Contudo, esse novo enfoque que se dá por meio da proximidade nos faz perceber que o Evangelho e o Cristianismo é o convívio, é a prática concreta, é a amizade e o amor pelo qual nos construímos dia a dia.

3.3 Humanismo de Francisco

A grande novidade de Francisco, segundo José Maria Castillo, “[...] é ser um papa mais humano, aquele que resgata o sentido dos primeiros seguidores de Cristo, na medida que ele é mais humano, esta mesma medida nos revela a Deus mais claramente”.²¹⁶ Ao olharmos a pessoa de Jesus como Deus encarnado ou um Deus humano, percebemos a sua compaixão por aqueles que são oprimidos, excluídos, empobrecidos, sem vez e sem voz. Por inúmeras vezes, Jesus nos Evangelhos assume a postura de estar junto. Deste modo, o papa Francisco também se compadece, sentindo com os mais necessitados as suas dores. Isso é o que revela o humanismo de nosso papa, essa capacidade de reproduzir em sua vida os mesmos sentimentos de Cristo pela humanidade.

Tendo como pano de fundo o Evangelho, a proposta de pensar um novo humanismo é de fato resgatar, dentro da nossa identidade cristã, o que realmente é essencial, pois, ao assumirmos Jesus Cristo como uma forma de vida ou um projeto, assumimos em si o projeto de vida de Jesus. “O Espírito do Senhor está sobre mim, porque me ungiu para pregar o Evangelho aos pobres. Ele me enviou para proclamar a libertação dos aprisionados e a recuperação da vista aos cegos; para restituir a liberdade aos oprimidos, e promulgar a época da graça do Senhor” (Lc 4,18).

²¹⁶ SÁNCHEZ, José Maria Castillo. **O humanismo de Francisco revela a essência do ser cristão**. 2018. Disponível em: <http://www.ihu.unisinos.br/159-noticias/entrevistas/579130-o-humanismo-de-francisco-revela-a-essencia-do-ser-cristao-entrevista-especial-com-jose-maria-castillo>. Acesso em: 7 out. 2020.

Desde os primeiros dias de seu ministério, o papa tem levantado a sua voz para sacudir a consciência de uma Igreja que ele vê muito fechada em si mesma, paralisada pelos medos e demasiado afastada dos problemas e dos sofrimentos vividos pelas pessoas. Desta forma, como pontapé inicial de seu pontificado, escreveu de maneira programática sua Exortação Apostólica *Evangelii Gaudium* (“A alegria do Evangelho”), convidando todos os cristãos a promover uma nova etapa evangelizadora, marcada pela alegria do Evangelho e pela conversão a Jesus Cristo.

Embora nas entrelinhas de seus pronunciamentos notemos um resgate do Vaticano II, ele não está pensando apenas num *aggiornamento* ou em uma adaptação da Igreja aos tempos atuais. Também não se detém apenas em recuperar o horizonte, o espírito e as linhas do Vaticano II. Francisco nos chama a uma conversão mais radical: “Voltar à fonte e recuperar o frescor original do Evangelho”²¹⁷ e sobretudo voltar a Jesus Cristo que pode romper os esquemas enfadonhos em que pretendemos aprisioná-lo e surpreender-nos com a sua constante criatividade.

Somente graças a este encontro – ou reencontro – com o amor de Deus, que se converte em amizade feliz, é que somos resgatados da nossa consciência isolada e da auto-referencialidade. Chegamos a ser plenamente humanos, quando somos mais do que humanos, quando permitimos a Deus que nos conduza para além de nós mesmos a fim de alcançarmos o nosso ser mais verdadeiro. Aqui está a fonte da acção evangelizadora. Porque, se alguém acolheu este amor que lhe devolve o sentido da vida, como é que pode conter o desejo de o comunicar aos outros?²¹⁸

O papa Francisco tem dado à Igreja e à humanidade um novo rumo. A maneira como o papa nos faz aproximar da fé e da religiosidade é totalmente inclusiva. Em ambientes secularizados estamos cansados de ouvir: “esse papa é diferente”, ou então “eu gosto de escutar o que diz o papa Francisco”. Entendemos que, diante do olhar do papa Francisco, não temos outra maneira de olhar a vida se não for pelo viés daquilo que nos iguala, que é a nossa humanidade. Todos estamos num mesmo barco, seguimos juntos e é esse o objetivo do papa Francisco: caminhar juntos assim como Deus fez conosco por meio de seu Filho Jesus Cristo.

Francisco adverte os evangelizadores que “[...] às vezes perdemos o entusiasmo pela missão, porque esquecemos que o Evangelho dá resposta às necessidades mais profundas das pessoas”.²¹⁹ Precisamos lembrar sempre:

[...] o conhecer, não é a mesma coisa caminhar com Ele ou caminhar tateando, não é a mesma coisa poder escutá-Lo ou ignorar a sua Palavra, não é a mesma coisa poder

²¹⁷ FRANCISCO, 2013a, n. 11.

²¹⁸ Ibidem, n. 8.

²¹⁹ Ibidem, n. 265.

contemplá-Lo, adorá-Lo, descansar n'Ele ou não o poder fazer. Não é a mesma coisa procurar construir o mundo com o seu Evangelho em vez de o fazer unicamente com a própria razão. Sabemos bem que a vida com Jesus se torna muito mais plena e, com Ele, é mais fácil encontrar o sentido para cada coisa. É por isso que evangelizamos.²²⁰

A proposta humanista do papa Francisco tem sua base consolidada no Vaticano II. Em dois momentos vemos claramente ele propondo esse novo humanismo de maneira explícita: primeiro, por uma carta aberta ao presidente da Pontifícia Academia para a Vida, por ocasião do 25º aniversário de fundação, onde retrata a comunidade humana como sonho de Deus, e diz:

Neste nosso tempo, a Igreja é chamada a relançar com vigor o humanismo da vida que promana desta paixão de Deus pela criatura humana. O compromisso a compreender, promover e defender a vida de todos os seres humanos ganha impulso deste incondicional amor de Deus. É a beleza e a atração do Evangelho, que não reduz o amor ao próximo à aplicação de critérios de convivência económica e política nem a algumas acentuações doutrinárias ou morais, que derivam de certas opções ideológicas.²²¹

Um segundo momento em que o papa deixa explícito o novo humanismo é através do prefácio do livro intitulado *L'irruzione dei movimenti popolari. Rerum Novarum del nostro tempo* (A irrupção dos movimentos populares. Rerum Novarum do nosso tempo). Com isso, manifesta o seu apoio e compaixão a toda realidade de exclusão, lançando um olhar privilegiado acerca de sua experiência com os movimentos populares.

O papa acredita que, por meio dos movimentos populares, podemos resgatar a humanidade. No prefácio, ele diz que eles “[...] podem representar uma fonte de energia moral para revitalizar as nossas democracias”.²²² Deste modo, ele nos coloca novamente diante da cultura do encontro, uma alternativa social que soa para a humanidade como esperança, como ele mesmo diz: “[...] é a força do nós contra a cultura do eu”.²²³

Outra característica no novo humanismo de Francisco é a compreensão da Evangelização, que nos é apresentada na *Evangelii Gaudium*: “Evangelizar é tornar o Reino de Deus presente no mundo”.²²⁴ Deste modo, salienta que o processo de evangelização “[...] deve desencadear um caminho de formação e amadurecimento. A evangelização procura também o crescimento, o que implica tomar muito sério em cada pessoa o projeto que Deus

²²⁰ FRANCISCO, 2013a, n. 266.

²²¹ Idem. **Carta do papa Francisco ao presidente da Pontifícia Academia para a vida**. 2019a. Disponível em: www.vatican.va. Acesso em: 10 out. 2020.

²²² FRANCISCO, Papa. Prefácio. In: LECOUR, G. M. Carriquiry; LA BELLA, Gianni (ed.). **La irrupción de los movimientos populares**. “Rerum Novarum” de nuestro tempo. Italy: Libreria Editrice Vaticana, 2019c.

²²³ Ibidem.

²²⁴ Idem, 2013a, n. 176.

tem para ela.”²²⁵ Essa perspectiva nos ajuda a compreender o que é essencial no processo de evangelização, pois o Evangelho é para conduzir a todos para o Reino de Deus; e ainda complementa:

Confessar um Pai que ama infinitamente cada ser humano implica descobrir que assim lhe confere uma dignidade infinita. Confessar que o Filho de Deus assumiu a nossa carne humana significa que cada pessoa humana foi elevada até ao próprio coração de Deus. [...] Confessar que o Espírito Santo atua em todos implica reconhecer que Ele procura permear toda a situação humana e todos os vínculos sociais. [...] O próprio mistério da Trindade nos recorda que somos criados à imagem desta comunhão divina, pelo que não podemos realizar-nos nem salvar-nos sozinhos. A partir do coração do Evangelho, reconhecemos a conexão íntima que existe entre evangelização e promoção humana, que se deve necessariamente exprimir e desenvolver em toda a ação evangelizadora...²²⁶

Importante ressaltar que, quando o papa Francisco propõe um novo humanismo, ele não está rejeitando a Doutrina Social da Igreja; muito pelo contrário, ele assume como base o próprio Vaticano II, os Ensinamentos Sociais da Igreja e a sua dimensão de fé, para acreditar num novo possível. Diante disso, destaca quatro pontos na concepção do seu humanismo: a primazia do trabalho sobre o capital; a primazia da pessoa sobre o pecado; a primazia do bem comum sobre o bem individual; a primazia da ecologia integral sobre o antropocentrismo. E inaugura quatro marcas em seu pontificado:

1ª marca: estabelece o Dia Mundial do pobre. Dito de outra maneira, convida a Igreja a sair de si e ir às periferias. Esta é uma marca deste nosso tempo: a inclusão de todos os pobres. “Quero uma Igreja pobre, para os pobres.”²²⁷ Num discurso, em uma viagem a Santa Cruz de la Sierra, em 2015, o papa salienta que o pobre tem um lugar privilegiado, pois não somente está no centro do caminho da Igreja, como no futuro da humanidade, e diz: “Atrevo-me a dizer-lhes que o futuro da humanidade está, em grande medida, em suas mãos em sua capacidade de organizar e promover alternativas criativas na busca cotidiana dos três ‘T’ (Trabalho, Terra e Teto), e em sua participação. Não se apequenem!”²²⁸

2ª marca: prática dos Encontros dos Movimentos Sociais. O papa tem conseguido fazer o que parecia impossível: reunir pessoas que se tornem capazes de sonhar com um mundo novo e que valorizam a individualidade, mas não caem no individualismo, que valorizam a comunidade, mas não caem no comunitarismo. Esses encontros são fundamentais, porque dá voz a vozes caladas de nossas realidades.

²²⁵ FRANCISCO, 2013a, n. 160.

²²⁶ Ibidem, n. 178.

²²⁷ Ibidem, n. 198.

²²⁸ SCANNONE, Juan Carlos. **A ética social do papa Francisco**. São Leopoldo: Universidade do Vale do Rio dos Sinos, 2018. p. 10.

3ª marca: a Economia de Francisco e Clara como o “realmar” da humanidade. Tendo como baluarte Francisco de Assis e Clara, esse encontro nos marca, porque é um encontro somente de jovens que pensam e trazem experiências novas, para propor uma economia que de fato proteja a vida das pessoas e que esteja a serviço de suas vidas. “O conflito a que propõe o papa Francisco, unido aos jovens ativistas, empreendedores sociais, intelectuais engajados, é a humanização da economia. Não se trata, portanto, de uma medida reformista, mas de um desencadeamento de movimento social para este século.”²²⁹

4ª marca: Pacto Global da Educação, encontro de educadores do mundo inteiro. Um encontro para reavivar o compromisso em prol e com as gerações jovens, renovando a paixão por uma educação mais aberta e inclusiva, capaz de escuta paciente, diálogo construtivo e mútua compreensão.

Por fim, o papa nos diz que “[...] os jovens chamam-nos a despertar e a aumentar a esperança, porque trazem consigo novas tendências da humanidade e nos abrem ao futuro, de modo que não fiquemos encalhados na nostalgia de estruturas e costumes que já não são fonte de vida do mundo atual”.²³⁰

3.4 O ambiente digital como espaço da evangelização

Falar do ambiente digital diante da realidade apresentada refere-se de modo concreto à ação da Igreja em continuidade com a missão de Jesus. A cultura digital se apresenta como parte integrante e imprescindível a ser considerada e refletida como contexto e nova ambiência, na transmissão da fé, na sociedade pós-moderna.

Assim, falar de cultura digital implica acompanhar a evolução não somente das teorias de comunicação, o aspecto tecnológico, mas dos paradigmas pelos quais passa o processo de comunicação até chegar o momento atual, este que se vive hoje, chamado de cultura digital. Isso significa não somente conhecer e compreender o momento atual, mas a exigência de um olhar que percebe a necessidade de uma mudança de mentalidade nos processos comunicativos, isto é, que toca profundamente o desenvolver, o atuar do binômio comunicação/evangelização.²³¹

Diante disso, algumas ações são necessárias para a prática transformadora no campo da evangelização:

²²⁹ BRASILEIRO, Eduardo; RICCI, Rudá. A Economia de Francisco e Clara para realmar a humanidade. **Revista Educação**, Brasília, DF, ano 43, n. 161, p. 38-56, jan/jun. 2020.

²³⁰ FRANCISCO, 2013a, n. 108.

²³¹ BRUSTOLIN, Leomar Antonio; FONTANA, Leandro Luis Bedin. **Cultura Urbana: porta para o evangelho: a conversão pastoral como chave para a evangelização nas cidades**. São Paulo: Paulus, 2018. p. 226.

- a) quando falamos de juventudes, o espaço virtual é o lugar do encontro para a maioria dos jovens, um espaço real onde eles se relacionam e se identificam. Por isso se faz necessário reconhecer estes espaços, valorizando-os como ambiente de testemunho e evangelização;
- b) a comunicação existente nos ambientes digitais proporciona entre os jovens verdade e comunhão, pois não só se partilha ideias e informações, como também comunica a própria pessoa. Comunicar não significar somente transmitir, mas também compartilhar;
- c) as redes sociais se apresentam como uma porta para uma realidade existente, que nos coloca em íntima relação com o outro. No campo da evangelização, precisamos olhar com oportunidade as possibilidades para o anúncio da Boa Notícia, levando em consideração que o cristão, no contexto atual, vive imerso nesta realidade;
- d) diante da eclesiologia da proximidade, o papa Francisco afirma: “A internet pode oferecer maiores possibilidades de encontro e solidariedade entre todos; e isto é uma coisa boa, é um dom de Deus”.²³²

Entretanto, Antonio Spadaro, ao pensar o Cristianismo nos tempos da rede, salienta que

[...] o conceito de próximo não está preso num só fio, mas originalmente ligado à proximidade, isto é, à vizinhança espacial. A ruptura na proximidade acontece devido ao fato de a vizinhança ser estabelecida através da mediação tecnológica pela qual está perto de mim, isto é, próximo, quem estiver conectado. Portanto, arriscar estar longe de um amigo meu que mora perto e que não está no *facebook* e usa pouco o *e-mail*, e, por outro lado, sentir-me perto de uma pessoa que nunca encontrei, que se tornou minha amiga porque é amiga de um amigo meu e com o qual tenho uma troca frequente na rede.²³³

Uma das características deste ambiente digital é a ideia de síntese, como processo de um único elemento; as tecnologias e linguagens convergindo para o ambiente digital. A ideia da digitalização de tudo, processos práticos que têm ganhado espaço em nosso meio. Informação disponível por toda parte, difícil de proteger e impossível de controlar.

Segundo aspecto é a ideia da conectividade. A forma de contato se torna cada vez mais simples e mais rápida. Aqui há uma mudança na relação com o conhecimento e com o outro. Nos processos de comunicação atuais não há mais controle; quem define são as redes, ou seja,

²³² SBARDELOTTO, Moisés. **E o Verbo se fez rede**: Religiosidade em reconstrução no ambiente digital. São Paulo: Paulinas, 2017. p. 19.

²³³ SPADARO, 2012, n. 63.

todos aqueles que acessam essa rede. Com muitas pessoas conectadas, o processo do conhecimento se torna cada vez mais fortalecido. Veja, por exemplo, a Wikipédia.

Outro conceito de ubiquidade é aquele em que se está em toda parte ao mesmo tempo, ou seja, um novo conceito de mobilidade. Nós nos tornamos seres que estão em toda parte e em qualquer momento. Os processos de comunicação são móveis. A dicotomia *online* e *offline* cai em desuso, pois estamos numa vida conectada, sobretudo as nossas relações eclesiais, diante da instantaneidade, simultaneidade e efemeridade. As informações que nos cercam não são suficientes, precisamos estar logado para sermos renovados a todo instante.

A ideia de autonomia para as pessoas torna a pessoa empoderada em produzir conteúdo. A isso chamamos de autocomunicação de massa. Os processos de participação são revistos, pois o sujeito é ativo, quer colocar a mão na massa. Uma geração que exige o fazer, sobretudo na linguagem digital.

No contexto religioso, ao falarmos dessa cultura digital, o conceito de enculturação digital também se faz presente neste ambiente. Papa Francisco cita, na *Evangelii Gaudium*, que “[...] pela enculturação, a Igreja introduz os povos com suas culturas na própria comunidade, porque cada cultura oferece formas de valores que podem enriquecer o modo como o Evangelho é empregado, compreendido e vivido”.²³⁴

Essa nova leitura introduzida ao contexto do evangelho nos ajuda bastante a pensar a realidade juvenil, fazendo-nos aprender muitas coisas com essa nova forma de cultura que, ao invés de empobrecer, acaba enriquecendo cada vez mais no campo da evangelização. Aqui evidenciamos os jovens, pois eles são os nativos digitais, eles já estão imersos nesta cultura e nesta mentalidade e muito contribuem com a Igreja para sua ação no mundo. É preciso aprender as formas, os valores, os métodos e as dinâmicas que estão para além das tecnologias, que já estão presentes no modo de ser pessoa, de se relacionar e de construir relação.

O papa Francisco, utilizando esta metáfora – Igreja em saída –, escreveu uma mensagem para o Dia Mundial das Comunicações em 2014, dizendo o seguinte: “Entre uma Igreja acidentada que sai pela estrada e uma Igreja doente de autorreferencialidade, não hesito em preferir a primeira [...]. Entre estas estradas estão também as digitais, congestionadas de humanidade, muitas vezes feridas.”²³⁵

Aqui ele nos faz refletir, enquanto prática pastoral, pois os ambientes digitais são reais e lá existem pessoas. Isso é interessante para revermos os nossos investimentos neste ambiente

²³⁴ FRANCISCO, 2013a, n. 116.

²³⁵ Idem, 2014.

digital e os desafios que isso também traz para a Igreja. A Igreja também nestes ambientes é chamada a ser presença e traduzir sua Tradição e sua doutrina numa linguagem digital.

Na perspectiva eclesial, o papa Francisco trouxe um apelo renovado à santidade como proposta radical de vida na Exortação Apostólica *Gaudete et Exultate*, sobre o chamado à santidade no mundo atual. Aparentemente talvez não façamos relação alguma, mas está estritamente relacionado com a temática da comunicação. Ele vai dizer: “Mesmo nos *media* católicos, é possível ultrapassar os limites, tolerando-se a difamação e a calúnia e parecendo excluir qualquer ética e respeito pela fama alheia.”²³⁶ Nos documentos dos jovens ele vai apresentar a mesma preocupação: “[...] formas de controles que são tão evasivas criando mecanismos de manipulação das consciências e do processo democrático [...]”²³⁷.

Na *Christus Vivit*, o papa salienta que a “[...] vida nova dos jovens, que impele a buscar informações da própria personalidade enfrenta atualmente um novo desafio: interagir com o mundo real e virtual.”²³⁸ Diante disso, destacamos também a preocupação de reconhecer os limites e as deficiências que estão neste ambiente digital e se nos apresenta na forma de solidão, manipulação, exploração e violência.

O Pontífice ainda enfatiza na sua última encíclica *Fratelli Tutti* que “[...] há interesses econômicos gigantescos que operam no mundo digital, capazes de realizar formas de controle que são tão sutis quanto invasivas, criando mecanismos de manipulação das consciências e do processo democrático”.²³⁹ Deste modo, ao analisarmos a inserção e a participação dos jovens neste ambiente virtual que a internet apresenta, algumas implicações são necessárias levar em consideração para um maior entendimento desta realidade: primeiro existe uma capacidade em se constituir como espaço efetivo de diversas participações; segundo, entender que as redes sociais se constituem atualmente um campo aberto de divulgação de informação e organizações civis, políticas e religiosas.

O desafio é criar um estilo digital cristão. O papa Bento XVI traduziu isso dizendo que “[...] existe um estilo cristão de presença também no mundo digital: traduz-se numa forma de comunicação honesta e aberta, responsável e respeitadora do outro.”²⁴⁰ O papa Francisco vai insistir na ideia de testemunho quando em 2014 no *twitter* ele vai dizer: “[...] que quer dizer evangelizar? Testemunhar com alegria e simplicidade o que somos e aquilo que

²³⁶ FRANCISCO, Papa. **Exortação Apostólica do Santo Padre Francisco Gaudete et Exultate: sobre o chamado à santidade no mundo atual**. São Paulo: Loyola, 2018b. n. 115.

²³⁷ Idem, 2019b, n. 89.

²³⁸ Idem, 2019b, n. 99.

²³⁹ Idem. **Carta Encíclica do Santo Padre Francisco Fratelli tutti, Todos irmãos**. São Paulo: Loyola, 2020. n. 45.

²⁴⁰ Idem. **Verdade, anúncio e autenticidade de vida, na era digital**. 2011. Disponível em: www.vatican.va. Acesso em: 13 out. 2020.

acreditamos”²⁴¹, e ressalta ainda que “[...] o testemunho cristão não se faz com o bombardeio de mensagens religiosas, mas com a vontade de se doar ao outros através da disponibilidade para se deixar envolver, pacientemente e com respeito, nas suas questões e nas suas dúvidas.”²⁴²

Com isso, a escuta ativa nos desafia como Igreja, e é um ambiente riquíssimo para conhecer as pessoas, as realidades e o mundo em que estamos dispostos a evangelizar. É preciso entender que o mundo digital tem muito a contribuir no processo evangelizador de nossos grupos e comunidades. Deste modo, “[...] o pregador (comunicador) deve também pôr-se à escuta do povo para descobrir aquilo que os fiéis precisam ouvir. Um pregador é um contemplativo da Palavra e também um contemplativo do povo [...]. Nunca se deve responder a pergunta que ninguém se põe.” (EG 154-155).

Contudo pensar a evangelização juvenil nesse ambiente digital de polarização é em primeiro lugar ter a disponibilidade de passar por esse esforço de escuta e de contemplação da realidade. Isso foi o que o papa Francisco fez no processo sinodal com os jovens do mundo inteiro. Entender o que está em jogo, quais são as lógicas que permeiam as dinâmicas sociais para que possamos oferecer respostas possíveis às perguntas que as pessoas e a sociedade estão fazendo. E não ser uma Igreja que responde coisas que ninguém está perguntando, como se estivesse falando para o vácuo, para o nada ou para ninguém, bombardeando mensagens religiosas, mas que não dizem nada à cultura de hoje.

Portanto, propomos uma evangelização às avessas, que primeiro escuta e sente a cultura, os processos sociais, como fizemos no primeiro capítulo, que olha a realidade em seus vários aspectos. Perceber que, no tocante à vida dos jovens, eles estão mergulhados neste ambiente digital e nossas respostas aos seus questionamentos podem ser mais criativas e fecundas, uma vez que também utilizamos dessa ferramenta para favorecer o campo da evangelização.

3.5 Jovens cristãos para uma nova sociedade

Tendo como base os levantamentos bibliográficos acerca da juventude, sinalizados no capítulo 1, queremos propor uma chave de leitura que possibilite um caminho ou uma abertura a essa Igreja que pretende sair da autorreferencialidade para uma dinâmica mais missionária como propõe o papa Francisco para toda a Igreja.

Primeiro aspecto que encontramos na realidade juvenil e que o processo do Sínodo dos Bispos em 2018 pontuou é que “[...] os jovens pedem a Igreja para serem bem recebidos e

²⁴¹ @Pontifex_pt, 5 de maio de 2014.

²⁴² FRANCISCO, 2014.

respeitados em sua originalidade”.²⁴³ Tornar a Igreja com o rosto jovem não é só um discurso, mas se trata de uma prática. Sabemos que o universo juvenil é diverso em suas caracterizações, mas precisamos estar atentos às questões de acolhimento, diálogo e passividade que os façam sentir-se pertencentes a este ambiente eclesial.

O engajamento social foi e é um traço muito específico e marcante dos jovens, sobretudo dos jovens participantes da Pastoral da Juventude. A cada dia mais eles têm assumido uma militância diante da sociedade em busca de se terem seus direitos assegurados. O voluntariado jovem tem se tornado uma realidade presente na vida dos jovens. Na Diocese de Mogi das Cruzes vemos algumas ações presentes por meio dos grupos paroquiais de jovens que buscam conscientizar outros jovens para esse trabalho em prol do próximo. “O homem novo digital age, reage e interage a partir da caridade. E assim pode construir comunidade em rede e fora dela.”²⁴⁴ Importante notar que, no contexto do Sínodo 2018, “[...] os jovens pediram à Igreja no que diz respeito à promoção humana um compromisso decisivo e coerente, que desarraiga toda a convivência com a mentalidade humana.”²⁴⁵

“O caminho da beleza foi uma das formas privilegiadas de expressar a fé na evangelização.” Não podemos fazer dos nossos jovens miniadultos, como muito ocorreu no passado. A via da beleza nos faz reconhecer a beleza da vida da juventude manifestada por meio da arte, da música e do esporte. Essa é a linguagem do jovem, que cria e recria em seu dinamismo um sujeito eclesial. O jovem não deixa de ser jovem por estar dentro da Igreja; muito pelo contrário, ele traz sua juventude para esse contexto religioso e são justamente suas experiências religiosas fortemente marcadas pelo contexto social e cultural que o tornam verdadeiramente cristão diante do mundo.

Nesse sentido, também uma característica importante entre os jovens é o seu protagonismo e participação. “[...] muitos querem capitar seus talentos, habilidades e criatividade e estão dispostos a assumir responsabilidades.”²⁴⁶ A Igreja conta com este protagonismo para atender a necessidade de evangelização. O Documento 85 da CNBB, quando fala da experiência acumulada da Igreja, diz “[...] que os jovens são mais sensíveis às mudanças e propensos a aceitar o novo. Tudo o que acontece na sociedade tem os seus reflexos na ação evangelizadora da juventude. Os jovens que são atingidos por esta ação estão na Igreja e na sociedade.”²⁴⁷

²⁴³ SÍNODO DOS BISPOS, 2019, n. 45.

²⁴⁴ SBARDELOTTO, Moisés. **Comunicar a fé**. Petrópolis: Vozes, 2020. p. 179.

²⁴⁵ SÍNODO DOS BISPOS, 2019, n. 46.

²⁴⁶ Ibidem, n. 52.

²⁴⁷ CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL, 2007, n. 49.

Olhando para a realidade juvenil da Diocese de Mogi das Cruzes, descrita no capítulo 1, é importante apresentar como projeto de ação pastoral as experiências na evangelização da juventude por meio das articulações e organizações no trabalho juvenil.

Primeiramente, como foi apresentado, a Diocese de Mogi das Cruzes está inserida na região do Alto Tietê. Tem ligação direta com as dioceses de Guarulhos, São Miguel Paulista, São José dos Campos, Santo André e Bragança Paulista. Isso traz uma implicação no trabalho pastoral, pois embora cada diocese seja administrada por um bispo diferente, no campo da evangelização nos encontramos alinhados por meio da organização do Regional Sul 1 da CNBB, que compreende ao estado de São Paulo. Atualmente, a Diocese de Mogi das Cruzes se encontra na Sub-região São Paulo, que agrega também toda a Arquidiocese de São Paulo. Deste modo, toda a influência e a predominância geográfica, populacional, social, cultural e econômica que vêm das cidades vizinhas contribuem para um grande avanço da evangelização.

Figura 4 – Mapa do Regional Sul 1 da CNBB – São Paulo



Fonte: IBGE – Malha Municipal do Estado de São Paulo para referência geográfica.

Guiados pela Comissão Episcopal Pastoral para a Juventude (CEPJ), denominamos o trabalho com as diversas expressões da juventude como Pastoral Juvenil, que agrega consigo as diversas maneiras de se evangelizar a juventude, como Pastoral das Juventudes,

Movimentos, Novas Comunidades, Congregações, Grupos Paroquiais, que se organizam como expressão juvenil profética e sinodal.

Por isso, existe a necessidade de uma instância mais ampla de diálogo e partilha. De modo geral, seguimos as inspirações do papa Francisco, por meio de todo processo sinodal, e agora, ainda mais, iluminados pela Exortação Pós-sinodal *Christus Vivit*. Como projeto pastoral vigente para a Igreja do Brasil, a CEPJ compartilha o projeto IDE, apresentando cinco eixos pastorais para a ação evangelizadora: missão, formação, estruturas de acompanhamento, ecologia e políticas públicas. Na diocese, o Setor Diocesano da Juventude tem a missão de articular as juventudes, à luz das Diretrizes Gerais da Ação Evangelizadora da Igreja do Brasil e do Plano Diocesano da Diocese de Mogi das Cruzes. Isso acontece de maneira comum para todas as dioceses.

Segundo o 8º Plano Diocesano da Juventude, o trabalho de evangelização da juventude é realizado na Diocese de Mogi das Cruzes pelas seguintes expressões: Pastoral da Juventude, Juventude Vicentina, Juventude Legionária, Jovens Focolarinos, Ministério Jovem (RCC), Jovens do Caminho Neocatecumenal, Juventude Missionária, Jovens Sarados, Juventude *Regum Christi*, Catequese Crismal, Grupos Paroquiais, EJC, Congregações Religiosas, Novas Comunidades (Fraternidade Coração Redentor, Emaús, Shalom, Palavra Viva, João Paulo II, Virgem do Silêncio, Maranathá, Voz de Deus, Intimidade Divina e Novas Famílias).

Para que o Setor Juventude seja um espaço de comunhão e partilha das mais diversas forças da juventude, temos como instância de coordenação a pessoa do *bispo diocesano*. Como primeiro responsável pela evangelização da juventude em sua Igreja Particular, ele é chamado a se dedicar aos jovens; deste modo, a Igreja renova, por meio dele, sua opção afetiva e efetiva pelos jovens. Segundo a Comissão Episcopal Pastoral para Juventude “[...] o bispo anima os párocos e as comunidades a preocupar-se com a evangelização dos jovens, destina pessoas e recursos, e com sua palavra e presença, motiva sua ação e compromisso”²⁴⁸. De fato, é uma preocupação da Igreja que se tenha pessoas designadas para esse tipo de trabalho. A Pastoral Juvenil diocesana ou Setor Juventude precisa suscitar como um todo um olhar carinhoso para com a juventude.

Para que a evangelização da juventude se torne fecunda em seu agir sobretudo nos trabalhos diocesanos, o bispo nomeia alguém, não necessariamente um padre, mas às vezes um religioso ou um leigo, para que seja representante do bispo na missão de assessoria e acompanhamento do trabalho com a juventude. Esse chamado *assessor* tem como missão

²⁴⁸ CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL, 2013a, p. 77.

articular todas as expressões de modo neutro na tentativa de propor uma comunhão de vida entre os diversos movimentos e expressões existentes; assim, sua função é esforçar-se

[...] para evangelizar os jovens e incorporá-los organicamente num caminhar comum, buscando critérios, multiplicando esforços, racionalizando recursos e animando a criação de uma mística e de um espírito diocesano. Para isso empenha-se em construir um Plano Diocesano de Pastoral Juvenil que norteie todos que abraçam a causa da evangelização da juventude na Igreja Particular.²⁴⁹

Na composição do Setor Juventude, temos as organizações juvenis com sua coordenação própria. Os jovens contam com meios e ocasiões para a sua formação permanente, principalmente no que diz respeito à assessoria adulta, que se coloca à disposição da evangelização da juventude.

Assim como o bispo é responsável pela evangelização em sua diocese, o *pároco e/ou administrador paroquial*, como cooperadores do bispo em sua missão, também é responsável pela evangelização dos jovens nas comunidades e paróquia para as quais é destinado. É bom lembrar que “[...] o pároco não é obrigado a ser um especialista em juventude, dele se espera ao menos acolhida, prioridade juvenil comunitária, atendimento paroquial e espiritual”²⁵⁰.

Diante de toda reflexão sobre o indivíduo contemporâneo, é importante ressaltar que ele, dentro do pensamento moderno, configura-se como um conceito central e centralizador, pois é a partir dele que surge o cidadão moderno, ou seja, a mínima célula do Estado democrático.²⁵¹ O Documento 85 da CNBB, pertencente à evangelização da juventude, propõe um caminho para o discipulado por meio de 8 linhas de ação:

- a) formação integral – um caminho que desperte e cultive nos jovens e na comunidade eclesial a dimensão vocacional do grupo. Segundo o documento, o conceito de formação integral é importante para considerar o jovem como um todo;²⁵²
- b) espiritualidade – é a motivação central e a bússola para orientar a vida de acordo com a vontade de Deus. Deste modo, propomos uma espiritualidade centrada na pessoa de Jesus Cristo e no seu projeto de vida;²⁵³
- c) pedagogia de formação – trata-se de caminhar e dialogar com os jovens, partindo de suas vidas e preocupações, iluminando essas preocupações com a dimensão da fé e incentivando uma ação concreta de mudança pessoal ou de situações;²⁵⁴

²⁴⁹ CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL, 2013a, p. 78.

²⁵⁰ Ibidem, p. 80

²⁵¹ CARDOZO, 2019, p. 48

²⁵² CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL, 2007, n. 96.

²⁵³ Ibidem, n. 119.

- d) missão – não se trata somente das atividades realizadas no âmbito eclesial, mas também que descubram sua vocação e assumam seu papel na sociedade. Nesse sentido, há um desafio de trabalhar a dimensão social da fé com os jovens como elemento da missão do cristão;
- e) estruturas de acompanhamento – são as diversas maneiras de organização que se criam para garantir a evangelização dos jovens. Ela garante a eficácia dos projetos de formação, gerando um processo dinâmico de comunhão e participação, criando estruturas de coordenação, animação e acompanhamento, possibilitando o intercâmbio de experiências;²⁵⁵
- f) ministério da assessoria – o assessor é aquele que acompanha os processos pessoais ou grupais de educação na fé, em que os jovens devem ser os protagonistas. As atividades, cursos, eventos devem estar integrados em um processo que assegure a comunidade;²⁵⁶
- g) diálogo fé e razão – a ação pastoral deve favorecer a base intelectual da sua fé para que saibam se mover de maneira crítica dentro do mundo intelectual, acompanhados de vida cristã autêntica para que possam atuar responsavelmente no mundo do qual fazem parte;²⁵⁷
- h) direito à vida – sejam incentivadas e apoiadas as iniciativas que favoreçam a educação dos jovens, visando à formação de uma personalidade madura e equilibrada, à correta vivência da sexualidade, à vivência do amor verdadeiro, ao autocontrole em face dos desvios do alcoolismo, da dependência de drogas e do consumismo fácil e ilusório.²⁵⁸

Deste modo, é preciso que a vida cristã eclesial se comprometa com um exercício, com uma atenção real à sinodalidade, para que o povo de Deus e pastores caminhem juntos.²⁵⁹ O compromisso não depende somente dos jovens, mas de toda a rede em que o jovem se encontra. Como cristãos, somos chamados a assumir nosso papel de ser luz do mundo e sal da terra (Mt 5, 13-14).

Os jovens são chamados a assumir seu protagonismo neste mundo de mudanças, tornando-se cristãos leigos, discípulos-missionários de Jesus Cristo. Ele é o sujeito por

²⁵⁴ CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL, 2007, n. 147.

²⁵⁵ Ibidem, n. 189.

²⁵⁶ Ibidem, n. 209.

²⁵⁷ Ibidem, n. 218.

²⁵⁸ Ibidem, n. 231.

²⁵⁹ BIANCHI, Enzo. **Uma mudança radical na vida da Igreja**. 2020. Disponível em: www.ihu.unisinos.br/78-noticias/596093-uma-mudanca-radical-na-vida-da-igreja-artigo-de-enzo-bianchi. Acesso em: 7 out. 2020.

excelência da animação, de si e de sua missão. Portanto, temos um caminho a percorrer; por meio da fé, somos impulsionados a ser sujeitos de fé na Igreja e no mundo.

Desta maneira, as Diretrizes Gerais da Ação Evangelizadora no Brasil, em seu planejamento de 2019-2023, contam com os jovens para esse caminho sinodal e manifestam a sua preferência por eles, dizendo: “[...] a Igreja e o mundo podem ouvir a voz de Deus também por meio dos jovens, que constituem lugares teológicos onde o Senhor está presente. A Igreja faz uma opção preferencial por eles.”²⁶⁰ Esta posição da Igreja do Brasil é muito pertinente, pois num sentimento de comunhão inspirado pelo Sínodo de 2018, os jovens são chamados a um acolhimento no coração da Igreja.

Vivemos num momento em que não só a Igreja precisa fazer uma opção pelos jovens, mas os jovens precisam também fazer uma opção pela Igreja e colaborar com seu testemunho para uma renovação no ardor espiritual e no vigor apostólico das comunidades, na missão de evangelizar outros jovens.

Este é um caminho que poderá ser feito de mãos dadas, quando olhamos para trás na história da Diocese de Mogi das Cruzes, como retratamos no capítulo 1. Muitas foram as organizações de grupos juvenis, movimentos eclesiais que incentivaram e formaram jovens para um protagonismo eclesial e social.

Do grupo que formava a Pastoral da Juventude nos anos de 1980 e 1990, hoje temos muitos resultados positivos. Há quatro anos, montamos um grupo intitulado “DinosPJ”, primeira experiência nacional com o grupo da PJ, com o objetivo de realizar partilhas diante da caminhada que cada jovem daquela época tinha realizado. Conseguimos reunir cerca de 49 participantes. A cada ano promovemos um encontro para dinamizar partilhas e celebrações da vida e rever o projeto de vida do grupo. Da liderança juvenil hoje temos profissionais da área da educação, advogados, sacerdotes, jornalistas, dentre tantas outras profissões, que continuam a ser no mundo sujeitos de transformação em vista do Reino de Deus presente em nós.

Dos grupos de jovens paroquiais que existiam sem expressão, mas que eram marcados por uma educação da fé e compromisso social, temos a maior parte deles atualmente nas lideranças de nossas comunidades. Jovens que levaram seu comprometimento e fé cristã para a vida e assumiram o serviço ao outro como missão por meio da Igreja.

Outro grupo, que na Diocese de Mogi das Cruzes ganhou um grande destaque, foi a juventude da Renovação Carismática Católica. Marcada pelo fervor e pela intensidade da fé,

²⁶⁰ CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL. **Diretrizes Gerais da Ação Evangelizadora 2019-2023**. Brasília, DF: Edições CNBB, 2019. n. 119.

trouxe para a Igreja dos tempos atuais uma renovação no campo litúrgico e pastoral. Embora com uma espiritualidade pentecostal-evangélica, com esse carisma tem atraído muitos jovens para a experiência da fé. Diante desse panorama, o que parece é que essa característica mais ligada à emoção tem tomado conta da juventude moderna. Os movimentos espirituais jovens, como Legião de Maria, Juventude Vicentina, Juventude Focolarina, dentre outros, têm perdido força no campo da evangelização por não apresentar características de cunho emotivo.

Por fim, embora tenhamos vivido tempos que nos possibilitaram colher frutos cem por um, hoje vivemos diante de um novo tempo. Não podemos viver e conceber a realidade juvenil com a cabeça de dez ou vinte anos atrás. Muitas coisas mudaram, ou melhor, tudo está mudando numa velocidade muito grande. Deste modo, para que esse novo possa tornar-se real em nosso contexto, reafirmamos o que o documento de Aparecida já dizia: “Há uma urgência de uma conversão pastoral por parte de todos da Igreja, a qual implica não só escutar o que diz o Espírito em nossos dias, mas também de saber abandonar as estruturas que já não favoreçam a transmissão da fé”.²⁶¹ O papa Francisco tem insistido neste caminho: “[...] espero que todas as comunidades se esforcem para pôr em ação os meios necessários para avançar no caminho de uma conversão pastoral e missionária, que não pode deixar as coisas como estão. Neste momento, não nos serve uma simples administração”²⁶²

3.6 Arriscar o anúncio da fé no mundo juvenil

A Pastoral Juvenil, tal como estávamos acostumados a levá-la adiante, sofreu o embate das mudanças sociais e culturais. A proliferação e crescimento de associações e movimentos com características predominantemente juvenis podem ser interpretados como uma ação do Espírito que abre novos caminhos. Quero destacar que os próprios jovens são agentes da Pastoral juvenil, acompanhados e guiados, porém, livres para encontrar caminhos sempre novos com criatividade e audácia. Eles nos fazem ver a necessidade de assumir novos estilos e novas estratégias. A Pastoral Juvenil precisa adquirir outra flexibilidade, e convocar os jovens a eventos, acontecimentos que a cada movimento lhes ofereçam um lugar onde não somente recebam formação, senão que também lhes permita compartilhar a vida, celebrar e cantar, escutar testemunhos reais e experimentar o encontro comunitário com o Deus vivo.²⁶³

Quando se entende a juventude como sujeito e lugar teológico, faz-se necessário dar-lhe voz, compreendendo suas posturas e sua cultura atual para bem evangelizá-la. Os jovens

²⁶¹ MIRANDA, Mario de França. **A Igreja que somos nós**. São Paulo: Paulinas, 2013. p. 129.

²⁶² FRANCISCO, 2013a, n. 25.

²⁶³ FRANCISCO, 2019b, n. 202-204.

atuais são diferentes das décadas anteriores. Eles possuem características que precisamos aprender a ler para podermos nos aproximar sem falsos julgamentos nem moralismos.

Em diversos pronunciamentos do Magistério da Igreja, os jovens são lembrados como merecedores de “cuidado particular”, considerando-se sua quantidade e, sobretudo, pelos imensos potenciais que podem oferecer à própria Igreja e à sociedade. Sendo a juventude a fase da vida de maior energia, criatividade, generosidade e idealismo, a Igreja, em suas várias instâncias e organizações, olha os jovens como “seu presente e futuro” e chama a atenção para suas vulnerabilidades.

Contudo, ao favorecer instrumentos eficazes para a evangelização no tocante ao contexto em que os jovens estão inseridos, sabemos que a busca pela relação interpessoal é algo essencial no desenvolvimento da personalidade dos adolescentes e jovens. Por isso devemos promover espaços que favoreçam uma verdadeira formação, que eduquem para o diálogo, o respeito, a valorização do diferente e a socialização. O ser humano, em sua própria constituição, é ser em relação. Por isso a necessidade de se trabalhar a formação integral no que diz respeito às relações, ao convívio, ao intercâmbio, à reciprocidade, à responsabilidade e ao trabalho em equipe.

O Sínodo não existiu para dar receitas pastorais, ou responder dúvidas diante da realidade ou necessidade dos jovens, resolver uma ou outra questão de fundo como falar de Pastoral Vocacional ou Pastoral Juvenil. A ideia primordial é reconhecer neste processo algumas atitudes que sobressaíram na pessoa do próprio papa.

Primeiro, o processo de discernimento como escuta do Espírito Santo; depois, promover acolhida diante de uma escuta empática e atenta; estabelecer proximidade diante de tantas angústias que os jovens trazem em seus corações; promover a cultura do encontro entre os próprios jovens com a Igreja e estabelecer como saída pastoral o acompanhamento.

Um dos problemas levantados no Sínodo foi a participação dos jovens nas estruturas eclesiais. Eles se encontram na Igreja, porém não oferecemos nada diante de sua própria realidade, na linguagem e na própria existência. Sem uma ação concreta, esses jovens continuarão nas escadarias de nossas igrejas.

Segundo Moisés Sbardelotto,

[...] a exortação apostólica, portanto, dá continuidade a todo esse caminho sinodal. O texto assume como um ponto final de tudo o que foi discutido. [...] Francisco admite que não pode recolher no documento todas essas contribuições, mas, acrescenta, que vocês poderão vê-las no Documento Final do Sínodo.²⁶⁴

²⁶⁴ SBARDELOTTO, 2020, p. 126.

Com sua fala, ele demonstra a importância de todo processo elaborado e discutido. De tantas temáticas abordadas no Sínodo, o papa Francisco deu grande relevância a três delas, para serem trabalhadas pela *Christus Vivit*. São precisamente o “ambiente digital”, os migrantes e as questões dos abusos sexuais. Quanto ao ambiente digital, precisamos saber trabalhar frente a esta realidade. Já não podemos considerar um espaço meramente digital; muito pelo contrário, para os jovens, os ambientes virtuais se tornam cada vez mais reais. Trata-se de um espaço que propicia o desenvolvimento juvenil tanto para o bem quanto para o mal, por isso deve haver prudência no uso destas novas mídias.

Atualmente, a internet propicia aos jovens uma maior participação política e um envolvimento com as questões sociais. Deste modo, o papa Francisco exorta as comunidades de fé a terem cuidado e saberem trazer os jovens para as interpelações pessoais, tornando-as reais.

No trabalho de evangelização dos jovens, o próprio jovem é anunciador a outros jovens. O Espírito é que dá vida. Deus é amor, sua missão é mobilizar outros jovens para que Ele salve, na certeza que Cristo vive. “Muitos jovens cansam-se dos nossos programas de formação doutrinal, e mesmo espiritual, e às vezes reclamam a possibilidade de ser mais protagonistas em atividades que façam algo pelas pessoas.”²⁶⁵

O jovem precisa ter raízes, ter consciência de quem ele é, ter consciência de sua própria vida, apropriando-se de sua identidade, inserido na vida de uma comunidade que esteja junto, dê apoio e o conheça. O não comprometimento dos jovens no seio da comunidade dependerá da comunidade.

A Igreja precisa aceitar as diversidades que a juventude apresenta e suas expressões, e deve favorecer o caminho de transmissão da fé em âmbito familiar e comunitário. Nossos jovens têm chegado lisos em nossas catequeses, porque muitas vezes a transmissão que caberia à família não existe ou é precária. As catequeses ainda são obsoletas e ultrapassadas, não falam a linguagem do jovem e não os encantam para a vivência do processo mistagógico da fé.

Os grupos de jovens, ou os grupos paroquiais devem proporcionar aos jovens uma busca autêntica do projeto de Jesus Cristo e vislumbrar um crescimento dado pelo estabelecimento do Projeto de vida. “Devemos apenas estimular os jovens e dar-lhes liberdade de ação, para que se entusiasmem com a missão nos ambientes juvenis. [...] o mais

²⁶⁵ FRANCISCO, 2019b, n. 225.

importante, porém, é que cada jovem ouse semear o primeiro anúncio na terra fértil que é o coração doutro jovem.”²⁶⁶

A Igreja precisa entender que a dimensão da evangelização da juventude passa pelo bolso, ou seja, pela realidade financeira. Eles não têm dinheiro e muitas vezes, para suprir tudo aquilo que talvez precisem, tornam as realidades pouco impossíveis de serem vivenciadas. Aqui entra o papel da comunidade de fé em possibilitar a participação dos jovens nos eventos e nas atividades que os grupos programam.

A catequese precisa garantir a educação da fé dos jovens, numa nova forma de comunicar a fé, a ponto de atraí-los para a comunhão plena com a pessoa de Jesus. “Os jovens enriquecem-se muito quando superam a timidez e encontram a coragem de ir visitar casas, pois assim entram em contato com a vida das pessoas, aprendem a olhar mais além de sua família e de seu grupo”.²⁶⁷

3.7 Um olhar pastoral: opção preferencial pelos jovens

As pesquisas realizadas no capítulo 1 acerca da Diocese de Mogi das Cruzes apontaram diversas carências, sobretudo no que toca à realidade da juventude, como: educação pública de qualidade voltada para qualificação, inserção do jovem no mercado de trabalho, democratização ao acesso ao esporte, lazer e cultura, tecnologias de informação e mais segurança. Infelizmente, os indicadores vêm confirmando alto índice de desemprego entre as gerações mais jovens, evasão escolar, falta de formação profissional, morte por homicídio e envolvimento com as drogas e a criminalidade.

Diante desta realidade, lançamos o nosso olhar sobre jovens que vivem nas periferias sem o mínimo de dignidade, sem acesso à educação, ao trabalho e ao lazer, marcados por lugares que são tidos como violentos e pela presença do narcotráfico e da corrupção. As realidades rurais ainda são excluídas do básico, e a urbanização crescente tem engolido os jovens e os tem colocado numa situação de vulnerabilidade por meio da violência e da desigualdade.

Deste modo, propomos um olhar humanista, integral e solidário, ou seja, mais pé no chão. Segundo Paulo Cesar da Silva, o ser humano, quando se descobre amado por Deus, toma a consciência da própria dignidade transcendente, procura relações mais humanas e

²⁶⁶ FRANCISCO, 2019b, n. 210.

²⁶⁷ Ibidem, n. 239.

torna-se agente da paz.²⁶⁸ A opção preferencial pela juventude que queremos propor como caminho de evangelização para os jovens se dá a partir da Sagrada Escritura e do Magistério, pois é amparado em caminhos já percorridos que vemos a juventude como um sinal de renovação para a Igreja e para o mundo e, a partir da juventude, a Igreja também descobre um sinal em si mesma. Assim sendo, a “[...] juventude é um símbolo da Igreja, chamada a uma constante renovação de si mesma, ou seja, a um constante rejuvenescimento”.²⁶⁹

Com isso, partindo do lugar de fala que é a juventude, queremos aproximar a proposta do papa Francisco como uma forma de caminho para trilhar em busca de novos rumos. No que se refere à juventude, uma Igreja em saída está na disposição de primeirizar, ou seja, deixar que esta juventude tenha iniciativa, e que a Igreja, como Mãe e Mestra, volte o seu caminho para Jesus, no sentido de deixar-se fascinar novamente pela descoberta do encontro com Ele. Precisamos entusiasmar os jovens, como os grandes santos Paulo, Agostinho, Domingos, Teresinha do menino Jesus, Dom Bosco, etc., deixando-nos recriar pelas experiências místicas. Precisamos anunciar a Jesus Cristo e não a Instituição. Infelizmente, ao longo da caminhada eclesial não oferecemos satisfatoriamente este anúncio. Precisamos retomar o percurso e recomeçar de maneira significativa, de forma que dê sentido à vida do jovem.

Diante das reflexões apontadas pelo papa Francisco, podemos insistir na evangelização da juventude, com as seguintes propostas²⁷⁰:

- a) elaborar um itinerário de educação à fé dos jovens, que implique pensar em um projeto que priorize a sua autonomia, a sua evolução;
- b) capacitar e formar agentes para um acompanhamento às juventudes, com animadores que arrisquem a convidar os jovens para algo diferente, por vezes duro, mais profundamente libertador, capaz de propor e contagiar a uma vida plena;
- c) pensar um projeto para a juventude, promovendo a participação do jovem e do adulto como corresponsável de um processo pastoral, com a cara do jovem, com a linguagem e o seu jeito de ser;
- d) formar comunidades a partir de pequenos grupos, fortalecendo as opções por um processo metodológico de formação integral que desenvolva a espiritualidade, a

²⁶⁸ SILVA, Paulo Cesar da Silva. **O que é Doutrina Social da Igreja**. Síntese do Compêndio da Doutrina Social da Igreja. Lorena: Cleofas, 2015. p. 11.

²⁶⁹ CARDOZO, 2017, p. 100.

²⁷⁰ Ibidem, n. 101-109.

eclesialidade da autonomia, do protagonismo juvenil e da intervenção na sociedade;

- e) oferecer experiências de Deus, originais e profundas, que afetem o sentido da existência dos jovens, tornando o Reino de Deus presente em suas vidas;
- f) voltar à experiência de Jesus, como dizíamos nas experiências pastorais com os jovens; as práticas de Jesus podem sugerir às juventudes pistas ainda não trilhadas na construção de suas identidades.

Segundo Cardozo²⁷¹, o que precisamos dar destaque no processo de evangelização dos jovens é a importância no “[...] seguimento de Jesus como metodologia para uma vida e identidade cristãs e a continuação da construção do Reino de Deus com seus valores e práticas, numa síntese autêntica para uma vida mais humanizada”.²⁷² Ser uma Igreja em saída na evangelização da juventude, como afirma o papa Francisco, é lançar-se sem ter todo trajeto definido, sem ter tudo calculado, sem esquadrinhamentos rígidos. Não que os planejamentos pastorais não funcionem mais, pelo contrário, queremos sair da mentalidade de atingir metas que tanto marcou o mundo das pastorais nos últimos anos e seguir um caminho mais livre que possibilite um novo ardor e uma nova mentalidade centrada na pessoa de Jesus Cristo.

3.8 Jovens na pandemia

Estamos vivendo o ano de 2020, diante de uma crise sanitária que vem atingindo o mundo inteiro pelo Coronavírus (COVID-19). Esta doença se classifica como uma doença infecciosa causada por um vírus recém-descoberto. Muitas pessoas estão sendo atingidas. Atualmente, segundo a Organização Pan-americana da Saúde já foram 54.771.888 casos confirmados no mundo inteiro com 1.324.249 mortes.²⁷³ No Brasil, o número de casos foi de 5.911.758 de casos confirmados, com 166.699 mortes. Em São Paulo, os números chegaram a 1.178.075 de casos confirmados, com 40.749 mortes.²⁷⁴

Quando falamos de pessoas que foram atingidas, falamos também de jovens que perderam suas vidas diante desta pandemia. Deste modo, os jovens estão sendo impactados de vários modos: de modo direto, primeiro pela exposição do contágio; embora seja pequeno, é

²⁷¹ Especialista em juventude, docente do programa de Pós-graduação em Educação UNIRIO. É professor de “Cultura atual e juventude” na pós-graduação do Instituto Santo Tomas de Aquino (ISTA). Também é autor de diversos artigos sobre “juventudes”, além de desenvolver outros trabalhos de juventude junto à Igreja e a sociedade.

²⁷² CARDOZO, 2017, p. 100.

²⁷³ Dados extraídos do site oficial da Organização Pan-americana da saúde em 17 de novembro de 2020.

²⁷⁴ Dados extraídos do site oficial sobre a situação epidemiológica da COVID-19 no Brasil em 17 de novembro de 2020.

um vírus que tem feito um grande mal para os jovens, pela perda de seus familiares, mas sobretudo diante de grandes perdas de seus amigos. Isso tem desestabilizado muito a vida psíquica dos jovens.

De maneira indireta, o impacto também tem se dado no que consiste ao controle sanitário, distanciamento e isolamento social, disciplina afetiva, sofrimento, pobreza. Atingidos no direito de ir e vir, com *lockdown* mental, atingidos no lazer e no prazer. De repente, diante de uma experiência nunca vivida, foram privados do bem mais preciso que é a sua liberdade. Não podem mais passear, não podem mais namorar, o que favorece e faz crescer entre os jovens os vícios, diante de uma introspecção juvenil. Alargou-se a ociosidade social, sem trabalho e também sem escola. A grande crise financeira também atingiu os jovens, pois não têm recursos hábeis para o sustento de sua família. A dimensão intelectual foi afetada, diante de um novo redimensionamento com as escolas fechadas, muitos com a formatura cancelada, adiamento de cursos e dificuldade na estrutura tecnológica na demanda da educação.

Por isso, dizemos que o mundo jovem foi amplamente atingido na esfera psicológica, com o aumento de ansiedade, depressão, pânico, medo, suicídio, incertezas, etc. A pandemia tem tomado uma proporção absurda no que diz respeito à saúde mental dos jovens.

Nestes dez primeiros meses de pandemia, analisamos as posturas da realidade brasileira diante desta crise mundial.

No primeiro momento, em meados de fevereiro e março de 2020, víamos os acontecimentos e os casos na China e na Europa. Nunca imaginaríamos que ela chegaria no Brasil. Foi encarada como uma simples gripe. Os jovens foram considerados fortes e robustos. A depressão, neste caso, era totalmente negligenciada.

No segundo momento, tivemos o agravamento dos casos, agora não somente nos países vizinhos, mas em nosso próprio território. Aí tivemos o agravamento e morte de familiares, amigos próximos e famosos que nos dizia que isso não era uma simples gripe, e que agora tem atingido também jovens.

Num terceiro momento, tivemos a tomada de consciência, o momento da parada da autoconsciência, autodisciplina, do cuidado de si e do outro e o auxílio emergencial dado pelo governo brasileiro para as pessoas de baixa renda. Muitos jovens foram beneficiados por meio desta ação.

O quarto momento chamamos de pedagógico, pois foi a oportunidade de aproveitar o tempo com cursos, ações criativas, ações solidárias, muitas formas de auxílio e também o não relaxamento no cuidado consigo mesmo.

No âmbito eclesial, dizemos que foi o momento de seu protagonismo, pois como os jovens eram aqueles que estavam fora do grupo de risco, eles eram os protagonistas de muitas ações dentro das comunidades e paróquias. Aqui podemos listar: a criatividade, a pastoral da comunicação, as novas tecnologias, o momento das *lives*, o protagonismo pastoral do jovem no seu contexto juvenil e o processo da retomada das celebrações amparadas pela maneira jovem de ser Igreja.

Nesse contexto, apresentam-se alguns desafios.

Vê-se estremecida a dimensão humana da pastoral, diante dos conflitos familiares, com a necessidade da educação para o sentido da vida, a saúde mental e integral da catequese. Neste contexto, como evangelizar?

Há a necessidade de explorar com mais ousadia e força as ferramentas digitais – novas metodologias e novos recursos que colocam a Igreja num novo tempo: o digital. Nesse sentido, é preciso educar para o bom uso destas ferramentas para que tenhamos testemunhos de comunhão e não de divisão ou confusão. Para isso, a assessoria da parte da ação pastoral será de fundamental importância.

O subjetivismo está em foco. De repente, as redes se tornam uma grande batalha teológica frente a diferentes posicionamentos eclesiais, sobretudo no que consiste ao público e ao privado. Aqui a chave pastoral será o processo de acompanhamento que permitirá à Igreja dar um rosto para esse novo tempo que surge.

Por fim, embora a pandemia não tenha acabado, temos a certeza que diante de tantos conflitos elucidados, muito vem nos ensinar no trabalho de evangelização com os jovens. No contexto da Diocese de Mogi das Cruzes, os jovens têm se mostrado eficientes no auxílio das novas tecnologias, sobretudo na evangelização de outros jovens. A facilidade e o manejo neste ambiente digital têm deixado os jovens à vontade para evangelizar outros jovens, apresentando para a Igreja um rosto novo de juventudes mais comprometidas e convictas na fé.

3.9 Análise SWOT – Diocese de Mogi das Cruzes

SWOT é um método de análise e planejamento que parte de quatro premissas: forças, fraquezas, oportunidades e ameaças. SWOT são as iniciais das palavras do inglês: *Strenghts* (forças), *Weaknesses* (fraquezas), *Opportunities* (oportunidades) e *Threats* (ameaças).

Como vimos no capítulo anterior, a Igreja do Brasil entende que a juventude é um lugar privilegiado. Considerar o jovem como lugar teológico é acolher a voz de Deus que fala

por ele. A novidade que a cultura juvenil nos apresenta neste momento, portanto, é a sua teologia, isto é, o discurso que Deus faz através da juventude.

De fato, Deus fala pelo jovem. O jovem, nesta perspectiva, é a realidade teológica que precisamos aprender a ler e a desvelar. Não se trata de sacralizar o jovem, imaginando-o como alguém que não erra, mas trata-se de ver o sagrado que se manifesta de muitas formas, também na realidade juvenil. Trata-se de fazer uma leitura teológica do que, de forma ampla, chamamos de culturas juvenis.²⁷⁵

Na Diocese de Mogi das Cruzes, o ambiente em que desenvolvemos a evangelização da juventude é o Setor da Juventude, que tem como objetivo criar espaço que articula, convoca e propõe orientações para a evangelização da juventude, respeitando o protagonismo juvenil, a diversidade dos carismas, a organização e a espiritualidade para a unidade das forças, ao redor de algumas metas e prioridades comuns, à luz do Documento 85 – Evangelização da Juventude, das Diretrizes Gerais da Ação Evangelizadora da Igreja no Brasil e do Documento de Aparecida.

Pensando nesta dimensão mística que é a evangelização, vamos percebendo que o jovem, talvez mais do que ninguém, por se encontrar numa situação de procura e opção, sente esta sede de Deus e a busca de inúmeras formas. A grande maioria de nossos jovens está entre a vivência acomodada de um catolicismo sociológico recebido por simples herança cultural e a indiferença ou a busca de uma resposta pessoal.

Hoje, no contexto da Diocese de Mogi das Cruzes, assim como todo mundo, não podemos dizer que tratamos de uma juventude, mas sim de juventudes que se apresentam multifacetadas em nossos ambientes eclesiais. Os jovens buscam soluções rápidas e práticas para suas escolhas de vida. As condições de estudo, as oportunidades de trabalho, o envolvimento com as novas tecnologias são questões pertinentes da juventude atual.

Para eles, pensar a evangelização muitas vezes é ficar no âmbito dos encontros pessoais, que advém por meio de encontros, retiros e outros. A maior dificuldade é gerar um processo de continuidade, uma vez que propomos um caminho de anúncio para aqueles que ainda não conhecem a proposta de Jesus Cristo.

Por outro lado, temos a Pastoral da Juventude, organizada em seu dinamismo, que propõe uma reflexão e um caminho acentuado nas questões relevantes à personalização, num desenvolvimento de autoconhecimento, da integração, do sócio-político, do místico-teológico, do metodológico e da capacitação técnica.

²⁷⁵ CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL, 2007, n. 81.

Deste modo, a formação integral da juventude é a opção pedagógica que deve se dar por meio de dimensões e dos processos de evangelização. A integridade, como princípio, supõe que a ação da educação da fé e do acompanhamento resulte desse processo educativo, partindo sempre do sujeito, ou seja, do jovem, e dos questionamentos que ele faz para entender o mundo que lhe cabe construir.

Contudo, a tomada de consciência de si mesmo, do outro e do mundo faz com que o jovem assuma o seu lugar no mundo em que vive, na fé que professa e no caminho assumido. O jovem traz consigo um protagonismo que lhe é próprio, capaz de transformar sua realidade por meio de seu entusiasmo e coragem. Vemos isso presente em muitos que assumem seu papel na sociedade, nas comunidades e nos grupos juvenis. Isso nos faz compreender que aos poucos levamos esse conceito de evangelização para a vida da juventude como proposta cristã autêntica.

Diante da realidade apresentada, a Comissão Pastoral para Juventude propõe para toda a diocese algumas linhas de ações que são assumidas como prioridade para o trabalho de evangelização do Setor Juventude.

São cinco eixos norteadores:²⁷⁶ a missão, o ministério da assessoria, as estruturas de acompanhamento, a ecologia e as políticas públicas. Cada diocese desenvolve, de acordo com sua realidade, estas ações pastorais.

A **missão** tem o objetivo de continuar estimulando os jovens numa atitude missionária com a juventude do Brasil, de uma Igreja em saída, incentivando e partilhando experiências missionárias e em defesa da vida. Para a Diocese de Mogi das Cruzes, este objetivo tem se concretizado na realização das missões populares jovens, no projeto Rota 300, que tem como ícone a imagem de Nossa Senhora Aparecida, peregrinando nas paróquias da diocese, e no Dia Nacional da Juventude, que se realizou no mês de outubro do ano passado com a proposta de levar os jovens à missão. Pela primeira vez, saímos com um número de 560 jovens para visitas missionárias nas casas da Paróquia Nossa Senhora Aparecida da cidade de Santa Isabel no ano de 2018.

O **ministério da assessoria** tem o objetivo de ampliar e melhorar os espaços e oportunidades de formação de assessores e coordenadores de grupos juvenis em todo país. Na Diocese de Mogi das Cruzes, vemos a urgência de, a cada dia mais, capacitar as lideranças juvenis para assumir o trabalho com a juventude. Infelizmente, são pouco os bispos, padres

²⁷⁶ Esse projeto foi aprovado nos dias 7 a 9 de setembro de 2017, em Brasília, no II Encontro de Revitalização da Pastoral Juvenil, com a participação de 300 jovens e assessores de todo país. O próximo que estabelecerá o novo plano trienal acontecerá em 2021.

que se preocupam com a questão da assessoria. O jovem precisa ser preparado para assumir a missão de também evangelizar outros jovens.

As **estruturas de acompanhamento** têm o objetivo de estimular a criação do Setor Juventude como espaço de comunhão das diversas expressões juvenis existentes para oferecer espaços de acolhida aos jovens nas comunidades e paróquias. Na Diocese de Mogi das Cruzes, esta realidade é bem esclarecida entre seus membros. A ideia do setor não é fazer dela uma nova pastoral, mas simplesmente um lugar de encontro, comunhão e partilha e isso vem acontecendo por meio de encontros de reflexão juvenil, encontros de formação para juventude, Dia Nacional da Juventude (DNJ) e Jornada Diocesana da Juventude (JDJ).

A **ecologia** tem o objetivo de dar continuidade às ações realizadas no próprio projeto Rota 300 da CNBB, aprofundar o estudo e as inspirações do documento *Laudato Si* e estimular ações concretas e transformadoras junto às juventudes no campo da ecologia e do cuidado com a Casa Comum. Na Diocese de Mogi das Cruzes, as ações ainda são tímidas diante desta proposta da Igreja. Fazemos com a juventude algumas ações de plantio, levando à conscientização sobre a questão da ecologia. Essa mentalidade tem crescido bastante com o impulso do bispo diocesano dom Pedro Luiz Stringhini.

As **políticas públicas** têm como referências a Doutrina Social da Igreja, o Docat, as palavras do papa Francisco que quer 1 milhão de jovens vivendo a Doutrina Social da Igreja, e a Campanha da Fraternidade 2019. Têm por objetivo estimular a participação dos jovens nos conselhos municipais e a participarem ativamente na discussão e conquista de políticas públicas que deem oportunidade aos jovens de se desenvolverem integralmente e de colaborarem na construção da Civilização do Amor. Na Diocese de Mogi das Cruzes, temos desenvolvido esta linha de ação pastoral por meio da PJ, que estimula o protagonismo do jovem na sociedade. Na cidade mesmo de Mogi das Cruzes temos dois representantes no Conselho Municipal para Juventude, sendo o presidente um jovem católico que compõe o Setor da Juventude.

Como **forças (ambiente interno)** propulsoras na evangelização da juventude na Diocese de Mogi das Cruzes, podemos destacar:

- a) elaboração do Plano de Pastoral conjuntamente com a Pastoral Juvenil;
- b) produção de subsídios e materiais de aprofundamento acerca da realidade juvenil para formação da pessoa e do discípulo;
- c) equipe de nucleação do Setor Juventude;
- d) diversas expressões juvenis (Ministério Jovem, PJ, Caminho Neocatecumenal, Focolares, Legião de Maria, Vicentino, etc.);

- e) padres, religiosos(as), leigos(as) responsáveis pelas instâncias de coordenações das expressões juvenis;
- f) escola de formação para jovens;
- g) facebook do Setor Juventude;
- h) Romaria Diocesana da Juventude;
- i) Jornada Diocesana da Juventude e JMJ;
- j) Dia Nacional da Juventude;
- k) encontros de formação para juventude.

Como **oportunidades (ambiente externo)** que emergem desta realidade pastoral, destacamos:

- a) valorização e sensibilidade em relação à transcendência e espiritualidade;
- b) busca de acompanhamento e formação por parte dos jovens e adultos;
- c) trabalhos voluntários;
- d) protagonismo no anúncio do Evangelho;
- e) criatividade da juventude;
- f) inserção nas políticas públicas;
- g) valorização da ecologia e da vida;
- h) trabalho em redes;
- i) educação a distância.

Com relação às dificuldades identificadas, sempre foi um desafio enorme falar de juventude, sobretudo trabalhar com essa realidade. São muitos os desafios apresentados. Um deles que talvez possamos ressaltar é o distanciamento existente de uma geração para outra. São mudanças extremamente radicais e se tornam cada vez mais curtas. Os jovens desta geração se mostram mais do que diferentes, também críticos, dinâmicos, curiosos e tecnológicos. Assim, essa geração que já nasceu no novo milênio está transformando o modelo de consumo de muitos adultos. Uma geração que pesquisa, que conhece, que tenta fazer em vez de esperar. Diante de infinitas mudanças que o mundo contemporâneo comunica, temos a necessidade de uma maior compreensão da realidade, pois somente assim poderemos responder aos desafios e perspectivas das juventudes frente aos seus comportamentos, para que tenhamos uma efetiva evangelização da juventude.

Com relação às **fraquezas (ambiente interno)** que emergem desta realidade pastoral, podemos destacar:

- a) pouco investimento no trabalho da evangelização da juventude;
- b) pouco tempo e pessoas para o volume de trabalho;

- c) a linguagem e a proximidade da própria Igreja;
- d) regra de vida e estruturas de acompanhamento;
- e) adolentização da juventude – como acompanhar essa faixa etária;
- f) acompanhamento da adolentização junto com o processo de iniciação cristã;
- g) ausência das redes sociais;
- h) suicídio.

Quanto às **ameaças (ambiente externo)**, identificamos:

- a) mudança de época, como é acenado no documento de Aparecida;
- b) imediatismo, secularismo, consumismo e ativismo;
- c) vazio existencial, homicídio e suicídio;
- d) falta de políticas públicas para as juventudes;
- e) falta de ética e transparência por parte de muitas pessoas que compõem as instituições;
- f) crise na família;
- g) ideologia de gênero;
- h) drogas e drogadição;
- i) crise ética e moral;
- j) corrupção institucionalizada;
- k) pouco conhecimento das realidades juvenis.

Esta experiência de criar um olhar que possibilite observar o processo da juventude no contexto da Diocese de Mogi das Cruzes nos trouxe luzes diante de falhas que precisamos aperfeiçoar e desafios que precisamos superar nesta longa caminhada de evangelização.

Percebemos, por exemplo, que precisamos potencializar o caminho de experiência de oração com a juventude, sendo esta uma das linhas propostas para a ação evangelizadora da juventude; ampliar cada vez mais as redes de escuta, pois é algo buscado incessantemente pela juventude; a possibilidade de ser presença, não somente pelo trabalho, mas sobretudo pela missão e pela paixão que devemos ter pela juventude e o cuidado que devemos ter quando falamos de diferença. Devemos ser próximos para nos tornarmos a presença de Cristo para todos.

Algo que é imprescindível ressaltar, mesmo com o êxito de todo trabalho já realizado na articulação do Setor Juventude, é que o processo é sempre um recomeço. Os ajustes são necessários e a mudança de mentalidade mais ainda. A Diocese de Mogi das Cruzes está vivendo justamente esse processo de reconstrução e acreditamos que o presente relatório contribuirá e muito para esta elaboração.

3.10 Implicações pastorais no trabalho com os jovens

Quando se entende a juventude como sujeito e lugar teológico, faz-se necessário dar-lhe voz, compreendendo suas posturas e sua cultura atual para bem evangelizá-la. Os jovens atuais são diferentes das décadas anteriores, como vimos no capítulo segundo. Eles possuem características que precisamos aprender a ler para podermos nos aproximar sem falsos julgamentos nem moralismos.

Os tempos atuais são profundamente marcados pela fluidez e pela fragmentação. As relações interpessoais tendem a ser horizontais e abertas. É cada vez mais difícil encontrar uniformidade nas instituições, que se fragmentam em pequenos grupos que se instituem por gostos semelhantes e ideias parecidas. Os jovens, mais do que qualquer outro grupo de nossa sociedade, expressam esse modo de ser. Não mais se rebelam em bloco contra grandes estruturas de poder, mas se organizam em pequenos grupos, distintos pelas suas relações sociais, econômicas, midiáticas, culturais [...] ²⁷⁷.

Tendo compreendido um pouco mais da história, por meio do surgimento da cultura juvenil, sua gênese e seu significado, olhando seus desdobramentos face à teoria das gerações, partimos, neste terceiro capítulo, para o processo evangelizador, com ênfase no contexto atual, em uma tentativa de inculturação da proposta do Evangelho e do Magistério da Igreja frente aos contextos juvenis.

Em diversos pronunciamentos do Magistério da Igreja, os jovens são lembrados como merecedores de “cuidado particular”, considerando-se sua quantidade e, sobretudo, pelos imensos potenciais que podem oferecer à própria Igreja e à sociedade. Sendo a juventude a fase da vida de maior energia, criatividade, generosidade e idealismo, a Igreja, em suas várias instâncias e organizações, olha os jovens como “seu presente e futuro” e chama a atenção para suas vulnerabilidades.

Em Puebla, com a Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano, em 1979, a Igreja vê na juventude uma enorme força renovadora, símbolo da própria Igreja. E a Igreja faz isto não por tática mas por vocação, já que é “[...] chamada à constante renovação de si mesma, isto é, a um incessante rejuvenescimento [...]”, como afirma João Paulo II, em sua alocução, dizendo que o serviço prestado com humildade à juventude deve fazer com que mude na Igreja qualquer atitude de desconfiança ou incoerência para com os jovens; com isso, apresenta uma Igreja com sua opção preferencial pela juventude.

Contudo, ao favorecer instrumentos eficazes para a evangelização no tocante ao contexto em que os jovens estão inseridos, sabemos que a busca pela relação interpessoal é

²⁷⁷ PESSINI; ZACHARIAS, 2013, p. 274.

algo essencial no desenvolvimento da personalidade dos adolescentes e jovens. Por isso devemos promover espaços que favoreçam uma verdadeira formação, que eduquem para o diálogo, o respeito, a valorização do diferente e a socialização. O ser humano, em sua própria constituição, é ser em relação. Por isso, a necessidade de se trabalhar a formação integral no que diz respeito às relações, ao convívio, ao intercâmbio, à reciprocidade, à responsabilidade e ao trabalho em equipe.

3.10.1 Processo de formação integral

Estamos cada vez mais convencidos de que

O conceito de formação integral é importante para considerar o jovem como um todo, evitando assim reducionismos que distorçam a proposta da educação na fé, reduzindo-a a uma proposta psychologizante, espiritualista ou politizante. [...]. Quem trabalha na formação de jovens necessita estar atento às cinco dimensões: *psicoafetiva, psicossocial, mística, sociopolítico-ecológica e capacitação*.²⁷⁸

Desde a década de 1980, vem nascendo a necessidade de apresentar uma proposta global para a formação da juventude. No trabalho de evangelização da juventude na Igreja do Brasil e da América Latina, a prática mostrava a dificuldade de manter um equilíbrio entre as diferentes dimensões da vida do jovem. As diferentes pastorais e movimentos que trabalhavam com os jovens não tinham claro uma proposta de formação que abrangesse a vida toda do jovem. Por não terem um horizonte de formação global em comum, corriam constantemente o perigo de absolutizar uma ou outra das dimensões da vida do jovem, deixando fora ou dando menos importância às outras. Às vezes caíam em armadilhas de um ou de outro reducionismo, que restringia a ação evangelizadora ao espiritualismo, a uma clínica psicológica ou à ala jovem de um partido político. Falava-se de grupo que fazia política e não rezava e/ou grupo que rezava mas não se abria para a dimensão social da fé.

No ano de 2007, após dois anos de debate que incluiu a participação dos jovens de todo o país, a Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB) publicou o documento *Evangelização da juventude: desafios e perspectivas pastorais*, que propõe a formação integral como grande horizonte para toda ação evangelizadora da juventude. O desafio aqui abordado era justamente manter o equilíbrio entre as várias dimensões da formação humana, superando a tentação de absolutizar uma dimensão em detrimento da outra.

²⁷⁸ CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL, 2007, p. 64-65, grifo nosso.

Carmen Lúcia Teixeira²⁷⁹ salienta que estes processos acontecem em diversos ambientes: na Igreja, na família, na escola, em grupos de amigos, no trabalho, enfim... No entanto, a formação de grupos é, no entanto, uma possibilidade, um dos caminhos para realizar a formação integral. É fundamental levar em conta que os processos, tanto das pessoas quanto dos grupos ou ambientes específicos, guardam uma historicidade, e que desses resulta a identidade do sujeito, como apontamos acima.

3.10.2 Dimensão psicoafetiva – processo de personalização

É a constante busca de respostas – não especulativas, mas existenciais – à pergunta *Quem sou?*. É o esforço de tornar-se pessoa: descobrir-se, entregar-se²⁸⁰. Não são passos cronológicos, mas cíclicos: na medida em que me conheço, tenho nas mãos o que posso entregar aos demais como dom de mim mesmo, ou seja, “Amar o próximo como a si mesmo”.

O processo de personalização inclui:²⁸¹

- a) **autoconhecimento**: descoberta dos próprios interesses, aspirações, história, direitos, valores, sentimentos e, também, limitações e defeitos;
- b) **autocrítica**: revisão pessoal e busca permanente de superação, pela mudança de atitudes e desenvolvimento de valores que deem mais força a um estilo de vida nova, que seja testemunho do ideal proposto; melhor dizendo, coerência de vida;
- c) **autovalorização**: descoberta da dignidade pessoal, autoestima e atuação como sujeito livre;
- d) **autorrealização**: sentir-se amado(a) e capaz de amar, numa linha que não seja posse; ternura e jovialidade; saber-se construindo o próprio futuro – aqui se dá um destaque à questão vocacional e profissional.

O relacionamento familiar, a sexualidade, a busca de amizade e o discernimento vocacional são questões fundamentais na vida dos jovens, diretamente relacionadas com o processo de personalização. Deste modo, a formação não pode deixar de dar importância para elas.

²⁷⁹ Cf. TEIXEIRA, Carmem Lucia. **Escola de educadores/as de adolescentes e jovens**: formação para acompanhamento juvenil. Goiânia: Casa da Juventude, 2012. (Col. Caminhos). p. 41.

²⁸⁰ SILVA, Dom Eduardo Pinheiro da. **Vida**: um projeto em construção. São Paulo: Loyola, 2014. p. 47.

²⁸¹ TEIXEIRA, 2012, p. 51.

3.10.3 Dimensão psicossocial – processo de integração

É a capacidade de descobrir o(a) outro(a)²⁸² que, em nosso contexto de grupo cristão, é o(a) irmão(ã) que queremos conhecer, com quem desejamos nos comunicar e estabelecer um relacionamento profundo.

No caso da Pastoral da Juventude,²⁸³ que opta pelo grupo como instrumento principal, o processo de integração é, antes de tudo, o processo que leva à coesão grupal. De jovens desconhecidos(as) entre si, ou com um relacionamento secundário, chegar a estabelecer um relacionamento interpessoal profundo. Essa experiência servirá de base para uma interação crítica na comunidade maior.

O processo de integração grupal se inicia pela superação dos bloqueios à comunicação que estabelece um caminho de conhecimento do(a) outro(a), gerando a afeição. Esta comunicação e conhecimento em clima de amizade possibilitam a sadia confrontação de ideias e dons que se complementam, gerando a cooperação. Tem seu ponto culminante na comunhão.

Deste modo, a dinâmica da integração visa, assim, decolar do simples encontro ou reunião para o grupo, da equipe à comunidade. Precisa ser experimentada em seu nível de grupo, mas se repete também no nível mais amplo da convivência social, como parte de uma comunidade e de um povo.

A dimensão cultural da vida tem, aqui, um lugar especial: conhecer, resgatar, confrontar valores e assumir aspectos positivos da própria cultura é condição para criar identidade social e favorecer a comunhão, o espírito comunitário e a cooperação criativa.

3.10.4 Dimensão mística – evangelização

É o processo de educação na fé que, embora dom de Deus, também requer a mediação humana (Rm 10,14). E, além de crer, é preciso estar “[...] sempre prontos a responder, para vossa defesa, a todo aquele que pedir a razão de vossa esperança” (1 Pd 3,15).

A dimensão mística da pessoa é suficientemente compreensível pelas palavras do salmista (Sl 42,2; 63,1) e pela clássica expressão de Santo Agostinho: “Fizeste-me para ti, Senhor, e meu coração não descansa enquanto não repousar em ti”. Todo ser humano indaga

²⁸² SILVA, 2014, p. 48.

²⁸³ A Pastoral da Juventude é um organismo de ação social católica da América Latina. No Brasil, a PJ constitui-se por jovens brasileiros e estrangeiros ligados ao Setor de Juventude da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil e a movimentos sociais.

sobre sua origem e destino, sobre o sentido de sua existência. A pergunta “Para que existo?” só encontra sua plena resposta em Deus.

O jovem, talvez mais do que ninguém, por se encontrar numa situação de procura e opção, sente esta sede de Deus e a busca de inúmeras formas. A deficiente catequese recebida na infância e adolescência, a falta de apoio familiar e eclesial para o desenvolvimento de sua vivência cristã geraram um vazio que precisa ser preenchido. A grande maioria de nossos jovens está entre a vivência acomodada de um “catolicismo sociológico” – recebido por simples herança cultural – e a indiferença ou a busca de resposta pessoal.

É comum desconhecer esse fato e partir do princípio de que “somos cristãos(ãs)”, esperando e exigindo, de jovens que ingressam em um grupo, compromissos que são incapazes de assumir, não se desenvolvendo um processo crescente de educação da fé.

O processo de evangelização (ou de re-evangelização, como querem alguns) consiste em ajudar o(a) jovem a experimentar e assumir Deus como absoluto de sua vida pessoal e da história, que se revela e salva em Jesus Cristo, e a conhecer e viver os conteúdos da fé como opção pessoal, expressa na adesão de vida em uma comunidade eclesial e no serviço libertador aos(às) irmãos(ãs).

Ninguém chega ao compromisso cristão senão por passos. Os passos desse processo de evangelização são descritos por Paulo VI na *Evangelii Nuntiandi*.²⁸⁴

Em nosso caso, o processo compreende²⁸⁵:

- a) **pré-evangelização**: preparar o terreno, criando condições para acolhida da mensagem salvadora. Implica em sensibilizar e inquietar: tomar consciência da própria situação (“da própria indigência”), do mal na sociedade em si e da consequente necessidade de salvação. Implica, ainda, em desmitificar imagens falsas de Deus e da Igreja, cristalizadas na infância, questionar a superficialidade de sua fé e despertar admiração e desejo de iniciar um caminho em grupo para seu crescimento na fé;
- b) **re-evangelização**: anúncio de Jesus Cristo e, especialmente, a explicitação desse anúncio, mediante uma catequese adequada, que leve à descoberta da verdade sobre Jesus Cristo, a Igreja e o ser humano. Esse passo deve levar a uma primeira conversão manifestada por mudança de mentalidade e de vida, adesão a Cristo libertador e a seu Reino e à consciência de ser Igreja, optando por seguir a Cristo na comunidade;²⁸⁶

²⁸⁴ PAULO VI, 1975, n. 21-24.

²⁸⁵ TEIXEIRA, 2012, p. 52-53.

²⁸⁶ PAULO VI, 1975, n. 21-22.

- c) **iniciação na comunidade de fé:** trata-se de aprofundar, manifestar e celebrar comunitariamente, a primeira conversão de maneira mais madura e participativa.²⁸⁷ O jovem manifesta que é Igreja e amadurece o sentido de sê-la em três campos, a saber:
- *catequético*: aprofundamento de temas catequéticos compreendendo sempre mais os conteúdos da fé e dando razão dela aos demais;
 - *litúrgico*: celebrando com seu povo os momentos fortes, especialmente nos sacramentos que ele(a) vê ligado à vida;
 - *profético*: confronto da vida pessoal e social com o Evangelho, anúncio e denúncia e ação solidária com os pobres;
- d) **compromisso apostólico:** iniciado progressivamente, especialmente no passo anterior, expressa a plena inserção na Igreja e no serviço ao mundo, como fruto de uma atitude de busca da vontade do Pai ao estilo de Jesus. Supõe recordar o caminho percorrido como Êxodo e Páscoa em um processo de discernimento vocacional. Esse compromisso será vivenciado no compromisso laical, na vida religiosa ou num ministério ordenado. O primeiro, nos diversos ministérios leigos dentro da comunidade eclesial ou no serviço profético dentro dos organismos intermediários da sociedade;²⁸⁸ o segundo e o terceiro num acompanhamento mais específico de agentes da pastoral vocacional, sem esquecer a vocação básica que é a mesma: sermos seguidores de Cristo.

3.10.5 Dimensão sócio-político-ecológica – conscientização

Busca responder às perguntas: “Onde estou?” e “Que faço aqui?”. Trata-se de ajudar o(a) jovem a descobrir o mundo onde vive e seu lugar nele, como sujeito de história, “[...] formar os jovens de maneira gradual para a ação sócio-política e para as mudanças de estruturas [...]”.²⁸⁹

Inclui o fomento do senso crítico e a capacidade de analisar a realidade; o discernimento das várias ideologias e o conhecimento da Doutrina Social da Igreja; e ajudar o(a) jovem a integrar sua dimensão de fé com o compromisso sócio-político.

Constatamos sérias dificuldades no atendimento dessa dimensão. Inúmeros grupos, movimentos e agentes de pastoral a desprezam completamente. Os(As) próprios(as) jovens,

²⁸⁷ PAULO VI, 1975, n. 23.

²⁸⁸ Ibidem, n. 24.

²⁸⁹ CONFERÊNCIA GERAL DO EPISCOPADO LATINO-AMERICANO. **Evangelização no presente e no futuro da América Latina**: documento de Puebla. São Paulo: Paulinas, 1979. n. 1.196.

anestesiados(as) pelo sistema dominante, em geral não demonstram interesse. É verdade que há diferenças e muitos jovens buscam a Pastoral da Juventude justamente por sua inquietação social, situação em que se verifica a preocupação de atender a essa dimensão.

O processo de conscientização, como os demais processos abordados acima, dá-se por passos que precisam ser levados em conta:

- a) **sensibilização:** a maioria dos(as) jovens – especialmente os(as) adolescentes – que chegam aos grupos possui uma consciência ingênua e desinformada, fechada no mundo de seus conflitos pessoais. É preciso, antes de tudo, romper esse círculo fechado e levar à descoberta do problema social. Essa descoberta se dá, inicialmente, em nível de sensibilização: o jovem começa a perceber os fatos e ter atitudes de compaixão e solidariedade, manifestadas, às vezes, por ações assistencialistas. Embora muitos(as) jovens e grupos não passem por ela, essa fase não pode ser desprezada pelos(as) assessores(as), quando verificada no grupo; deve ser superada progressivamente;
- b) **conscientização:** uma pedagogia adequada partirá das atitudes de compaixão e das pequenas ações – ainda que assistencialistas – dos(as) jovens, para levá-los(as) à descoberta das causas estruturais e à realização de ações sempre mais transformadoras. Essa descoberta representa um salto qualitativo da consciência ingênua para a consciência crítica, que exige tempo. Deve-se partir das necessidades sentidas, da realidade percebida e das ações realizadas. Mediante a revisão dessa ação e de seu marco teórico implícito, com a ajuda da mediação teórica das ciências humanas, o(a) jovem vai tomando consciência da estrutura social. Para isso contribui, especialmente, a formação teórica, mediante atividades complementares (cursos, seminários, leituras) e a participação nos movimentos populares. Participação esta geralmente progressiva: espectador(a), apoio solidário, integrante;
- c) **organização-mobilização:** o processo de conscientização tem como ápice o engajamento na ação organizada do povo pela transformação da sociedade. Ou a criação de organizações que se mobilizem nessa direção. A importância da organização e da ação organizada é sentida como consequência das descobertas realizadas.

3.10.6 Dimensão de capacitação – processo metodológico

Corresponde à dimensão técnica da pessoa, que procura responder à questão “Como fazer?”.

Grande parte das dificuldades dos grupos de jovens provém da falta de capacitação técnica de seus líderes para fazer acontecer o processo de formação dentro de seus grupos. E grande parte dos impasses das organizações populares tem sua origem, também, na falta de capacitação de seus agentes – entre os quais, os(as) militantes cristãos(ãs) – na definição e coordenação das estratégias de ação. Todos se perguntam “Como fazer?”.

A formação integral pretendida pela Pastoral da Juventude deve, portanto, responder também a essa questão. Não basta apenas ter um grande objetivo ou um grande ideal. É preciso capacitação técnica para realizá-lo.

Quando pensamos no processo de capacitação técnica do(a) jovem, dentro das Pastorais de Juventude, entendemos:²⁹⁰

- a) capacitação técnica dos(as) participantes dos grupos de iniciação e dos(as) coordenadores(as), assessores(as) e militantes, no planejamento, execução e revisão da ação;
- b) capacitação técnica em vista de um projeto político: a capacitação está em função da transformação da realidade e da construção de uma nova sociedade; quer formar líderes para a militância nos movimentos e organizações populares de transformação social, com uma prática democrática e participativa;
- c) capacitação técnica em vista de um projeto de Pastoral Juvenil do Brasil. As Pastorais de Juventude necessitam preocupar-se com a formação de seus quadros, capacitando coordenadores(as) e assessores(as) para a militância interna, garantindo a eficiência e continuidade do processo pastoral.

O processo de capacitação tem seu início desde o ingresso no grupo e se faz gradativamente, na prática, pela participação no grupo, em atividades formativas complementares e em ações na comunidade.

Esse processo compreende os seguintes passos:

- a) **participação:** o autoritarismo na família, na escola, na sociedade e na própria Igreja anula a capacidade de participação do(a) jovem. Normalmente, ele(a) chega ao grupo sem nenhuma experiência de participação e com dificuldade de

²⁹⁰ TEIXEIRA, 2012, p. 54.

comunicação. O primeiro momento será de “recuperar a palavra” e aprender a viver em grupo, participar, trabalhar em conjunto. Esse passo exigirá dos(as) assessores(as) o respeito à individualidade, a criação de ambiente favorável e o uso de técnicas adequadas;

- b) **ação-coordenação:** da participação na ação grupal assumindo pequenas tarefas, o(a) jovem passará, progressivamente, a ser capaz de liderar ações e coordenar atividades (uma reunião, por exemplo);
- c) **planejamento-organização:** o processo de capacitação deve ser aprofundado a ponto de o(a) jovem ser capaz de orientar a organização da ação grupal e, depois, contribuir eficazmente na organização da comunidade e da sociedade de modo democrático e participativo.

Um planejamento e um acompanhamento do processo global de formação em grupos que garantam a integração dessas várias dimensões, respeitando etapas do planejamento, são as tarefas das Pastorais de Juventude e de seus(suas) assessores(as).

Por fim, levemos nossos jovens às páginas do Evangelho, nas quais encontramos Jesus Cristo, que logo no início de sua vida pública encontra com aqueles homens à beira do mar da Galileia, aqueles simples pescadores, que inspirados pela Palavra do mestre, foram capazes de deixar tudo para segui-Lo. (Lc 5, 1-11). Assim, descobrimos que todos nós somos chamados, vocacionados a seguir Jesus, configurando-nos a Ele. Para tal, faz-se necessário ainda perguntar como o jovem de Assis fez: “Senhor, o que queres que eu faça?”

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Quando se iniciou o trabalho de pesquisa, constatou-se que havia uma necessidade de conhecer com mais profundidade a realidade juvenil, alertar sobre as mudanças culturais deste mundo pós-moderno e sobretudo como isso vem influenciando na vida da juventude. Diante da cultura midiática e das novas tecnologias, havia a necessidade de compreender o processo integrador que envolve a evangelização da juventude e como se dava o processo organizador da pastoral juvenil frente à diversidade de carismas e expressões no ambiente eclesial. Por isso, via-se a necessidade de estudar sobre a juventude numa Igreja em saída, numa perspectiva da evangelização da juventude a partir da Diocese de Mogi das Cruzes.

Diante disso, a pesquisa teve como objetivo geral verificar se o documento da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil que trata da evangelização da juventude (Documento 85) já foi implantado na realidade pastoral da Igreja do Brasil, sobretudo na Igreja particular de Mogi das Cruzes, e o que resta como desafio para o processo de evangelização.

Constata-se que o objetivo geral foi atendido porque efetivamente o trabalho conseguiu demonstrar que, após treze anos de existência, o caminho percorrido pela Igreja do Brasil favoreceu a implantação de suas linhas de ações nas diversas dioceses, de modo especial na Diocese de Mogi das Cruzes. No âmbito juvenil, o documento tem se tornado conhecido cada vez mais por meio da organização do Setor Juventude. Identifica-se que o trabalho com as juventudes só produz efeito quando verdadeiramente se conhece a realidade em que se está inserido. Foi descoberto que as diversas transformações que os jovens apresentam estão ligadas ao mundo em que vivemos. A rapidez da informação e a realidade midiática têm produzido nos jovens um efeito catalizador.

Os objetivos específicos desse trabalho acadêmico eram: ver a realidade atual da juventude no Brasil com um corte na Diocese de Mogi das Cruzes; julgar a realidade a partir da Sagrada Escritura, do Magistério Eclesial e da Tradição; traçar um plano de ação diante dos desafios e perspectivas pastorais para a evangelização da juventude no Brasil e na Diocese de Mogi das Cruzes.

Verificou-se que esses objetivos foram atendidos, tendo sido apresentada a realidade da juventude no Brasil e na Diocese de Mogi das Cruzes, sobretudo aprofundando a realidade socioeclesial. Percebe-se que não faz muito tempo que a juventude começou a ser reconhecida

como força viva da Igreja e do mundo, mas se reconhece seu potencial transformador que em tudo marca a sua condição juvenil.

Iluminados pelo Magistério, foram apresentados os grandes marcos doutrinários que marcaram a história da juventude na Igreja e como ela se tornou um lugar teológico, onde Deus fala por meio dos próprios jovens de muitas maneiras. Verificou-se que na Igreja sempre houve o convite aos jovens a serem discípulos e missionários de Cristo.

E foi demonstrado como é possível evangelizar essa realidade tão diversa, que são as juventudes, por meio de propostas e caminhos que evangelizam e os tornam próximos. Foi apresentado o caminho proposto pelo papa Francisco, por meio do Sínodo, que despertou nos jovens a alegria de fazer e fazer de forma diferente.

Nesse sentido, a hipótese foi confirmada, sendo diagnosticado que há a necessidade de pessoas preparadas para acompanhar as juventudes; diante da implantação do Documento 85 da CNBB, que trata da evangelização da juventude, embora conhecido, ainda é preciso aprofundá-lo com as juventudes das comunidades e paróquias; é preciso capacitar os adolescentes e jovens para a cidadania e o reconhecimento dos seus direitos junto da sociedade; é preciso valorizar, durante o processo pedagógico de evangelização das juventudes e de organização das ações missionárias, o protagonismo juvenil, o grupo de base e a formação na ação; e, por fim, é preciso aprofundar os valores éticos na formação integral do adolescente.

Como resposta à problemática apresentada, percebe-se que a evangelização da juventude é uma preocupação da Igreja, de modo especial quando se fala do papa Francisco. Para ele, a juventude ocupa um lugar central em seu coração. Diante disso, a convocação de um Sínodo que trouxe para o centro da reflexão eclesial a juventude, é mais do que dizer que a opção afetiva e efetiva está sendo vivida concretamente. Pode-se dizer que realmente, com o papa Francisco, numa postura empática, essa opção tem sido encarnada e assumida em nossa realidade.

A pluralidade existente na juventude se apresenta, na perspectiva do papa, como um modelo de paz para o mundo, como o caso do pacto educativo global, a economia de Francisco e Clara. Nesses encontros que o papa Francisco está promovendo, harmonizando as diferenças, a Igreja pode oferecer um modelo para o mundo, por meio da profundidade da existência cristã.

A centralidade do querigma, como processo de educação da fé, está relacionada com o anúncio de Jesus Cristo e o encontro profundo com Ele. A fonte da ação evangelizadora está no encontro com a Sua pessoa que abre um caminho de amadurecimento e gera uma

identidade cristã. Deste modo, percebe-se que nos jovens essa ação evangelizadora acontece de forma natural, quando eles se veem envolvidos no processo; ou seja, eles precisam fazer a experiência deste amor, para que possam ser atraídos a transmitir a outros jovens.

A metodologia abordada para levantamento de dados desta pesquisa foi o ver-julgar-agir, método bastante utilizado pela Igreja, que proporcionou de modo mais criterioso a análise do objeto desta pesquisa, que é a juventude. Num primeiro momento, foi feita uma leitura da realidade, utilizando uma bibliografia que norteasse a realidade juvenil em diversos aspectos como: o social, o antropológico e o psicológico. Foi apresentada uma análise acerca da própria definição do termo juventude e como ela se adapta à atual conjuntura. Ainda neste primeiro momento, tivemos a oportunidade de olhar a realidade da Diocese de Mogi das Cruzes e o que ela oferece para favorecer o processo de evangelização da juventude.

No segundo momento, foi abordada a metodologia do julgar, iluminando o caminho da juventude numa perspectiva cristã, e foram elencados diversos momentos em que a juventude teve o seu reconhecimento ao longo de todo processo histórico-eclesial. Aqui, atina-se para o divino no jovem e como ele colabora para o rejuvenescer da Igreja.

No terceiro momento (o agir), foi apresentada proposta de se viver a fé cristã num processo evangelizador na perspectiva de uma Igreja em saída, como nos inspira o Sumo Pontífice. Daí notam-se diversas oportunidades que se abrem constantemente para esse universo juvenil como: a valorização e a sensibilidade em relação à transcendência e à espiritualidade, a busca de acompanhamento e formação por parte dos jovens, o trabalho voluntário no espaço social e eclesial, o protagonismo nas redes sociais para divulgar o Evangelho e os valores humanos e cristãos, a criatividade da juventude, o envolvimento com a ecologia e a participação nos órgãos públicos.

Diante da pesquisa apresentada, percebe-se algumas limitações de assuntos que deixaram de ser tocados, como a temática mais forte na formação e acompanhamento (sexualidade, espiritualidade, lazer, cansaço social, identidade gospel); atualmente, não somente a questão pastoral e movimentos, mas também os jovens estão sendo arrebanhados pelas tendências fundamentalistas; há uma juventude extremamente conservadora (como explicar esse fenômeno?). Essas e outras questões, que de modo direto tocam também a vida da juventude, não puderam ser aprofundadas diante da amplitude que o tema apresenta.

Com isso, recomenda-se que futuros trabalhos, que venham a tratar da temática da evangelização da juventude, levem em consideração o processo sinodal oferecido pela Igreja dos anos de 2017 a 2019. Todo processo de elaboração, os textos apresentados para reflexão (Documento Preparatório, Documento Final da reunião Pré-sinodal, Instrumento de Trabalho,

Documento Final e a Exortação Apostólica Pós-sinodal *Christus Vivit*), a contribuição dos jovens do mundo inteiro e a fala do papa são elementos norteadores para iniciar um caminho de pesquisa acerca da evangelização da juventude.

A perspectiva da Civilização do Amor também é o caminho apresentado não só pela Igreja do Brasil, como também de toda a América Latina, que responde aos inúmeros desafios que a juventude apresenta para o mundo e para a Igreja. Deste modo, pode-se falar de uma Igreja jovem que parte da realidade, com os pés no chão. É uma continuidade para a caminhada da juventude.

Por fim, falar de uma Igreja em saída é colocar-se em direção do outro, que para nós é a juventude, saindo-se da autorreferencialidade para ir nas diversas periferias, para que o verdadeiro encontro aconteça. Acredita-se que se o coração não arde, os pés não andam, por isso, após todo caminho percorrido, a nossa ação pastoral junto à juventude deveria ser uma clara prioridade pastoral de nossas Igrejas particulares, associações e movimentos juvenis, para que o discernimento se torne um estilo de “Igreja em saída”, tão sonhada pelo papa Francisco. Igreja que não se acomoda com suas estruturas, mas se faz peregrina no seguimento de Jesus e que vai ao encontro dos que mais necessitam de sua solidariedade.

REFERÊNCIAS

ABRAMO, Helena Wendel. **A condição juvenil no Brasil contemporâneo**. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2007a.

_____. **Juventude e adolescência no Brasil**: referências conceituais. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2007b.

_____. (coord.). **Pesquisa sobre Juventudes no Brasil**: Relatório Nacional Brasil. Rio de Janeiro: Ibase: Instituto Pólis, 2008. Disponível em: https://ibase.br/userimages/Brasil_ultimarev.pdf. Acesso em: 28 jan. 2020.

ALVES, José Eustáquio; CAVENAGHI, Suzana; BARROS, Luiz Felipe; CARVALHO, Angelita A. de. Distribuição espacial da transição religiosa no Brasil. **Tempo Social**, revista de sociologia da USP, v. 29, n. 2, p. 215-242, 2017. Disponível em: <http://www.ihu.unisinos.br/78-noticias/585245-transicao-religiosa-catolicos-abaixo-de-50-ate-2022-e-abaixo-do-percentual-de-evangelicos-ate-2032>. Acesso em: 13 fev. 2019.

BAUMAN, Zigmunt. **A sociedade individualizada**: vidas contadas e histórias vividas. Tradução de José Gradel. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2008.

_____. **Tempos Líquidos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2009.

BENTO XVI, Papa. **Discurso aos jovens brasileiros**. São Paulo, 10 de maio de 2007. Disponível em: http://www.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/speeches/2007/may/documents/hf_ben-xvi_spe_20070510_youth-brazil.html. Acesso em: 13 maio 2019.

_____. **Aos jovens**. São Paulo: Quadrante, 2011.

BEOZZO, Oscar. **A Igreja do Brasil**: de João XXIII a João Paulo II, de Medellín a Santo Domingo. Petrópolis: Vozes, 1994.

BETIATO, Mario Antonio. **Da Ação Católica à Pastoral de Juventude**. Petrópolis: Vozes, 1985. p. 29-42.

BIANCHI, Enzo. **Novos estilos de evangelização**. São Paulo: Loyola, 2015.

_____. **Uma mudança radical na vida da Igreja**. 2020. Disponível em: www.ihu.unisinos.br/78-noticias/596155-carta-aberta-a-enzo-bianchi. Acesso em: 7 out. 2020.

BOFF, Leonardo. **A humanidade e a jovialidade de nosso Deus**. Petrópolis: Vozes, 2009.

BRASILEIRO, Eduardo; RICCI, Rudá. A Economia de Francisco e Clara para realmar a humanidade. **Revista Educação**, Brasília, DF, ano 43, n. 161, p. 38-56, jan./jun. 2020.

BRIGHENTI, Agenor. **Nueva evangelización e inculturación**. Mexico: Dabar, 2013.

BRIGHENTI, Agenor; PASSOS, João Décio. **Compêndio das Conferências dos Bispos da América Latina**. São Paulo: Paulinas: Paulus, 2018.

BRUSTOLIN, Leomar Antonio; FONTANA, Leandro Luis Bedin. **Cultura Urbana: porta para o evangelho: a conversão pastoral como chave para a evangelização nas cidades**. São Paulo: Paulus, 2018.

BUNGENSTAB, Gabriel Carvalho. **Zygmunt Bauman: da juventude sólida para juventude líquida**. 2014. Disponível em: <http://www.periodicoeletronicos.ufma.br/index.php/bauman/article/view/2758/3029>. Acesso em: 17 jul. 2017.

CALLIGARIS, Contardo. **A adolescência**. São Paulo: Publifolha, 2000.

CAMARA, Helder. **O deserto é fértil: roteiro para as minorias abraâmicas**. 4. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1976.

CARA, Mariane. **Gerações juvenis e a moda: das subculturas à materialização da imagem virtual**. 2008. Disponível em: [file:///C:/Users/hospitaldonotebook/Downloads/7620-22821-1-PB%20\(3\).pdf](file:///C:/Users/hospitaldonotebook/Downloads/7620-22821-1-PB%20(3).pdf). Acesso em: 16 mar. 2016.

CARDOZO, Carlos Eduardo. Juventudes: aproximação, leituras e releituras – 50 anos depois. In: GODOY, Manoel; AQUINO JÚNIOR, Francisco de (org.). **50 anos de Medellín: revisitando os textos, retomando o caminho**. São Paulo: Paulinas, 2017. p. 95-110.

_____. **Jovens construindo juventudes**. São Paulo: Delicatta, 2019.

CATELAN, Monsenhor. **O desafio da Evangelização das Juventudes**. Disponível em: www.observatoriodaevangelizacao.com.br. Acesso em: 28 abr. 2020.

CENCINI, Amedeo. **Os jovens desafiam a vida consagrada: interrogações e problemáticas**. São Paulo: Paulinas, 2009.

CLANDO, Eduardo; LEDO, Jordelio Seles. **Evangelizar a Juventude**. 2013. Disponível em: <https://www.vidapastoral.com.br/artigos/temas-teologicos/evangelizar-a-juventude>. Acesso em: 9 maio 2018.

CONCÍLIO VATICANO II. **Constituição Dogmática Dei Verbum: sobre a revelação divina**. 18 de novembro de 1965a. Disponível em: www.vatican.va. Acesso em: 4 nov. 2020.

_____. **Constituição Pastoral Gaudium et Spes: sobre a Igreja no mundo atual**. 7 de dezembro de 1965b. Disponível em: www.vatican.va. Acesso em: 13 ago. 2020.

_____. **Declaração Gravissimum Educationis: sobre a educação cristã**. 28 de outubro de 1965c. Disponível em: www.vatican.va. Acesso em: 13 ago. 2020.

_____. **Decreto Apostolicam Actuositatem: sobre o apostolado dos leigos**. 18 de novembro de 1965d. Disponível em: www.vatican.va. Acesso em: 13 ago. 2020.

CONCÍLIO VATICANO II. **Constituição Dogmática Lumen Gentium**. 21 de novembro de 1964. Disponível em: www.vatican.va. Acesso em: 13 ago. 2020.

CONFEDERAÇÃO NACIONAL DOS TRABALHADORES EM TRANSPORTES E LOGÍSTICA (CNTTL). **Informações do IBGE**. 2018. Disponível em: <https://cnttl.org.br/index.php?tipo=noticia&cod=3138#>. Acesso em: 11 ago. 2018.

CONFERÊNCIA GERAL DO EPISCOPADO LATINO-AMERICANO E DO CARIBE (CELAM). **Pastoral da Juventude**: sim à civilização do amor. São Paulo: Paulinas, 1987.

CONFERÊNCIA GERAL DO EPISCOPADO LATINO-AMERICANO. **Evangelização no presente e no futuro da América Latina**: documento de Puebla. São Paulo: Paulinas, 1979.

CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL. **Pastoral da Juventude no Brasil**. São Paulo: Paulus, 1983.

_____. **Evangelização da Juventude**. Brasília, DF: Edições CNBB, 2007. (Documento 85).

_____. **Comunicado Mensal, Assembleia Geral**, Brasília, DF, ano 60, n. 636, n. 25, 2011.

_____. **Pastoral Juvenil no Brasil**: Identidade e horizontes. Brasília, DF: Edições CNBB, 2013a.

_____. **Texto Base da Campanha da Fraternidade**. Brasília, DF: Edições CNBB, 2013b.

_____. **Diretrizes Gerais da Ação Evangelizadora 2019-2023**. Brasília, DF: Edições CNBB, 2019.

CONGER, Jay. Quem é a geração X? **HSM Management**, São Paulo, n. 11, p. 128-138, nov./dez. 1998. Disponível em: <http://ead.bauru.sp.gov.br/efront/www/content/lessons/25/Texto%20%20-%20Gera%C3%A7%C3%A3o%20X.pdf>. Acesso em: 16 mar. 2016.

CONSELHO EPISCOPAL LATINO-AMERICANO. **Conclusão da Conferência de Medellín – 1968**. São Paulo: Paulinas, 2010.

_____. **Conclusões da IV Conferência de Santo Domingo**: Nova evangelização, promoção humana, cultura cristã. São Paulo: Paulinas, 2006.

_____. **V Conferência Geral do Episcopado Latino-americano e do Caribe**. [Documento de Aparecida]. São Paulo: Paulus, 2007.

_____. **Documento de Aparecida**: texto conclusivo da V Conferência Geral do Episcopado Latino-americano e do Caribe. São Paulo: Paulus, 2007.

_____. **Conclusão da Conferência de Puebla – 1979**. São Paulo: Paulinas, 2009.

_____. **Civilização do Amor**: Projeto e Missão. Brasília, DF: Edições CNBB, 2013.

CORBELLINI, Vital. **A civilização do amor, expressão do bem-aventurado papa Paulo VI**. 14 mar. 2018. Disponível em: cnbbn2.com.br/a-civilizacao-do-amor-expressao-do-bem-aventurado-papa-paulo-vi/. Acesso em: 2 fev. 2020.

COSTA, Rosemary Fernandes da Costa. Opção pelos jovens e o caminho das juventudes no século XXI. In: SOUZA, Ney de; SBARDELOTTI, Emerson (org.). **Medellín: Memória, profetismo e esperança na América Latina**. Petrópolis: Vozes, 2018. p. 197-210.

DAYRELL, Juarez. **O jovem como sujeito social**. 2003. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/rbedu/n24/n24a04.pdf>, 2003. Acesso em: 8 set. 2018.

DE LIÃO, Irineu. **I, II, III, IV, V Livros. Contra as Heresias, II, 22, 04**. São Paulo: Paulus, 1995.

DIANICH, S. **Magistero in movimento**. Il caso Papa Francesco. Bolonha: EDB, 2016.

DICK, Hilário. **O caminho se faz: história da Pastoral da Juventude do Brasil**. Porto Alegre: IPJ, 1999.

_____. **O Divino no jovem**. São Paulo: CCJ (Centro de Capacitação da Juventude), 2009.

_____. **Civilização do Amor: Projeto e Missão – Síntese**. Disponível em: <https://www.pj.org.br/civilizacao-do-amor-projeto-e-misso>. Acesso em: 13 nov. 2020.

DIOCESE DE MOGI DAS CRUZES. **Arquivo Diocesano**. Mogi das Cruzes, 2008. (Acervo da Pastoral da Juventude).

_____. **8º Plano Diocesano de Pastoral 2016-2029**. Mogi das Cruzes, 2016.

ERIKSON, Erik H. **Identidade, juventude e crise**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1976.

FORTE, Bruno. **A transmissão da fé**. São Paulo: Loyola, 2018.

FRANCISCO, Papa. **Verdade, anúncio e autenticidade de vida, na era digital**. 2011. Disponível em: www.vatican.va. Acesso em: 13 out. 2020.

_____. **Exortação Apostólica do Papa Francisco Evangelii Gaudium – A alegria do Evangelho**: sobre o anúncio do Evangelho no mundo de hoje. Brasília, DF: Edições CNBB, 2013a.

_____. Visita Apostólica do papa Francisco ao Brasil por ocasião da XXVIII JMJ. In: _____. **Encontro com os jovens argentinos**, 25 de julho de 2013, na catedral de São Sebastião. 2013b. Disponível em: http://www.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2013/july/documents/papa-francesco_20130725_gmg-argentini-rio.html. Acesso em: 22 de setembro de 2020.

_____. **Comunicação ao serviço de uma autêntica cultura do encontro**: Mensagem do papa Francisco por ocasião do 48º Dia Mundial das Comunicações Sociais. 2014. Disponível em: http://www.vatican.va/content/francesco/pt/messages/communications/documents/papa-francesco_20140124_messaggio-comunicazioni-sociali.html. Acesso em: 8 nov. 2020.

FRANCISCO, Papa. **Deus é jovem: uma conversa com Thomas Leoncini**. Tradução de Pe. João Carlos Almeida. São Paulo: Planeta do Brasil, 2018a.

_____. **Exortação Apostólica do Santo Padre Francisco Gaudete et Exultate**: sobre o chamado à santidade no mundo atual. São Paulo: Loyola, 2018b.

_____. **Carta do papa Francisco ao presidente da Pontifícia Academia para a vida**. 2019a. Disponível em: www.vatican.va. Acesso em: 10 out. 2020.

_____. **Exortação Apostólica Pós-sinodal Christus Vivit**: para os jovens e para todo o povo de Deus. Brasília, DF: Edições CNBB, 2019b. (Documentos Pontifícios 37).

_____. Prefácio. In: LECOUR, G. M. Carriquiry; LA BELLA, Gianni (ed.). **La irrupción de los movimientos populares**. “Rerum Novarum” de nuestro tempo. Italy: Libreria Editrice Vaticana, 2019c.

_____. **Carta Encíclica do Santo Padre Francisco Fratelli tutti, Todos irmãos**. São Paulo: Loyola, 2020.

FUNDAÇÃO SISTEMA ESTADUAL DE ANÁLISE DE DADOS (SEADE). **Índice Paulista de Responsabilidade Social – IPRS: Metodologia**. São Paulo, 2020. Disponível em: http://www.iprs.seade.gov.br/downloads/pdf/metodologia_do_iprs_2018.pdf. Acesso em: 28 abr. 2020.

GODOY, Manoel; AQUINO JÚNIOR, Francisco de (org.). **50 anos de Medellín**: revisitando os textos, retomando o caminho. São Paulo: Paulinas, 2017.

GONÇALVES, Paulo Sérgio Lopes. **Concílio Vaticano II**: Análises e perspectivas. São Paulo: Paulinas, 2005.

GROPPO, Luís Antonio. **Introdução à Sociologia da Juventude**. Jundiaí: Paco Editorial, 2017.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

HUTCHEON, Linda. **Poética do Pós-modernismo**. Tradução de Ricardo Cruz. Rio de Janeiro: Imago, 1995.

IHU. **Entrevista com Luis Duarte Vieira**. Disponível em: <http://www.ihu.unisinos.br/159-noticias/entrevistas/580842-o-sinodo-dos-jovens-e-uma-novidade-uma-necessidade-e-a-confirmacao-de-que-o-papa-valoriza-a-juventude-entrevista-especial-com-hilario-dick-e-luis-duarte-vieira>. Acesso em: 19 jan. 2020.

JOÃO PAULO II, Papa. **Discurso proferido no início do pontificado do papa João Paulo II na praça de São Pedro**. Disponível em: www.vatican.va. Acesso em: 13 ago. 2020.

_____. **Dilecti Amici**. Carta Apostólica aos jovens do mundo por ocasião do Ano Internacional da Juventude, 31 de março de 1985. Disponível em: www.vatican.va. Acesso em: 20 ago. 2020.

JOÃO PAULO II, **Exortação Pós-sinodal Christifidelis Laici**: sobre vocação e missão dos leigos. 1988. Disponível em: www.vatican.va. Acesso em: 20 ago. 2020.

_____. **Carta Apostólica Tertio Millennio Adveniente**: sobre a preparação para o Jubileu do ano 2000. 1994. Disponível em: www.vatican.va. Acesso em: 20 ago. 2020.

_____. **XVII Jornada mundial da Juventude**. Toronto, 2002. Disponível em: http://www.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/messages/youth/documents/hf_jp-ii_mes_20010731_xvii-world-youth-day.html. Acesso em: 27 out. 2020.

_____. **Carta Apostólica Mane Nobiscum Domine**: para o ano da Eucaristia. 2004. Disponível em: www.vatican.va. Acesso em: 20 ago. 2020.

_____. Discurso inaugural pronunciado no seminário palafoxiano de Puebla de Los Angeles, México, 28 de janeiro de 1979. In: CONSELHO EPISCOPAL LATINO-AMERICANO. **Conclusões da Conferência de Puebla**: evangelização no presente e no futuro da América Latina. São Paulo: Paulinas, 2009. n. 1178.

KUZMA, Cezar. Cantar com Francisco! Provocações eclesiológicas a partir da Evangelii Gaudium. In: AMADO, Joel Portela; FERNANDES, Leonardo Agostini (org.). **Evangelii Gaudium em questão**: aspectos bíblicos, teológicos e pastorais. São Paulo: Paulinas: PUC-Rio, 2014. p. 195-208.

LIBÂNIO, João Batista. **O Mundo dos Jovens**. São Paulo: Loyola, 1983.

_____. **Teologia da Revelação a partir da Modernidade**. São Paulo: Loyola, 1992.

_____. **Jovens em tempos de pós-modernidade**: considerações socioculturais e pastorais. São Paulo: Loyola, 2004.

_____. **Concílio Vaticano II**: Em busca de uma primeira compreensão. São Paulo: Loyola, 2005.

_____. **Para onde vai a juventude?** Reflexões pastorais. São Paulo: Paulus, 2011.

LOIOLA, Rita. Geração Y. **Revista Galileu**, São Paulo, n. 219, out. 2009. Disponível em: <http://revistagalileu.globo.com/Revista/Galileu/0,,EDG87165-7943-219,00-GERACAO+Y.html>. Acesso em: 8 maio 2017.

LOWY, Michael. **A guerra dos deuses**: religião e política na América Latina. Petrópolis: Vozes, 2000.

LYOTARD, Jean-François. **A condição Pós-moderna**. Tradução de Ricardo Correa. Rio de Janeiro: José Olímpio, 2009.

MANZATTO, Antonio. Opção preferencial pelos pobres. In: BRIGHENTI, Agenor; PASSOS, João Décio (org.). **Compêndio das Conferências dos Bispos da América Latina e Caribe**. São Paulo: Paulinas: Paulus, 2018. p. 303-313.

MARCHINI, Welder Lancieri. **Escolhendo Jesus**: jovens cristãos para uma nova sociedade. Petrópolis: Vozes, 2018.

MARTIN-BARBERO, Jesús. **Dos meios às mediações**: comunicação, cultura e hegemonia. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2002.

MATTASOGLIO, Carlos Castillo. **La opción por los jóvenes en Aparecida**. Disponível em: https://www.pjlatinoamericana.org/documents/Revista_Medellin_jovenes/La_opcion_por_los_jovenes_en_Aparecida.pdf. Acesso em: 10 set. 2020.

MINISTÉRIO PÚBLICO. **Criança e Adolescente**. Disponível em: <http://www.crianca.mppr.mp.br/2019/06/135/PUBLICACAO-Divulgado-o-Atlas-da-Violencia-2019.html>. Acesso em: 24 mar. 2020.

MIRANDA, Mario de França. **A Igreja numa sociedade fragmentada**. São Paulo: Loyola, 2006.

_____. **A Igreja que somos nós**. São Paulo: Paulinas, 2013.

MOL, Dom Joaquim. **Amar a Igreja é fazê-la arder**. Disponível em: <https://www.cnlb.org.br/?p=5273>. Acesso em: 4 set. 2020.

NOVAES, Regina Reyes. Juventude, percepções e comportamentos: a religião faz diferença? In: ABRAMO, Helena Wendel; BRANCO, Pedro Paulo Martoni (org.). **Retratos da Juventude Brasileira**: análises de uma pesquisa nacional. São Paulo: Editora da Fundação Perseu Abramo: Instituto Cidadania, 2005. p. 263-290.

OBSERVATÓRIO PARTICIPATIVO DA JUVENTUDE. **Pesquisa Nacional Sobre Perfil e opinião dos jovens Brasileiros**. 2013. Disponível em: http://www.crianca.mppr.mp.br/arquivos/File/publi/estatisticas/agenda_juventude_brasil__vs_jan2014.pdf. Acesso em: 12 ago. 2018.

OLIVEIRA, Sidnei. **Geração Y**: era das conexões, tempo de relacionamentos. São Paulo: Clube de Autores, 2008.

_____. **Geração Y**: o nascimento de uma nova versão de líderes. São Paulo: Integrare, 2010.

PAGOLA, José Antonio. **Recuperar o projeto de Jesus**. Petrópolis: Vozes, 2019.

PAIS, José Machado. Apresentação. In: _____ (ed.). **Jovens europeus**. Lisboa: ICS/IPJ, 1994. (Estudos de Juventude, n. 8). Disponível em: <http://www.e-revista.unioeste/index.php/travessias/article/view/3359/2650>. Acesso em: 13 ago. 2017.

PAULO VI, Papa. **Mensagem do Papa na Conclusão do Concílio – aos jovens, em 8 de dezembro de 1965**. Disponível em: http://www.vatican.va/content/paul-vi/pt/speeches/1965/documents/hf_p-vi_spe_19651208_epilogo-concilio-giovani.html. Acesso em: 26 mar. 2018.

_____. **Evangelii Nuntiandi**. 1975. Disponível em: http://w2.vatican.va/content/paul-vi/pt/apost_exhortations/documents/hf_p-vi_exh_19751208_evangelii-nuntiandi.html. Acesso em: 21 nov. 2020.

PESSINI, Leo; ZACHARIAS, Ronaldo. **Ética teológica e juventudes**. Aparecida: Santuário, 2013.

PRADO, Antônio Ramos do. **Escolhendo Jesus**: Jovens cristãos para uma nova sociedade. Petrópolis: Vozes, 2018.

PUNTEL, Joana T. Jovens [verbete]. In: PASSOS, João Décio; SANCHES, Wagner Lopes (coord.). **Dicionário do Vaticano II**. São Paulo: Paulus, 2015.

REPRESENTANTES brasileiros no Sínodo dos Bispos. **Vatican News**, 20 set. 2018. Disponível em: <https://www.vaticannews.va/pt/vaticano/news/2018-09/representantes-brasileiros-sinodo-bispos-jovens.html>. Acesso em: 7 maio 2020.

RIBEIRO, Jorge Claudio. **Religiosidade Jovem**: Pesquisa entre universitário. São Paulo: Loyola: Olho d'água, 2009.

RIBEIRO, Renato Janine. Política e Juventude. In: NOVAES, Regina; VANNUCHI, Paulo. **Juventude e Sociedade**: trabalho, Educação, Cultura e Participação. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2004. p. 19-33.

SÁNCHEZ, José Maria Castillo. **O humanismo de Francisco revela a essência do ser cristão**. 2018. Disponível em: <http://www.ihu.unisinos.br/159-noticias/entrevistas/579130-o-humanismo-de-francisco-revela-a-essencia-do-ser-cristao-entrevista-especial-com-jose-maria-castillo>. Acesso em: 7 out. 2020.

SAVAGE, Jon. **A criação da juventude**. Como o conceito de teenager revolucionou o século XX. São Paulo: Rocco, 2009.

SBARDELOTTI, Emerson. A Teologia da Libertação e a opção pelos jovens. In: SOUZA, Nei de; SBARDELOTTI, Emerson. **Puebla**: Igreja na América Latina e no Caribe. Petrópolis: Vozes, 2019. p. 262-274.

SBARDELOTTO, Moisés. **E o Verbo se fez rede**: Religiosidade em reconstrução no ambiente digital. São Paulo: Paulinas, 2017.

_____. **Comunicar a fé**. Petrópolis: Vozes, 2020.

SBERGA, Adair Aparecida. **Voluntariado Jovem**. São Paulo: Editora Salesiana, 2001.

SCANNONE, Juan Carlos. **A ética social do papa Francisco**. São Leopoldo: Universidade do Vale do Rio dos Sinos, 2018.

SECRETARIA NACIONAL DA JUVENTUDE. **Agenda Juventude Brasil**. 2013. Disponível em: <https://www.ipea.gov.br/participacao/images/pdfs/participacao/pesquisa%20perfil%20da%20juventude%20snj.pdf>. Acesso em: 7 ago. 2018.

SILVA, Carla Regina; LOPES, Roseli Esquerdo. **Adolescência e juventude**: entre conceitos e políticas públicas. 2014. Disponível em: <http://www.cadernosdeto.ufscar.br/index.php/cadernos/article/viewFile/100/65>). Acesso em: 8 maio 2017.

SILVA, Dom Eduardo Pinheiro da. **Vida: um projeto em construção**. São Paulo: Loyola, 2014.

SILVA, Paulo Cesar da Silva. **O que é Doutrina Social da Igreja**. Síntese do Compêndio da Doutrina Social da Igreja. Lorena: Cleofas, 2015.

SÍNODO DOS BISPOS. **Os jovens, a fé e o discernimento vocacional**: Documento Preparatório. Brasília, DF: Edições CNBB, 2017.

_____. **Reunião Pré-sinodal**. Discurso do Papa Francisco por ocasião da Reunião Pré-sinodal com os jovens no Pontifício Colégio Internacional “Maria Mater Ecclesie”. 19 de março de 2018. Disponível em: www.vatican.va. Acesso em: 25 out. 2019.

_____. **XV Assembleia Geral Ordinária**. Os jovens, a fé e o discernimento vocacional. Documento Final: Carta aos jovens. São Paulo: Paulinas, 2019.

SOFIATI, Flávio Munhoz. **A juventude no Brasil**: história e organização. 2008. Disponível em: <http://apebfr.org/passagesdeparis/editione2008/pdf/14%20Flavio%20Munhoz%20Sofiat.pdf>. Acesso em: 9 nov. 2019.

_____. **Religião e Juventude**: os novos carismáticos. São Paulo: Fapesp, 2011.

_____. **Juventude Católica**: o novo discurso da Teologia da Libertação. São Carlos: EduFSCar, 2012.

SPADARO, Antonio. **Ciberteologia**: pensar o cristianismo nos tempos de rede. São Paulo: Paulinas, 2012.

SPENGLER, Jaime. O jovem e a jovialidade do crucificado. In: DOMINGUES, Filipe Alves (org.). **Caminhar Juntos**. São Paulo: Paulus, 2020. p. 81-90.

TEIXEIRA, Carmem Lucia. **Escola de educadores/as de adolescentes e jovens**: formação para acompanhamento juvenil. Goiânia: Casa da Juventude, 2012. (Coleção Caminhos).

TOMAZI, Gilberto. **Juventude**: protagonismo e religiosidade. São Paulo: Paulinas, 2013.

TRANCOSO, Alcimar Enéas Rocha; OLIVEIRA, Adélia Augusta Souto. Juventudes: desafios contemporâneos conceituais. **Estudos Contemporâneos da Subjetividade**, Campos dos Goytacazes, v. 4, n. 2, p. 262-273, 2014. Disponível em: <http://www4.pucsp.br/nexin/artigos/download/juventude-desafios-contemporaneos.pdf>. Acesso em: 27 fev. 2019.

VENTURA. Zuenir. **1968**: O ano que não terminou. 2. ed. Rio de Janeiro: Objetiva, 2018.